

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC - SP

Losana Hada de Oliveira Prado

**Interdiscurso e intertextualidade na imprensa escrita:  
análise de crônicas jornalísticas do caderno *Ilustrada* do  
jornal *Folha de S. Paulo***

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC - SP

Losana Hada de Oliveira Prado

**Interdiscurso e intertextualidade na imprensa escrita:  
análise de crônicas jornalísticas do caderno *Ilustrada* do  
jornal *Folha de S. Paulo***

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias.

SÃO PAULO  
2014

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

---

---

***A Larissa Prado Yoshida***

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias, querida orientadora, que me acompanha desde a Especialização, pela orientação cuidadosa, pela calma, pela tranquilidade, pelo carinho, por sua generosidade, por seu profundo respeito pelo outro e pelo incentivo à vida acadêmica.

À Professora Doutora Vanda Maria da Silva Elias, pelo aceite em participar das bancas de qualificação e defesa, assim como fez na ocasião do Mestrado, e pelas contribuições fundamentais para a finalização desta tese.

À Professora Doutora Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira Andrade, pelo aceite em participar das bancas de qualificação e defesa e pelas significativas contribuições ao trabalho no Exame de Qualificação.

À Professora Doutora Sueli Cristina Marquesi e ao Professor Doutor Alexandre Huady Torres Guimarães, por aceitarem participar da banca de defesa.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, pela dedicação e pelos valiosos ensinamentos que contribuíram nesta etapa de minha formação.

Aos meus pais, Antônio de Oliveira Prado que sempre me disse que o estudo era a coisa mais importante na vida e Ioshiko Hada de Oliveira Prado que sempre me disse que eu estudava demais.

Aos meus irmãos, Adalberto de Oliveira Prado e Raquel Hada de Oliveira Prado, pelo amor fraterno e por fazerem parte da minha história.

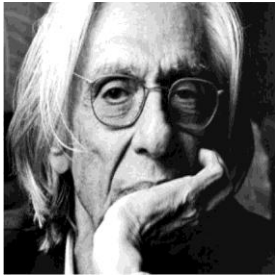
Aos colegas do Programa de Pós-Graduação, em especial, aos amigos: Luciana Soares da Silva e Márcio Rogério de Oliveira Cano, pela amizade e companheirismo.

À Patrícia Karin de Almeida Rodrigues, pelo incentivo, pelo apoio e pela amizade de sempre mesmo à distância.

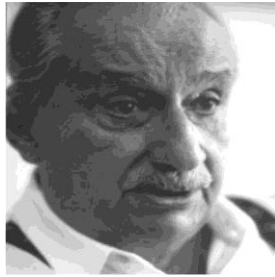
Aos membros do grupo de pesquisa DiME (Discursos na Mídia Escrita), pelas discussões teóricas fundamentais para a elaboração desta tese.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo financiamento da pesquisa.

A Deus, por ser presente em mim.



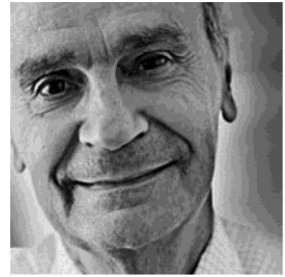
Ferreira Gullar



Carlos Heitor Cony



Marcelo Coelho



Drauzio Varella

*"Quando não é aguda, é crônica".*

Rubem Braga



João Pereira Coutinho



Luiz Felipe Pondé



Contardo Calligaris

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo refletir acerca do interdiscurso e da intertextualidade na constituição das crônicas jornalísticas. Tendo como base a relação entre os diferentes planos do discurso, entre eles a intertextualidade, procura-se verificar como se constitui o espaço de trocas (interdiscurso) que antecede a gênese dos discursos presentes nas crônicas. Para tanto, o estudo da semântica global, feito com base na análise de diferentes pistas textuais, é visto como um indício que ajuda a compreender o funcionamento do interdiscurso. Os referenciais teóricos da pesquisa inserem-se na Teoria Literária, na Linguística Textual, na Análise do Discurso de linha francesa e mais especificamente no dispositivo enunciativo-discursivo proposto por Dominique Maingueneau em *Gênese dos Discursos* (2007), base para a análise de uma prática discursiva, na qual estão imbricados o verbal e o não-verbal, o texto que constitui a crônica e a imagem que dialoga com o discurso desse gênero. Partindo do princípio da Semântica Global, segundo a qual o discurso deve ser tomado na multiplicidade de suas dimensões, as hipóteses iniciais desta tese são as seguintes: 1) há um conjunto de restrições próprias do gênero analisado; 2) o interdiscurso e a intertextualidade constituem-se em princípios que regem a textualização verbo-visual das crônicas jornalísticas e; 3) não é possível separar o funcionamento do interdiscurso de sua materialização na ordem da língua. O *corpus* de referência da pesquisa é constituído por sete crônicas jornalísticas, do caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de S. Paulo*, compreendendo os meses de junho e julho de 2010, período em que ocorreu a Copa do Mundo na África do Sul. Esta investigação perpassou também um *corpus* de natureza intersemiótica, no entanto, verificou-se que não é possível privilegiar um plano em detrimento de outro, mas enlaçá-los em um mesmo movimento, o que implica afirmar que o significado ou os sentidos não se encontram em uma parte específica do texto, mas nos sentidos que emanam do conjunto e organizados de acordo com um mesmo conjunto de regra, a semântica global.

**Palavras-chave:** interdiscursividade, intertextualidade, crônica, *Folha de S. Paulo*, análise do discurso.

## ABSTRACT

The objective of this research is to reflect about the interdiscourse and intertextuality in the constitution of the chronicles journalistic writing. Based on the relation between the different planes of discourse, including intertextuality, the intention is to verify the space exchange (interdiscourse) preceding the genesis of discourses present in the chronicles. For this, the study of global semantic, by applying different textual clues, is taken as evidence that helps to understand the functioning of interdiscourse. The theoretical framework of the research are included in Literary Theory, in Textual Linguistics, French Discourse Analysis and more specifically in-discursive enunciation proposed by Dominique Maingueneau in *Genesis of Discourse* (2007). His theory is the basis for the analysis of a discursive practice which are imbricated verbal and non-verbal, the text that constitute the chronic and the image that dialogues to the speech of this genre. According to the principle of the Global Semantic, the discourse must be taken in the multiplicity of its dimensions. Based on that premise, the initial hypothesis of this thesis is: 1) There is a set of restrictions that are specifics of the genre analyzed; 2) The interdiscourse and intertextuality are principles that rule the verbal-visual textualization of the chronicles and journalistic; 3) it is not possible to separate the operation of interdiscourse of its materialization in the order of the language. The *corpus* of reference of the research consists of seven journalistic chronicles of the newspaper Folha de S. Paulo, between the months of June and July during the South Africa World Cup in 2010. This research has pervaded also a *corpus* of intersemiotic nature, however, it was considered that is not possible to endorse one idea over another. It is possible to enlance them in the same movement, which implies to claim that the meaning or meanings are not in a specific section of the text. They are in directions that emanate from set and organized according to the same rule set, the global semantics.

**Key-words** interdiscursivity, intertextuality , chronicle, newspaper *Folha de S. Paulo*, Discourse Analysis.

## RÉSUMÉ

Cette recherche a pour but de réfléchir sur l'interdiscours et l'intertextualité dans la constitution des chroniques journalistiques. Prenant pour base le rapport entre les différents plans du discours, dont l'intertextualité, on cherche à vérifier comment se constitue l'espace d'échanges (interdiscours) qui précède la genèse des discours présents dans les chroniques. L'étude de la sémantique globale faite à partir de l'analyse de différentes pistes textuelles est donc vue comme un moyen permettant la compréhension du fonctionnement de l'interdiscours. Les référentiels théoriques de cette recherche proviennent de la Théorie Littéraire, de la Linguistique Textuelle, de l'Analyse du Discours de lignée française et, plus spécifiquement, du dispositif énonciatif-discursif qu'a proposé Dominique Maingueneau dans sa *Genèse des discours* (2007), fondamental pour l'analyse d'une pratique discursive dans laquelle sont imbriqués le verbal et le non-verbal, le texte dont la chronique se constitue et l'image qui dialogue avec le discours de ce genre. En partant des principes de la sémantique globale, selon laquelle le discours doit être perçu dans la multiplicité de ses dimensions, les hypothèses initiales de cette recherche sont les suivantes: 1) il y a un ensemble de restrictions propres au genre analysé; 2) l'interdiscours et l'intertextualité constituent les principes qui commandent la textualisation verbo-visuelle des chroniques journalistiques et; 3) il n'est pas possible de séparer le fonctionnement de l'interdiscours de sa matérialisation dans l'ordre de la langue. Le *corpus* de référence de la recherche est composé de sept chroniques journalistiques de la rubrique « Ilustrada » (du journal *Folha de São Paulo*) parues en juin et en juillet 2010 pendant la réalisation de la Coupe du Monde en Afrique du Sud. Cette recherche franchit également un *corpus* de nature intersémiotique. On a pourtant vérifié qu'il n'est pas possible de privilégier un plan en détriment de l'autre : on doit, au contraire, les entrelacer dans un même mouvement, ce qui implique d'affirmer que la signification ou les sens ne se sont pas dans une partie spécifique du texte, mais dans les sens qui émanent de l'ensemble et qui sont organisés selon le même ensemble de règles, la sémantique globale.

**Mots-clés:** interdiscursivité, intertextualité, chronique, *Folha de S. Paulo*, analyse du discours.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
------------------	----

### **CAPÍTULO I – O *corpus***

1.1 Apresentação e constituição do <i>corpus</i> .....	21
1.2 <i>Folha de S. Paulo</i> : um breve histórico .....	22
1.3 Caderno <i>Ilustrada</i> .....	24
1.4 Cronistas .....	25
1.4.1 Carlos Heitor Cony .....	26
1.4.2 Marcelo Coelho .....	27
1.4.3 Contardo Calligaris .....	27
1.4.4 Drauzio Varella .....	29
1.4.5 João Pereira Coutinho .....	29
1.4.6 Ferreira Gullar .....	30
1.4.7 Luiz Felipe Pondé .....	31

### **CAPÍTULO II – A crônica**

2.1 Breve percurso da crônica .....	35
2.2 O gênero discursivo crônica .....	39
2.3 A crônica literária e jornalística .....	41
2.4 A temática do futebol nas crônicas .....	43
2.5 O discurso futebolístico .....	45

### **CAPÍTULO III – Interdiscurso e Intertextualidade**

3.1 Interdiscurso: diferentes conceitos? .....	50
3.2 Hipóteses de Maingueneau .....	53
3.2.1 Primado do Interdiscurso .....	53
3.2.2 Uma Competência Discursiva .....	54
3.2.3 Uma Semântica Global .....	56
3.2.4 A Polêmica como Interincompreensão .....	60
3.2.5 Do Discurso à Prática Discursiva .....	61

3.2.6 Uma Prática Intersemiótica .....	63
3.2.7 Um Esquema de Correspondência .....	66
3.3 O fenômeno da intertextualidade .....	68

#### **CAPÍTULO IV – O futebol nas crônicas jornalísticas**

4.1 Análise das crônicas .....	75
4.1.1 <i>A Copa e o tempo</i> .....	77
4.1.2 <i>Pior é melhor</i> .....	85
4.1.3 <i>Torcer ou pensar, eis a questão</i> .....	94
4.1.4 <i>Copa do mundo</i> .....	104
4.1.5 <i>O futebol não é um jogo</i> .....	112
4.1.6 <i>Rio, campo minado</i> .....	121
4.1.7 <i>Beleza espanhola</i> .....	130

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	139
-----------------------------------	-----

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	144
---	-----

<b>ANEXOS</b> .....	148
---------------------	-----

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....

Figura 01 – Portinari. <i>Futebol</i> . Óleo sobre madeira compensada .....	20
Figura 02 – Portinari. <i>Futebol</i> . Óleo sobre tela .....	34
Figura 03 – Portinari. <i>Futebol</i> . Óleo sobre madeira .....	49
Figura 04 – “Ceia de Emaús” e “Os peregrinos de Emaús” .....	65
Figura 05 – Portinari. <i>Futebol</i> . Desenho a guache sobre papel .....	74
Figura 06 – Ilustração de Dora Longo Bahia .....	83
Figura 07 – Ilustração de Luciana Artacho Penna .....	92
Figura 08 – Ilustração de Maria Dias Costa .....	101
Figura 09 – Ilustração de Libero Malavoglia Jr. ....	110
Figura 10 – Foto: O primeiro gol uruguaio .....	111
Figura 11 – Ilustração de Binho Barreto .....	118
Figura 12 – Ilustração de Rubem Grillo .....	127
Figura 13 – Ilustração de Ricardo Cammarota .....	136
Figura 14 – Foto: Bandeira Oficial da Espanha .....	137

## LISTA DE ANEXOS .....

Anexo 01 – Resumo da dissertação de mestrado .....	148
Anexo 02 – Crônica <i>Penas de pau e cabeça de bagre</i> .....	149
Anexo 03 – Letra da música <i>God</i> , de John Lennon .....	150
Anexo 04 – <i>Folha de S. Paulo</i> , “Mão de Deus”, de Maradona .....	151
Anexo 05 – Foto do gol de Maradona .....	152
Anexo 06 – Crônica <i>Torturas da Copa</i> .....	153
Anexo 07 – Artigo <i>Of snobbery and soccer</i> .....	154
Anexo 08 – Crônica <i>Oi tortura!</i> .....	155
Anexo 09 – Crônica <i>Era Dunga. Foi Sneijder</i> .....	156
Anexo 10 – Crônica <i>Brasil eliminado</i> .....	157
Anexo 11 – Crônica <i>100%</i> .....	158
Anexo 12 – Primeira página do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> .....	159
Anexo 13 – Crônica <i>Meu vizinho é pior que Hitler</i> .....	160
Anexo 14 – Crônica <i>Meu vizinho Torero</i> .....	161
Anexo 15 – Manchete do Caderno Especial <i>Copa 2010</i> .....	162
Anexo 16 – Continuação da manchete do Caderno Especial <i>Copa 2010</i> .....	163

## INTRODUÇÃO

O futebol como modalidade esportiva e fenômeno cultural na sociedade brasileira chama-nos a atenção quando é abordado nas crônicas jornalísticas em espaços não especializados em esporte, como acontece no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo*. Optamos por esse jornal devido à sua importância no mercado nacional e também a acessibilidade à fonte. Um dos discursos da imprensa, que às vezes é alocado em âmbitos não especializados é o futebolístico e, pelo fato de ele se constituir interdiscursivamente e se materializar textualmente de forma argumentativa na imprensa escrita, despertou-nos interesse de estudo e de análise.

Nesse contexto, a interdiscursividade e a intertextualidade são conceitos importantes para a compreensão da presente pesquisa. Ambos começam com o prefixo “inter”, que representa uma ideia de posição intermediária, de reciprocidade, de relação entre coisas. Por essa razão, pode-se afirmar que a interdiscursividade está para a relação entre discursos e a intertextualidade para a relação entre textos que resulta do processo de enunciação. Os dois fenômenos referem-se à pluralidade de vozes que permeiam o processo textual e discursivo. Segundo Greimas e Courtès (1979:160), o discurso é “[...] o patamar do percurso gerativo de sentido em que um enunciador assume as estruturas narrativas e, por meio de mecanismos de enunciação, actorializa-as, especializa-as, temporaliza-as e reveste-as de temas e/ou figuras”. Dessa forma, podemos compreender o discurso como a categoria semântica que sustenta o texto e, esse, como a materialização do discurso.

Para Bakhtin (2003), o discurso assume um caráter social, na medida em que se realiza em um determinado contexto histórico-social e é determinado pela linguagem posta em prática por indivíduos situados histórica e socialmente. A presença de um outro, que recebe várias denominações como leitor, co-enunciador, receptor, faz parte do discurso: “se num nível de análise é o locutor que se coloca em evidência, num nível mais profundo, é possível observar que o ouvinte é um agente indireto do discurso na medida em que é nele que se justifica o próprio discurso” (Osakabe, 1999:54). A interdiscursividade, nesse sentido, é condição própria do discurso na concretização da pluralidade de vozes, na construção dos sentidos percebidos por cada sujeito nas relações de interação.

Já a intertextualidade, recurso ligado à tessitura argumentativa, está sempre presente na produção textual. Tal fenômeno é percebido ou não pelo produtor durante o processo de produção de um texto, independentemente do gênero a que ele pertence. O processo de intertextualização não se limita ao simples reconhecimento de um texto em outro; mais que isso, ele propicia considerar todos os sentidos que compõem esse contexto maior de produção textual. Koch (1986) afirma que a intertextualidade constitui um dos poderosos princípios de textualidade, e está subjacente a ela em maior ou menor grau, a argumentatividade. Percebemos, então, que a argumentação, a intertextualidade e a intencionalidade são procedimentos interligados que direcionam a leitura de um texto, portanto, devem ser identificados, reconhecidos e interpretados pelo leitor.

Segundo Bakhtin (2003:263), o texto é uma tessitura polifônica que dialoga com vários outros textos, outras vozes. O Dialogismo é o conceito que permeia toda a obra bakhtiniana, é o princípio constitutivo da linguagem e, implica que pensar em relação dialógica é remeter a outro princípio, ao da não autonomia do discurso, ou seja, ao fato de que as palavras estão sempre atravessadas pelas palavras de um outro. Disso decorre que todos são sujeitos da enunciação. Julia Kristeva (1978) considerou o fenômeno do dialogismo textual como intertextualidade. Para a autora qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de outro texto. Greimas (1966:134) concorda:

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis.

Conforme Frasson (1992:90), “para captar a intertextualidade, é preciso ativar o conhecimento de mundo, aquele que está armazenado na memória, pela vivência, como também pelo conhecimento partilhado”. Um repertório ou memória cultural e literária são importantes para que haja, por parte de quem recebe o texto, uma percepção dos textos superpostos para reconhecer a intencionalidade do autor ao usar esse recurso argumentativo. A nossa opção pelo estudo do gênero crônica privilegia a análise das marcas de autoria, por meio da inserção de vozes e do diálogo com outros gêneros, considerando que a crônica é um gênero híbrido,

mescla de relato e ficção, e que o uso de recursos estilísticos dá ao texto a marca do autor.

Para Toledo (1996:164): “a intertextualidade é como reflexo de muitos sujeitos em uma manifestação individual. Em épocas de desagregação sociocultural é ela quem confere uma possível estruturação ao estilhaçamento dos discursos”.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por crônicas do jornal *Folha de S. Paulo*, relativas a futebol e, mesmo diante de inúmeros trabalhos que discutem essa temática, percebemos, ainda, a escassez daqueles que a abordam sob o ponto de vista discursivo. A delimitação ao tema também se explica tanto pelo fato de esse esporte representar um dos maiores símbolos da identidade nacional da cultura brasileira quanto pela possibilidade de dar continuidade à pesquisa iniciada no mestrado<sup>1</sup> e aprofundar, agora, no doutorado, a discussão acerca da intertextualidade como um plano discursivo na relação interdiscursiva presente nas crônicas jornalísticas.

A pesquisa inicial, ainda no mestrado, não teve como foco o evento esportivo da Copa do Mundo e o *corpus* constituiu-se, na época (2009), de crônicas escritas por especialistas da área do futebol, ou seja, os chamados “entendidos do esporte”. Para dar prosseguimento ao trabalho, migramos para o caderno *Ilustrada*, do mesmo jornal, *Folha de S. Paulo*, com o intuito de observar outras possibilidades de abordagem do mesmo assunto, ainda analisando e discutindo o tema futebol, porém, selecionando para esse novo enfoque escritores de áreas distintas.

Quanto à organização deste trabalho, o primeiro passo é a investigação seguida da observação do material selecionado: crônicas jornalísticas publicadas nos meses de junho e julho de 2010. O segundo passo é a ampliação da fundamentação teórica acrescida do princípio da Semântica Global (Mainueneau, 2008), segundo a qual todas as dimensões do discurso estão integradas, embora a análise privilegie mais a constituição de duas dimensões: interdiscursividade e intertextualidade presentes pelo(s) ou no(s) discurso(s) presentes em um novo *corpus* a fim de responder às questões reflexivas levantadas para efetivar o processo analítico.

---

<sup>1</sup> Título: *Intertextualidade na imprensa escrita: uma leitura de crônicas esportivas do jornal Folha de S. Paulo*, sob orientação da professora doutora Ana Rosa Ferreira Dias, desenvolvido no Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e defendido em 2009. Anexo 01.

Dessa forma, além da introdução, das considerações finais, das referências bibliográficas e dos anexos, este trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos um breve histórico do jornal *Folha de S. Paulo*, com ênfase na formação do conglomerado jornalístico. Delineamos em seguida o caderno *Ilustrada* e apresentamos os autores das crônicas selecionadas: Carlos Heitor Cony, Marcelo Coelho, Contardo Calligaris, Drauzio Varella, José Pereira Coutinho, Ferreira Gullar e Luiz Felipe Pondé. O objetivo desse capítulo é delinear o contexto no qual se situa nossa pesquisa de modo a sustentar a análise do objeto de investigação.

O segundo capítulo apresenta breve percurso da crônica, bem como a crônica como gênero discursivo. Na sequência, abordamos, especificamente, a crônica literária e jornalística, a temática do futebol nas crônicas e, por fim, o capítulo é fechado com o discurso futebolístico.

Por sua vez, o terceiro capítulo é destinado à apresentação da base teórica que dá sustentação a esta pesquisa. Procedemos ao tratamento do interdiscurso e seus diferentes conceitos, incluindo as sete hipóteses propostas por Maingueneau (2008) em *Gênese dos Discursos*. Logo depois, discorreremos acerca do fenômeno da intertextualidade sob pontos de vista teóricos distintos, tanto da Análise do Discurso e da Linguística Textual quanto da Teoria Literária, em que o conceito teve sua origem.

No quarto e último capítulo, apresentamos, em ordem crescente de publicação, a análise das crônicas selecionadas para a pesquisa, abordando a interdiscursividade, a intertextualidade e suas relações com a produção de sentido. Constatamos que o tema do futebol nas crônicas dialoga com outros textos de outras áreas e evidencia a interação verbal, não verbal e a característica dialógica da linguagem.

A escolha da intertextualidade como plano de análise está relacionada ao *corpus* selecionado. Esse gênero discursivo, crônica jornalística, apresenta características relevantes ao nosso estudo e, de acordo com Maingueneau (1997), há gêneros que têm como objetivo principal persuadir o público, levando-o a aderir a uma determinada comunidade discursiva. Assim, propomos algumas questões: a) de que forma se manifesta a intertextualidade como plano do discurso nas crônicas jornalísticas?; b) quais relações intertextuais um discurso mantém com textos pertencentes a discursos de outros campos compatíveis?; c) como se apresenta o

discurso jornalístico no gênero discursivo crônica? e; d) qual a importância da identificação e compreensão da relação intertextual para a produção de sentidos?

Em razão dessas perguntas, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a presença de outras vozes e de outros enunciados de outros discursos - a interdiscursividade - a partir dos postulados teórico-metodológicos que Maingueneau apresenta para a Análise do discurso de linha francesa, principalmente, segundo a noção de *semântica global* proposta em seu livro *Gênese dos discursos* (2008).

Por sua vez, os objetivos específicos consistem em observar semelhanças/contrastes no tratamento dado por diferentes cronistas ao mesmo assunto, o futebol, bem como analisar a relação de sentido desse tema, a maneira como a semântica global se constitui no gênero discursivo crônica jornalística e de que forma as categorias selecionadas configuram estratégias de adesão.

Nossa hipótese é a de que o interdiscurso, segundo Maingueneau (2008:21) “espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” e o plano da intertextualidade constituem-se em mais um dos princípios que regem a textualização verbo-visual das crônicas jornalísticas.

A close-up, low-angle shot of a soccer ball hitting a goal net. The ball is in the center-right of the frame, partially obscured by the net's mesh. The background is a bright, overcast sky. The net's structure is prominent, with the ball's impact point clearly visible.

**CAPÍTULO I**  
**O CORPUS**

*Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos...*

Nelson Rodrigues



Portinari. *Futebol*. Óleo sobre madeira compensada, 1958.

## 1.1 Apresentação e constituição do *corpus*

Tendo em vista os objetivos pretendidos por esta pesquisa, o *corpus* escolhido para a análise é constituído de sete crônicas jornalísticas intituladas 1) *Torcer ou pensar, eis a questão*, 2) *A Copa e o tempo*, 3) *O futebol não é um jogo*, 4) *Copa do mundo*, 5) *Beleza espanhola*, 6) *Pior é melhor* e 7) *Rio, campo minado*. A publicação das crônicas no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* compreende os meses de junho e julho de 2010, período em que foi realizada, na África do Sul, a 19ª edição da Copa do Mundo. Os autores selecionados discutem, dialogam e ironizam por meio de suas crônicas diárias os fatos cotidianos desse esporte.

O tema futebol despertou-nos interesse porque o assunto evoca riqueza de possibilidades de estudo, além de aspectos como criticidade, ironia, reflexão, linguagem, proximidade entre texto e leitor, circulação nacional e o fato de ser dirigido a leitores de diferentes idades. Os sete autores selecionados para esta pesquisa exploram esses elementos e, por meio dessa temática instauram uma conversa com o leitor, reafirmando a disposição dialógica da crônica, a cumplicidade entre autor e leitor e a qualidade do texto que emerge dos comentários e desabafo produzidos pelos cronistas, independentemente da mídia em que os textos forem divulgados.

Segundo Pinheiro (2002:267):

Para a análise de textos midiáticos, a concepção bakhtiniana parece ser a mais adequada, pois a flexibilidade de sua teoria permite a adequação e a transposição de seus fundamentos sobre a organização genérica às obras deste tempo, especialmente, aos textos midiáticos contemporâneos.

Acompanhamos, durante os meses de junho e julho de 2010, as publicações de vários textos jornalísticos veiculados no jornal. As crônicas jornalísticas chamaram nossa atenção por conterem os elementos que procurávamos, ou seja, a intertextualidade e suas várias formas de constituição, além de relações interdiscursivas.

Para contextualizar o *corpus* em estudo, faremos um breve histórico sobre o jornal *Folha de S. Paulo*, escolhido por se tratar de um jornal de grande circulação territorial nacional, assim como por sua expressiva vendagem e por nossa acessibilidade à fonte de consulta. Consideraremos informações sobre o caderno

*Ilustrada*, bem como o conceito sobre crônica, além de informações a respeito dos cronistas Ferreira Gullar, Luiz Felipe Pondé, Marcelo Coelho, Carlos Heitor Cony, Drauzio Varella, José Pereira Coutinho e Contardo Calligaris.

O breve histórico que apresentaremos a seguir foi elaborado segundo informações constantes do Manual da Redação (2006) do jornal *Folha de S. Paulo* e de trabalhos dessa área relativos ao estudo do gênero crônica.

## **1.2 *Folha de S. Paulo*: um breve histórico**

Em 1921 começou a funcionar o jornal *Folha da Noite*, que foi o primeiro veículo de comunicação impresso da empresa *Folha da Manhã*, dona de vários jornais, dentre eles a *Folha de S. Paulo*. A empresa Folha da Noite Ltda. foi fundada por Olival Costa e Pedro Cunha. Tratava-se de um jornal vespertino que obteve grande crescimento e, em 1925 lançou o periódico *Folha da Manhã*. Ambos, *Folha de S. Paulo* e *Folha da Manhã* tinham uma linha editorial voltada para as questões urbanas locais.

Octaviano Alves de Lima, Diógenes de Lemos e Guilherme de Almeida compraram, em 1931, os títulos e alteraram a razão social da empresa que os editava para *Empresa Folha da Manhã Ltda*. A partir dessa mudança, a linha editorial dos diários passou a ser marcada pela defesa dos interesses dos produtores rurais paulistas.

Em 1945, o jornalista José Nabantino Ramos assumiu o controle acionário da empresa e mudou sua razão social para a que mantém atualmente, *Empresa Folha da Manhã S.A*. Ainda fundou a *Folha da Tarde* em 1949 e, em 1960, uniu os três títulos em um, *Folha de S. Paulo*. A linha editorial do jornal, que havia sido mantida até 1945, sofreu mais uma mudança e passou a identificar-se com os interesses das classes médias urbanas do estado.

A empresa passou por sérias dificuldades econômicas; em 1962, os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumiram o controle acionário da empresa. A partir de então, o desafio dos empresários era reestruturá-la financeira e administrativamente. Durante cinco anos, esse foi o principal objetivo.

Com a infraestrutura da empresa recuperada, a Redação, a partir de 1974, passou a ser modificada. O jornal percebeu a abertura política do regime militar e investiu nela durante os dez anos seguintes. Chaparro (1994:89) esclarece como

teria surgido a ideia do Projeto Folha, após um encontro de Cláudio Abramo com Octávio Frias:

Abramo e Frias chegaram à conclusão de que somente num regime democrático a *Folha de S. Paulo* poderia crescer e tornar-se um jornal forte. E aí se tomou a decisão de implantar mudanças de linha editorial que colocassem a *Folha* na vanguarda da luta pela redemocratização do país.

O movimento das *Diretas-Já*, em 1984, foi muito importante para que a *Folha de S. Paulo* conquistasse prestígio entre vários segmentos da sociedade ao levantar a bandeira da redemocratização. Dois anos depois, o jornal tornou-se um dos diários de maior circulação no país, condição que mantém até os dias de hoje:

De qualquer forma, a experiência das “Diretas-Já!” provou que um jornal não é só um produto a ser gerenciado com mais ou menos competência, quando conquista a confiança e atrai as expectativas do público, torna-se uma entidade social e cultural, carregada de emoções, alimentando processos complexos de comunicação com informações, análises e opiniões que podem contribuir para mudar os rumos de povos e nações. (Chaparro, op. cit.: 92)

Em relação ao ponto de vista gráfico, o jornal *Folha de S. Paulo* é considerado arrojado, segue o modelo americano. Em janeiro de 1991 já utilizava a cor na primeira página e a organização em seis colunas apresentava uma menor rigidez. Salientou-se, nesse período, um aspecto que é mantido até hoje pelo jornal: a grande utilização de gráficos explicativos, tabelas e ilustrações coloridas a fim de romper com a monotonia e apresentar um diferencial frente a seu maior concorrente (o jornal O Estado de São Paulo - *ESP*).

A *Folha de S. Paulo* publica, atualmente, os seguintes cadernos<sup>2</sup>: *Folha Poder*, que se dedica à vida política, institucional e aos movimentos sociais; *Folha Mundo*, com as principais notícias internacionais; *Folha Mercado*, que tem como principal alvo a conjuntura econômica, brasileira e internacional, e o mundo dos negócios; *Folha Cotidiano*, que traz notícias relacionadas à segurança, à educação, ao trânsito e outras questões cotidianas; *Folha Ciência*, abordando descobertas e pesquisas mais recentes e importantes nas áreas científicas e médica no Brasil e no mundo; *Folha Esporte*, com assuntos do mundo esportivo nas mais diversas modalidades e *Folha Ilustrada*, dedicada à área de cultura e entretenimento. O jornal

---

<sup>2</sup> Estrutura do jornal *Folha de S. Paulo* em de 2010 (ano de seleção do *corpus* da pesquisa).

também publica os seguintes suplementos semanais: Folha Informática, Folha Equilíbrio, Folha Turismo, Folhateen, Folhinha, Folha Veículos, Folha Imóveis, Folha Negócios, Empregos e Guia da Folha.

Quanto à versão online, foi em 1995, com a criação do Universo Online (UOL), empresa da *Folha de S. Paulo*, que os conteúdos jornalísticos foram oferecidos ao público em um único pacote, via internet, era a versão online. Hoje, segundo o site oficial do jornal<sup>3</sup>, o UOL é líder absoluto no mercado brasileiro, na medida em que é acessado por 75% dos internautas. Octávio Frias de Oliveira observa, “entramos em internet porque tínhamos certeza de que quem estivesse fora ficaria para trás. Mas, agora, já é difícil diferenciar o futuro do jornal do da UOL”. O empresário ainda prevê que “no futuro, a Redação deve crescer. Haverá o fortalecimento do jornalismo da empresa e do profissional de imprensa”. As crônicas analisadas nesta pesquisa também podem ser acessadas no site da *Folha de S. Paulo*.

### 1.3 Caderno *Ilustrada*

Como mencionado, o jornal *Folha de S. Paulo*<sup>4</sup> está organizado em cadernos temáticos diários e suplementos de periodicidade semanal. Dentre esses cadernos, a “Folha Ilustrada”, dedicada à cultura e ao entretenimento privilegia, também, o futebol que não é assunto apenas no caderno específico de esportes. Os autores selecionados para esta pesquisa abordam o tema futebol em suas crônicas e o recorte que fizemos compreende o período de junho e julho de 2010, período em que ocorreu a Copa do Mundo na África do Sul.

As competições esportivas acontecem quase que diariamente; já o futebol, que não tem periodicidade, mas desdobramentos, está presente no jornal todos os dias. Por essa razão, o leitor procura o jornal de sua preferência com o intuito de obter maiores informações sobre a contratação dos jogadores, dos técnicos, as tabelas de jogos, os times escalados, entre outros assuntos.

Todos os jornais, escritos, radiofônicos ou televisionados, dispensam parte ou a totalidade de suas páginas ou programação para a cobertura de eventos esportivos. Talvez seja esse um dos motivos que levaram Coelho (2003) a afirmar

---

<sup>3</sup> ([http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/grupo\\_folha.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/grupo_folha.shtml) - acesso em 31.05.2014)

<sup>4</sup> (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca> - acesso em 21.03.2013)

que nenhuma matéria está tão escancarada diante do jornalista quanto as matérias sobre evento esportivo. Equipes esportivas proliferam pelo país e é preciso dar-lhes destaques, pois um dos assuntos que o leitor mais procura é a informação sobre esporte.

Cada jornal busca sua marca própria, a fim de conseguir a preferência diante dos concorrentes. Coelho (2003) considera que, quanto mais alto for o grau de reflexão que a matéria oferecer, e quanto maior for sua capacidade de atrair tanto o leitor que já tem conhecimento das notícias do esporte quanto o que ainda não as tem, mais elevado será o nível de elaboração dos jornais esportivos. Para realizar esse tipo de noticiário, maior também deverá ser a capacidade de investimento das empresas da imprensa esportiva.

Segundo Coelho (2003), o jornal *Folha de S. Paulo* nunca foi muito afeito às matérias de esporte. Até pela falta de cultura esportiva de seu diretor, Octávio Frias Filho, o jornal sempre preferiu voltar-se para a boa cobertura política, nas colunas e em um caderno de prestígio como a *Ilustrada*. No entanto, mesmo a *Ilustrada*, em ocasiões de repercussão do futebol, trata da temática e gera curiosidade porque os cronistas não são especialistas na área, como se pode ver pela breve biografia deles a seguir.

#### **1.4 Cronistas**

A crônica surgiu no Brasil em 1852 e, de acordo com os estudiosos literários, os escritores da época não tinham como se sustentar apenas por meio da literatura, e viam no jornal uma fonte de renda. Hoje, repórter e cronista dividem o mesmo espaço e se alimentam dos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. O lugar da crônica no jornal é fixo e o cronista é como se fosse um amigo íntimo com quem o leitor conversa e compartilha opiniões, troca experiências do dia a dia.

A respeito do estilo dos cronistas, Moisés (1987:117) afirma que é por meio do estilo que a crônica se sustenta: “Crônica sem estilo parece incongruência”. Assim, o estilo é entendido como um idioleto, como característica da linguagem pessoal do cronista.

Selecionamos autores que escreveram crônicas referentes ao tema futebol e que, por meio de uma linguagem direta, espontânea e dialógica usaram a liberdade

artística para posicionar seu ponto de vista e compartilhar com quem lê. O posicionamento de cada cronista sobre o futebol explicita a presença de um contexto social amplo.

A seguir apresentaremos, seguindo ordem cronológica das datas de publicação dos textos selecionados, breve biografia dos cronistas.

#### 1.4.1 Carlos Heitor Cony<sup>5</sup>

*Deixei de acreditar em Deus no dia em que vi o Brasil  
perder a Copa do Mundo no Maracanã...*

Carlos Heitor Cony

Carlos Heitor Cony nasceu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1926. Filho do jornalista Ernesto Cony Filho e de Julieta Moraes Cony. Casado com Beatriz Lajta. Tem três filhos: Regina, Verônica e André. Fez Humanidades e o curso de Filosofia no Seminário Arquidiocesano de São José, em Rio Comprido.

Quinto ocupante da Cadeira nº 3 da Academia Brasileira de Letras, foi eleito em 23 de março de 2000, na sucessão de Herberto Sales e recebido em 31 de maio de 2000 pelo acadêmico Arnaldo Niskier.

Em 1952 trabalhou como redator da *Rádio Jornal do Brasil*. De 1958 a 1960 foi um dos jovens escritores que colaboraram no SDJB (Suplemento Dominical do Jornal do Brasil), com contos, ensaios, traduções. Em 1961 começou a trabalhar no *Correio da Manhã*, do qual foi redator, cronista, editorialista e editor. Com a revolução de 1964, foi preso várias vezes e passou um período na Europa e em Cuba. Numa das prisões, em 1965, teve como companheiros, entre outros, Flávio Rangel, Glauber Rocha, Antonio Callado, Mário Carneiro, Jayme Azevedo Rodrigues, Márcio Moreira Alves, Thiago de Mello e Joaquim Pedro de Andrade.

Colaborou por mais de 30 anos na revista *Manchete* e dirigiu *Fatos & Fotos*, *Desfile*, *Ele Ela*. De 1985 a 1990, foi diretor de Teledramaturgia da *Rede Manchete*, produzindo e escrevendo sinopses das novelas *A Marquesa de Santos*, *D. Beja*, *Kananga do Japão*. Em 1993, substituiu Otto Lara Resende na crônica diária do jornal *Folha de S. Paulo*, do qual é membro do Conselho Editorial.

---

<sup>5</sup><http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=382&sid=104/>(Acesso em: 04/01/13)

É comentarista diário da CBN, participando do Grande Jornal com o programa “Liberdade de Expressão”.

Ganhou duas vezes o Prêmio Manuel Antônio de Almeida, com os romances *A Verdade de Cada Dia*, em 1957, e *Tijolo de segurança*, em 1958.

#### 1.4.2 Marcelo Coelho<sup>6</sup>

*A mídia também está sob ataque e tem responsabilidade na crise de credibilidade que enfrenta.*

Marcelo Coelho

Marcelo Coelho nasceu em 1959. Paulista, formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e é mestre em Sociologia. Trabalhou por alguns anos como professor universitário antes de dedicar-se à atividade jornalística na *Folha de S. Paulo* (1981). Iniciou sua trajetória no jornal como editorialista e participou do grande projeto de reforma do jornal em 1984 liderado por Otavio Frias Filho. Foi coordenador de editoriais e a partir de 1990 começou a assinar uma coluna semanal no caderno “Ilustrada”.

Publicou os romances “Noturno” (1992) e “Jantando com Melvin” (1998), traduziu obras de Voltaire e Paul Valéry, entre outros, e escreveu dois livros infantis: “A Professora de Desenho e Outras Histórias” e “Minhas Férias” (Ed. Companhia das Letrinhas). Seleções de textos publicados na *Folha de S. Paulo* estão reunidos em dois volumes, *Gosto se Discute* (1995) e *Trivial Variado* (1998). Desde 1994, leciona jornalismo cultural nas Faculdades Cásper Líbero, em São Paulo. Marcelo Coelho criou uma modalidade particular de crônica, que combina o ensaio acadêmico, o resenhismo dos cadernos culturais e o comentário do detalhe cotidiano e discute aspectos sociológicos, antropológicos e estéticos do impacto dos produtos culturais na vida contemporânea.

#### 1.4.3 Contardo Calligaris<sup>7</sup>

*Se você encontrar alguém disposto a caminhar na chuva do seu lado, não fuja, molhe-se.*

Contardo Calligaris

<sup>6</sup>[http://www.releituras.com/mcoelho\\_menu.asp](http://www.releituras.com/mcoelho_menu.asp)(Acesso em: 14/10/13)

<sup>7</sup><http://www.infoescola.com/biografias/contardo-calligaris/>(Acesso em: 04/01/13)

Contardo Calligaris nasceu em Milão, cidade italiana, em 1948. Realizou seus estudos na Suíça e depois se graduou em Psicanálise na Université de Provence, na França, defendendo a tese “A Paixão de ser Instrumento”, uma pesquisa que enfoca a prática da burocracia.

Após residir durante quinze anos em Paris, viajou para o Brasil, na década de 80, com o objetivo de empreender neste país uma série de conferências, mas viu seus planos mudados depois de ter conhecido a gaúcha Eliana Calligaris com quem veio a se relacionar e, posteriormente, a se casar.

Do ponto de vista familiar, é importante destacar o relacionamento de Contardo com o pai. Isso é abordado em sua primeira obra ficcional, *O Conto do Amor*, na qual ele resolve mentalmente a imagem paterna, conquista que durante anos de análise ele não atingiu. Calligaris confessa que o lugar preenchido por esta figura em sua mente se transformou, pelo menos parcialmente.

A relação de Calligaris com o Brasil intensificou-se. Entretanto, em 1994, já fixado em solo brasileiro, partiu para os Estados Unidos, onde residiu durante dez anos. Em Nova York lecionou Estudos Culturais, na *New School for Social Research*; e na Universidade da Califórnia, em Berkeley, ensinou Antropologia. Durante esse período continuava a vir ao Brasil mensalmente, para as consultas com seus pacientes, até decidir retornar definitivamente, radicando-se em São Paulo.

O psicanalista publicou, ao longo de sua carreira, várias obras, entre elas *Crônicas do Individualismo Cotidiano*, de 1996, uma coletânea dos textos escritos para o periódico do jornal *Folha de São Paulo*, no qual, desde 1999 mantém uma coluna; *A Adolescência*, de 2001; *Cartas a Um Jovem Terapeuta*, lançado em 2004; e seu primeiro livro de ficção, *O Conto do Amor*, de 2008.

Durante sua estada na Suíça, Calligaris teve a felicidade de compartilhar da amizade e da parceria intelectual do famoso psicanalista Jacques Lacan. Ele o assessorava, fichando livros para seu mestre. O psicoterapeuta ressalta a dificuldade de se conviver com esse profissional, que cultivava uma incomum fobia a despedidas. Eles se encontrariam novamente em Paris.

#### 1.4.4 Drauzio Varella<sup>8</sup>

*Os anos me ensinaram a julgar os homens por suas ações,  
não pelas convicções que apregoam.*

Drauzio Varella

Drauzio Varella nasceu em São Paulo, em 1943. É médico cancerologista, formado pela USP, cientista e escritor. No início dos anos 1970, trabalhou com o professor Vicente Amato Neto, na área de moléstias infecciosas do Hospital do Servidor Público de São Paulo. Durante 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer (SP) e, de 1990 a 1992, o serviço de Câncer no Hospital do Ipiranga, na época pertencente ao INAMPS. Ficou conhecido pelo grande público através do programa “Fantástico”, da TV Globo, em que explana sobre assuntos referentes a primeiros socorros e prevenção de doenças.

Foi um dos primeiros médicos a trabalhar na divulgação massiva sobre a prevenção da AIDS, através dos meios de comunicação, inicialmente no rádio, depois na televisão. Também foi pioneiro na pesquisa e tratamento do sarcoma de Kaposi, tipo de câncer geralmente desenvolvido a partir da AIDS.

Em 1989, desenvolveu pesquisas sobre a disseminação do HIV entre a população carcerária da Casa de Detenção do Carandiru, onde também foi médico voluntário. O presídio foi desativado em 1992. A experiência gerou um livro, “Estação Carandiru”, em 2000, ganhador do prêmio Jabuti e que se tornou filme em 2003, dirigido por Hector Babenco. Varella escreveu outros livros, destacando-se o “Nas Ruas do Brás”, que ganhou prêmio na Feira Internacional do Livro em Bolonha em 2002. Escreve aos sábados, a cada duas semanas, desde 2008, no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo*.

#### 1.4.5 João Pereira Coutinho<sup>9</sup>

*Tenho os meus preconceitos como qualquer pessoa civilizada.*

João Pereira Coutinho

---

<sup>8</sup> [http://www.e-biografias.net/drauzio\\_varella/](http://www.e-biografias.net/drauzio_varella/)(Acesso em: 04/01/13)

<sup>9</sup> [http://www.e-biografias.net/joao\\_pereira\\_coutinho/](http://www.e-biografias.net/joao_pereira_coutinho/)(Acesso em: 04/01/13)

João Pereira Coutinho nasceu em Portugal, na cidade do Porto, em 1976. É jornalista, cientista político, escritor e historiador português. Também atua como comentarista e professor. Formação ampla e variada, participou da Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa. Estudou História na Universidade do Porto e doutorou-se em Ciência Política na Universidade Católica Portuguesa, onde também ensina no cargo de professor auxiliar.

A carreira de João Pereira Coutinho como escritor começou aos 19 anos com o livro “Jaime e Outros Bichos”, o que lhe rendeu o Prêmio Nacional de Literatura Juvenil Ferreira de Castro, em 1996. Outros livros que publicou: “Vida Independente: 1998-2003” (2004), este um conjunto de escritos publicados no jornal “O Independente” e “Avenida Paulista” (2007). O autor destaca-se em atividades acadêmicas na Universidade Católica Portuguesa. Já atuou como blogueiro em parceria com Pedro Loma e Pedro Lexia, com o título do blog “A Coluna Infame”, entre os anos de 2002 e 2003. É colunista do Correio da Manhã (desde 2009) e da *Folha de S. Paulo* (desde 2005).

#### 1.4.6 Ferreira Gullar<sup>10</sup>

*Faço uma revelação: antes de querer ser poeta,  
quis ser jogador de futebol*

Ferreira Gullar

José Ribamar Ferreira nasceu no dia 10 de setembro de 1930, na cidade de São Luís, capital do Maranhão, quarto filho dos onze que teriam seus pais, Newton Ferreira e Alzira Ribeiro Goulart. Inicia seus estudos no Jardim Decroli, em 1937, onde permanece por dois anos. Depois, estuda com professoras contratadas pela família e em um colégio particular, do qual acaba fugindo. Em 1941, matriculou-se no Colégio São Luís de Gonzaga, naquela cidade.

Aprovado em segundo lugar no exame de admissão do Ateneu Teixeira Mendes, em 1942, não chega a concluir o ano letivo nesse colégio. Ingressa na Escola Técnica de São Luís, em 1943. Apaixonado por uma vizinha, Terezinha, deixa os amigos e fica recluso dentro de casa lendo e escrevendo poemas.

---

<sup>10</sup> [http://www.releituras.com/fgullar\\_bio.asp](http://www.releituras.com/fgullar_bio.asp)(Acesso em: 04/01/13)

Ao ganhar um concurso, em 1945, sobre o Dia do Trabalho, em sua escola, resolve tornar-se escritor. Essa redação foi inspiradora do soneto "O trabalho", primeiro poema publicado por Gullar no jornal "O Combate", de São Luís, três anos depois. Com o apoio do Centro Cultural Gonçalves Dias e com recursos próprios, consegue publicar a coletânea *Um pouco acima do chão* (1949), seu primeiro livro, e foi premiado em um concurso de poesia promovido pelo Jornal de Letras (1950).

Ainda em 1950, após haver presenciado o assassinato de um operário pela polícia, durante um comício de Adhemar de Barros na Praça João Lisboa, em São Luís, nega-se a ler, em seu programa de rádio, uma nota que aponta os "baderneiros" e "comunistas" como responsáveis pelo ocorrido. Perde o emprego, mas é convidado para participar da campanha política no interior do Maranhão. Vence o concurso promovido pelo "Jornal de Letras" com o poema "O galo". A comissão julgadora era formada por Manuel Bandeira, Odylo Costa Filho e Willy Lewin. Em 1954 publica "A luta corporal", obra considerada precursora do movimento paulista de poesia concreta. Com *Poemas* (1958), mostra-se neoconcretista e lidera o movimento no âmbito carioca, com a publicação do ensaio-manifesto *Teoria do não-objeto* (1959). Encerra a fase formalista (1961) e adere à poesia politicamente engajada do movimento *Violão de Rua*, do Centro Popular de Cultura, o CPC da União Nacional dos Estudantes, a UNE, do qual era presidente quando sobreveio o golpe militar (1964) e, em dezembro (1968), após assinado o Ato Institucional nº 5, foi preso. Após longo período vivendo na clandestinidade, parte para o exílio (1971). Enquanto morava fora do país, colaborava para *O Pasquim*, *Opinião* e outros jornais. A editora Civilização Brasileira publicou *Poema sujo* (1976), sem sua presença. No jornal *Folha de S. Paulo*, escreve crônicas todos os domingos, desde 2007, no caderno *Ilustrada*.

#### 1.4.7 Luiz Felipe Pondé<sup>11</sup>

*Não acredito que meu pequeno carro aqueça o planeta,  
mas já estou pagando mais imposto por isso  
e tenho certeza de que outros virão.*

Luiz Felipe Pondé

---

<sup>11</sup> [http://www.e-biografias.net/luiz\\_felipe\\_ponde/](http://www.e-biografias.net/luiz_felipe_ponde/)(Acesso em: 04/01/13)

Luiz Felipe Cerqueira e Silva Pondé nasceu em Recife em 1959 e tem origem judaica. Começou a carreira na medicina graduando-se na UFBA-Universidade Federal da Bahia. Depois cursou filosofia na USP- Universidade de São Paulo e fez doutorado pela mesma instituição em parceria com a Universidade de Paris-VIII. Recebeu título de Pós-doutor da Universidade de Tel Aviv. Pondé é filósofo, ensaísta e professor de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e de filosofia na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).

O seu livro “Guia Politicamente Incorreto da Filosofia”, lançado em 2012 foi um dos mais vendidos, segundo a lista da revista *Veja*. Outras obras: “O homem insuficiente: Comentários de Psicologia Pascaliana” (2001), “Conhecimento na desgraça: Ensaio da Epistemologia Pascaliana” (2004), “Crítica e profecia: filosofia da religião em Dostoiévski” (2003), “Do pensamento no deserto: Ensaio de Filosofia, Teologia e Literatura” (2009), “Contra um mundo melhor: Ensaio do Afeto” (2010), “O Catolicismo Hoje” (2011).

A ideia e a filosofia de Pondé baseiam-se num certo pessimismo, na valorização das tradições religiosas ocidentais e no combate ao pensamento politicamente correto nos meios universitários. É uma das grandes revelações do pensamento conservador nos últimos dez anos no Brasil. Escreve no caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de S. Paulo* desde 2009.

A close-up, low-angle shot of a soccer ball hitting a goal net. The ball is in the center-right of the frame, partially obscured by the net's mesh. The net is made of a dark, textured material and is attached to a wooden post on the left. The background is a bright, overcast sky, creating a soft, diffused light. The overall mood is contemplative and nostalgic.

**CAPÍTULO II**

**A CRÔNICA**

*A maior parte daquilo que sei da vida aprendi jogando futebol.*

Albert Camus



Portinari. *Futebol*. Óleo sobre tela, 1935.

## 2.1. Breve percurso da crônica

A origem da palavra crônica vem do grego *chronikós* e está relacionada a *chrónos* – tempo. Em latim, *chronica* designava uma relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo. Segundo Soares (2002:64), “No início da era cristã, chamava-se crônica a uma relação de acontecimentos organizada cronologicamente, sem nenhuma participação interpretativa do cronista”.

Na estruturação do gênero, o mais importante era a organização cronológica dos fatos e todo o esforço de enunciação desses fatos só teria legitimidade se estivesse ordenado sob a cronologia dos eventos sociais, logo, não havia interpretação dos fatos, apenas exposição feita em função de uma ordem cronológica. Quaisquer discursos que relatassem os efeitos de algum grupo social poderiam ser entendidos como crônica, desde que fossem anunciados em um tempo linear, cronologicamente.

Coutinho (1986), aponta alguns significados antigos da palavra *crônica* que foram se modificando ao longo dos tempos. O autor menciona que no verbete de Domingos Vieira, o vocábulo adquiriu caráter histórico. Foi o modo que assumiu a historiografia na Idade Média e no Renascimento e esse sentido prevaleceu até hoje em vários idiomas europeus modernos, excetuando o português. Em inglês, francês, espanhol, italiano, a palavra só tem esse sentido: *crônica* é um gênero histórico.

Sá (1985:5), assim como Arrigucci Jr. (1987), acredita que a crônica esteja fortemente relacionada com a História, observando que a carta escrita por Caminha a El-rei D. Manuel é a criação de um cronista, “pois recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios”.

Para Arrigucci Jr. (1987:51) a noção da crônica é multiforme, “São vários os significados da palavra crônica. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo...”. As marcas temporais do gênero se, por um lado, afirmam sua historicidade, na medida em que está plantado no real imediato de seu movimento dinâmico, por outro, implica a própria efemeridade do texto que se torna mais fortemente percebida quando a crônica tem por suporte o jornal, meio impresso de rápida e massiva divulgação.

Ao contrário da crônica, o folhetim, por exemplo, ainda não tinha maturidade estética, isto é, discursiva. O que era exposto encontrava-se em uma fase intermediária entre a literatura e o ambiente jornalístico, descrevia fatos ocorridos, o que muitas vezes dificultava a proximidade do leitor. Machado de Assis (1839 – 1908), na crônica *O folhetinista*, discorre sobre a origem desse gênero que ainda não havia se instalado efetivamente nos jornais brasileiros:

Uma das plantas européias que dificilmente se têm aclimatado entre nós, é o folhetinista. Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade... O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo de espírito moderno; falo do jornal. ... (2003:39 e 40)

A palavra crônica é usada para nomear uma modalidade de narrativa breve, periódica, com episódios que tenham merecido atenção por parte do público e da crítica. É considerada um texto de manifestação que navega entre o literário e não-literário, permitindo uma reflexão crítica acerca do mundo. Segundo Reis (1994:88), ao cronista sempre compete determinada perspectiva “pedagógica, de contornos ideológicos, mais ou menos marcados, recorrendo normalmente a um discurso acessível e centrado na atualidade”.

Acreditamos que a relativa transitoriedade da crônica não diminui sua qualidade informacional e estética, já que o cronista torna-se capaz de recriar o real de forma imaginativa e elaborada. A crônica constitui-se de fatos e comentários do autor sobre a realidade próxima ou distante, mas sempre a partir de uma ótica atualizada que não perde de vista a dimensão dialógica e interpelativa desse gênero narrativo. Trata-se de uma escritura que encontrou nos veículos de comunicação de massa, notadamente, nos jornais e revistas, seu principal e dominante instrumento de divulgação, embora em segundo plano, frequente também os espaços do livro.

Antônio Cândido comenta sobre a consolidação da crônica no Brasil:

Acho que foi decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. (1980:8)

A crônica moderna, mencionada por Antônio Cândido, surge no século XIX, quando a imprensa escrita atinge ampla difusão. Novos maquinários, novos jornais, aumento no número de tiragens fazem surgir esse novo gênero dentro do jornal. Entretanto, a crônica deixa de ter a intenção primeira de comentar e de informar e passa a assumir um caráter mais descomprometido, leve e com toques humorísticos. Os textos aproximam-se mais da subjetividade e do lirismo da poesia tornando-os um gênero literário tipicamente brasileiro.

A Semana de Arte Moderna (1922), marco importante da história intelectual do país, imprime à crônica um aspecto condizente com as necessidades do momento e reforça nela o caráter de linguagem nacionalista: voltada à expressão mais autêntica da realidade brasileira.

Após 1930, grandes autores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Luís Martins, Raquel de Queirós, Cecília Meireles e, mais contemporaneamente, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Lourenço Diaféria e Flávio Rangel escreveram crônicas, incorporando a fala coloquial brasileira, que se ajusta à observação dos fatos da vida cotidiana, como bem fez Rubem Braga.

Das várias crônicas escritas nas diferentes épocas, emergem algumas tendências do gênero. Levando em consideração as diversas possibilidades de elaboração e tomando como base a tipologia literária, Coutinho apresenta uma proposta de classificação das crônicas por categorias:

*crônica narrativa*: cujo eixo é uma história ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu, perdendo as tradicionais características de começo, meio e fim.

*crônica metafísica*: constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens.

*crônica poema-em-prosa*: de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.

*crônica comentário dos acontecimentos*: tem, no dizer de Eugênio Gomes, aspecto de um bazar asiático, acumulando muita coisa diferente ou díspar.

*crônica-informação*: mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal. (1997:45)

Partindo dessas classificações, registramos que, em nossas análises, utilizaremos os conceitos de “crônica narrativa”, “crônica metafísica”, “crônica comentário dos acontecimentos” e “crônica-informação”, uma vez que a produção

dos autores selecionados para esta pesquisa narra uma história ou episódio, faz reflexões filosóficas, divulga fatos e comenta sobre o tema futebolístico.

Ainda a respeito da classificação das crônicas, segundo Melo (2003:157), “a crônica não é monolítica”, nem uniforme, pois comporta várias espécies, e sua “classificação tem sido objeto de estudo de pesquisadores do jornalismo e da literatura”.

Em nossas análises observamos que a crônica, do ponto de vista estilístico, varia de autor para autor. Conforme Arrigucci Jr. (1987:46), por vezes, a prosa se torna lírica, poética, outras vezes, a prosa se torna ficção ou, “como em tantos casos conhecidos, constitui um texto difícil de classificar: ... é crônica.”

Nossa pesquisa situa a crônica no gênero jornalístico opinativo, principalmente quando comparado com outros gêneros como o artigo, supostamente com mais baixo grau de subjetividade. Assim, entendemos a crônica jornalística como de atualidade, uma vez que satisfaz a necessidade social de observar os fatos e acontecimentos em destaque, no caso de nosso trabalho, o futebol, tema de todos os cronistas selecionados para o *corpus* em estudo.

Em função do acima exposto acerca da tematização, Marques de Melo, com base nos estudos de Beltrão (1980), propõe:

*crônica geral* - sob uma mesma epígrafe ou sob forma gráfica determinada, trata de assuntos os mais variados, ocupando espaço fixo no jornal.

*crônica local* - também conhecida como urbana ou da cidade, glosa a vida cotidiana, atuando como uma espécie de antena coletiva, captando as tendências da opinião pública na comunidade em que se localiza.

*crônica especializada* – focaliza assuntos referentes a um determinado campo de atividade. (2003:157)

Em relação ao tratamento dado ao tema, este varia em função das seguintes modalidades:

*crônica analítica* – os fatos são expostos com brevidade e logo dissecados objetivamente; o cronista dirige-se mais à inteligência do que ao coração.

*crônica sentimental* – os fatos são apresentados a partir dos seus aspectos pitorescos, líricos, épicos, sendo capazes de comover e influenciar a ação, num impulso quase inconsciente; predomina portanto o apelo à sensibilidade.

*Crônica satírico-humorística* – seu objetivo é criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens; busca entreter, assumindo feição caricatural. (2003:157)

Os textos selecionados em nosso estudo enquadram-se na crônica geral, uma vez que dá continuidade às análises da crônica especializada em um determinado campo de atividade, em nosso caso, o futebol, pesquisa que se iniciou no mestrado com crônicas futebolísticas.

## 2.2 O gênero discursivo crônica

As primeiras análises sistematizadas acerca do gênero são atribuídas a Platão, na Antiguidade. Segundo Brandão (2000), os gêneros foram, de início, vinculados aos domínios da literatura e da retórica, recebendo classificação bastante diversa. Os estudos feitos pela Retórica Antiga, por exemplo, discriminavam os discursos deliberativo, judiciário e epidítico. Durante a Idade Média, devem-se muitos desses estudos sobre gêneros e sobre a natureza dos discursos a Aristóteles.

O conceito de gênero não deve ser algo fechado, mas aberto a possibilidades de enriquecer e ampliar sua carga discursiva e, conseqüentemente, de significados. Para Resende (2002:29):

A noção de gênero deve ser ampliada, de forma a possibilitar uma variedade tal de discursos que desfruta a própria hierarquia imposta aos gêneros e admita serem eles suscetíveis, não só de misturarem-se, mas de romperem com suas próprias amarras.

No século XX, segundo Gregolin (2011), as discussões em torno dos gêneros tornaram-se alvo de vários estudos e, com isso, os gêneros passaram a ser considerados como produtos da história e sujeitos a mudanças de acordo com a época e a situação comunicativa na qual eram produzidos. Nesse contexto, as discussões realizadas por Bakhtin (2003) foram responsáveis pela ampliação do conceito de gênero, uma vez que o filósofo não restringe sua concepção apenas aos textos institucionalizados, mas, os estende a toda e qualquer forma de produção verbal (oral ou escrita). Ainda, segundo o autor, os gêneros do discurso são necessários para a possibilidade de compreensão no processo comunicativo e, nessa perspectiva, o autor assevera:

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos

de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 2003:29)

Os gêneros, para Bakhtin (2003), correspondem a resultados de uma tipificação social de enunciados que se constituem historicamente e apresentam traços regulares dados pelas atividades dos indivíduos. Assim, o indivíduo busca, dentre as formas disponíveis, a mais adequada para a sua intencionalidade e, diante dessa escolha, é possível afirmar que os gêneros não são entidades abstratas, mas concretas e fundadas pela historicidade. Os gêneros também não se resumem à forma, uma vez que isso remeteria a uma simplificação linguístico-textual que deixaria de lado o componente discursivo.

Para Maingueneau (2008:90), o gênero discursivo é uma “vertente tipológica formal, do modo de enunciação”, que é a contrapartida do tom, voz fictícia que garante a presença de um corpo, ainda que o discurso seja escrito. O autor afirma que “cada ‘gênero’ presume um contrato específico pelo ritual que define” (1997:34), por isso não podemos dizer o que queremos, em qualquer lugar, para qualquer indivíduo, já que essa prática pressupõe um contrato. Para o autor, há gênero quando vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns.

Quanto à crônica - do modo como é abordada nesta tese - diferencia-se de outros gêneros por sua característica subjetiva, humanística e reflexiva, aspectos que auxiliam na interligação entre teoria, prática e sociedade. Entretanto, na esfera jornalística, a crônica ganha características determinadas por esse veículo midiático, ou seja, texto limitado pela diagramação, curto espaço de tempo para o autor escrever, simplicidade da linguagem são algumas das imposições feitas à crônica pelas necessidades e características do jornalismo. O cronista, por sua vez, ocupando o espaço de uma coluna assinada, mesmo tendo o viés opinativo e a responsabilidade da expressão crítica de seu pensamento, não escapará à ideologia do jornal que, por meio da linguagem, também não tem como primar pela objetividade e imparcialidade dos fatos.

Quando nos referimos à ideologia, temos como pressuposto que o discurso como prática social orienta questões de interesses diversos, dentre os quais o político e o ideológico que contribuem para reproduzir as estruturas sociais, bem como para transformá-las. Segundo Chauí (2001:108), a ideologia é “um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou

regras (de conduta)” orientando o pensamento e o comportamento de uma sociedade dividida em classes. Assim, a ideologia é um construto das classes dominantes que tem a função de normatizar o comportamento e o pensamento das classes dominadas nas relações de poder. No entanto, considerando a ideologia como relativa a grupos sociais, percebemos que uma classe tida como dominada também possui seus meios de dominação.

### **2.3 A crônica literária e jornalística**

No século XIX a crônica adere ao jornal e, segundo Moisés (1987:45), liberta-se de sua conotação historicista, de modo que o vocábulo começa a revestir-se de sentido estritamente literário. Assim, o tipo de relato cronológico feito pelos primeiros portugueses denominado de literatura de informação sobre o novo mundo, como a Carta de Pero Vaz de Caminha, foi cedendo lugar a uma narrativa veiculada pelos jornais, em que os fatores factual e temporal não eram tidos como determinantes. As crônicas passaram, então, a ser publicadas em uma seção específica do jornal, denominada “folhetim”, localizada no rodapé. Os jornais brasileiros, nessa época, já haviam incorporado a publicação de romances em capítulos, traduzidos dos jornais franceses.

Ainda no século XIX, a crônica foi exercitada pelos chamados escritores-jornalistas que eram, em sua maioria, escritores estreantes que viam na imprensa um caminho para se profissionalizarem, uma vez que o mercado editorial brasileiro era restrito e os jornais constituíam-se em uma ponte para possível publicação de seus livros. Foi nessa época que nomes como Machado de Assis, Lima Barreto, Fernando Sabino, entre tantos outros apareceram, porém, para esses escritores, o exercício da crônica nos jornais diários não se constituía em simplesmente uma transposição da literatura. A narrativa cronística foi conquistando espaço autônomo que representou independência tanto da literatura quanto do jornalismo.

Na fronteira entre o jornalístico e o literário, as crônicas partem normalmente do factual, e estão livres para seguir por um universo fictício para consecução do seu intuito discursivo e, segundo Scliar (2002):

Há sim, uma fronteira entre jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. No passado, grandes

escritores foram grandes jornalistas: o caso de Machado de Assis, de Lima Barreto. Nada impede que esta tradição tenha continuidade. (2002:14)

A continuidade mencionada por Scliar pode ser percebida na junção da subjetividade da criação literária com a suposta objetividade do jornalismo, método muito utilizado por cronistas atentos ao estilo e à agudeza das observações da vida cotidiana. A crônica é um texto ligeiro, rabiscado depois da leitura do jornal e, a ligação do cronista com o jornal faz com que a própria imprensa seja matéria da crônica. Em grande medida, o cronista toma algum assunto, sério ou trivial, e o transforma em tema de discussão.

No decorrer do século XX, a crônica torna-se especializada. Nesse período, surge, então, a crônica esportiva, literária, cinematográfica, política, social, entre outras mais específicas. Com isso, percebe-se uma sensível oscilação de conteúdo e estilística entre as diversas classificações. Não se trata de um rompimento dentro da crônica brasileira, mas de sutis diferenças.

A crônica, por ser considerada um gênero de natureza híbrida, pode ser, ao mesmo tempo, jornalismo e literatura – uma vez que o seu meio de difusão é o jornal, e o seu tom é literário, seja a sua abordagem ficção ou realidade. Assim, alguns estudiosos consideram que ela não tem características próprias que a façam ocupar um espaço independente com relação a essas duas áreas. Segundo Moisés (1987:247): “A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.”

A dificuldade em defini-la está no fato de que ela pode ser comentário político ou esportivo, crítica, ficção, e sua flexibilidade está diretamente relacionada à liberdade de criação desfrutada pelo cronista, o que de pronto o separa dos outros profissionais da redação. Verissimo, em entrevista concedida à Karina de Oliveira<sup>12</sup>, responde o que é crônica da seguinte forma:

A melhor definição de crônica que conheço é: crônica é o que a gente quiser que ela seja. Pode ser um comentário, uma ficção, um exercício de estilo mais ou menos realista. O que define a crônica é o espaço que ela ocupa no

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Karina de. *Leitores da crônica de Luis Fernando Verissimo*, Universidade Estadual de Maringá - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Programa de Pós-Graduação em Letras, 2010.

jornal ou na revista. Dentro deste espaço o autor pode fazer o que quiser. Desde que não comece a delirar, claro. (2010:38)

Podemos apontar duas esferas distintas da crônica jornalístico-literária: na jornalística, recebe o tema da vida cotidiana, da factualidade, o suporte e a credibilidade; na literária, absorve a criatividade, a permissão do verossímil e um grau relativo de liberdade de expressão e de estruturação. A esfera jornalística pressupõe objetividade e imparcialidade, porém, nota-se que em qualquer relato jornalístico há sempre a ideologia do veículo e do autor do texto. Logo, não se transmite a verdade, mas produz-se uma verdade. A crônica, mesmo trabalhando com fatos jornalísticos, recria, tenta ultrapassar a referencialidade própria do veículo, dando uma nova dimensão aos fatos.

Coutinho (1997:105) divide os gêneros literários em dois grupos: o primeiro, composto pela crônica, o ensaio, o discurso, a carta, o apólogo, a máxima, o diálogo e as memórias, em que há uma explanação direta dos pontos de vista do autor, dirigindo-se em seu próprio nome ao leitor ou ouvinte; já no segundo grupo, estão o gênero narrativo, compreendendo a epopeia, o romance, a novela, o conto, além do gênero lírico e o gênero dramático, no qual o autor se dirige indiretamente ao leitor. O nosso trabalho situa-se no primeiro grupo, uma vez que pensamos a crônica como um gênero que relata fatos relacionados ao dia a dia, fatos atuais publicados no jornal e para entendê-la de forma adequada, cumpre destacar sua relação direta com a imprensa, à qual sempre esteve vinculada.

## **2.4 A temática do futebol nas crônicas**

O futebol é manifestação cultural que permeia o cotidiano brasileiro e é assunto diário na mídia. As crônicas de futebol encontram lugar nos periódicos jornalísticos e, ainda que apareçam muitas vezes reunidas em livros, é nos jornais e nas revistas, especializados ou não em esporte, que elas estarão, uma vez que a circulação desses meios é maior do que a que se dá por meio do livro. O caderno especializado em esporte traz crônica produzida por nomes consagrados da cena esportiva, crônicas futebolísticas escritas por quem entende do assunto. Em nosso estudo, entretanto, as crônicas analisadas não têm a forma objetiva e factual como é vista pelo jornalismo esportivo. A começar pela profissão e formação dos cronistas selecionados para nossa análise, temos: médico (Drauzio Varella), poeta (Ferreira

Gullar), psicanalista (Contardo Caligaris), escritor (Carlos Heitor Cony), filósofo (Luiz Felipe Pondé), jornalista (João Pereira Coutinho) e sociólogo (Marcelo Coelho). Assim, há uma diversidade em relação a textos de diferentes áreas dialogando acerca do mesmo tema, o futebol.

Muitos foram os jornalistas, ex-jogadores e especialistas no assunto que escreveram a respeito do esporte. Desde o início do século XX, literatos de renome na sociedade brasileira, como Lima Barreto, Coelho Netto, “João do Rio”, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, principais referências até a década de 1920, esporadicamente se dedicavam à temática futebolística.

Entretanto, não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol que, ainda disputava a preferência do público com outras modalidades como o remo, o turfe e o ciclismo. Não havia também cronistas especializados no assunto. Eles abordavam em seus textos temas gerais, associados ao cotidiano, ou seja, tratava-se ainda do colunismo social. Contudo, podemos afirmar que, entre os gêneros literários a crônica é o que tem uma proximidade mais remota em relação ao futebol, pois, além da presença de nomes importantes da literatura, como já mencionado, a crônica, com seu caráter regular, momentâneo e de envolvimento social, foi o que mais publicou sobre o tema futebol.

A liberdade na escolha dos temas dentro do universo futebolístico é grande, variando entre uma pelada em um campo de várzea até a comoção das massas em conquista de campeonato mundial. Porém, a referencialidade continua, fala-se sempre de algo que aconteceu ou poderia ter acontecido em determinadas circunstâncias da vida futebolística real. O que observamos na escolha dos temas é que a crônica se serve de assuntos aparentemente sem importância, sem apelo literário, mas que, por meio da leveza e liberdade da linguagem, do coloquialismo, do tratamento estético e às vezes lírico dos acontecimentos, aborda questões filosóficas a respeito do comportamento do homem em sociedade.

Nelson Rodrigues, por exemplo, por meio de suas crônicas, mescla de ficção e realidade cotidiana, tornou-se uma referência e seus textos refletiam mudanças ocorridas na sociedade brasileira, como a busca intensa da formação de uma identidade nacional, em que o brasileiro deixa de ser visto como um fracassado, passando a ter a imagem positiva e celebrada. Nelson Rodrigues costumava também, com suas crônicas, dialogar com seus pares. Ora elogiando veladamente

um posicionamento, a seu ver, acertado, ora criticando de forma ácida algum desafeto. Foram vários seus interlocutores: seu irmão Mário Filho, José Lins do Rego, Sérgio Porto e, principalmente, um novo jornalista que estava em ascensão, Armando Nogueira, que tentava recriar, por meio da palavra, a emoção estética do espectador de futebol.

Com a profissionalização da crônica esportiva nos anos 80/90, Nogueira tornou-se uma referência, pois foi um dos primeiros escritores a ser reconhecido no meio literário mesmo redigindo textos exclusivamente sobre esportes.

Outros escritores consagrados como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Stanislaw Ponte Preta, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Mário Prata, Ruy Castro, Luiz Fernando Verissimo, escreveram sobre o assunto, e Nogueira não foi o único cronista especializado de destaque. Outros ganharam notoriedade, como João Saldanha, Sérgio Porto, João Máximo, Juca Kfourri, Tostão, José Roberto Torero, Xico Sá e José Geraldo Couto<sup>13</sup>.

## 2.5 O discurso futebolístico

A forma como concebemos o termo discurso em nossa análise é a que Maingueneau (2008:15) conceitua, ou seja, “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Para o autor, o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos e todo enunciado de um discurso constitui-se na relação polêmica com outro. O sujeito é um espaço cindido por discursos, e a língua, um processo semântico e histórico.

Diante dessa perspectiva, fica concebido o discurso não focado apenas no funcionamento linguístico, mas na relação que o sujeito e esse funcionamento estabelecem reciprocamente. Assim, o objeto de estudo não recai somente na língua, mas também no que há por meio dela, ou seja, as manifestações humanas nas mais diversas relações: de poder, de identidades sociais, de inconsciência ideológica etc.

O lugar de onde emerge o discurso, segundo Maingueneau (2001), é essencial para que o analista tenha condições práticas para observar as condições

---

<sup>13</sup> A crônica dos últimos cinco autores mencionados foi objeto de estudo de nossa pesquisa inicial durante o mestrado.

de produção e os efeitos de sentidos que elas estabelecem. Dessa forma, compreendemos que o lugar onde opera o discurso não está situado no plano textual, mas discursivo, ou seja, o espaço discursivo.

A crônica, como muitos outros, é um gênero que experimentou transformações ao longo dos séculos e assumiu configurações bastante variadas, mas conserva como uma de suas fontes a memória. Para Pêcheux (1999), memória não se trata de uma lembrança, mas de um espaço onde se inscrevem ideologias, crenças e discursos, que são a condição essencial de produção e da interpretação de sequências discursivas, de sentidos. Assim, para reavivar sentidos cristalizados ou para fabricar sentidos novos, a mídia lança mão da memória, recuperando-a ou atualizando-a conforme seus interesses.

O assunto futebol, tema atemporal de nosso estudo, é abordado pelos cronistas como um discurso do tipo relatado, quase notícia em alguns casos e em outros, com um tom opinativo, textos com algumas pitadas de humor, de ironia ou lirismo, levando o leitor a se posicionar. Porém, vale lembrar que nosso *corpus* de análise não se constitui de crônicas esportivas, mas que tem como assunto o futebol e, que, segundo Pedrosa (1968:12) é “filão inesgotável à disposição dos criadores em qualquer gênero literário”.

Nesse processo de assimilação, é possível afirmar que, em cada sociedade, os discursos midiáticos acabam refletindo a construção da opinião pública, ou seja, o conjunto de opiniões individuais embebidos da palavra do outro, caracterizado, em graus variáveis, pela alteridade.

Segundo Bellos (2003), o futebol é o maior símbolo da identidade nacional brasileira e a valorização do “esporte bretão” é tamanha, que seus sintagmas e suas expressões invadem o campo da linguagem cotidiana, em que são investidos de novos sentidos, criando metáforas caracterizadoras da nossa cultura futebolística. Logo, o futebol é parte integrante da identidade nacional brasileira, de modo que qualquer acontecimento que se enuncie acerca do futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil, sobretudo durante a Copa do Mundo. Conforme Fernández (1974:49), “durante a Copa do Mundo, o futebol, que sempre se expressou como afirmação de grupo – tanto um bairro quanto um grupo social podia tomar a forma de um clube -, passou a ser um meio de afirmação nacional”. Ainda segundo Fernández (1974), para os brasileiros, a Copa do Mundo tem um sabor mais especial do que para os outros povos, já que é nela que o Brasil

se reconhece como potência capaz de derrotar as superpotências políticas que subjagam o país no campo econômico.

É durante a Copa do Mundo que se apagam as mazelas socioeconômicas do país e as desventuras particulares de cada cidadão e, em torno de uma única causa, todos torcem por um só time: a seleção brasileira.



**CAPÍTULO III**

**INTERDISCURSO E INTERTEXTUALIDADE**

*Futebol se joga no estádio?  
Futebol se joga na praia,  
Futebol se joga na rua,  
Futebol se joga na alma.*

Carlos Drummond de Andrade



Portinari. *Futebol*. Pintura a óleo sobre madeira. 1958.

## Interdiscurso e Intertextualidade

Apresentamos neste capítulo bases teóricas que norteiam esta pesquisa. Os referenciais inserem-se na Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), logo, em um primeiro momento, trazemos à tona algumas considerações acerca do conceito de interdiscurso não como mera repetição de elementos linguísticos no texto, mas como diálogo amplo entre discursos que se dispensam e se entrecruzam para construir efeitos de sentido no/para o gênero discursivo. Na sequência, faremos breve apresentação das sete hipóteses que Maingueneau (2008) formula em *Gênese dos Discursos*<sup>14</sup>, porém o plano discursivo da intertextualidade será uma instância privilegiada como categoria de análise em nossa pesquisa, bem como o primado do interdiscurso.

### 3.1 Interdiscurso: diferentes conceitos?

Tendo como princípio de que todo homem, enquanto sujeito histórico, constitui-se por meio da interação com o outro, em determinado contexto, é possível reconhecer que toda palavra procede de alguém, é dirigida a alguém e, portanto, estabelece uma ligação entre um sujeito e outro, entre um locutor e um interlocutor, ação que evidencia a natureza discursiva e dialógica da linguagem. Assim, para Bakhtin, (2003:319) “todo discurso dialoga com outros discursos e toda palavra é cercada de outras palavras.”

O conceito de interdiscurso, em Bakhtin, aparece sob o nome de dialogismo. Nesse sentido, a preocupação do filósofo russo foi a de explicitar que o discurso não se constrói sobre o mesmo, mas se elabora em vista do outro.

Segundo o autor:

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo

<sup>14</sup> A obra *Gênese dos Discursos* foi publicada originalmente em 1984, sendo reeditada em 2005, pela Criar Edições. Usaremos, como referência, a edição de 2008, da editora Parábola, de São Paulo.

isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (2003:319)

Na visão dialógica do autor, a palavra que é cercada de outras palavras, só pertence ao locutor no momento imediato da sua produção, na medida em que ela procede de alguém e dirige-se a alguém, constituindo-se como produtor da interação. Dessa forma, os sentidos são construídos a partir do contexto dessa produção, do conhecimento prévio, da visão de mundo dos sujeitos e das diferentes vozes que se incorporam no processo discursivo. Essa ideia das várias vozes do enunciado também encontra eco nos estudos de Ducrot (1987), que trata o fenômeno pelo nome de polifonia.

Se o interdiscurso é a presença de diferentes discursos, provenientes de diferentes momentos históricos e lugares sociais, que se entrecruzam no interior de uma formação discursiva, faz-se, então, necessário, definir o conceito tanto de formação discursiva quanto de discurso.

O conceito de formação discursiva foi introduzido na segunda fase da Análise de Discurso (AD-2)<sup>15</sup>, mas ainda tendo como foco o discurso (ou a formação discursiva) em si: seu anterior e sua estrutura interna (discursos transversos). Segundo Pêcheux (1990:311), mesmo reconhecendo que “uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado”, nessa segunda fase ainda não existe uma noção de interdiscurso que supere a de maquinaria<sup>16</sup>.

O espaço para o Outro como alteridade discursiva apenas se consolidou na terceira fase (AD-3), na qual o primado do interdiscurso torna-se o foco principal dos estudos da AD. Trata-se de reconhecer a existência de um espaço de trocas que precede, ao mesmo tempo em que constitui, todo e qualquer discurso. Conforme Maingueneau (2008:117), a noção de interdiscurso insere-se na perspectiva teórica que postula a precedência do Outro sobre o Mesmo. O autor desenvolve, como uma de suas principais hipóteses, o primado do interdiscurso sobre o discurso e reafirma sua concepção interdiscursiva da discursividade, como veremos ainda nesse capítulo. Vale salientar também que o autor revê a noção de formação discursiva e afirma que utilizaria o termo *posicionamento*.

---

<sup>15</sup> Na primeira fase da Análise de Discurso (AD-1), a interdiscursividade era concebida como uma relação puramente estrutural.

<sup>16</sup> O processo discursivo era concebido “como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma (Pêcheux, 1990:311).

A noção de *discurso* presente na filosofia clássica opunha-se ao conhecimento intuitivo e, na linguística, os valores clássicos para discurso encontram uma série de oposições: discurso *versus* frase, discurso *versus* língua, discurso *versus* texto e discurso *versus* enunciado. Essa última oposição encontra estruturação na análise do discurso, uma vez que *enunciado* e *discurso* remetem a pontos de vista diferentes; o primeiro apreende o caráter de unidade linguística e o segundo como estudo linguístico das condições de produção, ou seja, depende de um gênero de discurso determinado.

O discurso adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, que é o interdiscurso, e cada gênero discursivo gera as multiplicidades de relações interdiscursivas. Na crônica, por exemplo, que é o gênero do nosso *corpus* de análise, o discurso é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros discursos.

Para Maingueneau (2008:52):

A noção de “discurso” é muito utilizada por ser o sintoma de uma modificação em nossa maneira de conceber a linguagem. Em grande parte, essa modificação resulta da influência de diversas correntes das ciências humanas reunidas frequentemente sob a etiqueta da pragmática. Mais que uma doutrina, a pragmática constitui, com efeito, uma certa maneira de apreender a comunicação verbal.

Ainda discutindo a definição de interdiscurso, Courtine (1981) o define como o exterior específico que domina uma formação discursiva, “seja este exterior a outra formação discursiva, ou um conjunto delas, com a qual, ou com as quais, uma relação específica e relevante se mantém”.

Possenti (2009:159) discute a noção de interdiscurso e pensa ser mais pertinente definir interdiscurso como o faz Courtine, como o exterior específico que domina uma formação discursiva. O autor acredita que a teoria do interdiscurso exige do estudioso, que se põe a analisar um *corpus*, a análise de “um discurso que se confronta com outro (e não com todos os outros)”.

Para Charaudeau & Maingueneau (2002), interdiscurso é apresentado em sentido restrito e sentido amplo. O primeiro é um conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros, e o segundo sentido consiste em um conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita.

Maingueneau (2008) trata do caráter “global” da semântica discursiva, difundida por todo o conjunto de dimensões do discurso: vocabulário, temas, intertextualidade, instâncias de enunciação. Nessa perspectiva, uma formação discursiva só pode ser apreendida por meio de uma Semântica Global que sustente essa multiplicidade de dimensões. Compartilhamos com Maingueneau nessa “discussão”, uma vez que também compreendemos o interdiscurso como um espaço de trocas em que as várias dimensões do discurso são atravessadas e, assim, concordamos com conceito de que o interdiscurso precede sobre o discurso. Na obra citada, o autor formula sete hipóteses que julgamos importantes pontuar para a compreensão desse dispositivo enunciativo-discursivo, no entanto, para nossa análise, a primeira hipótese que trata do primado do interdiscurso e a terceira que trata do discurso a partir de um sistema de restrições/coerções globais serão privilegiadas em nosso estudo, uma vez que as outras hipóteses decorrem desses fundamentos. A seguir, as sete hipóteses que Maingueneau formula.

## 3.2 Hipóteses de Maingueneau

### 3.2.1 Primado do Interdiscurso

A primeira hipótese é a do *primado do interdiscurso* que trata de um princípio que desencadeia os demais. O autor afirma que

o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de troca entre vários discursos convenientemente escolhidos. (MAINGUENEAU, 2008:21)

Essa afirmação consiste em concluir que os discursos não se formam sozinhos, de maneira independente e, ao definir interdiscurso como *um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos*, Maingueneau passa a considerá-lo como a unidade de análise pertinente, priorizando a ideia de que um discurso está sempre em relação com outros.

Considerando ainda o termo *interdiscurso* muito vago, o autor recorre a uma tríade: *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*. O primeiro é um conjunto finito que não pode ser apreendido em sua globalidade, assim, de pouca

utilidade para o analista. Já no *campo discursivo*, a análise do *corpus* em estudo ganha forma, uma vez que compreende um conjunto de formações discursivas em uma região determinada do universo discursivo.

O “campo discursivo” é definível como um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região. O recorte de tais campos deve decorrer de hipóteses explícitas e não de uma partição espontânea do universo discursivo. (MAINGUENEAU, 2008:35)

Finalmente, o *espaço discursivo*, isto é, subconjuntos de formações discursivas que compreende uma série de enunciados definidos a partir de uma decisão do analista para estabelecer seus objetivos de pesquisa.

Nessa concepção, o lugar de onde emerge o discurso é primordial para que o analista observe as condições de produção e os efeitos de sentidos estabelecidos e, assim, pensar a presença do interdiscurso é construir “um sistema no qual a definição semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (2008:38), ou seja, é na relação Eu X Outro que o objeto de análise toma forma, logo, trabalhar com o princípio do primado do interdiscurso com a precedência do interdiscurso sobre o discurso, significa que a unidade de análise não é o discurso, mas o espaço de trocas construído pelo analista.

No espaço discursivo, o Outro não deve ser pensado como uma espécie de “envelope” do discurso nem como um conjunto de citações, mas como um Outro que se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado pela relação com ele mesmo. Percebe-se, então, o caráter dialógico de todo enunciado que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. Segundo Maingueneau, é possível ir além da distinção entre heterogeneidade “mostrada” e heterogeneidade “constitutiva”, uma vez que o Outro no espaço discursivo não é jamais redutível de uma figura de interlocutor, mas ocupa a mesma cena do Eu.

### 3.2.2 Uma Competência Discursiva

A segunda hipótese do autor é a de *uma competência discursiva* que decorre do primado do interdiscurso e propõe que a interação semântica entre os discursos

seja como um processo de tradução, de interincompreensão regrada. Cada discurso traduz os outros em seus próprios termos, transformando-os a ponto de sua presença não passar de um “simulacro” que dele constrói.

O autor observa que o discurso, a fim de constituir sua identidade e preservá-la no interior de um espaço discursivo, não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele. Os simulacros derivam de uma relação de embate entre formações discursivas que não definem somente um universo de sentido próprio, mas seu modo de coexistência com outros discursos.

Mainueneau propõe, ainda, o sistema de restrições semânticas, ou seja, coerções da ordem de uma semântica discursiva, em que os enunciados de qualquer língua sejam submetidos a coerções específicas, filtros que fazem com que tais enunciados pertençam a tal ou qual discurso. Lembrando o *corpus* tratado pelo autor, o discurso humanista devoto e o discurso jansenista, tais “filtragens” incidem sobre dois domínios estreitamente ligados, que delimitam o dizível de um campo discursivo dado: 1) o universo intertextual católico no qual circulam os atores sociais, relações, axiologias etc.; 2) os dispositivos acessíveis à enunciação religiosa: gêneros discursivos, modos de argumentar etc. A hipótese do autor é a de que os tratamentos aplicados são governados por um sistema de coerções único, que deve ser concebido como uma *competência discursiva*.

A noção de competência discursiva é defendida pelo autor, ancorada em seu posicionamento teórico-metodológico e explicitada que o discurso é um processo e não um produto, portanto exige usuários capazes de reconhecer as formações discursivas às quais estão filiados; essa competência explica-se não em decorrência das qualidades do sujeito, mas porque o número de coerções a que um discurso está submetido é pequeno.

Diante dessas reflexões acerca da competência, o autor faz a seguinte pergunta: o que é, de fato, ser enunciador de um discurso? É ser capaz de reconhecer enunciados como bem formados, isto é, pertencentes à sua formação discursiva, e produzir um número ilimitado de enunciados pertencentes a essa formação discursiva. Mainueneau acrescenta que, se o ponto de partida foi o princípio do primado do interdiscurso e, portanto, do quadro do espaço discursivo, a competência deve ser pensada como competência interdiscursiva; o que supõe: 1) a capacidade para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da(s) formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro; 2) a capacidade de

interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de coerções.

Mainueneau mostra o funcionamento do modelo para o espaço discursivo jansenismo/humanismo devoto e as consequentes implicações teóricas e metodológicas. Nos dois discursos, percebe-se que os sistemas de restrições semânticas construídos são muito “pobres”, considerando-se a imensidade e a diversidade de suas superfícies discursivas. Isso implica afirmar que é o espaço discursivo e não o discurso que constitui unidade pertinente e encontrar espaços discursivos constituídos pelos mesmos sistemas de restrições é muito difícil.

Mas esse não é o ponto essencial; o que deve ser individualizado, com efeito, é o discurso, e não o próprio sistema de restrições. O discurso resulta do relacionamento desse sistema com alguns códigos no interior de uma conjuntura histórica, e é isso que o individualiza. Nossos dois discursos devotos, por exemplo, repousam sobre a aplicação dos sistemas de restrições ao conjunto intertextual católico e aos dispositivos retóricos do século XVII; mas podemos muito bem conceber que os mesmos sistemas, associados a códigos diferentes em outras conjunturas, produzem textos aparentemente tão distanciados, que não se pensará em aproximá-los dos primeiros. (MAINGUENEAU, 2008:72)

Finalizando essa hipótese, o autor manifesta o propósito de restringir, então, a variedade de sistemas possíveis, sem restringir a diversidade imprevisível dos discursos, uma vez que o sistema de restrições não pode ser concebido como a “essência” de um discurso, mas uma estrutura que se pode investir nos universos textuais mais diversos.

### 3.2.3 Uma Semântica Global

A terceira hipótese é a da existência de um *sistema de restrições semânticas globais* que investe o discurso na multiplicidade de suas dimensões. Por esse princípio, não há privilégio de um plano do discurso sobre o outro, todos são integrados, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação. Assim, a designação *Semântica Global* refere-se a todo conjunto de “planos” discursivos: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do

coenunciador<sup>17</sup>, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão. Para ilustrar esse princípio nas duas formações discursivas, Maingueneau privilegia o discurso humanista devoto e, fazendo isso, em virtude do primado da interdiscursividade, qualquer comentário feito sobre ele recai também sobre o discurso jansenista. Apresentamos, a seguir, cada uma dessas instâncias de enunciação.

A *intertextualidade*, segundo o autor, deixa seus rastros por meio do *intertexto*, entendido como o conjunto de fragmentos efetivamente citados por um discurso, enquanto que a interdiscursividade é constitutiva e, portanto, nem sempre deixa marcas na materialidade linguística. A intertextualidade caracteriza-se pelo tipo de relações definidas como legítimas pelas coerções semânticas, ou seja, pela competência discursiva de um determinado campo, logo, o autor denomina *intertextualidade interna* como a memória discursiva no interior de um dado campo e de *intertextualidade externa* as relações de um discurso com outros campos, passíveis ou não de serem citados.

O plano discursivo da intertextualidade é uma instância privilegiada como categoria de análise em nossa pesquisa, por essa razão, faremos, no decorrer dessa fundamentação teórica, uma discussão mais aprofundada acerca desse fenômeno.

O *vocabulário*, segundo o mesmo princípio de coerções semânticas, possui sentidos diferentes atribuídos a um mesmo item lexical por discursos diferentes, ou seja, a palavra em si não constitui uma unidade de análise pertinente, ela pode ser explorada por diferentes discursos. Entretanto, segundo o autor:

Seria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua. Porque, além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo. Conhece-se, por exemplo, a voga extraordinária que teve uma palavra como *estrutura* na crítica literária dos anos 1960 em contextos em que *sistema*, *organização*, *totalidade*, ou, mais trivialmente, *plano*, teriam dito a mesma coisa. É que a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de um território de convivência. (MAINGUENEAU, 2008:85)

---

<sup>17</sup> Substituímos o termo *destinatário* por *coenunciador*, designação utilizada por Maingueneau há alguns anos.

O *tema* pode ser definido como aquilo de que um discurso trata, isto é, em sentido amplo. Segundo o autor, não há interesse em estudar os temas isoladamente ou em estabelecer uma hierarquia entre eles, porque sua ação é perceptível em qualquer ponto do texto. Assim como no caso do vocabulário, a especificidade de um discurso define-se não por seus temas, mas por sua formação discursiva. A esse respeito, Maingueneau cita Michel Pêcheux:

Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm um sentido que lhes seria próprio, como se estivesse preso a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva<sup>18</sup>.

A complexidade em se dar um tratamento ao tema leva o autor a propor, no espaço discursivo, várias proposições: 1) um discurso integra semanticamente todos os seus temas, o que significa dizer que eles estão todos de acordo com seu sistema de coerções; 2) esses temas se dividem em dois subconjuntos: os temas impostos e os temas específicos; os primeiros dividem-se em temas compatíveis e incompatíveis; os temas específicos são próprios a um discurso, portanto, sua presença se explica por uma relação semântica privilegiada com o seu sistema de coerções.

O *estatuto do enunciador e do coenunciador* depende da competência discursiva: cada discurso, de acordo com a competência (inter)discursiva, define o estatuto que o enunciador deve se conferir e o estatuto que ele confere a seu coenunciador para legitimar seu dizer. Esse processo tem duas dimensões, uma institucional e outra intertextual. O autor, ao se referir a essas dimensões, propôs a distinção, de um lado, do estatuto do enunciador e do coenunciador e de outro lado, o que denominou de *dêixis enunciativa*, duplo registro no espaço e no tempo que cada discurso constrói em função de seu próprio universo, introduzindo as noções de cena e cronologia.

Essa dêixis, em sua dupla modalidade espacial e temporal, define de fato uma instância de enunciação legítima e delimita a cena e a cronologia que o discurso constrói para autorizar sua enunciação. No caso do discurso escolar da III República, por exemplo, o enunciador não pode colocar-se como Razão, a não ser na medida em que fala no interior da França do final do

---

<sup>18</sup> *Les vérités de La Palice*, Paris, Maspero, 1975, p. 145 (*Semântica e discurso*, Editora da Unicamp).

séc. XIX. Com efeito, esses são o lugar e o momento que esse discurso produz como autoridades para legitimar uma tal enunciação: a França é a vanguarda da humanidade, a República é a única forma de governo fundada sobre as exigências da Razão, a língua francesa é o mais perfeito meio de expressão das ideias etc... (MAINGUENEAU, 2008:94)

Segundo Maingueneau, tanto o enunciador como o coenunciador, quanto a dêixis em sua dupla modalidade, *espacial* e *temporal*, são vistos no quadro de uma *cenografia enunciativa*, que abriga os coenunciadores do discurso, uma *topografia* e uma *cronologia*, respectivamente.

Mais do que um certo conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador e de coenunciador, é necessário observar sua maneira de dizer específica, a que o autor chama de *modo de enunciação*. Os gêneros discursivos predominantes nesse modo de enunciação são as conversações, os diálogos fictícios, os quais são dotados de um certo “tom”, uma “vocalidade”, um modo de dizer tranquilo, cadenciado, diversificado e flexível, uma elocução “doce” de uma grande sociabilidade. Esse “tom” se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter*, conjunto de características “psicológicas, disposições mentais e de uma *corporalidade* - uma maneira de se movimentar no espaço social”. (2008:96) Tom, caráter e corporalidade provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas sobre as quais se apoia a enunciação.

Maingueneau, para evocar a imbricação do discurso com o seu modo de enunciação, introduz a noção de incorporação:

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com outro;
3. Essa “dupla incorporação” assegura, ela própria, a “incorporação imaginária” dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso (MAINGUENEAU, 2008:98)

Nesse sentido, segundo o autor, “o coenunciador não é somente um consumidor de ideias: ele acede a uma ‘maneira de ser’ por meio de uma ‘maneira de dizer’” (2008:98).

Como última instância, o *modo de coesão* tem a ver com a intradiscursividade, com o modo pelo qual um discurso constrói suas remissões internas, o que remete à teoria da anáfora discursiva e recobre fenômenos muito

diversos, entre eles o *recorte discursivo*, que atravessa as divisões em gêneros constituídos, e os *encadeamentos*, que ocorrem em um nível mais superficial.

Do *modo de coesão* resulta também o modo de *encadeamento*. Cada discurso, a partir de suas coerções, tem um modo próprio de construir seus parágrafos, seus capítulos, sua forma de argumentar, de passar de um tema a outro.

Ainda na perspectiva da semântica global, o autor afirma que as restrições não são apenas destinadas a analisar ideias:

Elas especificam o funcionamento discursivo que, em graus diversos, investiu o vivido dos sujeitos. Vimos como a “doutrina” era em realidade inseparável de uma interdiscursividade, de um modo de enunciação, de um processo de “incorporação”..., que são as mesmas categorias que governam todos esses planos ao mesmo tempo. O sistema de restrições define tanto uma relação com o corpo, com o outro... quanto com ideias, é o direito e o avesso do discurso, toda uma relação imaginária com o mundo. (MAINGUENEAU, 2008:94)

#### 3.2.4 A Polêmica como Interincompreensão

A quarta hipótese é intitulada *A polêmica como interincompreensão*, ou seja, para constituir e preservar sua própria identidade, um discurso não lida com o seu Outro enquanto tal, mas com um simulacro desse Outro, simulacro que, a partir da perspectiva assumida, é capaz de construir acerca desse Outro. O autor propõe, a partir da relação estabelecida entre um discurso e seu Outro, um duplo conceito para o “embate polêmico”: o *discurso-agente* (tradutor) e o *discurso paciente* (traduzido).

O que se entende por *tradução* não é uma transposição interlinguística, situação na qual temos a passagem de um idioma a outro, mas regras de passagem de uma interpretação a outra, sem prejuízo do significante linguístico. Já quando se trata da questão da tradução polêmica entre um discurso e seu Outro, “... cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior do mesmo idioma”. (2008:104)

A polêmica, núcleo dessa teoria, segundo o autor,

é necessária porque sem essa relação com o Outro, sem essa falta que torna possível sua própria completude, a identidade dos discursos correria o risco de desfazer-se. É inegável, mas a essa se junta uma outra razão, a saber, a necessidade de mascarar a invulnerabilidade do discurso. Por

definição, o discurso responde a tudo e não pode ser apanhado em erro. Ele está, assim, apto a representar uma figura do Todo. Entretanto, ele não pode ser reconhecido e acreditado a não ser que possa oferecer a prova do contrário, que mostre que não é invulnerável. O discurso não tem razão a não ser na medida em que se crê que ele pode ser ameaçado, isto é, que é de fato o Outro que ele destrói, e não o seu simulacro. Cada refutação bem sucedida é uma vitória do verdadeiro sobre o falso, e esse combate ritual legítima e conforta a crença. (MAINGUENEAU, 2008:118)

Em outras palavras, como condição mesma da discursividade, é certo que um discurso “tem resposta para tudo”, que ele está apto a “dizer o Real e o Bem”; mas é igualmente certo que ele só terá sua eficácia se puder fazer acreditar que ele pode efetivamente ser ameaçado, e mesmo destruído, tendo suas verdades refutadas pelo Outro, razão por que deverá fazer crer que é realmente esse Outro que ele busca combater, e não um simulacro desse Outro.

Maingueneau finaliza a quarta hipótese considerando como sendo “a vertente positiva” da incompreensão, aquela que possibilita que haja compreensão no espaço definido por um discurso, como contrapartida do próprio movimento de impedir que se “fale uma mesma língua” com aquele que é designado a ocupar o lugar de Outro.

### 3.2.5 Do Discurso à Prática Discursiva

Na quinta hipótese, Maingueneau (2008:23) afirma que “o discurso não deve ser pensado somente como um conjunto de textos, mas como uma prática discursiva”. O que está em questão é também a relação entre os modos de produção e consumo desses textos.

O texto pode ser objeto de *modos de difusão* muito variados e não se poderia colocar uma exterioridade entre esse aspecto e seu próprio conteúdo. A própria rede institucional desenha uma rede de difusão, as características de um público, indissociável do estatuto semântico que o discurso se atribui. Trata-se de práticas frequentemente mal conhecidas, pouco estudadas, ou que, quando o são, nunca são postas em relação com o dito e o dizer dos discursos concernidos. (MAINGUENEAU, 2008:141)

O sistema de coerções insere o discurso na rede institucional de um “grupo”, aquele que a enunciação discursiva supõe e torna possível. Entretanto, a imbricação de um discurso e de uma instituição não é uma ideia nova, conforme lembra o próprio autor, citando outros autores que compartilham o mesmo princípio. O

princípio é o de articular discurso e instituição por meio de um sistema de coerções semânticas e, conseqüentemente, a “passagem de um discurso a outro é acompanhada de uma mudança na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esse discurso” (2008:125).

O autor toma como exemplo o humanismo devoto<sup>19</sup> para desvelar as características de tais instituições e o modo de entendimento delas, as chamadas *comunidades discursivas*, que remetem não somente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que esses grupos implicam no plano da organização material e modos de vida. A comunidade discursiva é pensada como grupos inscritos na mesma formação discursiva e em um determinado campo, os quais produzem e administram um certo tipo de discurso.

O autor considera, para discutir a possibilidade da junção do discurso e das instituições que produzem e fazem circular seus enunciados, a intertextualidade “interna” e “externa” para observar um *modo de coexistência* dos textos em um dado discurso, “o esquema de uma espécie de ‘biblioteca’ interior, que se pode imediatamente transformar numa biblioteca efetiva” (2008:135), a *vocação enunciativa* de seus enunciadores e coenunciadores, os *ritos genéticos*, isto é, as atividades por meio dos quais elaboram um texto, e as redes de difusão e o modo de consumo que caracterizam os dois discursos.

O sistema de coerções permite prever o pertencimento de cada texto a um discurso, reafirmação dos “contornos do espaço do citável que a biblioteca atualiza, ‘thesaurus dos enunciados válidos’” (2008:136). Assim, a passagem de um discurso a outro não se explica por uma simples mudança de conteúdo, mas define “estatutos enunciativos específicos, que não dissociam conteúdo e enunciação de seus textos” (2008:136).

Maingueneau afirma que a biblioteca funciona também como fator de *qualificação* dos enunciadores pertencentes a determinada formação discursiva. A posição do enunciador frente às fontes de informação resulta de “um processo de ‘interpelação’ pelo discurso, isto é, o discurso ‘filtra’ a aparição, no campo da palavra, de um grupo enunciativo distinto” (2008:137). O autor chama de *vocação enunciativa* que se caracteriza por um ajustamento “espontâneo” dos sujeitos às

---

<sup>19</sup> O autor tem como *corpus* o discurso humanista devoto e o discurso jansenista para exemplificar a relação polêmica dos discursos no espaço discursivo.

condições exigidas. Nesse processo, a autocensura leva a se “excluírem aqueles que não têm as qualificações ou a possibilidade de dotar-se delas” (2008:137).

Exemplificando com a metáfora do curso do rio, dotado de nascente e foz, o autor mostra que a maneira pela qual um texto é produzido e a maneira pela qual é *consumido* estão intimamente ligadas. Mencionando acerca do “rio abaixo”, isto é, sobre as *vocações enunciativas*, é preciso, agora, discorrer sobre o “rio acima”, a saber, os *ritos genéticos* (suas condições de emprego), entendidos como o “conjunto de atos (não só documentos escritos, mas certos comportamentos como viagens, meditações etc.) realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado” (2008:140). Os ritos “impostos” pelas coerções semânticas, que delimitam um pertencimento institucional e discursivo, não são incompatíveis com os ritos pessoais (maneira única de fabricar um texto).

A rede institucional também desenha o rio abaixo, *uma rede de difusão* relacionada ao *modo de consumo* do discurso, isto é, “o que se ‘faz’ dos textos, como eles são lidos, manipulados...” (2008:141). Assim, as características de uma publicação são indissociáveis do estatuto semântico que o discurso se atribui.

Maingueneau remodela, assim, a noção de discurso, não mais a restringindo à textualidade, mas deslocando-a a fim de “fazer aparecer uma imbricação semântica irreduzível entre aspectos textuais e não textuais” (2008:142). O autor não tem mais como objeto o *discurso*, mas a *prática discursiva*, conceito ao qual recorre quando se trata de apreender uma formação discursiva como inseparável das *comunidades discursivas* que a produzem.

### 3.2.6 Uma Prática Intersemiótica

O autor, na sexta hipótese, considera a prática discursiva como *uma prática intersemiótica*. O objetivo dessa reflexão é de estender o universo discursivo para além das margens dos objetos linguísticos, superando formas de abordagem da questão que Maingueneau qualifica de impressionistas (ou intuitivas), por intermédio do recurso à noção de *prática discursiva*, a qual estará em condições de integrar domínios semióticos variados (enunciados, quadros, obras musicais, etc.).

O sistema de coerções abrange vários suportes semióticos e, diante de tal reflexão, o autor formula a seguinte proposição:

O pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos de domínios intersemióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas. (MAINGUENEAU, 2008:146)

Assim, Maingueneau redefine a noção de *texto*, que passará a remeter aos “diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva” (2008:147), e para o termo *enunciado*, os textos linguísticos. No entanto, o autor comenta que:

A coexistência de textos que pertencem a domínios semióticos diferentes não é, entretanto, livre no interior de uma formação discursiva determinada. Não é qualquer domínio que pode figurar com qualquer outro, e essas restrições são função ao mesmo tempo do gênero de práticas discursivas concernidas e do conteúdo próprio de cada uma. (MAINGUENEAU, 2008:147)

Dessa forma, o autor propõe que a prática discursiva vai além dos textos verbais e se configura como uma prática intersemiótica, integrando elementos de outros domínios semióticos.

Para exemplificar a hipótese de uma prática intersemiótica, o autor analisa dois quadros<sup>20</sup> que representariam a discursividade jansenista e a discursividade do humanismo devoto: “Ceia de Emaús”, obra de autoria duvidosa, mas pertencente, sem dúvida, à escola de Philippe de Champaigne, um leigo jansenista, e “Peregrinos de Emaús”, quadro de Ticiano que teria servido de inspiração ao primeiro<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Imagens extraídas da contracapa da obra *Gênese dos Discursos* (MAINGUENEAU, 2008).

<sup>21</sup> “Ambos os quadros recuperam relato de São Lucas: dois discípulos, após a morte de Jesus, seguiam pelo caminho de Jerusalém a Emaús. Um forasteiro, o próprio Cristo (que, no entanto, não foi reconhecido), aproximou-se e percorreu com eles o trajeto. Chegando a Emaús, convidaram-no a ceiar. Durante a ceia, quando o forasteiro benzeu o pão, os dois discípulos reconheceram nele o próprio Cristo.” (SOUZA-E-SILVA, 2012:118)



J.-B.Champaigne, "Ceia de Emaús", (1602-1674)



Ticiano, "Os peregrinos de Emaús", (1535-1540)

Maingueneau relata as semelhanças apreendidas entre as obras: ambos os quadros representam uma refeição ao ar livre, com mesa posta, arquitetura que recobre uma metade do fundo, enquanto na outra metade figura uma paisagem; representação da figura de serviçais, presença de Cristo (quase de frente) e de discípulos (de perfil), distribuídos um de cada lado de Cristo.

Para apontar as diferenças, o autor denominou de *texto-fonte* o quadro de Ticiano (o da pintura do humanismo devoto) e de *texto-alvo*, o da pintura jansenista. O texto-fonte é um vasto retângulo, diferentemente da pintura jansenista, mais concentrada; os olhares dos personagens respeitam uma hierarquia social e teológica no quadro do humanismo devoto, já na pintura jansenista, olhares se voltam para um único ponto concentrado, representado pela hóstia. Quanto à natureza do desenho em relação ao traçado das linhas de cada obra, na pintura do humanismo devoto, percebe-se a horizontalidade da linha do muro e a verticalidade dos pés da mesa e dos três retângulos da arquitetura do fundo do quadro, contribuindo para manter a Ordem hierárquica de três regiões bem distintas (os animais sob a mesa, o universo humano da refeição e a esfera celestial na parte superior), representando a coluna em cuja base encontra-se a cabeça de Cristo, o traço de união entre o terrestre e o celestial. No quadro jansenista, em oposição, a circularidade é presente e os personagens encontram-se sentados em torno de uma mesa circular, com objetos circulares (travessa sobre a mesa, pratos, maçãs sobre a mesa) e de um círculo luminoso sobre a cabeça do Cristo.

Outro aspecto de diferença entre as obras está na distribuição de cores e sombras: nuances de claro/escuro se distribuem por todo o quadro do humanismo

devoto, estando a luz predominantemente associada à figura de Cristo na pintura jansenista. O autor finaliza discorrendo acerca da inscrição social dos dois textos. Enquanto que no texto-fonte (humanismo devoto) vê-se

a vontade de inscrever a cena religiosa no quadro de uma economia doméstica, de definir um espaço familiar de sociabilidade; isso se manifesta ao mesmo tempo pelos detalhes (os objetos sobre a mesa, no chão) e pela atitude das pessoas, uma trazendo um prato, outra vindo conversar com seus clientes. Aqui a refeição guarda todo seu valor de convivência e o Cristo vem inscrever-se nessa sociabilidade para sublimá-la. (MAINGUENEAU, 2008:164)

No texto-alvo (jansenismo), há uma diminuição dessa diversidade, uma vez que a pintura só tem lugar como retrato pedagógico da história religiosa, sendo valorizada a busca da “pura espiritualidade”.

### 3.2.7 Um Esquema de Correspondência

A última hipótese intitula-se *Um esquema de correspondência* e apresenta-se como uma retomada das anteriores. Trata das relações que se estabelecem entre conjuntos textuais e conjunturas históricas, remetendo-se à noção de ideologia. O autor propõe, assim, uma reflexão acerca do encontro de sistemas de coerções e um dado exterior, o que pretende realizar por intermédio de uma problematização dos isomorfismos que se verificam entre o exercício do discurso e as conjunturas históricas.

Maingueneau retoma da obra *A arqueologia do saber*, de Foucault, o termo “esquema de correspondência”:

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. “Não se trata de uma forma intemporal, mas de **um esquema de correspondência** entre diversas séries temporais” (FOUCAULT, 1986:83)

O autor considera que há algum esquema de correspondência entre campos à primeira vista heterônimos e inicia sua proposição indicando a necessidade de superar um dualismo que preside à tipologização dos textos: textos mais

imediatamente legíveis enquanto testemunho de uma época e, por essa razão mesma, objetos que o historiador privilegia em seu desejo de “compreender uma época” e discursos ditos “abstratos”, categoria que compreende produções literárias, filosóficas, religiosas, pictóricas, musicais etc.

Discorrendo acerca dessa divisão, o autor aponta especialismos que vêm se mantendo ao longo do tempo: por um lado, o especialista erudito que lida com os textos; por outro, o historiador. Dessa forma, em vez de uma reflexão sobre uma abordagem específica, Maingueneau aponta diversas abordagens que vão se alternando no tratamento da discursividade em seu encontro com o contexto histórico e o que parece sempre permanecer nessas abordagens é o incontornável hiato entre “conjuntos textuais supostamente abertos em relação com as condições de produção e outros cuja estrutura seria demasiadamente rica” e que coincidem com os já mencionados “*corpora* prestigiosos de discursos abstratos” (2008:173).

A fim de superar a questão que coloca, de um lado, os discursos abstratos e, de outro, textos de forte inscrição sócio-histórica, a proposta do autor de uma semântica global busca um modo de articulação entre um dado conjunto de coerções (que, por definição, englobaria os diversos planos de um discurso) e uma conjuntura histórica.

Dessa forma, Maingueneau conclui a última hipótese discutindo, ainda, o caso da reedição de textos em tempo e espaço distanciados dos que originalmente presidiram à edição de origem. Menciona obras do humanismo devoto no século XIX que foram reeditadas com pequenas modificações em títulos e planos da sintaxe e do vocabulário. Aponta que, se tal reedição foi possível, é porque havia possibilidade de alguma ressonância entre os referidos textos e a realidade social de então. O autor defende a ideia de que mesmo o texto sendo republicado na íntegra, não há uma reedição do mesmo discurso, uma vez que um discurso

sempre se confunde com a sua emergência histórica, o espaço discursivo no interior do qual se constitui, as instituições através das quais se desenvolveu, os isomorfismos em cuja rede ele foi envolvido. Basta que isso falte para que a identidade de uma posição enunciativa se desfaça. A reedição das obras humanistas devotas faz delas um fragmento de uma nova formação discursiva, aquela a cujo serviço foram incorporadas; ela não pode suscitar uma ressurreição. (MAINGUENEAU, 2008:188)

A breve exposição das hipóteses de Maingueneau na obra *Gênese dos discursos* é bastante relevante para nossa análise e algumas hipóteses serão privilegiadas, em especial, a do *Primado do interdiscurso* e a da *Semântica global*.

Concordamos com o princípio do autor acerca de uma semântica global que não apreende o discurso privilegiando determinados planos, mas integrando-os a todos. O que nos chama a atenção é a nova maneira de Maingueneau de fazer Análise do Discurso: são propostas noções e categorias de análise que afetam a discursividade para além da relação direta entre a língua e a história. Para o autor, o interdiscurso precede o discurso e o tratamento do discurso acontece a partir de um sistema de restrições/coersões globais. Nesse sistema de restrições semânticas, perseguimos a instância da intertextualidade, uma vez que, como já mencionado, iniciamos esse estudo na pesquisa de mestrado<sup>22</sup> e pretendemos ampliar e analisar novas possibilidades de abordagem desse seguimento.

### 3.3 O fenômeno da intertextualidade

A interdiscursividade e a intertextualidade são conceitos importantes para a compreensão da presente pesquisa. Ambos começam com o prefixo “inter”, de origem latina, que representa uma ideia de posição intermediária, de reciprocidade, de relação (entre). Por essa razão, pode-se afirmar que a interdiscursividade está para a relação entre discursos e a intertextualidade para a relação entre textos.

A noção de intertextualidade foi introduzida na Teoria Literária pela semioticista Júlia Kristeva em 1966, por influência da noção de dialogicidade que Bakhtin havia desenvolvido. Para ele, cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação. De modo geral, o filósofo russo associa os fenômenos ideológicos às condições e às formas de interação social. Os signos ideológicos resultam da materialização dessa interação. Portanto, é impossível pensar o homem fora dessa relação com o “outro”. O sujeito só se constitui nesse processo de interação, e ignorar a natureza dialógica da linguagem seria o mesmo que desconsiderar a ligação existente entre linguagem e fala.

O conceito de dialogismo, para Kristeva, estende-se tanto aos sistemas não-verbais quanto à própria noção de texto. A autora considera texto quase todos os

---

<sup>22</sup> A pesquisa de mestrado teve como foco as marcas da intertextualidade presentes nas crônicas futebolísticas.

sistemas e estruturas culturais. Isso é importante para estender as fronteiras da intertextualidade para muito além do campo linguístico. Atualmente se estuda a intertextualidade nos mais variados campos, como artes plásticas, cinema, dança e multimídia.

Apoiados tanto em Kristeva quanto em Bakhtin, podemos afirmar que a intertextualidade é entendida como um fator de construção social que pressupõe um universo histórico-social e cultural muito amplo e complexo, pois implica a identificação das referências; o conhecimento de mundo, que deve ser comum ao produtor e ao receptor de textos; o reconhecimento de remissões a obras, além de exigir do leitor a capacidade de compreender a função da presença daquela citação ou alusão a outros textos.

Ainda segundo Kristeva (1978:72), “todo o texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade”. É exatamente essa busca de elementos novos, apoiados na assimilação e transformação, que torna relevantes os pressupostos da autora, já que possibilita leituras capazes de recuperar outros textos que, uma vez deslocados de sua origem, ganham nova significação.

Barthes (1977:99) afirma que não há textos puros na medida em que “qualquer texto é um novo tecido de citações passadas” e todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos conhecíveis. O autor refere-se à leitura como sendo um ato lexicográfico, o que significa dizer que, quando lemos, estamos escrevendo nossa leitura, portanto, encontrando sentidos que nos levam a outros sentidos.

Para os pesquisadores da AD a intertextualidade é condição de existência do próprio discurso, portanto, a intertextualidade é vista em um sentido amplo. Maingueneau (1997) afirma que um discurso não vem ao mundo numa “inocente solitude”, mas sendo construído por meio de um “já-dito” em relação ao qual toma uma posição. Segundo o autor, o intertexto é um componente importante para as condições de produção, justamente porque – sendo a leitura um processo cognitivo, resultado de informações fornecidas pelo texto – decorre de fundamentos inter e multidisciplinares.

Partindo do princípio da heterogeneidade de Bakhtin, Koch (2007), distingue a intertextualidade em sentido amplo e em sentido restrito. A primeira é a condição de existência do próprio discurso; ocorre sempre de maneira implícita, ou seja, está

presente em todos os tipos de texto. Esse tipo de intertextualidade vai muito além da relação de um texto com outro texto, ela é a própria cultura. A autora sugere o termo *interdiscurso* para a intertextualidade em sentido amplo. A segunda, intertextualidade de sentido restrito, é a relação de um texto com outros textos existentes.

A argumentatividade, para a autora, está presente na intertextualidade em graus diferenciados. Quando a intertextualidade for de sentido amplo, a presença da argumentatividade será mínima. Isso é bem diferente nos casos de intertextualidade de sentido restrito, em que o grau de argumentatividade é bem mais elevado, como no caso das citações referenciais que são manifestações típicas de argumentação por recurso de autoridade.

Ampliando o estudo do fenômeno da intertextualidade, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) classificam outros tipos de intertextualidade: intertextualidade explícita, intertextualidade implícita, intertextualidade temática, intertextualidade estilística, intertextualidade intergenérica e intratextualidade.

A intertextualidade explícita ocorrerá quando um texto apresentar uma indicação direta da fonte, como acontece com as paráfrases, com a citação referencial, com um comentário crítico de um livro ou de um artigo, etc. A citação referencial, por exemplo, tem origem no princípio jurídico que obriga o indivíduo a prestar testemunho ou depoimento à justiça. Com o tempo, ela foi ganhando *status* de autoridade e de legitimação da verdade de qualquer discurso: científico, religioso, jurídico, jornalístico.

A intertextualidade será implícita quando não houver elemento indicador explícito da fonte do texto base que, de alguma forma, foi aproveitado em outro texto. Ela também é percebida na noção de conteúdo que está relacionada ao conhecimento de mundo (Koch e Travaglia, 2008). Os autores apresentam, como exemplo, o caso de uma série de matérias jornalísticas sobre um determinado fato, elaboradas durante alguns dias. A cada novo artigo produzido, o jornalista pressupõe que seu leitor terá um mínimo de conhecimento do assunto abordado. Isso significa que ele não irá repetir todas as informações anteriores relacionadas ao assunto. O jornalista pode limitar-se apenas a uma síntese das matérias.

A intertextualidade temática ou de conteúdo ocorre quando textos de uma mesma área do saber ou de uma mesma corrente de pensamento partilham temas e se servem de conceitos e terminologias próprios. Os textos científicos, os textos

literários, as revistas semanais e as matérias de um mesmo jornal que tratam do mesmo assunto configuram-se nessa intertextualidade. As matérias jornalísticas, por exemplo, normalmente “dialogam” entre si, ao tratarem de um fato em destaque (Koch e Travaglia, 2008).

A intertextualidade estilística ocorre quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas. Um leitor que entra em contato com algum texto que mantenha intertextualidade com a Bíblia, por exemplo, pode até atribuir-lhe sentido, mas certamente deixará de perceber muitas das significações pretendidas pelo produtor dos mesmos. Há também o jargão profissional, o dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade, ou seja, várias maneiras em que o intertexto é imitado para a construção de novo sentido.

A intertextualidade intergenérica ocorre quando um gênero exerce a função de outro, o que é muito comum, segundo as autoras, em colunas jornalísticas, inclusive charges, o uso de fábulas, contos infantis, cartas etc.

Já a intratextualidade ou autotextualidade é utilizada para tratar da remissão ao texto de um autor por ele mesmo.

As noções de intertextualidade e intertexto também são tratadas por Maingueneau (2008) que as distingue: o intertexto refere-se a fragmentos efetivamente citados e a intertextualidade, a tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimos. Assim, a intertextualidade abrange relações entre formações discursivas diferentes, enquanto a interdiscursividade, a relação de um discurso com outros, a partir, também, da relação entre formações discursivas diferentes.

Antes de seguir com os procedimentos de análise, vale observar que nosso estudo tem como base a AD em sua essência *interdisciplinar* ou *transdisciplinar*<sup>23</sup> e, assim, compreendemos também um sujeito interdisciplinar, ou seja, integralista e pouco fragmentado. Pelo seu traço interdisciplinar, a AD criou uma possibilidade de caminhos mais abertos para os analistas do discurso, logo, nosso percurso não se inibe em recorrer à Teoria Literária ou a Linguística Textual para favorecer aos nossos objetivos.

---

<sup>23</sup> Aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Se o objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 1999:53).

Reconhecemos e compartilhamos dos investimentos que a linguística fez acerca do processo de intertextualidade explícita e implícita ou, nos termos de Mangueneau (2008), heterogeneidade mostrada e constitutiva, porém entendemos que elas só podem ser apreendidas por um procedimento analítico que parta do primado do interdiscurso e que possa ir além da disciplina.

A seguir procederemos às análises das crônicas selecionadas para esta pesquisa observando os pressupostos teóricos segundo as bases teóricas escolhidas para o presente estudo.



**CAPÍTULO IV**

**O FUTEBOL NAS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS**

*Futebol, o esporte das multidões. Cada vez menos esporte e menos multidões.*

Millôr Fernandes



Portinari. *Futebol*. Desenho a guache sobre papel, 1941.

#### 4.1 Análise das crônicas

Este capítulo trata do objeto de estudo da tese, as crônicas do jornal *Folha de S. Paulo* produzidas entre junho e julho de 2010. O conjunto de crônicas selecionado teve como tema norteador o futebol, no entanto, diversos temas foram relacionados no espaço discursivo para exemplificar a teoria e, como objetivo primordial, confirmar ou contestar as conjecturas pressupostas pelas hipóteses desta pesquisa.

A análise procura enfatizar a busca de sentidos no texto e como nosso objetivo é analisar a interdiscursividade e a semântica global nas crônicas selecionadas, em alguns momentos migraremos para outros espaços do caderno para enfatizar nossas reflexões. Isso acontecerá quando um texto fizer referência a notícias e fatos altamente relevantes para comprovação de nosso estudo. Certamente, não será uma migração aleatória, mas autorizada, tendo como ponto de partida a própria crônica. Isso significa que será justamente por meio dela que remeteremos nossa análise para outras seções sempre que se fizer necessário à demonstração de nossos argumentos com relação à instância da intertextualidade nas crônicas jornalísticas.

Quando lemos, estabelecemos relações entre o que está escrito no texto, o que não está e relacionamos com o que temos em nossa memória discursiva. Como mencionado, a intertextualidade é a presença de um texto inserido em outro texto produzido anteriormente. Para a identificação da intertextualidade, é necessário que o texto-fonte faça parte da memória discursiva do leitor e ele seja ativado no momento da leitura. A produção de sentidos desejada na leitura em muitos casos depende da identificação da intertextualidade. Ela pode ser identificada por um intertexto de maneira implícita ou explícita. O texto-fonte pode ser ativado por um trecho, estilo, gênero ou tipo.

Pretende-se, nas análises a seguir, enfatizar a relação de sentidos que o texto mantém com quem o produz, com quem o lê, com outros textos (intertextualidade) e com outros discursos possíveis (interdiscursividade). No entanto, é importante observar que um sentido constrói-se independentemente do que seja pretendido pelo autor. Nessa perspectiva, Chartier afirma que,

Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum, ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da literatura supõe, em seu princípio, esta

liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro [ou crônica] pretende lhe impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (CHARTIER, 1998:77)

A crônica é um texto que pode ser produzido tanto por um jornalista quanto por outra pessoa, que é contratada pelo jornal para escrever em um espaço específico. No *corpus* analisado, todas as crônicas são assinadas, publicadas no caderno *Ilustrada* e expressam a visão do seu autor a respeito do tema futebol.

A seguir apresentamos, para uma visão mais global, a reprodução da página do jornal em que a crônica foi publicada. A crônica jornalística possui diagramação e espaço definidos, o que facilita a localização rápida por parte dos leitores que sabem que têm a sua frente um artigo assinado por um autor que pode escrever sobre um fato ou uma ficção. As crônicas em estudo aparecem sempre no alto e na última página do caderno *Ilustrada*. A composição gráfica inclui um título, seguido de uma assinatura, um texto que explora a temática do futebol, uma ilustração ao centro com o respectivo nome do autor acima da ilustração e, abaixo dela, um *lead*.

Para melhor leitura da crônica, transcrevemos na íntegra o texto e a data de publicação logo depois da reprodução da página do jornal em que se localiza a crônica. Segue, então, o primeiro texto do corpus, a crônica intitulada *A Copa e o tempo*, de Carlos Heitor Cony, publicada em 18 de junho de 2010.

AS RUAS estão enfeitadas de verde e amarelo: é a Copa do Mundo, mais uma. Competição e patriotismo à parte, cada Copa serve de referência, de baliza temporal para medir os anos que passam. Valem mais do que o simples réveillon que comemoramos anualmente: afinal, o tempo ganhou uma dimensão nova e o espaço de 12 meses é curto para as grandes perspectivas interiores.

Quatro anos não é muito nem pouco: é bastante. Chegará o dia em que mediremos nossa verdadeira idade interior pelas Copas e não pelos anos. Aliás, na Antiguidade média-se o tempo histórico pelas Olimpíadas.

E independente do resultado de cada torneio mundial, fica o espanto pelo tempo que foi passando. Custou a absorver os 60 anos que me separam da Copa de 1950, aqui mesmo no Rio, a primeira depois do intervalo provocado pela Segunda Guerra Mundial.

Evidente que tudo era estranho: Getúlio ainda não se suicidara, ninguém conhecia JK, Pelé era um menino de várzea, a Lúcia, inatingível, o Brasil não sabia fabricar uma tesourinha de unha. No plano particular, algumas mulheres que amei nem tinham nascido ainda.

Os livros que escrevi não estavam sequer na cabeça. Enfim, se um terremoto matasse os 200 mil torcedores que se espantam no Maracanã naquele Brasil x Uruguai de 1950, eu simplesmente não teria sido eu.

Não é o caso de perguntar se valeu a pena esta sobrevida de 60 anos. No plano estritamente esportivo, evidente que valeu: não vi o Bra-

sil campeão em 1950, mas desforrei a frustração em 58, 62, 70, 94 e 2002.

No campo geral da vida, desaprendi algumas coisas e aprendi outras, não necessariamente melhores. Casei, descasei, tive filhos, escrevi livros, fui preso, desci aos infernos e não subi aos céus.

Cada Copa me traz, assim, um referencial completo, inadiável, de minha passagem pela vida e pelo mundo — e já não ousa invocar aquela piedosa imagem da oração católica que chamou esta vida e o mundo de "vale de lágrimas".

Não, não houve tantas lágrimas

## A Copa e o tempo

CARLOS HEITOR CONY



Dora Longo Bahia

**Cada Copa é um encontro com o destino, não só no estádio, mas no campo de incertezas de cada mente**

assim. As últimas, em certo sentido, foram deixadas no próprio Maracanã, quando acabou o jogo e a multidão, atônita, sentiu que o sonho acabara.

Anos depois, um cara de Liverpool que se julgava mais importante do que Jesus Cristo, também proclamou que o sonho acabara. Bolas, o sonho não acaba: afinal, cada des-

pertar é o noviciado para novo sonho e assim vamos, de sonho em sonho, de Copa em Copa, levando o barco para frente.

De qualquer forma, é confortador que em 1982, na Copa da Espanha, eu estava de malas prontas para as férias de Positano, que Mila — minha setter de olhos cor de mel — acabara de chegar em minha vida.

Bom lembrar que em 1970 eu iniciava um tumultuado período de vida. Enfim, cada Copa, como cada dia, segundo as escrituras, tinha a sua malícia: "Sufficit diei malitia sua" (a cada dia bastam as suas

preocupações). Imagino quantas Copas ainda terei pela frente. Duas, três, quatro? Talvez nenhuma. Bem, o problema, de tão meu, não chega a ser meu: é do destino.

E aí está o que desejava dizer desde o início da crônica: cada Copa é um encontro com o destino, não apenas no estádio, mas no campo minado de incertezas de cada mente, de cada coração.

A cada Copa ela se torna mais presente na vida de todos, nos becos e nas ruas, asfalto e favela reagem do mesmo jeito, até o mercado aquece, vende-se mais, bebe-se mais. Mesmo comparando a de 1950, que foi no Brasil, com o Maracanã novinho, não havia tanto comprometimento social, mercadológico e sentimental como hoje.

O simples futebol é um pretexto temporal e factual para um encontro, breve, mas profundo, com os outros e até conosco. De repente nos descobrimos autênticos, sofrendo ou gozando por nada mesmo, por um sentimento geral que desperta em cada um de nós um estágio de pureza infantil, egoísta e coletiva ao mesmo tempo.

Evidente que a esperança (ou a confiança) no resultado final é o reagente químico para um tipo de festa que nem sempre acontece. Não importa. Cada Copa funciona como um tranco dentro de três meses e, por mais paradoxal que seja, uma pausa na verdadeira Copa da vida onde sempre perdemos.

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Drauzio Varella

### EXPOSIÇÃO

#### Evento homenageia Carmen Miranda

Inicia hoje em Cascais, Portugal, a exposição "A Nossa Carmen - A Maior Luso-brasileira de Sempre", que conta a história da Pequena Notável atra-

vés de roupas, joias, sapatos, cartazes, vídeos e fotos. A mostra vai até 26 de setembro e tem curadoria de Ruy Castro, colunista da **Folha**.

### OLIMPÍADA 2012

#### Boyle dirige abertura dos jogos de Londres

Vencedor do Oscar 2009 por "Quem Quer Ser Um Milionário", inglês Danny Boyle teve seu nome anunciado ontem.

### GRÁTIS

#### Espaço cultural no parque da Água Branca terá atividades grátis

**DE SÃO PAULO** - Uma apresentação de chorinho amanhã, às 16h, e oficinas de reciclagem, nos dias 26 e 27, às 15h, são os destaques das primeiras atrações que acontecem no novo Espaço Cultural Tattersal, que foi inaugurado na última quarta-feira em São Paulo.

A abertura do espaço, localizado dentro do parque da Água Branca, na Zona Oeste da cidade, é parte do programa de revitalização do local. Durante anos, o Tattersal abrigou exposições de gado. Hoje, depois da reforma — que renovou também as partes acústica e de iluminação —, tem capacidade para receber cerca de 170 pessoas.

As atrações que acontecem neste e no próximo final de semana são promovidas pela Unesp. Neste domingo, dia 20, não haverá atividades por causa do jogo do Brasil.

A programação das atividades culturais, que são gratuitas e acontecem sempre aos sábados e domingos à tarde, será disponibilizada nas portarias do parque e também no site do Fundo de Solidariedade e Desenvolvimento Social e Cultural do Estado de São Paulo ([www.fundossocial.sp.gov.br](http://www.fundossocial.sp.gov.br)).

### FOTAJORNALISMO

#### Folha recebe 1.954 inscrições para 2ª turma de curso

**DE SÃO PAULO** - O 2º programa de treinamento em fotojornalismo da **Folha** recebeu 1.954 inscrições. O curso, que pretende ensinar fotógrafos talentosos a trabalhar em jornalismo, está previsto para setembro e outubro. Será patrocinado por Philip Morris Brasil, Odebrecht e Syngenta.

A seleção, em três etapas, deve durar até agosto. Até 5/7, estão abertas inscrições para a 5ª turma de treinamento em jornalismo multimídia. Para saber mais, acesse o site [www.folha.com.br/treinamento](http://www.folha.com.br/treinamento).

www.novabrazilfm.com.br

Lançamos sucessos, descobrimos talentos e conquistamos fãs. Não é à toa que dez anos passaram tão rápido.

10 ANOS

Nova Brasil FM. Dez anos de MPB no seu rádio.

Há dez anos, a Nova Brasil FM nasceu para valorizar o talento do artista nacional. Uma rádio moderna e vibrante, que leva até o público o melhor da nova música brasileira. Sintetize também 89,7 e descubra por que a Nova está conquistando São Paulo.

89,7 NOVA Brasil FM

Caio Blat e Maria Flor em cenas de "O BEM AMADO"

FESTIVAIS: Ouro Preto e brasileiros no Cinesul

www.paginadocinema.com.br

Página do CINEMA .COM.BR

+ videos entrevistas reportagens

Globo Filmes - O cinema que fala a sua língua

www.globofilmes.com.br

© 2010 Página do Cinema é produzido pelo Globo Filmes para Weblog e Cinema brasileiro

### 4.1.1 - A Copa e o tempo<sup>24</sup>

Carlos Heitor Cony

AS RUAS estão enfeitadas de verde e amarelo: é a Copa do Mundo, mais uma. Competição e patriotismo à parte, cada Copa serve de referência, de baliza temporal para medir os anos que passam. Valem mais do que o simples Réveillon que comemoramos anualmente: afinal, o tempo ganhou uma dimensão nova e o espaço de 12 meses é curto para as grandes perspectivas interiores. Quatro anos não é muito nem pouco: é bastante. Chegará o dia em que mediremos nossa verdadeira idade interior pelas Copas e não pelos anos. Aliás, na Antiguidade media-se o tempo histórico pelas Olimpíadas.

E independente do resultado de cada torneio mundial, fica o espanto pelo tempo que foi passando. Custo a absorver os 60 anos que me separam da Copa de 1950, aqui mesmo no Rio, a primeira depois do intervalo provocado pela Segunda Guerra Mundial.

Evidente que tudo era estranho: Getúlio ainda não se suicidara, ninguém conhecia JK, Pelé era um menino de várzea, a Lua, inatingível, o Brasil não sabia fabricar uma tesourinha de unha. No plano particular, algumas mulheres que amei nem tinham nascido ainda.

Os livros que escrevi não estavam sequer na cabeça. Enfim, se um terremoto matasse os 200 mil torcedores que se espremiavam no Maracanã naquele Brasil x Uruguai de 1950, eu simplesmente não teria sido eu.

Não é o caso de perguntar se valeu a pena esta sobrevida de 60 anos. No plano estritamente esportivo, evidente que valeu: não vi o Brasil campeão em 1950, mas desforrei a frustração em 58, 62, 70, 94 e 2002.

No campo geral da vida, desaprendi algumas coisas e aprendi outras, não necessariamente melhores. Casei, descasei, tive filhos, escrevi livros, fui preso, descendi aos infernos e não subi aos céus. Cada Copa me traz, assim, um referencial completo, inadiável, de minha passagem pela vida e pelo mundo – e já não ousa invocar aquela piedosa imagem da oração católica que chamou esta vida e o mundo de “vale de lágrimas”.

Não, não houve tantas lágrimas assim. As últimas, em certo sentido, foram deixadas no próprio Maracanã, quando acabou o jogo e a multidão, atônita, sentiu que o sonho acabara.

Anos depois, um cara de Liverpool que se julgava mais importante do que Jesus Cristo, também proclamou que o sonho acabara. Bolas, o sonho não acaba: afinal, cada despertar é o noviciado para novo sonho e assim vamos, de sonho em sonho, de Copa em Copa, levando o barco para frente.

De qualquer forma, é confortador que em 1982, na Copa da Espanha, eu estava de malas prontas para as férias de Positano, que Mila – minha setter de olhos cor de mel – acabara de chegar em minha vida.

Bom lembrar que em 1970 eu iniciava um tumultuado período de vida. Enfim, cada Copa, como cada dia, segundo as escrituras, tinha a sua malícia: “Sufficit diei malitia sua” (a cada dia bastam as suas preocupações). Imagino quantas Copas ainda terei pela frente. Duas, três, quatro? Talvez nenhuma. Bem, o problema, de tão meu, não chega a ser meu: é do destino.

E aí está o que desejava dizer desde o início da crônica: cada Copa é um encontro com o destino, não apenas no estádio, mas no campo minado de incertezas de cada mente, de cada coração.

A cada Copa ela se torna mais presente na vida de todos, nos becos e nas ruas, asfalto e favela reagem do mesmo jeito, até o mercado aquece, vende-se mais, bebe-se mais. Mesmo comparando a de 1950, que foi no Brasil, com o Maracanã novinho, não havia tanto comprometimento social, mercadológico e sentimental como hoje.

O simples futebol é um pretexto temporal e factual para um encontro, breve, mas profundo, com os outros e até conosco. De repente nos descobrimos autênticos, sofrendo ou gozando por nada mesmo, por um sentimento geral que desperta em cada um de nós um estágio de pureza infantil, egoísta e coletiva ao mesmo tempo.

Evidente que a esperança (ou a confiança) no resultado final é o reagente químico para um tipo de festa que nem sempre acontece. Não importa. Cada Copa funciona como um tranco dentro de nós mesmos e, por mais paradoxal que seja, uma pausa na verdadeira Copa da vida onde sempre perdemos.

<sup>24</sup> Texto de Carlos Heitor Cony publicado no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* de 18 de junho de 2010.

A primeira crônica analisada intitula-se *A Copa e o tempo*, publicada no caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 18 de junho de 2010. O tema futebol também é visitado pelo autor na crônica “Pernas de pau e cabeça de bagre”<sup>25</sup>, publicada ainda no período da Copa do Mundo, o que comprova a preferência do autor pela temática, pelo assunto e pela vontade de se “falar” acerca do futebol. Nossa escolha pela primeira crônica publicada deve-se ao fato desta conter elementos mais significativo para nossa análise.

O título, por meio do marcador “e” que adiciona dois elementos: “Copa” e “tempo”. O autor discorre, na crônica, justamente acerca da Copa do Mundo, lugar onde se instaura a cena, e o tempo, como marcador que anuncia a passagem cronológica de quatro anos entre uma Copa do Mundo e outra. Apesar de nosso foco de análise se pautar na instância da intertextualidade, faz-se necessário considerar, nesse momento, a noção de cenografia, uma vez que ela é instituída pelo próprio texto, isto é, o discurso determina a cenografia que implica tanto uma figura de enunciador e coenunciador, quanto a de *déixis* em sua dupla modalidade, espacial e temporal. Segundo Maingueneau (2008), o quadro de uma *cenografia enunciativa* abriga os coenunciadores do discurso, uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar).

### Recorte 1

As ruas estão enfeitadas de verde e amarelo: é a Copa do Mundo, mais uma. Competição e patriotismo à parte, cada Copa serve de referência, de baliza temporal para medir os anos que passam. Valem mais do que o simples Réveillon que comemoramos anualmente: afinal, o tempo ganhou uma dimensão nova e o espaço de 12 meses é curto para as **grandes perspectivas interiores**.

O autor deixa de privilegiar dois fatores importantes do evento esportivo - competição e patriotismo - para afirmar que o espaço de quatro anos que compreende o período entre as Copas, serve como referência ao tempo que passa e que o Réveillon, marco de doze meses, já é pequeno para essa passagem. Então, a afirmação de que “o tempo ganhou uma nova dimensão”, procede quando o autor se refere às “grandes perspectivas interiores”.

---

<sup>25</sup> Crônica publicada em 25 de junho de 2010, anexo 02.

## Recorte 2

Aliás, na Antiguidade media-se o tempo histórico pelas Olimpíadas. E independente do resultado de cada torneio mundial, fica o espanto pelo tempo que foi passando. Custou a absorver os 60 anos que me separam da Copa de 1950, aqui mesmo no Rio, a primeira depois do intervalo provocado pela Segunda Guerra Mundial.

Evidente que tudo era estranho: Getúlio ainda não se suicidara, ninguém conhecia JK, Pelé era um menino de várzea, a Lua, inatingível, o Brasil não sabia fabricar uma tesourinha de unha. No plano particular, algumas mulheres que amei nem tinham nascido ainda.

O autor trabalha tanto a intertextualidade implícita quanto a explícita quando cita, recorte 2, que na Antiguidade o tempo histórico era medido pelas Olimpíadas e outros momentos são apontados para marcar o tempo. Fragmentos como a lembrança da Segunda Guerra Mundial ou do presidente Getúlio Vargas ou, ainda, JK e, no campo futebolístico, Pelé, são personalidades que marcaram época. Fatos históricos também fazem parte dessa passagem: a conquista da Lua e a economia brasileira. O autor, por meio de citações, referências e alusões, estabelece relação intertextual para construir sentido.

## Recorte 3

Não é o caso de perguntar se valeu a pena esta sobrevida de 60 anos. No plano estritamente esportivo, evidente que valeu: não vi o Brasil campeão em 1950, mas desforrei a frustração em 58, 62, 70, 94 e 2002.

No campo geral da vida, desaprendi algumas coisas e aprendi outras, não necessariamente melhores. Casei, descasei, tive filhos, escrevi livros, fui preso, **desci aos infernos** e não subi aos céus.

O paralelo estabelecido na crônica se dá no diálogo discursivo entre a vida esportiva e a vida pessoal do autor. No primeiro caso, ele cita as vitórias do Brasil no futebol em 58, 62, 70, 94 e 2002 e, em relação à vida pessoal, relata que se casou, descasou, teve filhos, escreveu livros, foi preso e, de quatro em quatro anos, Copas aconteciam e fatos importantes de sua vida transcorriam na velocidade das Copas. O autor pergunta-se de forma indireta e retórica se tudo o que viveu até os 60 anos teria valido a pena. A resposta é dada em dois planos: o esportivo e o pessoal. Para o primeiro plano a resposta é sim, valeu a pena, pois ele viu a vitória do Brasil em vários torneios, porém, em relação à vida pessoal, coisas boas e ruins aconteceram;

em relação às boas, ele menciona casar-se, ter filhos etc., e, quanto às ruins, menciona a prisão<sup>26</sup>, a descida aos infernos e a não subida aos céus.

#### Recorte 4

Não, não houve tantas lágrimas assim. As últimas, em certo sentido, foram deixadas no próprio Maracanã, quando acabou o jogo e a multidão atônita, sentiu que o sonho acabara.

Anos depois, **um cara de Liverpool** que se julgava mais importante do que **Jesus Cristo**, também proclamou que o sonho acabara. Bolas, **o sonho não acaba**: afinal, cada despertar é o noviciado para novo sonho e assim vamos, de sonho em sonho, de Copa em Copa, **levando o barco para frente**.

O autor menciona a tristeza de não ter visto o Brasil campeão na Copa de 1950 e que naquele momento “o sonho acabara”, frase que faz referência a um homem que se julgava mais importante do que Jesus Cristo, John Lennon, integrante da banca *The Beatles* e que morreu assassinado em 8 de dezembro de 1980, em Nova York, por Mark David Chapman. O intertexto é marcado pelas referências a John Lennon e sua famosa frase “o sonho acabou”. Essa frase insere-se na letra da música “God” (Deus)<sup>27</sup>, em que o cantor afirma acreditar apenas em si mesmo e que é preciso continuar, “Vocês precisam continuar”, porém, sem acreditar no outro, pois “o sonho acabou”. Já o discurso construído na crônica compartilha da ideia de que é preciso levar “o barco para frente”, ou seja, continuar, todavia se opõe a afirmação de que “o sonho acabou”, pois “o sonho não acaba”. A intertextualidade no trecho em análise, apesar de não ter a citação a John Lennon, conta com a memória do leitor para produzir sentido pretendido, pois a mesma expressão “o sonho acabou” não traz as aspas, logo, entende-se que ela foi incorporada ao discurso do cronista que pretende estabelecer sentido recuperando a memória enciclopédica de seu leitor.

#### Recorte 5

E aí está o que desejava dizer desde o início da crônica: cada Copa é um encontro com o destino, não apenas no estádio, mas no campo minado de incertezas de cada mente, de cada coração.

<sup>26</sup> Carlos Heitor Cony foi preso em 1968 quando retornou de Cuba e em 13 de dezembro de 1978, pelo regime militar, data da decretação do Ato Institucional nº 5. Disponível em: [http://www.releitura.com/cony\\_bio.asp](http://www.releitura.com/cony_bio.asp). Acesso em: 01.07.2014.

<sup>27</sup> Anexo 03, letra da música *God*, de John Lennon.

A cada Copa ela se torna mais presente na vida de todos, nos becos e nas ruas, asfalto e favela reagem do mesmo jeito, até o mercado aquece, vende-se mais, bebe-se mais. Mesmo comparando a de 1950, que foi no Brasil, com o Maracanã novinho, não havia tanto **comprometimento social**, mercadológico e sentimental como hoje.

O autor segue comentando acerca da Copa e do tempo e explicita a finalidade da crônica, o que quis dizer, como se fosse quase uma moral, “cada Copa é um encontro com o destino, não apenas no estádio, mas no campo minado de incertezas de cada mente, de cada coração”.

Devido à formação do autor, referências religiosas estão presentes de forma significativa em suas crônicas, então, citações como “piedosa imagem da oração católica que chamou esta vida e o mundo de ‘vale de lágrimas’” ou “segundo as escritas, tinha a sua malícia: “Sufficit diei malitia sua” (a cada dia bastam as suas preocupações)” são frequentes no corpo de sua narrativa.

#### **Recorte 6**

O simples futebol é um pretexto temporal e factual para um encontro, breve, mas profundo, com os outros e até conosco. De repente nos descobrimos autênticos, sofrendo ou gozando por nada mesmo, por um sentimento geral que desperta em cada um de nós um estágio de pureza infantil, egoísta e coletiva ao mesmo tempo.

No recorte 6, o autor afirma ser o futebol um pretexto para encontros consigo mesmo ou com o outro e, de forma poética, descreve o que tal esporte desperta nas pessoas e o paradoxo entre cada Copa do Mundo e os sentimentos dos torcedores. A concepção da alteridade se instaura a partir do que o futebol representa socialmente. Um fenômeno sociocultural que ultrapassa a visão utilitarista de esporte das multidões, representando um estilo de vida, com todas as suas características peculiares. Ainda nesse excerto, quando o autor menciona “sentimento geral”, faz referência àquilo que o futebol proporciona coletivamente, ou seja, alívio das pressões e decepções sociais do cotidiano, porém, ao mesmo tempo, alegria, prazer e descontração. É possível depositar no futebol uma esperança de vitória e sucesso que na vida “real” não aconteceria.

A seguir, ilustração extraída da crônica em análise.



(Figura 6. Ilustração de Dora Longo Bahia)

Embora um estudo da teoria criada por Charles Sanders Peirce<sup>28</sup>, acerca da semiótica não seja nosso propósito nessa análise, a prática intersemiótica insere-se em uma prática discursiva que integra vários textos que a AD considera interdiscursivamente, ou seja, os discursos são apenas componentes e não se constituem independentemente uns dos outros. Por essa razão, podemos afirmar que a relação interdiscursiva que faz a interação semântica entre os discursos. Dessa forma, a noção de *texto* para essa proposta é a de “diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva”. (MAINGUENEAU, 2008:139)

A ilustração que acompanha a crônica em análise, produzida por Dora Longo Bahia<sup>29</sup>, dialoga com o texto mostrando a confraternização dos jogadores depois do momento do gol, ou seja, o abraço de toda a equipe nos minutos seguidos após os pontos conseguidos na partida. Elementos explorados no texto como “um encontro”,

<sup>28</sup> Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano, é considerado o fundador da moderna Semiótica. Graduou-se com louvor pela Universidade de Harvard em Química, fez contribuições importantes no campo da Geodésia, Biologia, Psicologia, Matemática, Filosofia. Peirce, como diz Santaella (1983:19), foi um “Leonardo das ciências modernas”. Uma das marcas do pensamento peirceano é a ampliação da noção de signo e, conseqüentemente, da noção de linguagem. Santaella, L. (1983). *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense.

<sup>29</sup> Dora Longo Bahia (São Paulo SP 1961). Artista multimídia. Desde 1984 trabalha com cenografia, ilustração e performance. Concluiu em 1987 o curso de licenciatura em educação artística na Fundação Armando Álvares Penteado – Faap, onde foi aluna de Nelson Leimer. Nessa época produziu trabalhos de gravura em metal com imagens que se referiam a heróis de histórias em quadrinhos. Desde a década de 1990, suas pinturas relatam sua condição urbana ao tratar de temas como violência, sexo e morte. Desde 1993 é ilustradora da *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas>. Acesso em: 30/07/2013.

“nos descobrimos autênticos”, “sofremos ou gozamos”, “sentimento geral”, “pureza infantil”, “esperança”, “festa”, dialogam com a imagem revelado no momento da confraternização entre os jogadores e, embora, não haja uma segunda imagem, é possível construí-la na memória discursiva como sendo de torcedores se abraçando, como um “reflexo” do que ocorre no campo, pois a festa é de todos. A imagem mostra a partir de outras imagens possíveis. A relação intersemiótica é produzida pela memória discursiva materializada no texto verbal e não verbal.

A seguir, analisaremos o segundo texto do *corpus*, a crônica intitulada *Pior é melhor*, de Marcelo Coelho, publicada em 23 de junho de 2010.

**MAU PROFETA**, eu estava prevendo um empate no jogo entre Brasil e Costa do Marfim. Seria melhor, pensei: elimine-se logo a Seleção do Dunga, e libere-me da chateação daqueles passes laterais que ocuparam tanto tempo do jogo contra a Coreia do Norte.

Coreia do Norte. Santo Deus. Veio o jogo contra a Costa do Marfim, e tivemos uma vitória muito bonita. Mais do que isso: foi muito interessante do ponto de vista moral, por vários motivos.

Antes de tudo, o gol de Luís Fabiano com a ajuda do braço não deixa de propor uma questão filosófica. Que o lance era duvidoso, ninguém discute. Mas que juiz iria ter disposição para anular um gol daqueles?

Eis um caso em que o máximo rigor na obediência às regras acarretaria quase que uma tração ao espírito do futebol. O talento e a estética falaram mais alto do que a lei. A ética, se quisermos colocar nesses termos, mostrou os seus limites.

O toque de ombro, disse Luís Fabiano, foi "involuntário". Não acho que sua declaração tenha sido irônica, nem abertamente cínica como a famosa "mão de Deus" de Maradona. Luís Fabiano pode mesmo ter agido por reflexo, sem dolo, por assim dizer.

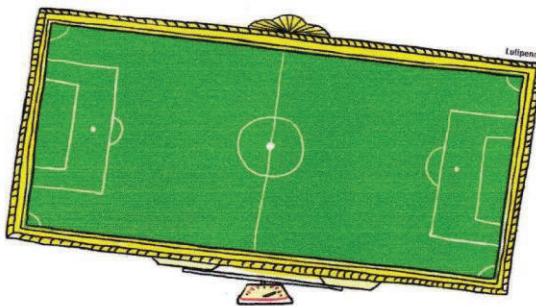
Ou não. Mas seria um crime dizer que o gol não valeu. Num mundo perfeito, do ponto de vista moral, imagino a seguinte cena: o juiz anula o gol de Luís Fabiano, a Costa do Marfim reinicia o jogo, Drogba pega a bola e faz um gol contra de propósito, em homenagem ao talento do adversário.

Mas a Costa do Marfim não estava para gentilezas, e aí vem o segundo aspecto "moral" que deu especial interesse à partida de domingo. Como todo sujeito de bons princípios, tendo a ter pena dos times mais fracos. Numa espécie de reflexo condicionado da minha cultura cristã de esquerda, persegui a derrota como uma formiga atrás do mel. Desde que não nos tirem o título de campeões do mundo, é claro.

Pois bem, os jogadores da Costa do Marfim não tinham nada de coitadinhos; com o jogo já perdido, pareciam querer a revanche ali mes-

## Pior é melhor

MARCELO COELHO



**Eis que o craque evangélico, bom moço por excelência, dá uma cotovelada e é expulso de campo!**

mo, em sangue. Leio no jornal do dia seguinte que se irritaram; aceitaram perder, mas nunca a humilhação do "olé" que se esboçou.

Não é desculpa — ainda que possa servir, como dizem os católicos, como tema "para reflexão". Abandonando o campo católico, entretanto, para falar de Kaká. Eis que o craque evangélico, bom moço por excelên-

cia, perde as estribeiras, dá uma cotovelada e é expulso de campo!

Depois de tantos jogadores entregues à luxúria, à intemperança, à preguiça, ao orgulho e a não sei mais o quê, a monástica disciplina de Dunga e o jeito certinho de Kaká contavam com minha simpatia. Mais simpatia dedico, todavia, ao tranco — até que sutil — que nosso atacante deu no marfinense. Dizem que a expulsão foi injusta; não importa. Ser expulso melhora Kaká.

"Não seja bonzinho: seja real". Este é o título de um livro de um autoajuda lançado há pouco pela edi-

tora Madras. Seu autor é Kelly Bryson, terapeuta familiar e divulgador dos princípios da Comunicação Não Violenta (CNV). Até na Bósnia e em Israel ele encontrou ouvintes atentos, imagine.

Como em tantos livros do gênero, misturam-se historinhas persuasivas, toques de humor e aquele tipo de verdades que correspondem exatamente ao que queremos ouvir. Espero ainda assim aproveitar, ou esquecer, uma lista que surge logo no começo do livro. Intitula-se "Sete Passos para o Autossacrifício, ou Como Tornar-se um Capacho".

Por exemplo: "ouça os outros mais do que gostaria", "faça o possível para evitar que os outros piorem"; "adote o lema: 'eu por último'"; O resultado, diz Kelly Bryson, será que você terminará desenvolvendo muita raiva dos outros, sem melhorar-lhes a vida. E ainda corre o risco de desenvolver doenças psicossomáticas.

O último ponto é convenientemente criticado pela ensaísta Barbara Ehrenreich, em outro livro que acaba indo na mesma direção. Trata-se de "Smile or Die" ("Sorria ou Morra"), uma crítica à ideologia do pensamento positivo — que no fundo faz de você, do seu pessimismo, de seus ressentimentos, o grande culpado por estar sem emprego ou com alguma enfermidade terminal.

De fato. Meu pessimismo no futebol, por exemplo, em nada mudou o resultado da partida.

coelho@sp.uol.com.br

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Contardo Calligaris

### CINEMA

#### MinC e Ancine planejam ampliar salas

As entidades lançam o projeto "Cinema Perto de Você" hoje, em Goiás, com presença anunciada do presidente Lula.

O objetivo é o de incentivar

a abertura de 600 salas de exibição em quatro anos. O investimento é de cerca de R\$ 500 milhões entre linhas de crédito e investimentos.

### TEATRO

#### Emergentes em foco no Sesc Consolação

O projeto "Primeiro Sinal", que abre espaço para grupos emergentes, apresenta, até 14/7, a Cia. Mestremundo de Histórias. A peça "Do Claus-

tro" fica em cartaz às terças e quartas, às 21h, no Sesc Consolação (r. Dr. Vila Nova, 245; tel. 011/3234-3000; R\$ 10; classificação 16 anos).

### SERIADO

#### "True Blood" terá quarta temporada

A HBO anunciou uma quarta temporada para o seriado americano "True Blood", que deve começar no ano que vem. Assim como a terceira tempo-

rada, cuja estreia na semana passada rendeu 5,1 milhões de telespectadores — 38% a mais que a estreia da segunda —, terá 12 episódios.

**UOL FUTEBOL**

**PLAÇAR ONLINE, NOTÍCIAS ATUALIZADAS E TUDO SOBRE FUTEBOL. O QUE NEM SEMPRE É BOM, DEPENDENDO DO SEU TIME.**

**UMA VANTAGEM LEVA A OUTRA.**

SEJA UM ASSINANTE UOL.  
0800 703 1000  
www.uol.com.br/assine

**UOL**  
O MELHOR CONTEÚDO

#### 4.1.2 - Pior é melhor<sup>30</sup>

Marcelo Coelho

MAU PROFETA, eu estava prevendo um empate no jogo entre Brasil e Costa do Marfim. Seria melhor, pensei: elimine-se logo a Seleção do Dunga, e libere-me da chateação daqueles passes laterais que ocupam tanto tempo do jogo contra a Coreia do Norte.

Coreia do Norte. Santo Deus. Veio o jogo contra a Costa do Marfim, e tivemos uma vitória muito bonita. Mais do que isso: foi muito interessante do ponto de vista moral, por vários motivos.

Antes de tudo, o gol de Luis Fabiano com a ajuda do braço não deixa de propor uma questão filosófica. Que o lance era duvidoso, ninguém discute. Mas que juiz iria ter disposição para anular um gol daqueles?

Eis um caso em que o máximo rigor na obediência às regras acarretaria quase que uma traição ao espírito do futebol. O talento e a estética falaram mais alto. A ética, se quisermos colocar nesses termos, mostrou os seus limites.

O toque de ombro, disse Luís Fabiano, foi “involuntário”. Não acho que sua declaração tenha sido irônica, nem abertamente cínica como a famosa “mão de Deus” de Maradona. Luís Fabiano pode mesmo ter agido por reflexo, sem dolo, por assim dizer.

Ou não. Mas seria um crime dizer que o gol não valeu. Num mundo perfeito, do ponto de vista moral, imagino a seguinte cena: o juiz anula o gol de Luís Fabiano, a Costa do Marfim reinicia o jogo, Drogba pega a bola e faz um gol contra de propósito, em homenagem ao talento do adversário.

Mas a Costa do Marfim não estava para gentilezas, e aí vem o segundo aspecto “moral” que deu especial interesse à partida de domingo. Como todo sujeito de bons princípios, tendo a ter pena dos times mais fracos. Numa espécie de reflexo condicionado da minha cultura cristã de esquerda, persigo a derrota como uma formiga atrás do mel. Desde que não nos tirem o título de campeões do mundo, é claro.

Pois bem, os jogadores da Costa do Marfim não tinham nada de coitadinhos; com o jogo já perdido, pareciam querer a revanche ali mesmo, em sangue. Leio no jornal do dia seguinte que se irritaram; aceitariam perder, mas nunca a humilhação do “olé” que se esboçou.

Não é desculpa - ainda que possa servir, como dizem os católicos, como tema “para reflexão”. Abandono o campo católico, entretanto, para falar de Kaká. Eis que o craque evangélico, bom moço por excelência, perde as estribeiras, dá uma cotovelada e é expulso de campo!

Depois de tantos jogadores entregues à luxúria, à intemperança, à preguiça, ao orgulho e a não sei mais o quê, a monástica disciplina de Dunga e o jeito certinho de Kaká contavam com minha simpatia. Mais simpatia dedico, todavia, ao tranco - até que sutil - que nosso atacante deu no marfinense. Dizem que a expulsão foi injusta; não importa. Ser expulso melhora Kaká.

“Não seja bonzinho: seja real”. Este é o título de um livro de uma autora Madras. Seu autor é Kelly Bryson, terapeuta familiar e divulgador dos princípios da Comunicação Não Violenta (CNV). Até na Bósnia e em Israel ele encontrou ouvintes atentos, imagine.

Como em tantos livros do gênero, misturam-se historinhas persuasivas, toques de humor e aquele tipo de verdades que correspondem exatamente ao que queremos ouvir. Espero ainda aproveitar, ou esquecer, uma lista que surge logo no começo do livro. Intitula-se “Sete Passos para o Autossacrifício, ou Como Tornar-se um Capacho”.

Por exemplo: “ouça os outros mais do que gostaria”, “faça o possível para evitar que os outros pirem”; “adote o lema: ‘eu por último’”. O resultado, diz Kelly Bryson, será que você terminará desenvolvendo muita raiva dos outros, sem melhorar-lhes a vida. E ainda corre o risco de desenvolver doenças psicossomáticas.

O último ponto é convenientemente criticado pela ensaísta Barbara Ehrenreich, em outro livro que acaba indo na mesma direção. Trata-se de “Smile or Die” (“Sorria ou Morra”), uma crítica à ideologia do pensamento positivo - que no fundo faz de você, do seu pessimismo, de seus ressentimentos, o grande culpado por estar sem emprego ou com alguma enfermidade terminal. De fato. Meu pessimismo no futebol, por exemplo, em nada mudou o resultado da partida.

<sup>30</sup> Texto de Marcelo Coelho publicado no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* de 23 de junho de 2010.

A crônica, como se sabe, é considerada um gênero híbrido, ou seja, possui a liberdade para transitar nos mais diferentes segmentos discursivos. O campo religioso seria um deles e a crônica em análise inicia-se trazendo no primeiro parágrafo um vocabulário próprio desse campo, “profeta”, aquele que é capaz de prever acontecimentos, bons ou não. No texto em análise, o autor se intitula um “MAU PROFETA”, porque prevê empate no jogo entre o Brasil e a Costa do Marfim. Uma previsão pessimista, uma vez que o que se espera é uma vitória do Brasil e não uma derrota ou mesmo um empate, já que isso significaria a eliminação do Brasil do campeonato. Porém, o desejo era o de não “precisar” mais assistir aos jogos e, assim, deixar de ver “passes laterais” mal executados. O termo “liberto-me da chateação” deixa explícito que, muitas vezes, para o torcedor, torna-se obrigação assistir aos jogos e tortura e sofrimento dependendo do desempenho dos jogadores.

### Recorte 1

MAU PROFETA, eu estava prevendo um empate no jogo entre Brasil e Costa do Marfim. Seria melhor, pensei: elimine-se logo a Seleção de Dunga, e libere-me da chateação daqueles passes laterais que ocupam tanto tempo do jogo contra a Coreia do Norte.

Coreia do Norte. Santo Deus. Veio o jogo contra a Costa do Marfim, e tivemos uma vitória muito bonita. Mais do que isso: foi muito interessante do **ponto de vista moral**, por vários motivos.

Antes de tudo, o gol de Luis Fabiano com a ajuda do braço não deixa de propor uma questão filosófica. Que o lance era duvidoso, **ninguém discute**. Mas que juiz iria ter disposição para anular um gol daqueles?

Ainda no recorte 1, outra referência de expressão própria do campo religioso, “Santo Deus”, uma invocação de ajuda para os jogos da Copa. No final do mesmo parágrafo, o autor, aparentemente, deixa o campo religioso e adentra ao campo filosófico afirmando que a vitória do Brasil sobre a Costa do Marfim foi interessante do ponto de vista moral e segue apontando as razões. Uma delas, segundo o autor, gera uma reflexão filosófica, pois o jogador Luis Fabiano fez um gol com a ajuda do braço. Segue-se uma pergunta retórica que tem por intenção persuadir o leitor e fazê-lo aderir ao ponto de vista do autor, uma vez que a pergunta foi feita depois de uma afirmação que não abre para discussão, apenas é colocada de maneira incontestável, “ninguém discute”.

## Recorte 2

Eis um caso em que o máximo rigor na obediência às regras acarretaria quase que uma traição ao espírito do futebol. O talento e a estética falaram mais alto. **A ética**, se quisermos colocar nesses termos, **mostrou os seus limites**.

O toque de ombro, disse Luís Fabiano, foi “involuntário”. Não acho que sua declaração tenha sido irônica, nem abertamente cínica como a famosa “**mão de Deus**” de Maradona. Luís Fabiano pode mesmo ter agido por reflexo, sem dolo, por assim dizer.

A primeira discussão estava no fato de o jogador Luís Fabiano ter feito um gol com a ajuda do braço e o juiz ter considerado válido, ou seja, o “espírito do futebol”, o “talento” e a “estética” prevaleceram sobre as regras. Logo, a ética, “mostrou seus limites”. Em outras palavras, o que foi legitimado estava acima do plano institucional. Não é nosso propósito uma discussão aprofundada a respeito da ética, porém, tratando-se dos costumes e do comportamento humano, segundo Valls, a ética pode ser compreendida como,

um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento. (1994:7)

Nessa perspectiva, a atitude do juiz validando o gol de Luís Fabiano foi correta, tendo em vista a ética atrelada ao comportamento socialmente aceito em determinado momento e contexto. Diferentemente de Maradona, o autor afirma não achar que a declaração de Luís Fabiano tenha sido irônica, e que ele pode mesmo ter agido “por reflexo, sem dolo” ao fazer o gol.

Prosseguindo as discussões, o autor compara o toque de ombro de Luís Fabiano que afirmou ter sido “involuntário” com a alusão à “mão de Deus”<sup>31</sup>, termo do campo religioso e que ficou conhecido por ter sido usada pelo jogador argentino Diego Maradona por ocasião de um gol feito com a ajuda da mão. A intertextualidade explícita trazida pelo autor é usada para conseguir a adesão do

---

<sup>31</sup> Anexo 4: jornal *Folha de S. Paulo* com a frase “Maradona faz gol de mão na vitória argentina” e anexo 5, foto do gol de Maradona feito com a mão na partida contra a Inglaterra em 1986.

leitor à sua comparação; de um lado, o positivo, “toque de ombro” de Luís Fabiano e, de outro, o negativo, “mão de Deus” de Maradona.

Para o autor, Luís Fabiano lhe pareceu sincero na declaração de que o toque tivesse sido “involuntário”, enquanto a declaração de Maradona foi cínica. Temos, assim, dois discursos que se constroem em um embate polêmico; de um lado, a declaração de Luís Fabiano acerca de seu gol sem a ajuda da mão e defendida pelo autor da crônica, e de outro, a declaração “cínica” de Maradona acerca do gol que fez com a ajuda da “mão de Deus”.

### **Recorte 3**

Ou não. Mas seria um crime dizer que o gol não valeu. Num **mundo perfeito, do ponto de vista moral**, imagino a seguinte cena: o juiz anula o gol de Luís Fabiano, a Costa do Marfim reinicia o jogo, Drogba pega a bola e faz um gol contra de propósito, em homenagem ao talento do adversário. Mas a Costa do Marfim não estava para gentilezas, e aí vem o segundo aspecto “moral” que deu especial interesse à partida de domingo. Como todo sujeito de bons princípios, tendo a ter pena dos times fracos. Numa espécie de reflexo condicionado da minha cultura cristã de esquerda, persigo a derrota como uma formiga atrás do mel. Desde que não nos tirem o título de campeões do mundo, é claro.

No recorte 3, o autor continua a discussão do ponto de vista moral em relação ao lance que culminou no gol e aponta a seguinte possibilidade dentro de um “mundo perfeito”, ou seja, um simulacro é construído para exemplificar a reflexão do autor e, na cena imaginada, o juiz anulava o gol de Luís Fabiano, e o jogador Drogba, em um ato de protesto, faria um gol contra para homenagear o talento do adversário. Porém, no mundo real, não há simulações e o autor aponta o que ocorreu e o segundo aspecto moral da partida. Os jogadores da Costa do Marfim, com o jogo já perdido, partiram para a desforra e fizeram um jogo violento.

### **Recorte 4**

Pois bem, os jogadores da Costa do Marfim não tinham nada de coitadinhos; com o jogo já perdido, pareciam querer a revanche ali mesmo, em sangue. Leio no jornal do dia seguinte que se irritaram; aceitariam perder, mas nunca a humilhação do “olé” que se esboçou. Não é desculpa – ainda que possa servir, como dizem os católicos, como tema “para reflexão”. Abandono o campo católico, entretanto, para falar de Kaká. Eis que o craque evangélico, bom moço por excelência, perde as estribeiras, dá uma cotovelada e é expulso de campo!

O autor continua com citações de termos do campo religioso como “cultura cristã”, “em sangue”, “católicos”, mas explicita que deixa o campo católico para falar sobre o jogador brasileiro Kaká, craque evangélico que cometera agressão física, cotovelada, contra o jogador adversário e foi expulso de campo. O aspecto moral ao qual o autor se refere está no fato de a expulsão de Kaká ter sido considerada injusta apesar da agressão física que ele cometeu sobre o adversário, ou seja, legitimou-se o “tranco” dado por Kaká no marfinense porque o time da Costa do Marfim agia de forma agressiva, querendo “sangue”, já que sabiam que não ganhariam a partida.

O intertexto é retomado quando o autor menciona ter lido no jornal do dia seguinte que os marfinenses se irritaram mais por causa do “olé” do que pela derrota em si.

### **Recorte 5**

Depois de tantos jogadores entregues à **luxúria**, à **intemperança**, à **preguiça**, ao **orgulho** e a não sei mais o quê, a monástica disciplina de Dunga e o jeito certinho de Kaká contavam com minha simpatia. Mais simpatia dedico, todavia, ao tranco - até aqui sutil - que nosso atacante deu no marfinense. Dizem que a expulsão foi injusta; não importa. **Ser expulso melhora Kaká.**

No recorte 5, o autor conta com o conhecimento de mundo do leitor, uma vez que menciona os sete pecados capitais, ou melhor, cita apenas quatro, afirmando de forma jocosa, não se lembrar dos demais: avareza, inveja e ira. A intertextualidade implícita procede porque não há indicador explícito da fonte, mas indicação direta de conteúdo a fim de estabelecer coerência com o que o autor afirma acerca do comportamento de Dunga e Kaká. Segundo Koch e Travaglia (2008:72), “o conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência”, no entanto, o papel do leitor nesse contexto é o de produzir determinado significado que pode se modificar a cada nova leitura. Assim, corroboramos com Boff (1997:9):

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura.

Quando o autor afirma que “ser expulso melhora Kaká”, percebe-se uma contradição de ideias, uma vez que ser melhor, nesse caso, é o pior, porque ser expulso é ruim, mas como houve uma atitude legitimada por parte da “torcida”, o “pior é melhor”, título da crônica. Assim como cumprir as regras é o melhor, mas no caso do gol de Luís Fabiano, o juiz não cumpriu as regras e, naquela partida, para o time brasileiro, o pior foi melhor.

### **Recorte 6**

“Não seja bonzinho: seja real”. Este é o título de um livro de uma autora Madras. Seu autor é Kelly Bryson, terapeuta familiar e divulgador dos princípios da Comunicação Não Violenta (CNV). Até na Bósnia e em Israel ele encontrou ouvintes atentos, imagine.

Como em tantos livros desse gênero, misturam-se historinhas persuasivas, toques de humor e aquele tipo de verdade que correspondem exatamente ao que queremos ouvir. Espero ainda aproveitar, ou esquecer, uma lista que surge logo no começo do livro. Intitula-se “Sete Passos para o Autossacrifício, ou Como Tornar-se um Capacho”.

A partir do recorte 6, o autor discorre acerca do comportamento do homem em sociedade e o que a mídia, muitas vezes, chama de comportamento “bonzinho”. O jogador Kaká, por conta da imagem que construiu perante a imprensa, de modo geral, é visto como tendo o “jeito certinho” de conduta, até surpreender com a cotovelada dada no time adversário no jogo contra a Costa do Marfim. A intertextualidade é explícita quando o autor cita o livro de autoajuda “Não seja bonzinho: seja real” para exemplificar o que vem acontecendo com o comportamento de um grupo de pessoas que tende a se ver como o “bonzinho”, ou seja, a “mensagem” é para que a pessoa reaja para não se tornar um “capacho”.

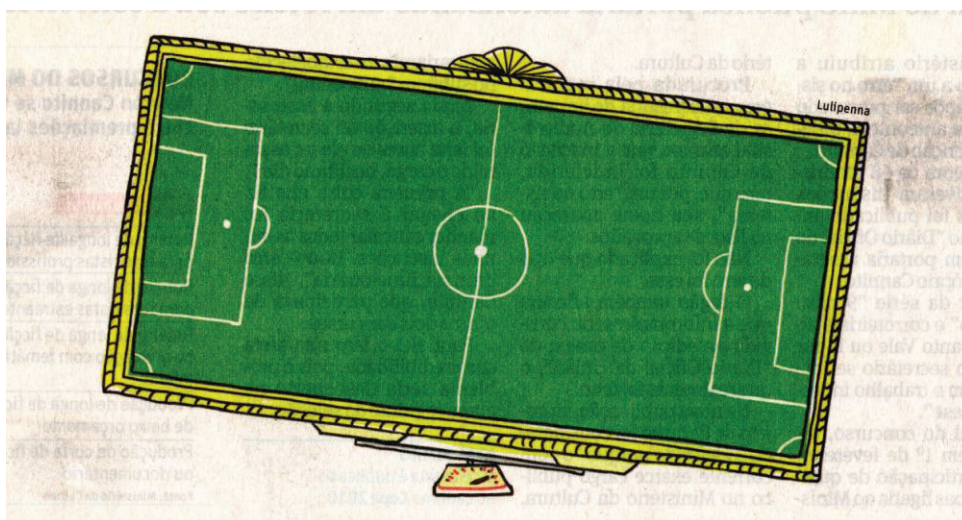
### **Recorte 7**

O último ponto é convenientemente criticado pela ensaísta Barbara Ehrenreich, em outro livro que acaba indo na mesma direção. Trata-se de “Smile or Die” (“Sorria ou Morra”), uma crítica à ideologia do pensamento positivo - que no fundo faz de você, do seu pessimismo, de seus ressentimentos, o grande culpado por estar sem emprego ou com alguma enfermidade terminal.

De fato. Meu pessimismo no futebol, por exemplo, em nada mudou o resultado da partida.

A intertextualidade explícita continua no recorte 7 quando o autor faz alusão a mais uma obra “Sorria ou Morra”, da ensaísta Barbara Ehrenreich, que critica a ideologia do pensamento positivo, ou seja, a ideia de que as coisas ruins acontecem porque se tem pensamentos negativos. E o autor finaliza sua crônica afirmando que, nessa linha, o seu pensamento pessimista (o pior) no futebol de nada adiantou para mudar o resultado da partida (o melhor), pois o Brasil ganhou.

A seguir, ilustração extraída da crônica em análise.



(Figura 7. Ilustração de Lulipenna)

A ilustração que acompanha a crônica é de autoria da escritora Lulipenna<sup>32</sup>. A imagem é uma balança pesando um quadro que representa um campo de futebol. Em um primeiro momento, tem-se a impressão de ser uma tela de jogo de botões. O quadro não está alinhado, logo, pressupõe-se que o lado da balança que declina é o time de futebol que se encontra perdendo. Se a assimetria dos campos é exatamente a mesma, por que de um lado ela está descendo? Porque o pior é melhor? O diálogo do não verbal com o verbal está, no caso do texto em análise, na relação que se estabelece entre a possibilidade de se perder e ser o melhor. Em um jogo a “balança” pode começar equilibrada e se o resultado for aquele que não agrada às torcidas, o empate, ela continuará equilibrada, porém não é esse o desejo

<sup>32</sup> Luciana Artacho Penna, cartunista, ilustradora, escritora, até 2006 assinava apenas Luli. Assustou-se com o número de *Lulis* que encontrou numa busca no Google – 938 mil – e anexou o Penna paterno. Desenha, entre outros veículos, para a *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <http://portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx>. Acesso em: 04/11/2013.

para uma partida de futebol. Espera-se que um dos times vença, assim, na “balança”, sempre haverá o lado vencedor e o lado inclinado, perdedor.

A seguir, analisaremos o terceiro texto do *corpus*, a crônica intitulada *Torcer ou pensar, eis a questão*, de Contardo Calligarris, publicada em 24 de junho de 2010.

Pela minha história, sinto-me parte de várias nações e, na Copa do Mundo, torço por todas elas. Quando se enfrentam duas seleções com as quais me identifico, sou privilegiado: seja qual for o desfecho, um de meus times preferidos ganhará.

Embora tenha uma verdadeira repugnância por qualquer forma de nacionalismo, a torcida da Copa do mundo é a única à qual consigo me juntar. É porque, na Copa, os torcedores vibram, festejam ou se desesperam sem transformar os adversários em objetos de ódio e desprezo.

Exemplo. No jogo de domingo entre Brasil e Costa do Marfim, o time africano pegou pesado, a ponto de me inspirar uma certa antipatia. Também, por ufanismo continental, o público sul-africano torceu pela Costa do Marfim e aplaudiu a expulsão de Kaká, cuja única culpa foi de se irritar e manifestar sua irritação.

Pois bem, ninguém, nem o exuberante pessoal na sacada do prédio em frente do meu, gritou improperios contra o time da Costa do Marfim e ainda menos contra seu povo. Tampouco ouvi insultos contra o público sul-africano.

Na hora da expulsão de Kaká, ecoou, isso sim, um único berro que expressava uma forte dívida sobre a honra e o recato da mãe do árbitro. Mas aí, também, ninguém é de ferro (estou brincando).

Por que é possível torcer na Copa do Mundo sem ser devorado pela irracionalidade que afeta as torcidas organizadas de nossos clubes?

A Copa acontece só a cada quatro anos, ou seja, as rivalidades são es-

porádicas, não se cristalizam. Além disso, os adversários da Copa são variados, distantes e diferentes de nós, enquanto, em geral, os humanos gostam de odiar seus vizinhos.

Justamente, quando existe uma rivalidade estabelecida entre duas seleções nacionais, é entre países próximos, com similitude de destino, como Brasil e Argentina.

Mas mesmo esse tipo de rivalidade "tradicional" não se compara com o ódio que opõe as torcidas de clubes da mesma cidade e do mesmo Estado. Essas torcidas são vítimas dos piores efeitos do grupo so-

**O torcedor pensa e grita algo que não tem nada a ver com o que ele pensa quando está sozinho**

bre o pensamento e os critérios morais do indivíduo.

O que é efeito de grupo? Exemplo: UM jovem playboy entediado não colocaria fogo num índio que dorme num abrigo de ômbus. QUATRO playboys entediados são capazes disso; é possível, aliás, que os quatro se reúnam justamente para, juntos, autorizar-se a fazer algo

que, separados, eles nunca fariam.

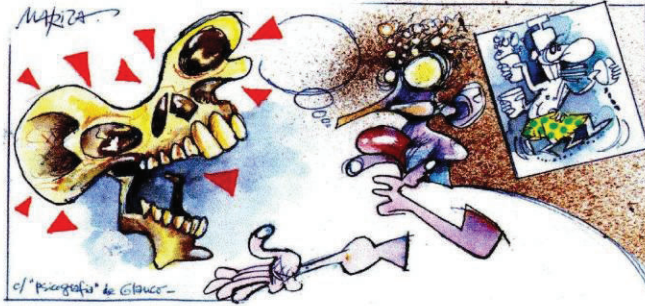
Vamos agora a um jogo entre São Paulo e Corinthians (ou qualquer dupla de rivais da mesma cidade).

O torcedor corinthiano, que está do meu lado, bem antes que a bola role, já roga pragas à torcida do São Paulo, que são "a bicharada" ou "os bambis". Nosso corinthiano, uma vez extraído de sua torcida, não imagina, obviamente, que todos os são-paulinos, jogadores e torcedores, sejam "vitados".

Tem mais: na grande maioria dos casos, na sua vida "real", fora do estádio, ele tampouco pensa que a

## Torcer ou pensar, eis a questão

CONTARDO CALLIGARIS



opção sexual de alguém possa servir de insulto, ou seja, ele não acredita que os são-paulinos sejam bichas e não acredita que "bicha" seja um insulto.

Meu amigo torcedor, aliás, poderia ser ele mesmo homossexual; tanto faz, não por isso ele deixaria de gritar "bicha-raaaada". O mesmo vale para um são-paulino e seus gritos contra a torcida corinthiana.

Resumindo, por fazer parte da torcida e para se integrar nela, o torcedor diz ou grita algo que não tem nada a ver com o que ele pensa quando pensa sozinho (que, cá entre nós, é o único jeito de pensar).

Por isso, só consigo torcer na Copa, e para quatro nações. Isso sem contar os times pelos quais me apaixonou "só" porque jogam bem.

Começo hoje meu Twitter: ccalligaris, com o "s" final que falta no meu e-mail, [www.twitter.com/ccalligaris](http://www.twitter.com/ccalligaris). Postarei minirelatos de eventos do cotidiano, reflexões (minhas ou lidas, ouvidas e citadas), fotografias, indicações de filmes, peças, livros, exposições (e, por que não, restaurantes, pratos e vinhos). Haverá avisos de atividades (palestras etc.) e crônicas de minhas viagens.

Em outras palavras, será um microdiário — com um pouco de sorte, um novo estilo; de qualquer forma, uma nova experiência. Como se diz, todos estão convidados.

[ccalligaris@uol.com.br](mailto:ccalligaris@uol.com.br)

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Carlos Heltor Cony

### ARTES PLÁSTICAS

#### Manet é vendido por 22 milhões de libras

Realizado entre 1878 e 1879, autorretrato de Édouard Manet foi adquirido por comprador anônimo em leilão realizado na última terça na So-

they's, em Londres, por 22 milhões de libras (cerca de R\$ 59 milhões). É até aqui o maior valor pago para uma obra do pintor impressionista francês.

### CINEMA

#### "O Rei Leão" vai ser relançado em 3D

Baseado em "Hamlet", de Shakespeare, o desenho animado produzido pela Disney em 1994 vai entrar em processo de conversão para o formato 3D

nas próximas semanas, segundo o produtor do filme Don Hahn. A previsão é que a animação reestree nos cinemas no novo formato.

### SHOW

#### Andreia Dias lança CD no Sesc Pompeia

A cantora e compositora faz hoje, às 21h, apresentação de lançamento de seu segundo álbum, "Vol. 2", no Sesc Pompeia (r. Clélia, 93; tel. 0/xx/11/

3871-7700; de R\$ 4 a R\$ 16). Acompanhada por sua banda oficial, o repertório de Dias traz composições próprias como "Noites" e "Jóia Rara".

**O UOL CONQUISTOU O PRÊMIO CONSUMIDOR MODERNO DE EXCELÊNCIA EM SERVIÇOS AO CLIENTE PELA QUARTA VEZ.**

O cliente que entra em contato com o UOL sabe o que vai encontrar: um atendimento de qualidade e uma equipe capacitada que não mede esforços para sempre melhorar. É por isso que pela quarta vez o UOL ganha um dos prêmios mais rigorosos do mercado brasileiro.

**UOL**  
O MELHOR CONTEÚDO

### 4.1.3 - Torcer ou pensar, eis a questão<sup>33</sup>

Contardo Calligaris

Pela minha história, sinto-me parte de várias nações e, na Copa do Mundo, torço por todas elas. Quando se enfrentam duas seleções com as quais me identifico, sou privilegiado: seja qual for o desfecho, um de meus times preferidos ganhará.

Embora tenha uma verdadeira repugnância por qualquer forma de nacionalismo, a torcida da Copa do mundo é a única à qual consigo me juntar. É porque, na Copa, os torcedores vibram, festejam ou se desesperam sem transformar os adversários em objetos de ódio e desprezo.

Exemplo. No jogo de domingo entre Brasil e Costa do Marfim, o time africano pegou pesado, a ponto de me inspirar uma certa antipatia. Também, por ufanismo continental, o público sul-africano torceu pela Costa do Marfim e aplaudiu a expulsão de Kaká, cuja única culpa foi de se irritar e manifestar sua irritação.

Pois bem, ninguém, nem o exuberante pessoal na sacada do prédio em frente do meu, gritou improperios contra o time da Costa do Marfim e ainda menos contra seu povo. Tampouco ouvi insultos contra o público sul-africano.

Na hora da expulsão de Kaká, ecoou, isso sim, um único berro que expressava uma forte dúvida sobre a honra e o recato da mãe do árbitro. Mas aí, também, ninguém é de ferro (estou brincando).

Por que é possível torcer na Copa do Mundo sem ser devorado pela irracionalidade que afeta as torcidas organizadas de nossos clubes?

A Copa acontece só a cada quatro anos, ou seja, as rivalidades são esporádicas, não se cristalizam. Além disso, os adversários da Copa são variados, distantes e diferentes de nós, enquanto, em geral, os humanos gostam de odiar seus vizinhos.

Justamente, quando existe uma rivalidade estabelecida entre duas seleções nacionais, é entre países próximos, com similitude de destino, como Brasil e Argentina.

Mas mesmo esse tipo de rivalidade “tradicional” não se compara com o ódio que opõe as torcidas de clubes da mesma cidade e do mesmo Estado. Essas torcidas são vítimas dos piores efeitos do grupo sobre o pensamento e os critérios morais do indivíduo.

O que é efeito de grupo? Exemplo: UM jovem playboy entediado não colocaria fogo num índio que dorme num abrigo de ônibus. QUATRO playboys entediados são capazes disso; é possível, aliás, que os quatro se reúnam justamente para, juntos, autorizar-se a fazer algo que, separados, eles nunca fariam.

Vamos agora a um jogo entre São Paulo e Corinthians (ou qualquer dupla de rivais da mesma cidade).

O torcedor corintiano, que está do meu lado, bem antes que a bola role, já roga pragas à torcida do São Paulo, que são “a bicharada” ou “os bambis”. Nosso corintiano, uma vez extraído de sua torcida, não imagina, obviamente, que todos os são-paulinos, jogadores e torcedores, sejam “viados”.

Tem mais: na grande maioria dos casos, na sua vida “real”, fora do estádio, ele tampouco pensa que a opção sexual de alguém possa servir de insulto, ou seja, ele não acredita que os são-paulinos sejam bichas e não acredita que “bicha” seja um insulto.

Meu amigo torcedor, aliás, poderia ser ele mesmo homossexual; tanto faz, não por isso ele deixaria de gritar “bicha-raaaada”. O mesmo vale para um são-paulino e seus gritos contra a torcida corintiana.

Resumindo, por fazer parte da torcida e para se integrar nela, o torcedor diz ou grita algo que não tem nada a ver com o que ele pensa quando pensa sozinho (que, cá entre nós, é o único jeito de pensar).

Por isso, só consigo torcer na Copa, e para quatro nações. Isso sem contar os times pelos quais me apaixono “só” porque jogam bem.

---

<sup>33</sup> Texto de Contardo Calligaris publicado no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* de 24 de junho de 2010.

Assim como as demais crônicas selecionadas para esta pesquisa, *Torcer ou pensar, eis a questão*, de Contardo Calligaris, publicada no caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 24 de junho de 2010, trata do tema futebol, Copa do Mundo de 2010. O autor inicia seu texto em primeira pessoa referindo-se à sua história, colocando-se como torcedor de vários países e discorre acerca das torcidas regionais e das que se formam durante a Copa do Mundo.

O título *Torcer ou pensar, eis a questão* nos remete ao escritor inglês William Shakespeare e a alusão à famosa frase “Ser ou não ser, eis a questão” (To be or not to be, that’s the question), serve como referência para o desenvolvimento narrativo do texto, uma vez que carrega um fundo filosófico profundo. Segundo o *Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (1998:167), “os títulos têm muita importância em um jornal, porque ou é tudo o que os leitores leem (a maioria dos leitores limita sua leitura a eles), ou são o fator que motiva ou não os leitores a enfrentar o texto”. Por essa razão, esse Manual orienta que os títulos sejam redigidos destacando o aspecto mais específico do assunto e que apresentem verbo de preferência na voz ativa e no presente.

Diferentemente de “Ser ou não ser”, “Torcer ou pensar” insere-se no tema futebolístico por meio do vocabulário “torcer” que ganha valor semântico próprio da sua posição no campo discursivo, assim como o uso do marcador “ou” que sugere a escolha entre uma ação (torcer) e outra (pensar), não podendo as duas acontecer ao mesmo tempo. Na perspectiva teórico-metodológica da AD, os sentidos não são funções imanentes de palavras e/ou expressões, mas são efeitos de sentidos produzidos e delimitados por aquilo que pode e deve ser dito no interior de uma formação discursiva. Assim, segundo o princípio de coerções semânticas, o léxico “torcer” em oposição a “pensar” evidencia a posição crítica do autor em relação ao tema, o que se torna mais explícita ao longo do texto.

A abordagem de diversos assuntos de maneira livre é uma das características do gênero crônica e, sendo esse gênero resultado de uma prática de escritores nos domínios do jornal, ele tem forçosamente componentes híbridos, o que confere ao autor, muitas vezes, transformar-se ou comportar-se como um poeta, e extravasar sua subjetividade. A crônica analisada, enquanto gênero narrativo, além de ser construída em primeira pessoa, apresenta a posição do autor em relação ao tema Copa do Mundo e segue com uma série de argumentos persuasivos para mostrar o que acontece com as pessoas durante esse período esportivo.

### Recorte 1

Embora tenha uma verdadeira repugnância por qualquer forma de nacionalismo, a torcida na Copa do mundo é a única à qual consigo me juntar. É porque, na Copa, **os torcedores vibram, festejam ou se desesperam sem transformar os adversários em objetos de ódio e desprezo.**<sup>34</sup>

Nesse excerto, o autor afirma que é possível torcer sem odiar e desprezar os adversários, ou seja, ele também se coloca como torcedor e confirma por oposição, o vocábulo “sem” estabelece relação de oposição a “com” e, assim, a ideia de que os torcedores transformam os adversários em objetos de ódio e desprezo e que somente na Copa do Mundo isso não acontece. No terceiro parágrafo, para conferir ao seu discurso maior credibilidade, o autor cita um exemplo, a partida entre Brasil e Costa do Marfim e diz que o time adversário lhe inspirou desagrado, uma vez que realizou uma partida “dura”. No entanto, apesar do caráter comportamental firme dos adversários, não houve postura reprovável por parte da torcida, então, o autor faz uma pergunta retórica para tentar explicar o comportamento das torcidas organizadas de clubes de futebol.

### Recorte 2

**Por que é possível torcer na Copa do Mundo sem ser devorado pela irracionalidade que afeta as torcidas organizadas de nossos clubes?**

A Copa acontece só a cada quatro anos, ou seja, as rivalidades são esporádicas, não se cristalizam. Além disso, os adversários da Copa são variados, distantes e diferentes de nós, enquanto, em geral, os humanos gostam de odiar seus vizinhos.

Justamente, quando existe uma rivalidade estabelecida entre duas seleções nacionais, é entre países próximos, com similitude de destino, como Brasil e Argentina.

Trata-se de uma pergunta retórica uma vez que o autor, ainda no recorte 2, apresenta a resposta à sua indagação, ou seja, seu objetivo foi conferir recurso argumentativo persuasivo a fim de conseguir adesão do interlocutor para a proposição que seria feita. Entretanto, quando o autor questiona-se acerca da irracionalidade das torcidas de futebol, abre discussão para a temática maior a respeito do comportamento humano em sociedade. Quem somos e por que agimos de modo diferente quando estamos sozinhos e em grupo? Há, no final desse

---

<sup>34</sup> Os grifos que fazemos neste e nos próximos recortes são nossos.

excerto, um discurso constitutivo de que “os humanos gostam de odiar seus vizinhos”, ou seja, a rivalidade entre times futebolísticos acontece quando há proximidade, logo, não faz sentido a rivalidade em Copa do Mundo, a não ser que seja, como o próprio autor acrescenta, Brasil e Argentina.

Como estamos ampliando nossas análises a respeito da temática do futebol e trabalhando a interdiscursividade e a intertextualidade presente nesse tipo de gênero jornalístico, é propício observar que em nossas análises iniciais, por ocasião do mestrado, crônicas futebolísticas abordavam essa questão da rivalidade de torcidas que se encontravam próximas. José Roberto Torero<sup>35</sup>, colunista da *Folha de S. Paulo* dialoga com o também colunista Juca Kfoury<sup>36</sup> acerca dos campeonatos estaduais e ambos discutem a respeito das rivalidades dos times que têm maior proximidade. O que se constatou com clareza foi o papel da intertextualidade temática que resgata informações relevantes presentes em outros textos da mesma área do saber ou da mesma corrente de pensamento (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007).

### Recorte 3

Mas mesmo esse tipo de rivalidade “tradicional” não se compara com o ódio que opõe as torcidas de clubes da mesma cidade e do mesmo Estado. Essas torcidas são vítimas dos piores efeitos do grupo sobre o pensamento e os critérios morais do indivíduo.

A partir do nono parágrafo o cronista faz uso das aspas como recurso de ironia. Segundo Maingueneau (2008), o funcionamento da ironia assemelha-se ao das aspas, forma privilegiada da modalização autonímica. Para que as aspas sejam bem interpretadas é necessário haver uma mínima convivência entre autor e interlocutor e a interpretação adequada ao contexto apenas reforçará esse sentimento de cumplicidade. No trecho do excerto 3, “Mas mesmo esse tipo de rivalidade ‘tradicional’ não se compara com o ódio que opõe as torcidas de clubes da mesma cidade e do mesmo Estado.”, a palavra “tradicional” retoma a ideia de que faz parte da cultura futebolística essa disputa entre times de futebol da mesma região, do mesmo Estado, faz parte da tradição, é convencional.

---

<sup>35</sup> Crônica *Meu vizinho é pior que Hitler*, de José Roberto Torero, anexo 13.

<sup>36</sup> Crônica *Meu vizinho Torero*, de Juca Kfoury, anexo 14.

Ainda sobre o uso das aspas, Authier (1982) afirma que o uso desse recurso tipográfico coloca o autor como juiz e dono das palavras, capaz de se distanciar e de emitir um julgamento sobre elas no momento em que ele as utiliza. Esse distanciamento pode manifestar um questionamento sobre o caráter apropriado das palavras aspeadas, ou uma indicação de que pertencem a outro. O autor da crônica em análise emprega os termos “a bicharada” e “os bambis” aspeados quando se refere à maneira como o torcedor corintiano se dirige à torcida do time do São Paulo e, o uso das aspas em “viados” para explicar que o mesmo corintiano, excluído da torcida, não considera os são-paulinos de tal maneira. Já o uso das aspas na palavra “real”, refere-se à vida dos torcedores fora do contexto futebolístico, ou seja, no estádio e fazendo parte de uma torcida, ele vive um mundo fantasioso, porém, fora dele, o mesmo nem acredita que “bicha” seja um insulto. Para finalizar, o autor dialoga com o leitor usando a expressão “Meu amigo torcedor” para inseri-lo na discussão e afirma que mesmo ele, o torcedor corintiano, se fosse homossexual, não deixaria de gritar “bicha-raaaaada” para a torcida do São Paulo.

No último parágrafo da crônica, o autor menciona mais uma palavra aspeada, “só”, para explicitar sua paixão por outros times de futebol que aparecem durante a Copa do Mundo, que jogam bem e que “só” por isso merecem a sua paixão.

O predomínio, de modo geral, são as citações diretas entre aspas, atribuídas a outro autor, ou seja, a intertextualidade interna, uma vez que as citações entre aspas são transcritas a partir da memória discursiva do autor.

O comportamento do ser humano em sociedade e a maneira como ele reage a determinadas situações quando está sozinho e quando está em grupo é uma das análises que o autor faz para explicar o que vem a ser “efeito de grupo”. Para justificar e argumentar seu ponto de vista, no décimo parágrafo, o autor exemplifica e usa um intertexto para ativar a memória discursiva do leitor e, assim, produzir efeito de sentido.

#### **Recorte 4**

**O que é efeito de grupo?** Exemplo: UM jovem playboy entediado não colocaria fogo num índio que dorme num abrigo de ônibus. QUATRO playboys entediados são capazes disso; é possível, aliás, que os quatro se reúnam justamente para, juntos, autorizar-se a fazer algo que, separados, eles nunca fariam.

Trabalhando argumentativamente com a memória discursiva do leitor, o autor, nesse trecho, faz referência à notícia do dia 20 de abril de 1997, quando cinco rapazes de classe média de Brasília atearam fogo no índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, de 44 anos, que dormia em uma parada de ônibus na Asa Sul, bairro nobre da capital Federal. Temos, assim, a intertextualidade interna, discurso do mesmo campo discursivo: notícia e crônica jornalística. O autor não manifesta explicitamente dados sobre o fato, mas faz alusão ao episódio que, na época, fora bastante divulgado pela mídia em geral. Os termos “UM” e “QUATRO”, usados no estilo gráfico “caixa alta”, reforça a tese do autor sobre o que o ser humano é capaz de fazer quando está sozinho ou em grupo.

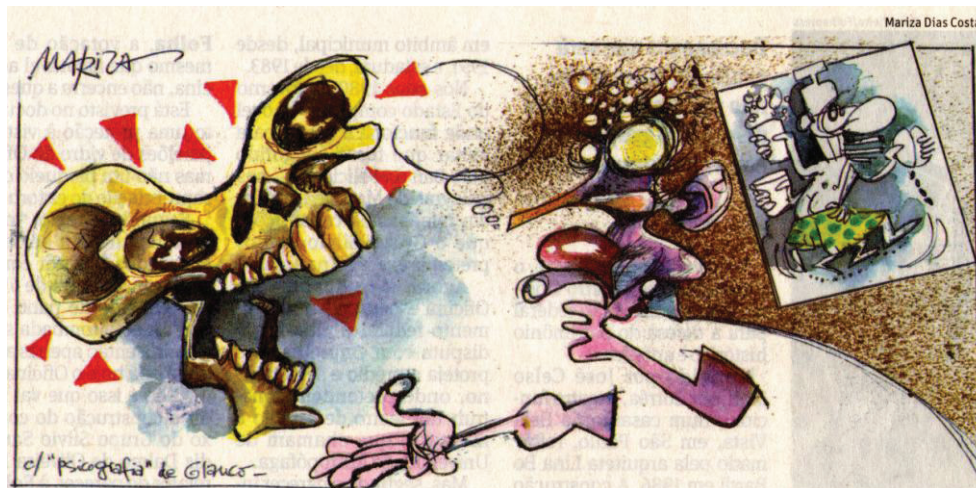
O autor abre discussão para pensar o que vem a ser “efeito de grupo” e questiona acerca de critérios morais, ou seja, uma reflexão filosófica a respeito do comportamento humano. Trata-se de perguntas retóricas que o autor responde citando como exemplo o caso do grupo de jovens que ateou fogo no índio Galdino. O “efeito de grupo” consiste, então, naquilo que se faz em grupo e que sozinho não seria possível de se realizar. Outro exemplo é trazido do espaço futebolístico quando o autor afirma que o torcedor corintiano inserido no grupo agride verbalmente o time adversário, porém longe desse contexto de estádio de futebol, quer dizer, longe do grupo, suas provocações não fariam sentido.

O intertexto usado pelo autor dialoga com uma cena enunciativa construída a partir de uma prática culturalmente instituída de que torcidas de futebol encontram-se para uma disputa, briga, duelo: “Vamos agora a um jogo entre São Paulo e Corinthians (ou qualquer dupla de rivais da mesma cidade).” Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008), a cena de enunciação acontece em um espaço instituído, definido pelo gênero de discurso, mas também sobre a dimensão construtiva do discurso, que se “coloca em cena”, instaura seu próprio espaço de enunciação.

Na sequência do discurso, o cronista compara o comportamento do torcedor isolado do seu contexto futebolístico, ou seja, “na sua vida ‘real’”, com o momento em que ele faz parte de um grupo e, assim, não age mais isoladamente, como revela o enunciado “por fazer parte da torcida e para se integrar nela, o torcedor diz ou grita algo que não tem nada a ver com o que ele pensa quando pensa sozinho”, agora ele é capaz de comportamentos que não se explicam no âmbito do individual, mas do coletivo. Se ele, em grupo, é capaz de xingar o time adversário, ele também, em grupo, pode “atear fogo” em uma pessoa. Esse fato explica, de certa maneira, o

porquê das pancadarias nos estádios de futebol, porém, é preciso fazer a opção de “Torcer ou pensar, eis a questão”.

A seguir, ilustração extraída da crônica em análise.



(Figura 8. Ilustração de Maria Dias Costa)

Quanto à ilustração presente na crônica, essa aparece sempre no centro da reprodução do texto e a diagramação, segundo Prado (1985:39), não é “um mero exercício de cálculo, espaços ou escolha de tipos, mas um discurso que se utiliza de cortes que possibilitam nuances diferentes na significação interna do jornal”. Ainda segundo o autor:

Nosso tempo é caracterizado pela descoberta da linguagem e do discurso, a consciência de que não há dizer natural. Em nenhum lugar se admite o inocente. É um tempo terrível, tudo tem significação. Até mesmo um discurso gráfico. (PRADO, 1958:39)

Mariza Dias Costa<sup>37</sup> é a autora da ilustração que acompanha o texto do cronista, e o vocábulo “acompanhar” sugere a não hierarquia, ou seja, a imagem goza de certa autonomia e tem condições de estabelecer com o texto relações muito diferentes, visto que pode apontar, ressaltar, completar, comentar e também discordar do texto. O ilustrador, dessa maneira, tem como objetivo um discurso que já é uma leitura e, por isso mesmo, antes de pegar no pincel ou no mouse, ele tem

<sup>37</sup> Artista carioca. Ingressou profissionalmente nas artes gráficas em 1974, ilustrando semanários como *Pasquim* e *Opinião*. Neste último, iniciou com Paulo Francis que, após breve interrupção (antes do reencontro na *Folha de S. Paulo*), se estenderia por um período total de 15 anos. Disponível em: [http://www.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod\\_art=8368](http://www.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=8368). Acesso em: 30/07/2013.

de optar entre reforçar, comentar ou contrariar o texto. É possível afirmar que a ilustração cria sempre um conteúdo, já que impregna no texto o seu tom e, para que o vínculo se estabeleça nessa relação, um elo deve ser criado, ou seja, algum aspecto do texto é apontado pela imagem.

Percebemos, ao longo de nossa pesquisa, observando as ilustrações publicadas nos jornais, principalmente na *Folha de S. Paulo*, que o vínculo das imagens está, predominantemente, junto aos textos opinativos, uma vez que não há uma temporalidade tensionada pelos textos informativos. Mesmo assim, uma das dificuldades encontradas pelos ilustradores está no intervalo de tempo disponível para cada tarefa e o fato de eles ficarem separados da redação, o que impede a discussão com o autor do texto. A esse respeito, Calligaris, em depoimento ao “*Ilustra Brasil*”<sup>38</sup>, de 2005, relata acerca de sua experiência como articulista do jornal *Folha de S. Paulo* e sua relação com as ilustrações de Mariza Dias Costa. O autor afirma que sempre se espanta com a interpretação visual que Costa realiza de seus artigos, pois espera que ela se apoie em eventuais imagens concretas presentes em seu texto, porém acaba sempre surpreendido por abordagens inesperadas.

Na função de “co-autor”, o ilustrador tende a ser livre para usar de sua criatividade e estabelecer todo tipo de nuances, pois a mediação do ilustrador elegerá para suas imagens alguns aspectos do texto e não outros. A imagem dialogará com o texto e não caberá ao ilustrador sugerir mudanças de forma ou conteúdo, até porque não haverá tempo para isso. A imagem dará a sua visão interpretativa do texto e o autor, diante do ritmo industrial do jornalismo, também não terá tempo para ver a ilustração antes de impressa.

Na crônica em análise, a ilustração faz referência ao cartunista Glauco Villas-Boas, assassinado em 2010. Costa reproduz na parte superior da ilustração, uma das personagens mais famosas do cartunista, Geraldão<sup>39</sup>, ao lado, desenhos que aparentemente são abstratos, sem forma exata, mas que indicam uma caveira, braços e partes do corpo humano. Elementos que dialogam com o texto no sentido de inferir disputas que podem acabar em violência devido ao chamado “efeito de

---

<sup>38</sup> *Ilustra Brasil!* Espaço para a discussão sobre o desenho publicado no Brasil, ocorrido em São Paulo, de 7 de junho a 2 de julho, no SENAC – Lapa, organizado pela SIB – Sociedade dos Ilustradores do Brasil.

<sup>39</sup> A personagem Geraldão foi criado em 1981. É o solteirão de 30 anos, virgem e que ainda vive com a mãe. <http://fotos.estadao.com.br>. Acesso em: 14/10/2013.

grupo”. Um exemplo dessa violência e uma leitura que se pode apreender da referência ao cartunista Villas-Boas é a maneira como este morreu, assassinado por um jovem que fazia parte de um grupo e que, segundo divulgação da mídia na ocasião do crime, “não pensou” e não tinha razão para atirar no cartunista.

A seguir, analisaremos o quarto texto do *corpus*, a crônica intitulada *Copa do mundo*, de Drauzio Varella, publicada em 3 de julho de 2010.

QUANDO A bola bateu na travessão, caiu para dentro do gol e veio para as mãos do goleiro da Alemanha, lembrei da final da Copa de 1966 no estádio de Wembley.

Naquela tarde, o lugar que conseguí na arquibancada estava alinhado com as travessões alemães. Sentei tão perto do campo que ouvi o som da bola de couro contra o travessão e vi, com estes olhos que a terra há de comer, que ela bateu no chão sem ultrapassar a linha de gol.

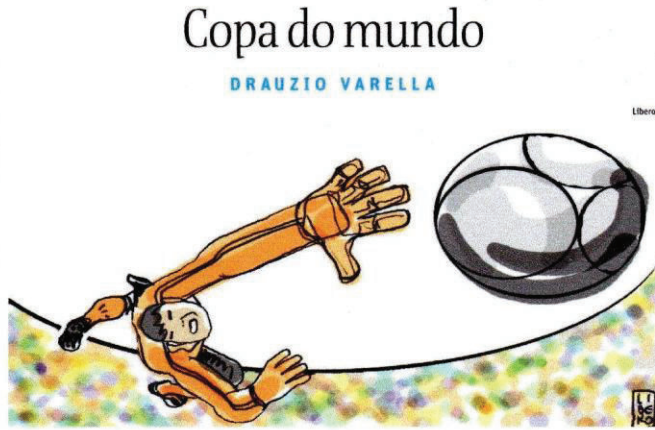
Enxerguei o lance com tanta clareza que fiquei até preocupado ao ver o juiz e o bandeirinha correrem para o meio do campo validando o gol inglês. Imaginei que a torcida da Alemanha fosse invadir o gramado em protesto contra o empate fraudulento.

Faltavam poucos minutos para a Copa terminar com a vitória de seu país por 2 a 1. Não havia alambrado ao redor do campo, só uma cerca metálica de um metro de altura.

Foi minha segunda surpresa naquela disputa. A primeira havia acontecido quando os alemães marcaram o primeiro gol e a torcida inglesa aplaudiu, depois de alguns segundos de hesitação. Que povo era aquele capaz de comemorar um gol do adversário em final de Copa do Mundo?

Comparei a reação anglo-saxônica com a que presenciei aos sete anos no armazém Simões lotado de torcedores, na esquina da Henrique Dias com a Rodrigues dos Santos, no bairro do Brás, na decisão da Copa de 1950.

Não existia televisão. Escutei a irradiação sentado numa pilha alta



# Copa do mundo

DRAUZIO VARELLA

de sacos de arroz que só conseguí escalar com a ajuda de meu primo Flavio, já moço. Fiquei ali todo importante, ouvindo a narração no meio dos rapazes mais velhos, astros das disputas futebolísticas na calçada da fábrica em frente de casa nas tardes de sábado, período em que começava a folga de fim de semana dos operários.

Futebol pelo rádio era emoção arrebatadora: "Leônidas mata no peito, baixa na terra, passa por um, dribla o segundo, invade a área, fulmina, e é gol". O grito interminável de gol. Em minha imaginação, o ho-

mem que matava no peito, invadia a área e fulminava o inimigo tinha os poderes do Super-Homem e do Capitão Marvel.

Foi uma decepção quando meu tio Odilo me levou pela primeira vez ao Pacaembu para assistir a São Paulo versus Nacional, time escolhido de um dedo para não desiludir o coração tricolor do sobrinho fanático.

Achei bonito o gramado, as bandeiras da torcida e me emocionei com o som dos fogos quando o São Paulo entrou em campo. Os jogadores de carne e osso, porém, deixaram a desejar: erravam passes, chutavam para fora e perdiam gols feitos, exatamente como a molecada na rua.

Além de maldosos, porque empurravam uns aos outros e davam caneladas, ainda eram mal educados, xingavam e cuspiam no chão, prática que minha avó considerava a pior das grosserias, responsável pela transmissão da tuberculose.

O mais grave é que faziam de tudo

para confundir o juiz. No futebol que jogávamos na porta da fábrica havia honestidade: quando a bola batia na mão de um mentiro, ele era o primeiro a parar o jogo; nas faltas cometidas, acontecia o mesmo.

No Pacaembu, eles chutavam a bola para fora e se apressavam para bater o lateral como se o adversário tivesse sido o último a tocá-la, caíam simulando pênaltis e, quando flagrados em infrações clamorosas, reclamavam do juiz com a veemência dos injustiçados.

Mesmo sem ter consciência, naquela partida aprendi que futebol é um esporte no qual mentira, dissimulação, violência física e maucaratismo são partes inseparáveis do jogo.

A venda de seu Simões quase veio abaixo quando Friça marcou o gol do Brasil, em 1950. Todos se abraçavam e pulavam com os braços para cima. No segundo tempo os uruguaios empataram, mas os presentes continuaram com a certeza de que seriamos campeões do mundo.

A desgraça entrou no armazém pelos pés de Gighia. Silêncio sepulcral; no ar apenas a voz do rádio e o cheiro dos sacos de mantimentos.

Quando o locutor anunciou o fim da partida, ficaram todos de cabeça baixa, ninguém falava nem se movia, parecia brincadeira de feito estática. Em procissão, os homens foram saindo, alguns com lágrimas nos olhos.

Encostado na carroceria de um caminhão, seu Isidoro, funcionário do Gasômetro, soluçava feito criança. Foi a primeira vez que vi homem chorar sem ninguém ter morrido.

TEATRO

**'Trabalho de Brecht' ganha relançamento**

O professor de literatura da USP José Antonio Pasta relança hoje o livro (R\$ 46, 352 págs.) originalmente publicado em 1986 em que estuda a

produção madura do dramaturgo Bertolt Brecht. O evento acontece no Estádio do Laço (r. Harmonia, 931, tel. 0/xx/11/3814-1905, a partir das 19h).

MÚSICA

**Moska revisita carreira em show acústico**

O cantor Moska apresenta os principais sucessos de sua carreira — como "O Último Dia" e "A Seta e o Alvo" — além de canções de seus últi-

mos trabalhos, no Sesc Santana (av. Luiz Dumont Villares, 579, tel. 0/xx/11/2971-8700, hoje, às 21h, e dom., às 19h30; R\$20; 14 anos).

DANÇA

**Cena 11 e Lia Rodrigues criam para a web**

O grupo Cena 11 (SC) e Lia Rodrigues Cia. de Danças (RJ) estão reunidos em uma residência artística no Sesc Pinheiros. O material criado será mostra-

do apenas na internet pelo site [www.projeto-propaganda.com.br](http://www.projeto-propaganda.com.br). As transmissões ao vivo ocorrem hoje, amanhã e nos dias 7 a 10, das 16h às 18h.

## ASSINANTE: PEÇA JÁ A SUA COLEÇÃO.

APRENDA TUDO SOBRE VINHOS COM A COLEÇÃO FOLHA O MUNDO DO VINHO. SÃO 16 LIVROS ILUSTRADOS COM CAPA DURA E MUITA INFORMAÇÃO: OS TIPOS DE VINHO, OS PAÍSES PRODUTORES E MUITAS DICAS SOBRE COMO ESCOLHER, DEGUSTAR E COMBINAR SEUS VINHOS. NÃO DÁ PRA NÃO COLECIONAR.

COLEÇÃO FOLHA O MUNDO DO VINHO

Assinante: na compra da coleção completa,

**GRÁTIS**

3 livros + kit Expand: 2 garrafas de vinho tinto chileno Don Arturo.

Por apenas **R\$14,90\*** cada livro.

PEÇA JÁ A SUA COLEÇÃO COM FRETE GRÁTIS.

LIVRO (11) 3224 3090 (GRANDE SÃO PAULO), 0800 775 8080 (OUTRAS LOCALIDADES) OU ACESSO [WWW.FOLHA.COM.BR/VINHOS](http://WWW.FOLHA.COM.BR/VINHOS)

**FOLHA\_o JORNAL DO FUTURO**

#### 4.1.4 - Copa do mundo<sup>40</sup>

Drauzio Varella

QUANDO A bola bateu no travessão, caiu para dentro do gol e veio para as mãos do goleiro da Alemanha, lembrei da final da Copa de 1966 no estádio de Wembley.

Naquela tarde, o lugar que consegui na arquibancada estava alinhado com as traves alemãs. Sentei tão perto do campo que ouvi o som da bola de couro contra o travessão e vi, com estes olhos que a terra há de comer, que ela bateu no chão sem ultrapassar a linha de gol.

Enxerguei o lance com tanta clareza que fiquei até preocupado ao ver o juiz e o bandeirinha correrem para o meio do campo validando o gol inglês. Imaginei que a torcida da Alemanha fosse invadir o gramado em protesto contra o empate fraudulento.

Faltavam poucos minutos para a Copa terminar com a vitória de seu país por 2 a 1. Não havia alambrado ao redor do campo, só uma cerca metálica de um metro de altura.

Foi minha segunda surpresa naquela disputa. A primeira havia acontecido quando os alemães marcaram o primeiro gol e a torcida inglesa aplaudiu, depois de alguns segundos de hesitação. Que povo era aquele capaz de comemorar um gol do adversário em final de Copa do Mundo?

Comparei a reação anglo-saxônica com a que presenciei aos sete anos no armazém Simões lotado de torcedores, na esquina da Henrique Dias com a Rodrigues do Santos, no bairro do Brás, na decisão da Copa de 1950.

Não existia televisão. Escutei a irradiação sentado numa pilha alta de sacos de arroz que só consegui escalar com a ajuda de meu primo Flavio, já moço. Fiquei ali todo importante, ouvindo a narração no meio dos rapazes mais velhos, astros das disputas futebolísticas na calçada da fábrica em frente de casa nas tardes de sábado, período em que começava a folga de fim de semana dos operários.

Futebol pelo rádio era emoção arrebatadora: “Leônidas mata no peito, baixa na terra, passa por um, dribla o segundo, invade a área, fulmina, e é gol”. O grito interminável de gol. Em minha imaginação, o homem que matava no peito, invadia a área e fulminava no inimigo tinha os poderes do Super-Homem e do Capitão Marvel.

Foi uma decepção quando meu tio Odilo me levou pela primeira vez ao Pacaembu para assistir a São Paulo versus Nacional, time escolhido a dedo para não desiludir o coração tricolor do sobrinho fanático. Achei bonito o gramado, as bandeiras da torcida e me emocionei com o som dos fogos quando o São Paulo entrou em campo. Os jogadores de carne e osso, porém, deixaram a desejar: erravam passes, chutavam para fora e perdiam gols feitos, exatamente como a molecada na rua.

Além de maldosos, porque empurravam uns aos outros e davam caneladas, ainda eram mal educados, xingavam e cuspiam no chão, prática que minha avó considerava a pior das grosserias, responsável pela transmissão da tuberculose.

O mais grave é que faziam de tudo para confundir o juiz. No futebol que jogávamos na porta da fábrica havia honestidade: quando a bola batia na mão de um menino, ele era o primeiro a parar o jogo; nas faltas cometidas, acontecia o mesmo.

No Pacaembu, eles chutavam a bola para fora e se apressavam para bater o lateral como se o adversário tivesse sido o último a tocá-la, caíam simulando pênaltis e, quando flagrados em infrações clamorosas, reclamavam do juiz com a veemência dos injustiçados.

Mesmo sem ter consciência, naquela partida aprendi que futebol é um esporte no qual mentira, dissimulação, violência física e mau-caratismo são partes inseparáveis do jogo.

A venda de seu Simões quase veio abaixo quando Friaça marcou o gol do Brasil, em 1950. Todos se abraçavam e pulavam com os braços para cima. No segundo tempo os uruguaios empataram, mas os presentes continuaram com a certeza de que seríamos campeões do mundo.

A desgraça entrou no armazém pelos pés de Gighia. Silêncio sepulcral; no ar apenas a voz do rádio e o cheiro dos sacos de mantimentos.

Quando o locutor anunciou o fim da partida, ficaram todos de cabeça baixa, ninguém falava nem se movia, parecia brincadeira de como está fica. Em procissão, os homens foram saindo, alguns com lágrimas nos olhos.

Encostado na carroceria de um caminhão, seu Isidoro, funcionário do Gasômetro, soluçava feito criança. Foi a primeira vez que vi homem chorar sem ninguém ter morrido.

<sup>40</sup> Texto de Drauzio Varella publicado no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* de 3 de julho de 2010.

A crônica analisada *Copa do mundo*, de Drauzio Varella, publicada no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 03 de julho de 2010, trata do tema futebol e da lembrança que o autor tem das Copas de 1950 e 1966.

O título já nos remete ao universo futebolístico e aciona a memória de curto prazo nesse campo, uma vez que o Brasil é um país que valoriza tanto a modalidade do esporte futebol quanto a Copa do Mundo que acontece a cada quatro anos. O nome do cronista ligado a esse tema poderia nos causar, em um primeiro momento, estranheza, uma vez que Drauzio Varella é médico, porém sua comprovada credibilidade como escritor que já publicou obras como “Estação Carandiru”<sup>41</sup>, “Por um fio”<sup>42</sup>, “Nas ruas do Brás”<sup>43</sup>, entre outros livros, justifica sua competência como escritor e sua narrativa de memória resgatando a época de menino quando jogava futebol de rua no bairro do Brás, faz parte do enredo de uma de suas obras. O tom de narrativa de memória que o autor imprime ao texto é acionado na lembrança a partir de um lance em uma partida de futebol contra a Alemanha, o que o remete a 1966.

### Recorte 1

Quando a bola bateu no travessão, caiu para dentro do gol e veio para as mãos do goleiro da Alemanha, lembrei da final da Copa de 1966 no estádio de Wembley.

Naquela tarde, o lugar que consegui na arquibancada estava alinhado com as traves alemãs. Sentei tão perto do campo que ouvi o som da bola de couro contra o travessão e vi, com estes olhos que a terra há de comer, que ela bateu no chão sem ultrapassar a linha do gol.

Enxerguei o lance com tanta clareza que fiquei até preocupado ao ver o juiz e o bandeirinha correrem para o meio do campo validando o gol inglês.

**Imaginei** que a torcida da Alemanha fosse invadir o gramado em protesto contra o empate fraudulento.

O autor compara os jogos da Copa do Mundo e inicia seu relato lembrando a final de 1966 quando a Alemanha venceu os ingleses por 2 a 1. Porém, o que lhe chamou a atenção foram dois episódios referentes às torcidas de ambos os países. O primeiro, excerto acima, em que o autor vê o gol não marcado pelos ingleses, mas validado pelo juiz da partida e sem nenhuma reação negativa por parte da torcida.

<sup>41</sup> VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>42</sup> VARELLA, Drauzio. *Por um fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>43</sup> VARELLA, Drauzio. *Nas ruas do Brás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Já o segundo, foi quando o time alemão marcou o primeiro gol contra os ingleses e a torcida desse país aplaudiu seu adversário. O autor usa “imaginei” porque na cultura do futebol, pelo menos na brasileira, a conduta para o protesto é recorrente, mesmo sem procedência, sem coerência, sem razão, mesmo diante do apito daquele que é considerado autoridade em campo, o juiz, mesmo assim, a torcida brasileira tem o costume de reclamar. Ainda no âmbito cultural, o autor se questiona acerca do comportamento da torcida inglesa que aplaudiu o gol do time adversário.

A comparação que o autor estabelece é a da reação manifestada pela torcida brasileira e pela anglo-saxônica. Em uma narrativa de memória, o autor resgata a lembrança da decisão da Copa do Mundo de 1950, em que ouviu a partida pelo rádio em um armazém, no bairro do Brás.

### **Recorte 2**

Comparei a reação anglo-saxônica com a que presenciei aos sete anos no armazém Simões lotado de torcedores, na esquina da Henrique Dias com a Rodrigues do Santos, no bairro do Brás, na decisão da Copa de 1950. Não existia televisão. Escutei a irradiação sentado numa pilha alta de sacos de arroz que só consegui escalar com a ajuda de meu primo Flavio, já moço.

Observamos na narrativa do autor que o tom, voz fictícia que garante a presença de um corpo, configura-se como estratégia discursiva na qual seu relato quer ser reconhecido. Essa estratégia de enunciação indica o tipo de interação que o autor pretende manter com seu interlocutor.

O autor relembra a final da Copa de 1966 e discorre acerca do comportamento de duas torcidas que assistiam a uma partida de final de Copa do Mundo: inglesa e alemã. Em seguida compara a postura dessas torcidas com a que havia presenciado quando tinha sete anos. Segundo Charaudeau (2008), para que haja narrativa, é necessário um “contador”, investido de uma intencionalidade.

A comparação ocorre entre times europeus e brasileiros, o comportamento dos povos em campo e a frustração do menino (o autor) com a descoberta de que o futebol ao vivo era muito diferente daquele ouvido pelo rádio.

### Recorte 3

**Futebol pelo rádio era emoção arrebatadora:** “Leônidas mata no peito, baixa na terra, passa por um, dribla o segundo, invade a área, fulmina, e é gol”. O grito interminável de gol. Em minha imaginação, o homem que matava no peito, invadia a área e fulminava no inimigo tinha os poderes do Super-Homem e do Capitão Marvel.

A intertextualidade explícita ocorre quando houver indicação da fonte, entretanto, o recurso das aspas confere a retomada do discurso alheio e, assim, o autor busca legitimar sua afirmação de que é grande a emoção do futebol pelo rádio e, em seguida, faz alusão à narração radiofônica da decisão da Copa de 1950. Ainda no recorte 3, lembra-se de personagens como Super-Homem e Capitão Marvel, heróis das histórias em quadrinhos dos anos 40 e os compara aos jogadores que também tinham super-poderes. Mas esses mesmos heróis também são anti-heróis quando cospem, xingam e trapaceiam, fazendo desmoronar a imagem construída (ethos) no imaginário infantil, excerto 4.

### Recorte 4

Foi uma decepção quando meu tio Odilo me levou pela primeira vez ao Pacaembu para assistir a São Paulo versus Nacional, time escolhido a dedo para não desiludir o coração tricolor do sobrinho fanático. Achei bonito o gramado, as bandeirinhas da torcida e me emocionei com o som dos fogos quando o São Paulo entrou em campo. Os jogadores de carne e osso, porém, deixaram a desejar: erravam passes, chutavam para fora e perdiam gols feitos, exatamente como a molecada na rua.

Além de maldosos, porque empurravam uns aos outros e davam caneladas, ainda eram mal educados, xingavam e cuspiam no chão, prática que minha avó considerava a pior das grosserias, responsável pela transmissão da tuberculose.

No recorte acima, o relato acerca da decepção do autor quando foi pela primeira vez a um estádio de futebol e descobriu que os jogadores não eram super-heróis e, que, como seres de “carne e osso”, cometiam erros como as crianças.

### Recorte 5

O mais grave é que faziam de tudo para confundir o juiz. No futebol que jogávamos na porta da fábrica havia honestidade: quando a bola batia na mão de um menino, ele era o primeiro a parar o jogo; nas faltas cometidas, acontecia o mesmo.

No Pacaembu, eles chutavam a bola para fora e se apressavam para bater o lateral como se o adversário tivesse sido o último a tocá-la, caíam simulando

pênaltis e, quando flagrados em infrações clamorosas, reclamavam do juiz com a veemência dos injustiçados.

Mesmo sem ter consciência, naquela partida aprendi que **futebol é um esporte no qual mentira, dissimulação, violência física e mau-caratismo são partes inseparáveis do jogo.**

A reflexão se instaura na questão da ética e da moral, em outras palavras, no comportamento humano, nas regras que orientam cada indivíduo, norteando suas ações e seus julgamentos acerca do que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mau. Discutir ética e moral seria infundável e teríamos de penetrar outras ciências do conhecimento, o que não caberia para o propósito desta pesquisa, porém, grosso modo, segundo Vásquez (1998), a ética é teórica e reflexiva, enquanto a moral é eminentemente prática, uma completa a outra, estabelecendo um inter-relacionamento entre ambas, pois na ação humana, o conhecer e o agir são indissociáveis.

Assim, quando se é criança, ainda há ética e moral não “corrompidas”, joga-se futebol com honestidade. O autor afirma ter aprendido, mesmo sem consciência, que no futebol dos “adultos”, aquele que assistiu no Pacaembu, havia “mentira, dissimulação, violência física e mau-caratismo”.

A linguagem em tom coloquial apresenta expressões que fazem parte de nossa memória coletiva, como “Time escolhido a dedo”, “com esses olhos que a terra há de comer”, “os jogadores de carne e osso”, típicas de uma informalidade própria do gênero discursivo e que tem como finalidade aproximar, em uma relação bem-humorada, o leitor à narrativa e persuadi-lo a envolver-se na analogia acerca do futebol europeu *versus* o futebol brasileiro.

### **Recorte 6**

Quando o locutor anunciou o fim da partida, ficaram todos de cabeça baixa, ninguém falava nem se movia, parecia brincadeira de como está fica. Em procissão, os homens foram saindo, alguns com lágrimas nos olhos.

Encostado na carroceria de um caminhão, seu Isidoro, funcionário do Gasômetro, soluçava feito criança. **Foi a primeira vez que vi homem chorar sem ninguém ter morrido.**

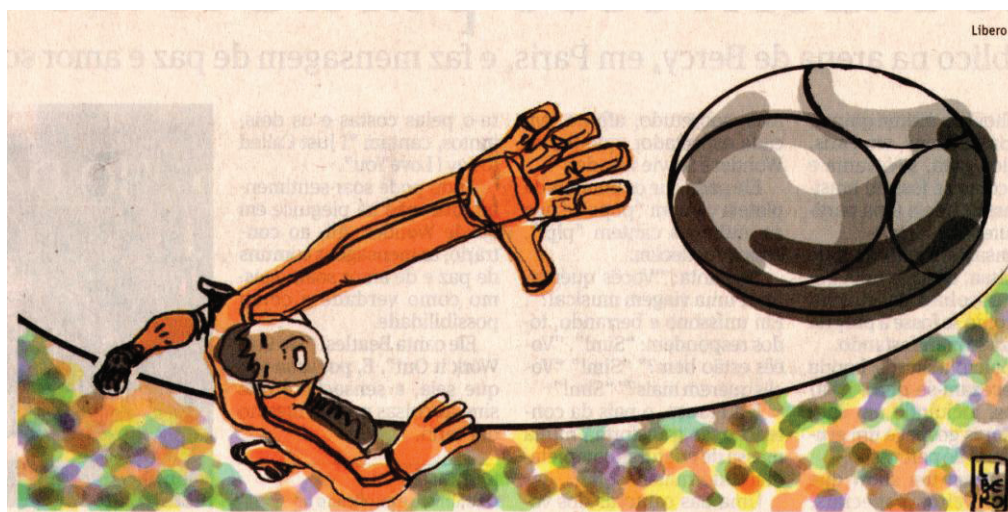
Nesse excerto, quando o autor menciona “ficaram todos de cabeça baixa”, é possível perceber o reflexo do futebol no comportamento do torcedor e os profundos impactos sociais e simbólicos na vida de cada indivíduo. Em relação à derrota da

grande favorita seleção brasileira para a seleção do Uruguai, segundo Perdigão (1986), essa derrota teve, para os brasileiros, uma importância

infinitamente maior do que o peso da correspondente vitória para os uruguaios. O 16 de julho de 1950 provocou uma comoção nacional poucas vezes verificada na vida contemporânea do país, comparável à do suicídio de Getúlio Vargas e à agonia de Tancredo Neves, iniciada no dia de sua posse. (PERDIGÃO, 1986:35)

No penúltimo e último parágrafos da crônica, continuando em tom narrativo, o autor encerra a história e descreve a reação de tristeza dos homens diante de uma derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo. Menciona que foi a primeira vez que viu homem chorar sem ninguém ter morrido. Tratava-se de futebol.

A seguir, ilustração extraída da crônica em análise.



(Figura 9. Ilustração de Libero Malavoglia Jr.)

A ilustração, de maneira rápida, convida o leitor a entrar no texto e apresenta uma prévia interpretação visual do seu conteúdo, escolhendo um aspecto do texto ou apontando um resumo.



(Figura 10. O primeiro gol uruguaio<sup>44</sup>).

Na ilustração da figura 10, há a imagem de um goleiro tentando pegar a bola e o diálogo com o texto verbal acontece porque o autor relata vários momentos de gol e descreve como é estar perto da trave e conseguir ver detalhes desse momento tão emocionante de uma partida de futebol. O ilustrador Libero<sup>45</sup> talvez tenha se inspirado em um dos momentos de gol daquela partida entre Brasil e Uruguai e em uma das fotos que a imprensa, na época, divulgou dos gols da partida. Na figura 5, temos, em ângulo contrário ao da ilustração, o jogador Schiafinno que chuta para marcar o primeiro gol uruguaio e o goleiro brasileiro que não consegue interceptar a bola.

A seguir, analisaremos o quinto texto do *corpus*, a crônica intitulada *O futebol não é um jogo*, de João Pereira Coutinho, publicada em 6 de julho de 2010.

<sup>44</sup> Disponível em: <http://blog.maismemoria.net/?tag=60-anos>. Acesso em 11/11/2013.

<sup>45</sup> Libero Malavoglia Jr. é ilustrador desde 1983, quando iniciou na revista *Playboy*. Trabalhou nos jornais *Estadão*, *Folha de S. Paulo* e na Bienal Internacional de São Paulo. Desde 2000 ilustra a coluna do Dr. Drauzio Varella para a *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <http://www.editorabussola.com.br/autores>. Acesso em: 04/11/2013.

PELA PRIMEIRA vez na vida, vou discordar de Theodore Dalrymple. O dr. Dalrymple, pseudônimo do médico britânico Anthony Daniels, é um dos mais brilhantes ensaístas vivos. Discordar da sua sabedoria, sempre intocável, é exercício atrevido. Arrisco na mesma.

Escreveu o dr. Dalrymple, em artigo para a "New English Review", que não consegue suprimir o seu desprezo pelo futebol. Como é possível que países alegadamente ilustrados possam dedicar a um jogo todas as energias da nação?

Como é possível que a França possa reunir "comissões parlamentares de inquérito" para analisar o que sucedeu de errado com a sua seleção? Será que as pessoas não repararam na vulgaridade e, pior, na inutilidade de transformar um mero jogo em algo que ele não é?

Futebol é futebol, diz o dr. Dalrymple. A paixão mundial por ele é sintoma da nossa decadência presente, mental e cultural.

Com a devida vênia, discordo. Futebol não é apenas futebol. Descontando a dimensão financeira e midiática avassaladoras, que sacode o globo inteiro, o jogo tem importância política e até existencial que é impossível não ver.

Politicamente, alguém deveria enviar ao dr. Dalrymple a primeira página desta Folha de domingo: o goleiro da Argentina, de costas e de quatro. É o título, generoso e a negro: "Massacre histórico". Olé!

Imagino o prazer que os editores do jornal tiveram ao planejar essa primeira página. E imagino o prazer que os brasileiros tiveram ao lê-la.

## O futebol não é um jogo

JOÃO PEREIRA COUTINHO



Melhor, só mesmo se tivesse sido o Brasil a fazer o serviço.

E quem diz o Brasil diz Portugal ante a Espanha. A equipe lusitana perdeu com "sus hermanos" uma semana atrás. Mas perder contra Espanha não é o mesmo que perder contra a Alemanha, contra a Argentina ou mesmo contra o Brasil.

Perder contra Espanha desperta todos os fantasmas históricos de um país que, em rigor, sempre afirmou a sua identidade por oposição a Castela. E que sempre viu em Castela uma ameaça física (no passado) ou econômica (no presente).

Hoje, Portugal e Espanha são

**No Ocidente pós-moderno, onde a religião e o Estado recuaram na sua força, o futebol preencheu o vazio**

membros da União Europeia e parceiros comerciais relevantes. Mas bastaria ler a imprensa portuguesa antes do jogo para perguntar se os jornais desportivos se tinham convertido à erudição acadêmica: as referências a batalhas importantes entre os dois países eram tantas que o leitor médio precisaria de um Ph.D. em história medieval para compreendê-las a todas.

Apenas um jogo? Para os portugueses, defrontar a Espanha era uma nova Batalha de Aljubarrota. Serem derrotados pela Espanha, uma repetição de 1580, quando o país perdeu a independência para os vizinhos. Todos os portugueses esperam agora pela desforra. Esperam por um novo jogo, uma nova Restauração, um novo 1640.

A União Europeia fez-se para harmonizar os interesses das nações do continente e, quem sabe, diluir as velhas identidades nacionais num único projeto federal.

Mas essas identidades existem e persistem quando Portugal encon-

tra Espanha; quando a França encontra a Alemanha; quando a Irlanda encontra a Inglaterra; quando a Polónia encontra a Rússia. O futebol é a válvula de escape para que os países, formalmente unidos em Bruxelas, possam libertar medos ou ressentimentos que o tempo amazenou no subconsciente histórico.

Mas não apenas no subconsciente histórico. Disse que o futebol tem importância política e existencial. E essa última dimensão encontra-se no torcedor anônimo, que festeja e chora o destino da equipe como se fosse o seu próprio destino.

De certa forma, ele tem razão: o torcedor de futebol não deseja apenas contemplar a beleza do jogo e divertir-se em 90 minutos. O torcedor projetou na equipe exigências pessoais que não podem ser frustradas. Ele anseia por ordem, força, criatividade, disciplina, vontade ganhadora; ele exige o que seria incapaz de exigir a si próprio. Porque não pode, ou não quer.

O futebol não é apenas um jogo. No Ocidente global e pós-moderno, onde a religião e mesmo o Estado-nação foram recuando na sua força vital, o futebol preencheu esse vazio, congregando novos fiéis com um novo sentimento de pertença.

E com uma nova narrativa. Uma narrativa pulsional e tribal, feita de confrontos maniqueístas, sofrimentos coletivos e a possibilidade de uma redenção final e mundana.

jpcoutinho@folha.com.br

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Marcelo Coelho

### CINEMA

#### "Eclipse" rende menos que o esperado

Durante os cinco primeiros dias de exibição nos EUA, a bilheteria do terceiro longa da saga "Crepúsculo" ficou aquém das expectativas.

"Eclipse" lucrou US\$ 162 milhões, US\$ 3 milhões a menos que o anterior "Lua Nova". Ainda assim, o longa teve a maior bilheteria no período.

### ERUDITO

#### Ruth Serrão homenageia Guerra-Peixe

O pianista realiza hoje, às 21h, concerto de lançamento de seu último disco, "O Piano de Guerra-Peixe", dedicado a um dos mais importantes no-

mes da música brasileira, César Guerra-Peixe (1914-1983). No Sesc Vila Mariana (r. Pelotas, 141, tel. 011/5080-3000; R\$ 16; 12 anos).

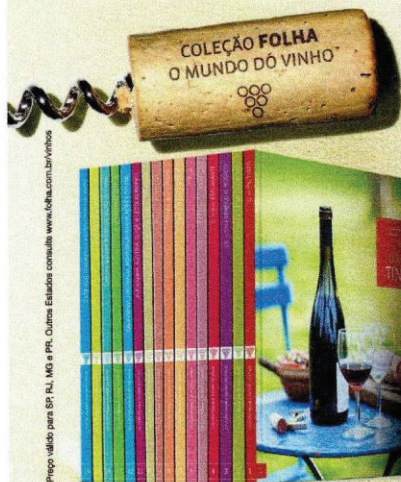
### MÚSICA

#### Dupla Letuce faz show no Sesc Pompeia

O casal Leticia Novaes e Lucas Vasconcelos mostra hoje as canções do CD "Plano de Fuga para Cima dos Outros e de Mim", calçado com irreverên-

cia no universo romântico. O show acontece às 21h na choperia do Sesc Pompeia (r. Clélia, 93, tel. 011/3871-7700; grátis; 12 anos).

## O PAÍS COM UMA DAS MELHORES GASTRONOMIAS DO MUNDO TINHA QUE TER VINHOS À ALTURA PARA ACOMPANHAR.



PRÓXIMO DOMINGO  
NAS BANCAS POR APENAS  
**R\$ 14,90\***

A COLEÇÃO FOLHA O MUNDO DO VINHO TRAZ OS VINHOS DA FRANÇA. CONHEÇA UM DOS MAIORES PAÍSES PRODUTORES DO MUNDO. VOCÊ VAI VISITAR AS PRINCIPAIS REGIÕES E VINHEDOS E CONHECER RÓTULOS E AS UVAS MAIS FAMOSAS, ALÉM DE CURIOSIDADES SOBRE A HISTÓRIA E O CULTIVO DO VINHO FRANCÊS. COLECIONE.

ASSINANTE FOLHA: NA COMPRA DA COLEÇÃO COMPLETA, GANHE 3 VOLUMES + 2 GARRAFAS DE VINHO.

LIGUE (11) 3224 3090 (GRANDE SÃO PAULO) 0800 775 8080 (OUTRAS LOCALIDADES)  
OU ACESSO WWW.FOLHA.COM.BR/VINHOS

FOLHA\_o JORNAL DO FUTURO

#### 4.1.5 - O futebol não é um jogo<sup>46</sup>

João Pereira Coutinho

PELA PRIMEIRA vez na vida, vou discordar de Theodore Dalrymple. O dr. Dalrymple, pseudônimo do médico britânico Anthony Daniels, é um dos mais brilhantes ensaístas vivos. Discordar da sua sabedoria, sempre intocável, é exercício atrevido. Arrisco na mesma.

Escreveu o dr. Dalrymple, em artigo para a “New English Review”, que não consegue suprimir o seu desprezo pelo futebol. Como é possível que países alegadamente ilustrados possam dedicar a um jogo todas as energias da nação?

Como é possível que a França possa reunir “comissões parlamentares de inquérito” para analisar o que sucedeu de errado com a sua seleção? Será que as pessoas não reparam na vulgaridade e, pior, na inutilidade de transformar um mero jogo em que algo que ele não é?

Futebol é futebol, diz o dr. Dalrymple. A paixão mundial por ele é sintoma da nossa decadência presente, mental e cultural.

Com a devida vênia, discordo. Futebol não é apenas futebol. Descontando a dimensão financeira e mediática avassaladoras, que sacode o globo inteiro, o jogo tem importância política e até existencial que é impossível não ver.

Politicamente, alguém deveria enviar ao dr. Dalrymple a primeira página desta Folha de domingo: o goleiro da Argentina, de costas e de quatro. E o título, generoso e a negro: “Massacre histórico”. Olé! Imagino o prazer que os editores do jornal tiveram ao planejar essa primeira página. E imagino o prazer que os brasileiros tiveram ao lê-la. Melhor, só mesmo se tivesse sido o Brasil a fazer o serviço. E quem diz o Brasil diz Portugal ante a Espanha. A equipe lusitana perdeu com “sus hermanos” uma semana atrás. Mas perder contra Espanha não é o mesmo que perder contra a Alemanha, contra a Argentina ou mesmo contra o Brasil.

Perder contra Espanha desperta todos os fantasmas históricos de um país que, em rigor, sempre afirmou a sua identidade por oposição a Castela. E que sempre viu em Castela uma ameaça física (no passado) ou econômica (no presente).

Hoje, Portugal e Espanha são membros da União Europeia e parceiros comerciais relevantes. Mas bastaria ler a imprensa portuguesa antes do jogo para perguntar se os jornais desportivos se tinham convertido à erudição acadêmica: as referências a batalhas importantes entre dois países eram tantas que o leitor médio precisaria de um Ph.D. em história medieval para compreendê-las a todas.

Apenas um jogo? Para os portugueses, defrontar a Espanha era uma nova Batalha de Aljubarrota. Serem derrotados pela Espanha, uma repetição de 1580, quando o país perdeu a independência para os vizinhos. Todos os portugueses esperam agora pela desforra. Esperam por um novo jogo, uma nova Restauração, um novo 1640.

A União Europeia fez-se para harmonizar os interesses das nações do continente e, quem sabe, diluir as velhas identidades nacionais num único projeto federal.

Mas essas identidades existem e persistem quando Portugal encontra Espanha; quando a França encontra a Alemanha; quando a Irlanda encontra a Inglaterra; quando a Polónia encontra a Rússia. O futebol é a válvula de escape para que os países, formalmente unidos em Bruxelas, possam libertar medos ou ressentimentos que o tempo armazenou no subconsciente histórico.

Mas não apenas no subconsciente histórico. Disse que o futebol tem importância política e existencial. E essa última dimensão encontra-se no torcedor anônimo, que festeja e chora o destino da equipe como se fosse o seu próprio destino.

De certa forma, ele tem razão: o torcedor de futebol não deseja apenas contemplar a beleza do jogo e divertir-se em 90 minutos. O torcedor projetou na equipe exigências pessoais que não podem ser frustradas. Ele anseia por ordem, força, criatividade, disciplina, vontade ganhadora; ele exige o que seria incapaz de exigir de si próprio. Porque não pode, ou não quer.

O futebol não é apenas um jogo. No Ocidente global e pós-moderno, onde a religião e mesmo o Estado-nação foram recuando na sua força vital, o futebol preencheu esse vazio, congregando novos fiéis com um novo sentimento de pertença.

E com uma nova narrativa. Uma narrativa pulsional e tribal, feita de confrontos maniqueístas, sofrimentos coletivos e a possibilidade de uma redenção final e mundana.

---

<sup>46</sup> Texto de João Pereira Coutinho publicado no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* de 06 de julho de 2010.

A quinta crônica analisada intitula-se “O futebol não é um jogo”<sup>47</sup>, de João Pereira Coutinho, e já instaura a alteridade ao afirmar que o futebol não é um jogo, ou seja, o vocábulo “não” nega a afirmação de que futebol é um jogo. Segundo o princípio de coerções semânticas, a palavra pode ser explorada por diferentes discursos, assim, a negação do título da crônica apenas confirma o futebol como jogo.

O autor inicia seu texto discordando do artigo de Theodore Dalrymple, pseudônimo do médico ensaísta britânico Antony Daniel, em “Of Snobbery and Soccer”<sup>48</sup>, publicado em 5 de julho de 2010, na *New English Review*, em que o médico trata também do assunto futebol. Tendo como princípio a hipótese de Maingueneau (2008:55), acerca da apreensão do discurso através da interdiscursividade e partindo da premissa de que a identidade de um discurso depende de “uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais”, compartilhamos da hipótese defendida pelo analista de que o interdiscurso precede o discurso, uma vez que o discurso somente se constitui no embate, lugar em que se “encontra” o interdiscurso. Dessa forma, a relação interdiscursiva se estabelece entre o Mesmo e o Outro e se dá sob a forma de simulacro, ou seja, uma relação polêmica, que Maingueneau chama de interincompreensão regrada.

### Recorte 1

Pela primeira vez na vida, **vou discordar** de Theodore Dalrymple. O dr. Dalrymple, pseudônimo do médico britânico Anthony Daniels, é um dos mais brilhantes ensaístas vivos. Discordar da sua sabedoria, sempre intocável, é exercício atrevido. Arrisco na mesma.

Escreveu o dr. Dalrymple, em artigo para a “New English Review”, que não consegue suprimir o seu desprezo pelo futebol. Como é possível que países alegadamente ilustrados possam dedicar a um jogo todas as energias da nação?

A interincompreensão instaura-se porque o dizível de um campo de discurso dado é governado por um sistema de restrições único que deve ser concebido como uma competência discursiva que supõe a capacidade de reconhecer que o que o

---

<sup>47</sup> O autor também escreveu no período de junho a julho de 2010 a crônica *Torturas da Copa*, anexo 06, tratando do tema futebol, no entanto, para a seleção desta pesquisa, a crônica escolhida foi *O futebol não é um jogo*.

<sup>48</sup> *Of Snobber and Soccer*, artigo publicado em 05 de julho de 2010, na *New English Review*, anexo 07.

seu Outro diz é incompatível com a sua formação discursiva e a capacidade de produzir um simulacro do Outro. A expressão “vou discordar”, recorte 1, instaura a polêmica, o embate entre dois discursos contrários entre si, os quais podem ser referidos a formações discursivas distintas e contrárias. Por meio do intertexto, o discurso do autor da crônica dialoga com o discurso do artigo do ensaísta Theodore Dalrymple que afirma que a paixão mundial pelo futebol é um sintoma da decadência intelectual de nosso tempo e se diz indignado pelo fato de a França dar tanta importância ao futebol e instalar uma comissão parlamentar de inquérito só para analisar as causas do fracasso de sua seleção na Copa do Mundo de 2010.

### Recorte 2

Com a devida vênia, **discordo**. Futebol não é apenas futebol. Descontando a dimensão financeira e mediática avassaladoras, que sacode o globo inteiro, o jogo tem importância política e até existencial que é impossível não ver. Politicamente, alguém deveria enviar ao dr. Dalrymple a primeira página desta Folha de domingo: o goleiro da Argentina, de costas e de quatro. E o título, generoso e a negro: “Massacre histórico”. Olé!

Segundo o médico, “futebol é futebol”, um mero jogo que não deveria ganhar tanto destaque e importância. Já Coutinho cita partes do discurso de Dalrymple, intertextualidade externa, justamente para desqualificar as afirmações apresentadas por este e, assim, instaurar a polêmica, referida no recorte 2. O uso do verbo em primeira pessoa, “discordo”, pressupõe uma divergência que, na verdade, como assevera Maingueneau,

Na polêmica, contrariamente ao que se pensa espontaneamente, **é a convergência que prevalece sobre a divergência**, já que o desacordo supõe um acordo sobre ‘um conjunto ideológico comum’<sup>49</sup>, sobre as leis do campo discursivo partilhado. A polêmica sustenta-se com base na convicção de que existe um código que transcende os discursos antagônicos, reconhecido por eles, que permitiria decidir entre o justo e o injusto. É assim postulada a figura do árbitro, do neutro, da instância que não é um nem outro, vale dizer, da utopia de uma posição que seja parte interessada no conflito e exterior a ele. Seja o Papa, o partido, os sábios, o bom senso... deve existir em algum lugar algum tribunal habilitado a decidir. Ficção que sustenta a polêmica sem poder pôr nela um termo. (MAINGUÉNEAU, 2008:111)

---

<sup>49</sup> J. Dubois e J. Sumpf, “Linguistique et révolution”, in *Communications* no. 12, 1968, p. 151.

Ainda no recorte 2, o autor afirma que o futebol é muito mais do que um simples esporte e menciona a primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*<sup>50</sup> em que aparece o goleiro da Argentina na derrota de seu time. Temos, então, novamente, o recurso da intertextualidade externa, aquela que não depende de uma memória discursiva, uma vez que a relação que se estabelece, em parte, é de ordem não apenas linguística, ou seja, o autor dialoga com a imagem que o jornal traz da posição do jogador argentino na derrota de seu time contra a Alemanha e, em seguida, menciona o título “Massacre histórico”, que acompanha a ilustração.

A narrativa prossegue com a citação indireta de vários fatos históricos que comprovam a importância entre times adversários e o que os aproxima quando acontece uma partida de futebol. A intertextualidade que trava diálogos entre textos é utilizada como recurso de argumentação quando o autor retoma partes do artigo do médico para, em seguida, discordar a respeito de suas afirmações acerca do futebol e conseguir, assim, a adesão do leitor que, por sua vez, tem apenas um recorte do discurso do médico e não a totalidade do artigo, logo, não é possível apreender todo o ponto de vista desenvolvido por Dalrymple. Segundo Koch (2007), quando a intertextualidade for de sentido restrito, como no caso em análise, o grau de argumentatividade será bem mais elevado, uma vez que se trata de argumentação por recurso de autoridade.

Nos parágrafos seguintes, o autor defende seu ponto de vista argumentando a respeito da importância futebolística em vários países e suas “saudáveis” e culturais rivalidades: Brasil x Argentina; Portugal x Espanha; França x Alemanha; Irlanda x Inglaterra; Polônia x Rússia. Retoma fatos históricos e utiliza a polifonia como presença de várias vozes no discurso para argumentar a tese defendida.

### Recorte 3

A equipe lusitana perdeu com “sus hermanos” uma semana atrás. Mas perder contra Espanha não é o mesmo que perder contra a Alemanha, contra a Argentina ou mesmo contra o Brasil.

Perder contra Espanha **desperta todos os fantasmas históricos de um país** que, em rigor, sempre afirmou a sua identidade por oposição a Castela. E que sempre viu em Castela uma ameaça física (no passado) ou econômica (no presente).

Hoje, Portugal e Espanha são membros da União Europeia e parceiros comerciais relevantes. Mas bastaria ler a imprensa portuguesa antes do jogo

---

<sup>50</sup> Anexo 12, primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* publicada em 04 de julho de 2010.

para perguntar se os jornais desportivos se tinham convertido à erudição acadêmica: as referências a batalhas importantes entre os dois países eram tantas que o leitor médio precisaria de um Ph.D. em história medieval para compreendê-las a todas.

Como já mencionamos, os discursos presentes na crônica estão em relação de polêmica, eles mencionam o discurso adversário construindo uma crítica. Segundo Maingueneau (2008:114), “polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em posição de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável”. Para os brasileiros, considerar o futebol na visão do autor da crônica é muito mais aceitável do que na visão do ensaísta. É preciso que haja o outro para que o discurso tenha legitimidade, assim, o autor se serve de recursos argumentativos para que o leitor possa aderir ao seu posicionamento e compartilhar com ele do seu ponto de vista a respeito do futebol e traz para a discussão a história das rivalidades, como, por exemplo, a de Portugal contra a Espanha. Afirma que, por meio do futebol, a “batalha” continua e a chance que Portugal tem cada vez que encontra a Espanha em campo, mesmo sendo o de futebol, é por uma desforra.

#### **Recorte 4**

Disse que **o futebol tem importância política e existencial**. E essa última dimensão encontra-se no torcedor anônimo, que festeja e chora o destino da equipe como se fosse o seu próprio destino.

De certa forma, ele tem razão: o torcedor de futebol não deseja apenas contemplar a beleza do jogo e divertir-se em 90 minutos. O torcedor projetou na equipe exigências pessoais que não podem ser frustradas. Ele anseia por ordem, força, criatividade, disciplina, vontade ganhadora; ele exige o que seria incapaz de exigir de si próprio. Porque não pode, ou não quer.

Nesse excerto, o tema futebol é pretexto para debates e discussões acerca de outros assuntos, inclusive o existencial. O autor afirma que “o futebol tem importância política e existencial” e explica essa última com base no comportamento do torcedor de futebol. As expectativas, esperanças, desejos do torcedor são projetadas na equipe que fará em campo o que ele não está habilitado a fazer. Logo, a vitória ou a derrota do time serão suas também. A crônica de Cony também mostra esse torcedor que sofre e revela seus mais profundos sentimentos quando seu time

está em campo, “um sentimento geral que desperta em cada um de nós um estágio de pureza infantil, egoísta e coletivo ao mesmo tempo.”

### Recorte 5

**O futebol não é apenas um jogo.** No Ocidente global e pós-moderno, onde a religião e mesmo o Estado-nação foram recuando na sua força vital, o futebol preencheu esse vazio, congregando novos fiéis com um novo sentimento de pertença.

E com uma nova narrativa. Uma narrativa pulsional e tribal, feita de **confrontos maniqueístas**, sofrimentos coletivos e a possibilidade de uma redenção final e mundana.

No recorte 5, finalização da crônica, o autor retoma o título acrescentando o vocábulo “apenas”, “O futebol não é apenas um jogo”, para reforçar a ideia de que o futebol, com uma nova narrativa, baseada em princípios antagônicos do maniqueísmo, ou seja, o bem *versus* o mal, está preenchendo um espaço deixado pela religião e mesmo pelo Estado-nação. Os “novos fiéis” e “um novo sentimento de pertença” nos leva a uma reflexão de Bauman (2005) acerca da questão da identidade e do pertencimento.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005:17)

A seguir, ilustração extraída da crônica em análise.



(Figura 11. Ilustração de Binho Barreto)

A ilustração que acompanha a crônica em análise dá concretude à proposta intersemiótica, uma vez que o sistema de restrições semânticas próprias de um discurso não se limita ao domínio textual, mas determina também o funcionamento dos elementos não-verbais que estão presentes em uma prática intersemiótica. Assim, o enunciado, tanto quanto a ilustração, “estão submetidos por uma prática discursiva a certo número de condições que definem sua legitimidade”. (MAINGUENEAU, 2008:148)

A ilustração no centro do texto é de Binho Barreto<sup>51</sup> e ela também dialoga com o artigo de Dalrymple negando a afirmação de que o futebol é apenas um jogo. A imagem é de um jogador correndo com a bola entre as pernas, provavelmente conduzindo-a para o campo adversário para marcar o gol. As cores são fortes e o corpo inteiro do atleta não aparece, apenas suas pernas e o movimento da jogada. É coerente a interpretação de que a ilustração é conivente com a crônica e a defesa de Coutinho em oposição ao ponto de vista do médico, uma vez que há, entre outros aspectos, uma questão cultural, bastante relevante em se tratando de Brasil. Quando se faz qualquer afirmação referente ao tema futebol é unânime, de senso comum e até “institucionalizado” que o Brasil é conhecido como o “país do futebol”. Logo, abre-se discussão polêmica ao se afirmar o contrário ou, no caso do dr. Dalrymple, fazer afirmação tão contundente de que o futebol é apenas um jogo.

<sup>51</sup> Binho Barreto nasceu e reside em Belo Horizonte. Desenvolveu trabalhos na interseção entre artes plásticas, ilustração e design gráfico. Desde 2008 ilustra semanalmente para o jornal *Folha de S. Paulo* (caderno *Ilustrada*). Tem se dedicado também à pesquisa de design para interfaces eletrônicas através de grupos interdisciplinares relacionados à UFMG, CNPQ e FAPEMIG. É formado em artes-plásticas pela escola Guignard – UEMG. Disponível em: <http://www.minigaleria.com/produtos/binho-barreto/>. Acesso em: 30/07/2013.

Segundo Coutinho, “o futebol não é apenas um jogo” e, observando mais atentamente a bola da ilustração, notamos que a cor azul marinho e os formatos de continentes aludem à figura do nosso planeta, ou seja, o futebol faz parte de uma cultura popular não só brasileira, mas de povos do mundo todo.

Considerando a ilustração parte importante de nossa análise, entendemos que um texto não é apenas um conjunto de sinais gráficos, mas expressão material de um discurso mais amplo no qual efeitos de sentido são criados pelo verbal e pelo não-verbal. Segundo Silva (1985), o jornal é também algo que se vê e do todo se parte para os grandes títulos e para as ilustrações.

A seguir, analisaremos o sexto texto do *corpus*, a crônica intitulada *Rio, campo minado*, de Ferreira Gullar, publicada em 11 de julho de 2010.

UM BUEIRO explodiu em plena avenida Nossa Senhora de Copacabana, a umas poucas esquinas de minha casa, e lançou pelos ares um casal de norte-americanos que tinha vindo à cidade maravilhosa a serviço. Estão os dois num hospital, ela com 85% do corpo queimado.

O bueiro que explodiu é da Light, a empresa que fornece energia elétrica à cidade. Sei, por uma conhecida que é médica e atende em hospital público, que esse não foi o primeiro bueiro a explodir, outras pessoas morreram em suas mãos, queimadas por explosões semelhantes, ocorridas na zona norte do Rio.

Só que, como foi na zona norte e as vítimas eram gente humilde, nada se soube. Parece que este é o sétimo bueiro que explode.

A verdade é que nós, moradores do Rio, vivemos em cima de um campo minado. Você, eu, seu filho, qualquer um de nós poderá amanhã voar pelos ares ao passar sobre um bueiro da Light. Como sair desta? Se cabe ao governo fiscalizar o desempenho das empresas para impedir que ocorram coisas assim, por que ocorrem? As empresas subornam os responsáveis pela fiscalização?

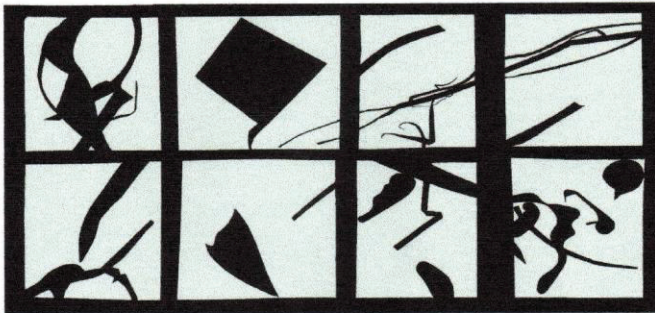
A impressão é de que quem deveria defender nossos direitos passou para o lado dos que os solapam. Se empresas e Estado estão unidos contra nós, talvez a saída seja tomarmos as rédeas e fazermos como no caso do Ficha Limpa. Se os que estão politicamente organizados passaram para o outro lado, cabe ao povo desorganizado tomar de volta a autoridade delegada a eles.

Ao prefeito do Rio:

## Rio, campo minado

FERREIRA GULLAR

Roberto Gullar



Excelentíssimo prefeito Eduardo Paes, desculpe-me se me dirijo publicamente ao senhor para tratar de assunto tão miúdo. É que lhe escrevi uma carta a respeito e não obtive resposta, mas agora que decidi agir contra os buracos de rua, meu assunto se torna oportuno, pois, muito embora miúdo, tem enorme importância para as pessoas que residem à rua Sebastião Drummond, no bairro de Anchieta.

Lá mora Maria das Dores da Costa, que trabalha em minha casa e tem um filho inválido, de dez anos, que não fala nem fica em pé. Para le-

Qualquer um de nós poderá amanhã voar pelos ares ao passar sobre um bueiro da Light

vá-lo ao terapeuta, vale-se de uma cadeira de rodas, em que o conduz até a esquina onde passam ônibus e táxis. Na rua dela, não passa nada disso, sabe por quê? Porque a rua é uma vala só, de uma esquina a outra. A bem dizer, não é rua, é um buraco de muitos metros de comprimento. Esse buraco, senhor prefeito, foi se aprofundando e alargando, a

cada ano, a tal ponto que já toma quase toda a largura da rua.

Significa que os moradores dispõem atualmente de apenas alguns palmos de chão, ao saírem de casa e irem ao trabalho ou às compras. E cada dia que passa, como o buraco aumenta, há menos chão para pisar, de modo que, em breve, não poderão mais sair de suas casas, porque o buraco terá tomado conta da rua toda. O buraco é grande, mas a rua é relativamente pequena, senhor prefeito. Será que o senhor poderia, num de seus poucos momentos disponíveis, socorrer os morado-

res da rua Sebastião Drummond, antes que o buraco engula também as próprias casas onde moram?

Peço que releve a ousadia, mas é que, por minha conta, sem ter sido eleito por ninguém, atribuí-me a obrigação de falar por essas pessoas cuja voz ninguém ouve. Espero que desta vez o senhor nos ouça.

\* Esta Copa começou chata, mas depois se tornou instigante. No jogo Brasil versus Holanda, tivemos a performance de Felipe Melo, que sozinho fez tudo: deu o passe para o gol de Robinho, fez o gol da Holanda e ainda pisou num adversário para ser expulso e facilitar nossa derrota.

Mas inacreditável mesmo foi o jogo de Paraguai com Espanha, quando um jogador espanhol agarrou pelo braço um adversário até jogá-lo no chão e provocar um pênalti. Vibrei, mas o paraguaio chutou nas mãos do goleiro. E não é que, em seguida, o Paraguai cede também um pênalti ao adversário? Xabi Alonso bateu e fez, mas o árbitro anulou porque houve invasão da área.

Xabi bateu de novo, mas aí o goleiro Villar defendeu. Não dava para acreditar. Foi então que a Espanha invadiu a área paraguaia, Pedro chutou livre, mas, caprichosamente, a bola acertou a trave de novo; mas sobrou para Villa, que também chutou, e ela outra vez bateu numa das traves, depois na outra trave e finalmente entrou! Comecei a rir, parecia um filme dos Trapalhões.

\*\* Lula aprovou a atuação de Dunga. Claro! Yabadabadoo!

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Lutz Felipe Pondé

### ERUDITO

#### Ingressos para a Osesp custam R\$ 15

As apresentações acontecerão sempre às 19h30, a preços populares, na Sala São Paulo (pça. Júlio Prestes, 16, tel. 011/3223-3966; sete anos).

Nesta terça, a Osesp interpretará obras de Mozart e Beethoven, sob regência de Roberto Tibiriçá. Outros concertos estão previstos para 23/8 e 22/10.

### BATE-PAPO

#### Prêmio SP de Literatura reúne 2 autores

Raimundo Carrero e Reinaldo Moraes, dois dos autores que concorrem ao Prêmio São Paulo de Literatura 2010, conversam com o público amanhã, às

19h, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional (av. Paulista, 2.073, tel. 011/3170-4033; grátis). A mediação é de Cádão Volpato.

### TEATRO

#### "Bravíssimo" encerra temporada em SP

Termina hoje, na Caixa Cultural Sé (pça. da Sé, 111, tel. 011/3321-4400; 19h; grátis; 14 anos), a temporada do espetáculo com texto, direção e atua-

ção de Ricardo Guilherme. Inspirada em crônicas de Nelson Rodrigues de 1950 a 1970, a montagem analisa arquétipos de identidade dos brasileiros.

Theatro Municipal de Paulínia

2010

# PAULÍNIA

## FESTIVAL DE CINEMA

de 15 a 22 de julho

ENTRADA GRATUITA

VERIFIQUE A PROGRAMAÇÃO:  
[www.culturapaulinia.com.br](http://www.culturapaulinia.com.br)

patrocínio

realização

#### 4.1.6 - Rio, campo minado<sup>52</sup>

Ferreira Gullar

UM BUEIRO explodiu em plena avenida Nossa Senhora de Copacabana, a umas poucas esquinas de minha casa, e lançou pelos ares um casal de norte-americanos que tinha vindo à cidade maravilhosa a serviço. Estão os dois num hospital, ela com 85% do corpo queimado.

O bueiro que explodiu é da Light, a empresa que fornece energia elétrica à cidade. Sei, por uma conhecida que é médica e atende em hospital público, que esse não foi o primeiro bueiro a explodir, outras pessoas morreram em suas mãos, queimadas por explosões semelhantes, ocorridas na zona norte do Rio.

Só que, como foi na zona norte e as vítimas eram gente humilde, nada se soube. Parece que este é o sétimo bueiro que explode.

A verdade é que nós, moradores do Rio, vivemos em cima de um campo minado. Você, eu, seu filho, qualquer um de nós poderá amanhã voar pelos ares ao passar sobre um bueiro da Light. Como sair desta? Se cabe ao governo fiscalizar o desempenho das empresas para impedir que ocorram coisas assim, por que ocorrem? As empresas subornam os responsáveis pela fiscalização?

A impressão é de que quem deveria defender nossos direitos passou para o lado dos que os solapam. Se empresas e Estado estão unidos contra nós, talvez a saída seja tomarmos as rédeas e fazermos como no caso da Ficha Limpa. Se os que estão politicamente organizados passaram para o outro lado, cabe ao povo desorganizado tomar de volta a autoridade delegada a eles.

Ao prefeito do Rio:

Excelentíssimo prefeito Eduardo Paes, desculpe-me se me dirijo publicamente ao senhor para tratar de assunto tão miúdo. É que lhe escrevi uma carta a respeito e não obtive resposta, mas agora que decidiu agir contra os buracos de rua, meu assunto se torna oportuno, pois, muito embora miúdo, tem enorme importância para as pessoas que residem à rua Sebastião Drumond, no bairro Anchieta.

Lá mora Maria das Dores da Costa, que trabalha em minha casa e tem um filho inválido, de dez anos, que não fala nem fica em pé. Para levá-lo ao terapeuta, vale-se de uma cadeira de rodas, em que o conduz até a esquina onde passam ônibus e táxis. Na rua dela, não passa nada disso, sabe por quê? Porque a rua é uma vala só, de uma esquina a outra. A bem dizer, não é rua, é um buraco de muitos metros de comprimento. Esse buraco, senhor prefeito, foi se aprofundando e alargando, a cada ano, a tal ponto que já toma quase toda a largura da rua.

Significa que os moradores dispõem atualmente de apenas alguns palmos de chão, ao saírem de casa e irem ao trabalho ou às compras. E cada dia que passa, como o buraco aumenta, há menos chão para pisar, de modo que, em breve, não poderão mais sair de suas casas, porque o buraco terá tomado conta da rua toda. O buraco é grande, mas a rua é relativamente pequena, senhor prefeito. Será que o senhor poderia, num de seus poucos momentos disponíveis, socorrer os moradores da rua Sebastião Drumond, antes que o buraco engula também as próprias casas onde moram?

Peço que releve a ousadia, mas é que, por minha conta, sem ter sido eleito por ninguém, atribuí-me a obrigação de falar por essas pessoas cuja voz ninguém ouve. Espero que desta vez o senhor nos ouça.

\* Esta Copa começou chata, mas depois se tornou instigante. No jogo Brasil versus Holanda, tivemos a performance de Felipe Melo, que sozinho fez tudo: deu o passe para o gol de Robinho, fez o gol da Holanda e ainda pisou num adversário para ser expulso e facilitar nossa derrota.

Mas inacreditável mesmo foi o jogo de Paraguai com Espanha, quando um jogador espanhol agarrou pelo braço um adversário até jogá-lo no chão e provocar um pênalti. Vibrei, mas o paraguaio chutou nas mãos do goleiro. E não é que, em seguida, o Paraguai cede também um pênalti ao adversário? Xabi Alonso bateu e fez, mas o árbitro anulou porque houve invasão da área.

Xabi bateu de novo, mas aí o goleiro Villar defendeu. Não dava para acreditar. Foi então que a Espanha invadiu a área paraguaia, Pedro chutou livre, mas, caprichosamente, a bola acertou a trave de novo; mas sobrou para Villa, que também chutou, e ela outra vez bateu numa das traves, depois na outra trave e finalmente entrou! Comecei a rir, parecia um filme dos Trapalhões.

\*\* Lula aprovou a atuação de Dunga. Claro! Yabadabadoo!

<sup>52</sup> Texto de Ferreira Gullar publicado no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* de 11 de julho de 2010.

“Rio, campo minado” é um título que aciona a ideia de guerra por meio do vocabulário “minado”, dispositivo usado em campo de guerra para flagrar e matar o inimigo. Entretanto, associado à cidade do Rio de Janeiro, o termo ganha novo sentido, mas não diferente da ideia de guerra, uma vez que é sabido que a cidade enfrenta sérios problemas de violência urbana. O autor faz uma denúncia e prepara o leitor para uma notícia: um bueiro explode na avenida Nossa Senhora de Copacabana, ferindo um casal de norte-americanos. Se não fosse o trecho “... a umas poucas esquinas de minha casa...”, poderíamos configurar o primeiro parágrafo como o *lide* de uma notícia. Entretanto, o discurso construído em primeira pessoa produz efeito de sentido de aproximação do sujeito enunciador com o que se diz em uma relação dialógica. O cronista comenta e faz reflexões sobre o ocorrido.

### **Recorte 1**

**Um bueiro explodiu em plena avenida Nossa Senhora de Copacabana**, a umas poucas esquinas de minha casa, e lançou pelos ares um casal de norte-americanos que tinha vindo à cidade maravilhosa a serviço. Estão os dois num hospital, ela com 85% do corpo queimado.

O bueiro que explodiu é da Light, a empresa que fornece energia elétrica à cidade. Sei, por uma conhecida que é médica e atende em hospital público, que esse não foi o primeiro bueiro a explodir, outras pessoas morreram em suas mãos, queimadas por explosões semelhantes, ocorridas na zona norte do Rio.

Nesse excerto o autor continua discorrendo sobre o tema do bueiro que era da Light e que explodiu e afirma não ter sido o primeiro, mencionando saber, por intermédio de uma conhecida médica, que outros bueiros já haviam explodido e que pessoas haviam morrido queimadas. Ainda em relação ao vocabulário, palavras e expressões como “explodiu”, “lançou pelos ares”, “voar pelos ares”, “campo minado” confirmam o título da crônica e a ideia de guerra, uma vez que se trata do mesmo princípio de explosão para atingir pessoas. O autor usa da ironia para criticar os meios de comunicação que não divulgam fatos ocorridos com pessoas pobres, vítimas dos bueiros, dos campos minados, e que nada é feito para protegê-las porque é “gente humilde” e moradores da zona norte do Rio.

### **Recorte 2**

Só que, como foi na zona norte e as vítimas eram gente humilde, nada se soube. **Parece que este é o sétimo bueiro que explode.**

A verdade é que nós, moradores do Rio, vivemos em cima de um campo minado. Você, eu, seu filho, qualquer um de nós poderá amanhã voar pelos ares ao passar sobre um bueiro da Light. Como sair desta? Se cabe ao governo fiscalizar o desempenho das empresas para impedir que ocorram coisas assim, por que ocorrem? As empresas subornam os responsáveis pela fiscalização?

O uso do demonstrativo “este”, no recorte 2, indica que o fato ocorrido é presente, ou seja, apesar de se tratar do “sétimo bueiro que explode”, o autor se refere ao último e, por isso, acontecimento do “dia a dia”. O ocorrido ontem será escrito e publicado hoje, característica do gênero crônica, assim, o cronista é obrigado a estar atento e interligado ao mundo. Outra característica da crônica é sua proximidade temporal com os acontecimentos que lhe servem de tema. Ao mesmo tempo em que Gullar “denuncia” o descaso da prefeitura em relação aos bueiros da cidade do Rio de Janeiro, parece que opinar acerca do evento esportivo que acontece se faz necessário. Nesse contexto imediatista diante de tantos fatos cotidianos, o autor também quer “falar” de tudo o que acontece e que lhe parece significativo. Podemos afirmar que a crônica de Gullar não visa à erudição, mas à denúncia que gera polêmica. Trata-se de um texto de fácil compreensão, outra característica da crônica.

A partir do quarto parágrafo, ainda no recorte 2, o autor estabelece um diálogo com o leitor, comentando e articulando um discurso de protesto “A verdade é que nós, moradores do Rio, vivemos em cima de um campo minado.” O texto procura provocar o leitor diretamente, por meio do dêitico de pessoa, recurso muito utilizado para persuadir e conseguir a adesão do leitor, fazê-lo se sentir parte do discurso proferido. O autor, de forma bastante crítica e carregada de tom irônico, inclui-se ao problema e chama o leitor à reflexão dos fatos “Você, eu, seu filho, qualquer um de nós poderá amanhã voar pelos ares ao passar sobre um bueiro da Light.” Em seguida, faz três perguntas retóricas: “Como sair desta? Se cabe ao governo fiscalizar o desempenho das empresas para impedir que ocorram coisas assim, por que ocorrem? As empresas subornam os responsáveis pela fiscalização?”

### Recorte 3

A impressão é de que quem deveria defender nossos direitos passou para o lado dos que os solapam. Se empresas e Estado estão unidos contra nós, talvez a saída seja tomarmos as rédeas e fazermos como no caso da **Ficha Limpa**. Se os que estão politicamente organizados passaram para o outro lado, cabe ao povo desorganizado tomar de volta a autoridade delegada a eles.

O excerto acima mostra a resposta hipotética: “... talvez a saída seja tomarmos as rédeas e fazermos como no caso da Ficha Limpa”.

Uma das características do dialogismo é a utilização de perguntas e, as feitas pelo autor, manifestam um pedido de esclarecimento e, como o interlocutor não responde no texto, o cronista é quem articula e propõe respostas. Vemos também que, na elaboração da resposta, o autor faz alusão à Lei Ficha Limpa<sup>53</sup> e, para interagir com o leitor e, este, precisaria da ativação do conhecimento enciclopédico para relacionar os fatos apresentados e retomar na memória de curto prazo o que é a referida lei.

### Recorte 4

Ao prefeito do Rio:

Excelentíssimo prefeito Eduardo Paes, desculpe-me se me dirijo publicamente ao senhor para tratar de assunto tão miúdo. É que lhe escrevi uma carta a respeito e não obtive resposta, mas agora que decidi agir contra os buracos de rua, meu assunto se torna oportuno, pois, muito embora miúdo, tem enorme importância para as pessoas que residem à rua Sebastião Drumond, no bairro Anchieta.

Lá mora Maria das Dores da Costa, que trabalha em minha casa e tem um filho inválido, de dez anos, que não fala nem fica em pé. Para levá-lo ao terapeuta vale-se de uma cadeira de rodas, em que o conduz até a esquina onde passam ônibus e táxis. Na rua dela, não passa nada disso, sabe por quê? Porque a rua é uma vala só, de uma esquina a outra. A bem dizer, não é rua, é um buraco de muitos metros de comprimento. Esse buraco, senhor prefeito, foi se aprofundando e alargando, a cada ano, a tal ponto que já toma quase toda a largura da rua.

Significa que os moradores dispõem atualmente de apenas alguns palmos de chão, ao saírem de casa e irem ao trabalho ou às compras. E cada dia que passa, como o buraco aumenta, há menos chão para pisar, de modo que, em breve, não poderão mais sair de suas casas, porque o buraco terá tomado conta da rua toda. O buraco é grande, mas a rua é relativamente

---

<sup>53</sup> Lei Complementar que estabelece casos de inelegibilidade, prazos de cessação e determina outras providências, para incluir hipóteses de inelegibilidade que visam a proteger a probidade administrativa e a moralidade no exercício do mandato.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LCP/Lcp135.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp135.htm). Acesso em: 26/10/2013.

pequena, senhor prefeito. Será que o senhor poderia, num de seus poucos momentos disponíveis, socorrer os moradores da rua Sebastião Drumond, antes que o buraco engula também as próprias casas onde moram? Peço que releve a ousadia, mas é que, por minha conta, sem ter sido eleito por ninguém, atribuí-me a obrigação de falar por essas pessoas cuja voz ninguém ouve. Espero que desta vez o senhor nos ouça.

É notória, em crônicas jornalísticas, a presença de um gênero que exerce a função de outro com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentido. É o que as autoras Kock, Bentes e Cavalcante (2007) chamam de intergenericidade ou intertextualidade (inter)genérica e que Marcuschi (2002) denomina *configuração híbrida*. No entanto, essa “contaminação” não gera dificuldade interpretativa, já que impera o predomínio da função sobre a forma na determinação do gênero. Esse recurso é usado pelo autor quando o gênero carta (que compreende a seguinte forma: data, saudação, corpo, despedida e assinatura) é inserido na crônica.

As características da carta de Gullar não seguem exatamente a estrutura determinada desse gênero, justamente por ela fazer parte de uma crônica. Não há, por exemplo, data, uma vez que esta se encontra impressa pelo próprio jornal. A despedida não é cordial, mas um período final que expressa o desejo em ser atendido e, quanto à assinatura, ela também se encontra logo abaixo do título da crônica, então, não sendo necessário mencionar que se trata de uma carta do escritor Ferreira Gullar.

O cronista estabelece uma crítica social bastante acentuada e dialoga com o leitor procurando persuadi-lo a compartilhar de seu ponto de vista e, por meio do gênero carta e usando da ironia, dirige-se ao prefeito Eduardo Paes para tratar de um problema não muito diferente do dos bueiros: agora são os buracos. Segundo Bakhtin (2003:284), a ironia é considerada um caso típico de discurso bivocal, uma vez que nesse discurso a palavra tem duplo sentido: volta-se para o objeto do discurso como palavra comum e para outro discurso. Ainda, segundo o autor, “A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O seu discurso se converte em palco de luta entre duas vozes.”

Sabendo que há diferentes tipos de carta, como a pessoal, a comercial, a de reclamação, a de solicitação etc, notamos que a carta do autor é de reclamação. Nela é feito um pedido ao prefeito de maneira pública “dirijo-me publicamente ao

senhor”, uma vez que a carta já é a segunda, a primeira, segundo o autor, não foi respondida. O autor trata do assunto dos buracos na rua Sebastião Drumond, onde mora sua empregada Maria das Dores da Costa que tem dificuldade para levar o filho inválido ao terapeuta, pois na rua em que mora não passa nem ônibus nem táxi por causa dos buracos. Usando da ironia, o autor pede ao prefeito que “num de seus poucos momentos disponíveis” solucione o problema dos buracos e aproveita para se desculpar por, “sem ter sido eleito por ninguém”, ver-se como porta-voz de pessoas que ninguém ouve. A ironia está no fato de Gullar não ter sido eleito e se manifestar, e, por sua vez, o prefeito, eleito pelo povo, nada fazer em relação a um problema de sua competência. A ironia, nesse caso, é “autorizada” porque o interlocutor, no caso o prefeito, não estabelece relação de confiança e respeito mútuo, logo, a lei da sinceridade não está sendo cumprida, o que permite o uso da ironia para demonstrar a mesma insinceridade.

A carta encaminhada ao prefeito Eduardo Paes, por meio da crônica, é, segundo o cronista, respondida, e o problema do buraco na rua Sebastião Drumond, resolvido. O autor retoma esse tema na crônica intitulada *Oi tortura!*,<sup>54</sup> publicada no dia 10 de abril de 2011. O autor menciona a resposta do prefeito e prossegue com a temática das denúncias, agora contra a *Oi*, companhia telefônica do Rio de Janeiro. Temos, nesse momento, além da intertextualidade, a intratextualidade, ou seja, a relação dialógica que o autor estabelece consigo.

Acompanhamos durante alguns meses as crônicas de Gullar, publicadas sempre no caderno *Ilustrada*, de domingo e, o que notamos em relação aos temas foi que o autor circula pelo campo das artes, discute acerca do comportamento do homem em sociedade, observa a cultura de forma geral e, como não poderia deixar de pontuar, percebe o cotidiano dos cidadãos. O futebol se insere nesse último resgate, entretanto, nota-se que não é a especialidade do autor e, talvez, muito menos seu assunto predileto, no entanto, em período de Copa do Mundo, todo brasileiro se torna técnico da seleção, então, também Gullar reserva três parágrafos de sua crônica para tecer seus comentários particulares a respeito do time de Dunga.

A crônica em análise pode ser dividida em três partes: a primeira refere-se à temática dos bueiros que explodem na cidade do Rio de Janeiro, a segunda é sobre

---

<sup>54</sup> Anexo 08, reprodução da crônica *Oi tortura!*, de Ferreira Gullar, publicada no dia 10 de abril de 2011.

a Copa do mundo e a terceira consiste em apenas uma nota a respeito do então presidente da república, Luís Inácio Lula da Silva.

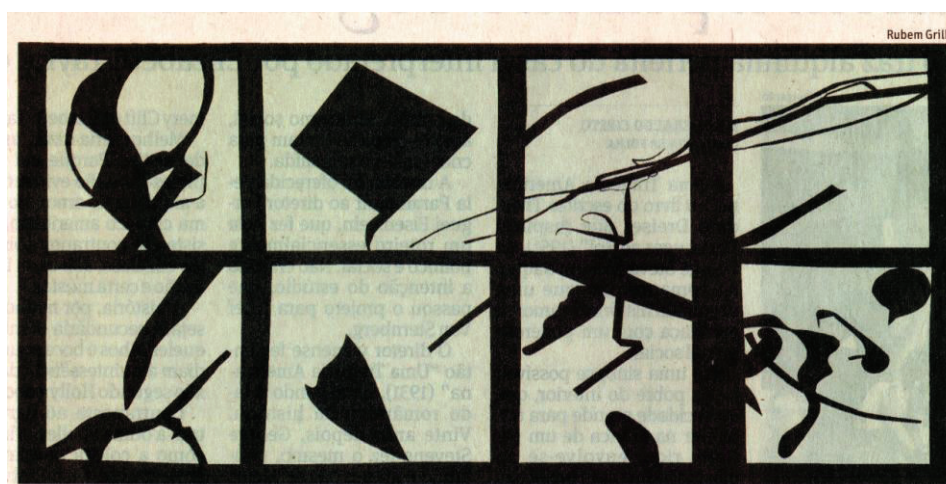
### Recorte 5

Esta Copa começou chata, mas depois se tornou instigante. No jogo Brasil versus Holanda, tivemos a performance de Felipe Melo, que sozinho fez tudo: deu o passe para o gol de Robinho, fez o gol da Holanda e ainda pisou num adversário para ser expulso e facilitar nossa derrota.

Mas inacreditável mesmo foi o jogo de Paraguai com Espanha, quando um jogador espanhol agarrou pelo braço um adversário até jogá-lo no chão e provocar um pênalti. Vibrei, mas o paraguaio chutou nas mãos do goleiro.

O tema futebol é tratado com bastante ironia pelo autor, o mesmo diz que a Copa começou chata e que depois se tornou instigante. A afirmação reside no fato de o Brasil, na partida contra a Holanda, ter perdido, mas, ter tido a *performance* do jogador Felipe Melo que, depois de ter feito tudo, acabou sendo expulso. A ironia e o tom jocoso do autor estão na comparação que faz acerca da partida entre Paraguai e Espanha, em que os lances pareciam um filme antigo dos anos 80 dos Trapalhões, programa televisivo de humor exibido na Rede Globo. A finalização, terceira parte da crônica, é uma referência de que o presidente Lula tivesse aprovado a atuação do técnico Dunga.

A seguir, ilustração extraída da crônica em análise.



(Figura 12. Ilustração de Rubem Grillo)

Sabemos que a semiótica é uma ciência que ajuda a interpretar a imagem e entender como ela transmite mensagens, no entanto, compreendemos que é o

repertório visual e cultural de cada indivíduo que permite diferentes interpretações de uma mesma imagem, além do fato de esta depender do momento sócio-cultural de uma sociedade.

Quanto à ilustração acima, de autoria de Rubem Grillo<sup>55</sup>, ela mostra uma abstração, uma assimetria dos quadrados e, ao fundo, imagens sem formas definidas. A cor preta é predominante e coerente com a questão dos bueiros e das explosões relatadas pelo autor. Influenciados pela leitura da crônica, é possível apreender que se trata de um lugar devastado, talvez um campo minado. Os destroços depois de uma explosão transformaram-se em imagens que não podem ser identificadas.

Essa é a única imagem dentre todas as analisadas que não faz referência ao tema futebol, o que também demonstra coerência, uma vez que o texto aborda a questão dos bueiros que explodiram no Rio de Janeiro. A parte que coube ao assunto Copa do Mundo se restringiu aos três últimos parágrafos da crônica em que o autor relata e comenta suas impressões acerca do evento futebolístico. Porém, o relato não deixou de se constituir argumentativamente e, segundo Charaudeau (2009), relato e comentário estão intrinsecamente ligados, a ponto de os teóricos da linguagem dividirem-se entre posições extremas: os que sustentam que tudo é narrativa (Paul Ricoeur) e aqueles que afirmam que tudo é argumentação (Oswald Ducrot).

A seguir, analisaremos o último texto do *corpus*, a crônica intitulada *Beleza espanhola*, de Luiz Felipe Pondé, publicada em 19 de julho de 2010. O autor, discorre, então, acerca do time que venceu a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, a Espanha.

---

<sup>55</sup> Rubem Campos Grillo (Pouso Alegre, MG, 1946). Gravador, ilustrador, professor, curador. Em 1963, transfere-se para Itaguaí, Rio de Janeiro, e, aos 23 anos, conclui o curso de agronomia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. No início da década de 1970, ilustra jornais como *Opinião*, *Movimento*, *Versus*, *Pasquim*, *Jornal do Brasil*. Na *Folha de S. Paulo*, é ilustrador da coluna de Ferreira Gullar, aos domingos na *Ilustrada*. Disponível em: <http://eudyryj.wordpress.com/rubem-grillo/> Acesso em: 04/11/2013.

A Copa do Mundo acabou. Mas fiquei feliz com esta por uma razão especial: o bem venceu, o futebol da Espanha. E não o horroroso futebol de "resultados".

É claro que torço pelo Brasil. Não sofro dessa afetação de se "europizar" na Copa, reeditando o velho preconceito de vira-lata do qual nós brasileiros sofremos.

Sempre que o Brasil é eliminado, me movo por parentesco cultural. Sim, tenho "sangue francês", o que sempre dá a França um lugar em meu coração de cangaceiro.

Aliás, concordo com a grande sacada de humor do colega Juca Kfourri: acho que naquele intervalo do primeiro para o segundo tempo do jogo com a Holanda, nosso treinador mandou o time parar de jogar bem e voltar ao futebol covarde e horroroso.

Depois da nossa amarelada diante da laranja, passei a torcer por meus "irmãos culturais". Torci pela Argentina do apaixonado Maradona contra a Alemanha e sofri de verdade com os 4 X 0 que ela tomou. Torci pelo corajoso Uruguai contra Gana, contra a Holanda e contra a Alemanha.

Eliminados los hermanos, fiz da Espanha meu time. Por duas razões.

Sempre que viajo por aí, quando chego a Portugal ou a Espanha, começo a me sentir em casa. A língua, o barulho, a bagunça, a comida, as maravilhosas mulheres espanholas, enfim, a paixão dos ibéricos me lembra o Brasil, minha casa.

Gosto dos nossos ancestrais. Sim, sim, sei que ingleses são mais "chi-

## Beleza espanhola

LUIZ FELIPE PONDE



Ricardo Camarota

ques" para quem se sente vira-lata.

Mas não para mim. Talvez esteja ficando velho, mas cada vez mais gosto do que é "meu". E o que é mais importante na vida, muitas vezes o é justamente porque não escolhemos.

Torci apaixonadamente pela Espanha contra a Alemanha e contra a Holanda.

Se uma das razões de ter feito da Espanha meu time entre europeus foi o parentesco cultural que sinto por ela, a outra razão foi mais filosófica. Como disse na abertura desta coluna, na Copa da África do Sul, venceu o bem contra o mal, e o bem

era a arte da Espanha. Seu futebol corajoso, ofensivo, generoso, bailado (ainda que com poucos gols) bateu a lógica científica das últimas Copas do Mundo.

Eu que acompanho Copas do Mundo desde 1966, vi (como todo mundo) a Copa virar um desfile da covardia matemática dos "idiotas da objetividade", como dizia o gran-

de Nelson Rodrigues, e como citou recentemente o craque camisa nove da seleção tricampeã de 1970, e comunista desta Folha, Tostão, o filósofo discreto.

O mal no futebol, além das mazes capitalistas que o afetam (mas que tem um lado bom que é reconhecer o esforço profissional dessa moçada que a ele se dedica), é esse joquinho sem vergonha de ficar o tempo todo na retranca, com medo de perder, mergulhado nesta ética da covardia estatística que toma conta do mundo dia a dia.

O mesmo tipo de covardia de que

eu falava na semana passada nesta coluna (12/07) e que deixa a vida chata, deixou o futebol chato.

Enganam-se aqueles que acham esse assunto "menor": a busca da saúde total é um mal sim político, pois é parente da pureza tirânica fascista e não mera modinha.

Como o futebol chato que busca apenas "resultados", a saúde total busca uma vida pautada pelos "resultados fisiológicos" e não pelos prazeres do mundo.

Esta Folha acertou em cheio ao dizer que "o futebol agradece" com a vitória espanhola nesta Copa. Isso deve ser repetido à exaustão na mídia, nas escolas, na publicidade, na novela das oito, porque a beleza na vida nunca é irmã gêmea do medo, mas sim irmã gêmea da coragem. E o medo deixa tudo feio.

E aqui, como todo mundo sabe, o esporte traz à luz seu profundo caráter de mimetizar, como que num pequeno laboratório, grande parte da vida.

O que vale na vida não é o resultado (ainda que seja necessário ter coragem para viver assim, porque a vida foi, é e sempre será uma guerra de morte), mas a beleza que a ela somos capazes de dar, como já dizia Platão no seu diálogo "O Banquete": o destino de Eros (amor) é engendrar a beleza no mundo.

O time espanhol mostrou, de forma elegante, que a beleza ainda vale a pena e que os covardes e feios podem não ser o herdeiros da Terra.

ponde.folha@gmail.com.br

### LITERATURA

#### Finalistas de prêmio estão em bate-papo

Hoje, às 19h, Luiz Ruffato ("Estive em Lisboa e Lembrei de Você") e Paulo Rodrigues ("As Vozes do Sítio"), ambos concorrendo ao Prêmio São Paulo

de Literatura, participam de uma conversa na Livraria Cultural do Conjunto Nacional (av. Paulista, 2.073, tel. 3170-4033). A entrada é gratuita.

### CINEMA

#### Documentário tem pré-estreia gratuita

A Folha e o Cine Bombrial promovem amanhã, às 20h, a pré-estreia gratuita do documentário "Uma Noite em 67". Após a sessão, os diretores Ricardo

Callil e Renato Terra participam de debate. As senhas podem ser retiradas na bilheteria (av. Paulista, 2.073), nesta terça, a partir das 19h.

### ENCONTRO

#### Jorge Castañeda participa de debate dia 26

O mexicano participa de um evento promovido pela Folha, em parceria com Fronteiras do Pensamento e Casa do Saber, dia 26, às 20h, no Teatro Folha

(av. Higienópolis, 618). Assinantes podem se inscrever em [eventofolha@grupofolha.com.br](mailto:eventofolha@grupofolha.com.br) ou pelo telefone 3224-3473, das 14h às 19h.

# A CIDADANIA ESTÁ FAZENDO (HAMADA). RESPOSTA PRESENTE!



10<sup>o</sup>  
Escola  
Voluntária

Há 10 anos, o Prêmio Escola Voluntária acredita que a cidadania e a educação caminham juntas. Mais de 5 mil escolas já mostraram que seus alunos são capazes de somar esforços e gerar mudanças positivas nas comunidades por meio de ações voluntárias. Se a sua escola também tem essa atitude transformadora, inscreva-se!



INSCRIÇÕES PRORROGADAS  
ATÉ 25 DE JULHO  
0800 770 11 55  
[www.escolavoluntaria.com.br](http://www.escolavoluntaria.com.br)

Itaú Fundação Itaú Social

RB  
RÁDIO BANDEIRANTES

#### 4.1.7 - Beleza espanhola<sup>56</sup>

Luiz Felipe Pondé

A Copa do Mundo acabou. Mas fiquei feliz com esta por uma razão especial: o bem venceu, o futebol da Espanha. E não o horroroso futebol de “resultados”.

É claro que torço pelo Brasil. Não sofro dessa afetação de se “europeizar” na Copa, reeditando o velho preconceito de vira-lata do qual nós brasileiros sofremos.

Sempre que o Brasil é eliminado, me movo por parentesco cultural. Sim, tenho “sangue francês”, o que sempre dá a França um lugar em meu coração de cangaceiro.

Aliás, concordo com a grande sacada de humor do colega Juca Kfourri: acho que naquele intervalo do primeiro para o segundo tempo do jogo com a Holanda, nosso treinador mandou o time parar de jogar bem e voltar ao futebol covarde e horroroso.

Depois da nossa amarelada diante da laranja, passei a torcer por meus “irmãos culturais”. Torci pela Argentina do passional Maradona contra a Alemanha e sofri de verdade com os 4 x 0 que ela tomou. Torci pelo corajoso Uruguai contra Gana, contra a Holanda e contra a Alemanha.

Eliminados los hermanos, fiz da Espanha meu time. Por duas razões.

Sempre que viajo por aí, quando chego a Portugal ou a Espanha, começo a me sentir em casa. A língua, o barulho, a bagunça, a comida, as maravilhosas mulheres espanholas, enfim, a paixão dos ibéricos me lembra o Brasil, minha casa.

Gosto dos nossos ancestrais. Sim, sim, sei que ingleses são mais “chiques” para quem se sente vira-lata.

Mas não para mim. Talvez esteja ficando velho, mas cada vez mais gosto do que é “meu”. E o que é mais importante na vida, muitas vezes o é justamente porque não escolhemos.

Torci apaixonadamente pela Espanha contra a Alemanha e contra a Holanda.

Se uma das razões de ter feito da Espanha meu time entre europeus foi o parentesco cultural que sinto por ela, a outra razão foi mais filosófica. Como disse na abertura desta coluna, na Copa da África do Sul, venceu o bem contra o mal, e o bem era a arte da Espanha.

Seu futebol corajoso, ofensivo, generoso, bailado (ainda que com poucos gols) bateu a lógica científica das últimas Copas do Mundo.

Eu que acompanho Copas do Mundo desde 1966, vi (como todo mundo) a Copa virar um desfile da covardia matemática dos “idiotas da objetividade”, como dizia o grande Nelson Rodrigues, e como citou recentemente o craque camisa nove da seleção tricampeã de 1970, e colunista desta **Folha**, Tostão, o filósofo discreto.

O mal no futebol, além das mazelas capitalistas que o afetam (mas que tem um lado bom que é reconhecer o esforço profissional dessa moçada que a ele se dedica), é esse joguinho sem vergonha de ficar o tempo todo na retranca, com medo de perder, mergulhado nesta ética da covardia estatística que toma conta do mundo dia a dia.

O mesmo tipo de covardia de que eu falava na semana passada nesta coluna (12/07) e que deixa a vida chata, deixou o futebol chato.

Enganam-se aqueles que acham esse assunto “menor”: a busca da saúde total é um mal sim político, pois é parente da pureza tirânica fascista e não mera modinha.

Como o futebol chato que busca apenas “resultados”, a saúde total busca uma vida pautada pelos “resultados fisiológicos” e não pelos prazeres do mundo.

Esta **Folha** acertou em cheio ao dizer que “o futebol agradece” com a vitória espanhola nesta Copa. Isso deve ser repetido à exaustão na mídia, nas escolas, na publicidade, na novela das oito, porque a beleza na vida nunca é irmã gêmea do medo, mas sim irmã gêmea da coragem. E o medo deixa tudo feio.

E aqui, como todo mundo sabe, o esporte traz à luz seu profundo caráter de mimetizar, como que num pequeno laboratório, grande parte da vida.

O que vale na vida não é o resultado (ainda que seja necessário ter coragem para viver assim, porque a vida foi, é e sempre será uma guerra de morte), mas a beleza que a ela somos capazes de dar, como já dizia Platão no seu diálogo “O Banquete”: o destino de Eros (amor) é engendrar a beleza no mundo.

O time espanhol mostrou, de forma elegante, que a beleza ainda vale a pena e que os covardes e feios podem não ser o herdeiro da Terra.

<sup>56</sup> Texto de Luiz Felipe Pondé publicado no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* de 19 de julho de 2010.

*Beleza espanhola* é um título que já anuncia a posição do autor em relação ao resultado da Copa do Mundo, ou seja, a escolha pelo vocabulário *beleza* revela a simpatia, o lado positivo diante do resultado apresentado pelo time espanhol, o que é confirmada no primeiro parágrafo “o bem venceu, o futebol da Espanha”, fazendo oposição ao “horroroso futebol de ‘resultados’”. O termo “resultados” é uma alusão a Nelson Rodrigues que eternizou a expressão “futebol de resultados” para se referir a um futebol baseado apenas em ganhar a partida. O discurso construído em primeira pessoa é intercalado com a primeira pessoa do plural “nós” quando o autor procura a adesão do leitor à sua tese, por exemplo, mencionando que os brasileiros sofrem “preconceito de vira-lata”, termo que não aparece com uso das aspas, mas que é sabido tratar-se também de autoria de Nelson Rodrigues. O que seria o “preconceito de vira-lata? A referência à raça dos cachorros que não têm *pedigree*, ou seja, barato, abandonado, sem dono e que fica nas ruas virando latas a procura de comida. Assim, “nós sofremos” significa que nós nos menosprezamos e nos inferiorizamos perante os europeus.

### Recorte 1

A Copa do Mundo acabou. Mas fiquei feliz com esta por uma razão especial: **o bem venceu**, o futebol da Espanha. E não **o horroroso futebol de “resultados”**.

É claro que torço pelo Brasil. Não sofro dessa afetação de se “europeizar” na Copa, reeditando o velho **preconceito de vira-lata** do qual nós brasileiros sofremos.

Sempre que o Brasil é eliminado, me movo por parentesco cultural. Sim, tenho “sangue francês”, o que sempre dá a França um lugar em meu coração de cangaceiro.

No excerto acima o autor, para justificar sua descendência, emprega o termo “sangue francês”, e o uso das aspas remete à expressão de domínio popular como “sangue bom”, “sangue do mesmo sangue”, “sangue da mesma família” etc.

Ainda no recorte 1, as palavras “resultados” e “europeizar” também estão entre aspas. A primeira, já explicada acima, e a segunda, constitui um neologismo irônico para se referir à mudança de continente, da América para a Europa, ou seja, “europeizar”-se durante a Copa do Mundo, uma vez que torcer para europeus é mais “chique”, outro vocabulário também empregado entre aspas para se referir aos ingleses.

## Recorte 2

Aliás, concordo com a grande sacada de humor do colega **Juca Kfour**: acho que naquele intervalo do primeiro para o segundo tempo do jogo com a Holanda, nosso treinador mandou o time parar de jogar bem e voltar ao futebol **covarde e horroroso**.

Depois da nossa amarelada diante da laranja, passei a torcer por meus **“irmãos culturais”**. Torci pela Argentina do **passional Maradona** contra a Alemanha e **sofri de verdade** com os 4 x 0 que ela tomou. Torci pelo corajoso Uruguai contra Gana, contra a Holanda e contra a Alemanha.

No excerto acima, o autor, por meio da intertextualidade explícita, faz referência ao discurso alheio quando menciona o humor do colega Juca Kfour<sup>57</sup> em sua crônica “Era Dunga. Foi Sneijder”, publicada em 3 de julho de 2010, em que comenta acerca da derrota do Brasil. Pondé concorda com a ideia de que durante o intervalo do jogo entre Brasil e Holanda o treinador tivesse pedido para o time voltar a fazer um jogo covarde e horroroso. A inserção do texto de Kfour não é retomada, porém o leitor aciona conhecimento prévio de que se trata de um autor especialista na temática do futebol, uma vez que esse nome é bastante conhecido não só na imprensa escrita quanto na radialista e televisiva.

Quando o filósofo Pondé traz para o seu texto um especialista no tema futebol, é possível apreender que o discurso proferido pretende se legitimar, “ganhar” simpatia, inspirar credibilidade e, assim, conseguir a adesão do leitor, uma vez que o discurso do cronista dialoga com um discurso de uma área “autorizada” no assunto, uma crônica extraída diretamente do caderno de esporte. Segundo Koch e Travaglia (2008), temos, então, a intertextualidade temática ou de conteúdo, uma vez que as crônicas “dialogam” entre si, ao tratarem do mesmo assunto.

Ainda no recorte 2, a expressão “sofri de verdade”, por oposição, revela que é possível sofrer sem ser de verdade quando se trata de futebol, no sentido irônico, de maneira falsa. Logo, no caso em análise, o “sofrer de verdade” tenta travar um diálogo com o leitor no sentido de se aproximar dele e afirmar que sua proposição acerca do sofrimento da derrota da seleção argentina foi sincera, mesmo se tendo, culturalmente, a posição de não torcer ou sofrer por uma seleção que é considerada adversária do Brasil, no caso, a Argentina. O resultado da perda da seleção argentina por 4 x 0 para a seleção da Alemanha também poderia gerar desconfiança

<sup>57</sup> Anexo 09, crônica *Era Dunga. Foi Sneijder* de Juca Kfour publicado no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 3 de julho de 2010.

por parte do torcedor brasileiro que, em sentido contrário ao do cronista, ficaria feliz com esse placar.

Nesse excerto, o autor emprega outro termo entre aspas, “irmãos culturais”, para se referir aos argentinos, uma vez que o time brasileiro já havia sido derrotado pela Holanda, a chamada “laranja”. Ainda nesse contexto argentino, a figura de Diego Maradona é mencionada, personalidade bastante representativa do futebol, não só argentino, como também internacional. Em nossas análises, Maradona também é citado na crônica de Marcelo Coelho. Polêmico no futebol, Maradona sempre esteve em evidência na mídia, seja por causa da sua turbulada vida pessoal, seja pela paixão reconhecida pelo futebol.

### Recorte 3

Se uma das razões de ter feito da Espanha meu time entre europeus foi o **parentesco cultural** que sinto por ela, a outra razão foi mais filosófica. Como disse na abertura desta coluna, na Copa da África do Sul, venceu o **bem contra o mal**, e o bem era a arte da Espanha.

Seu futebol corajoso, ofensivo, generoso, bailado (ainda que com poucos gols) bateu a lógica científica das últimas Copas do Mundo.

O que é o bem contra o mal na filosofia? Se o bem é o futebol da Espanha que venceu, o mal é o futebol do Brasil? O autor afirma que sim, que o “mal do futebol” são as mazelas, o que não é mais o belo do futebol brasileiro, aquilo que Nelson Rodrigues chama de “resultados”. A beleza e a arte do futebol da Espanha mencionadas por Pondé existiram no futebol brasileiro de outros tempos, notório no seguinte trecho de uma crônica de Nelson Rodrigues intitulada *O Essencial e o Supérfluo* (*O Globo*, 26.03.1977):

O craque brasileiro não abre mão da beleza. Uma simples vitória será muito menos se não for a beleza. Mas, dizia-me, outro dia, um dos nossos cretinos fundamentais: - “O futebol nada tem a ver com a arte”. O sujeito disse isso e, então, pensei no Mané. [...] Mané era grande pelo seu primarismo. Ele não largava a bola sem primeiro, driblar uns cinco. E nesse dia estava particularmente inspirado. No fim restou apenas o goleiro, que foi também driblado, sem maiores problemas. Era a hora de dar um toque para o fundo das redes. Garrincha achou, porém, que seria simples demais. Voltou, para driblar, novamente, o goleiro e a zaga. Só depois de tal devastação é que fez o gol. Eis o que eu queria dizer: - assim jogamos nós. Não dispensamos esta coisa supérflua, mas vital, que é a beleza. Ainda ontem, eu dizia ao notável romancista Perminio Asfora: - o essencial para os nossos craques é o

supérfluo. Assim, porém, não entendeu a nossa Comissão Técnica. Furiosa, achou que Mané era um irresponsável e não merecia vestir a camisa do escrete.

Ainda no recorte 3, o autor, por meio da intratextualidade, retoma o início de seu próprio texto para reforçar e ampliar o novo sentido pretendido, ou seja, de que assim como afirmou no começo da abertura da coluna, o bem e a arte da Espanha, na Copa da África do Sul, venceram o mal. Continuando no mesmo excerto, depois de já ter mencionado “irmãos culturais”, agora usa a expressão “parentesco cultural” para justificar sua torcida pela Espanha.

#### Recorte 4

Eu que acompanho Copas do Mundo desde 1966, vi (como todo mundo) a Copa virar um desfile da covardia matemática dos “**idiotas da objetividade**”, como dizia o grande Nelson Rodrigues, e como citou recentemente o craque camisa nove da seleção tricampeã de 1970, e colunista desta **Folha**, Tostão, o filósofo discreto.

A expressão “como todo mundo” pressupõe que todos veem as Copas do Mundo, acompanham os torneios assim como o cronista, logo, o que o autor pretende é a adesão do leitor, incluí-lo nesse discurso que é coletivo, que é de “todo mundo”.

Nesse excerto, o autor recorre à afirmação de Nelson Rodrigues, “idiotas da objetividade” quando defende a ideia de que a Copa do Mundo se transformou em um desfile da covardia matemática. Temos, então, a citação consagrada de um escritor conhecido também por suas crônicas futebolísticas. A memória discursiva é ativada para a construção de sentido. A citação teria sido feita por Tostão<sup>58</sup> em sua crônica “Brasil eliminado”, publicada em 3 de julho de 2010, na *Folha*, do caderno de Esporte. A intertextualidade temática é acionada porque há diálogo acerca do tema futebol, uma vez que Pondé cita Tostão que, por sua vez, cita Nelson Rodrigues. O autor traz mais uma vez para sua crônica não só um especialista da área esportiva, mas também um jogador de futebol da seleção brasileira de 1970, “o craque camisa nove da seleção tricampeã de 1970”, o colunista Tostão.

---

<sup>58</sup>Anexo 10, crônica *Brasil eliminado* de Tostão publicado no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 3 de julho de 2010.

### Recorte 5

O mesmo tipo de covardia de que eu falava na semana passada nesta coluna (12/07) e que deixa a vida chata, deixou o futebol chato.

Enganam-se aqueles que acham esse assunto “menor”: a busca da saúde total é um mal sim político, pois é parente da pureza tirânica fascista e não mera modinha.

Como o futebol chato que busca apenas “resultados”, a saúde total busca uma vida pautada pelos “resultados fisiológicos” e não pelos prazeres do mundo.

Em seguida, o próprio texto de Pondé, crônica intitulada *100%*<sup>59</sup>, publicada em 12 de julho de 2010 é mencionado para confirmar seu ponto de vista em relação à covardia que se transformou o futebol, temos, então, a intratextualidade, retomada de texto do próprio autor.

### Recorte 6

Esta **Folha** acertou em cheio ao dizer que “**o futebol agradece**” com a vitória espanhola nesta Copa. Isso deve ser repetido à exaustão na mídia, nas escolas, na publicidade, na novela das oito, porque a beleza na vida nunca é irmã gêmea do medo, mas sim irmã gêmea da coragem. E o medo deixa tudo feio. E aqui, como todo mundo sabe, o esporte traz à luz seu profundo caráter de mimetizar, como que num pequeno laboratório, grande parte da vida.

No recorte 6, o diálogo se mantém com a frase “o futebol agradece”<sup>60</sup>, publicada também pelo jornal *Folha de S. Paulo* por ocasião da vitória da Espanha. O autor, agora, não traz a voz de um único especialista, mas de sete jornalistas responsáveis em cobrir a grande final da Copa do Mundo em Johannesburgo e cujo texto foi publicado no *Caderno Copa 2010*. A presença da intertextualidade explícita confere ao trecho legitimidade acerca do que afirmou Pondé, que, assim como ele, o futebol agradece a vitória da Espanha e que vários órgãos da sociedade deveriam repetir esse feito, porque se trata não apenas do esporte em si, mas de valores morais, como, por exemplo, a coragem e o caráter que são mimetizados pelo futebol.

<sup>59</sup> Anexo 11, crônica *100%* de Luiz Felipe Pondé publicado no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 12 de julho de 2010.

<sup>60</sup> Anexos 15 e 16, *Caderno da Copa*, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 12 de julho de 2010.

### Recorte 7

O que vale na vida não é o resultado (ainda que seja necessário ter coragem para viver assim, porque a vida foi, é e sempre será uma guerra de morte), mas a beleza que a ela somos capazes de dar, como já dizia Platão no seu diálogo “O Banquete”: o destino de Eros (amor) é engendrar a beleza do mundo.

O time espanhol mostrou, de forma elegante, que a beleza ainda vale a pena e que os covardes e feios podem não ser o herdeiro da Terra.

No penúltimo parágrafo da crônica, recorte 7, o autor retoma a temática da beleza e cita Platão no seu diálogo “O Banquete”. Temos, então, mais uma vez, a intertextualidade explícita com a alusão à obra de Platão e o diálogo que se estabelece entre a afirmação de que a vida consiste na beleza que lhe atribuímos e o destino de Eros (amor) em relação à beleza.

“em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos belos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo.” (PLATÃO, 2011:48)

A África do Sul sedia pela primeira vez uma Copa do Mundo e a Espanha, coincidentemente, ganha sua primeira Copa do Mundo, recebe a taça de vencedora e é coroada, pois apresentou um futebol elegante, valente, belo e, provavelmente, será a “herdeira da Terra”.

A seguir, ilustração extraída da crônica em análise.



(Figura 13. Ilustração de Ricardo Cammarota)

Quanto à ilustração, essa é de autoria de Ricardo Cammarota<sup>61</sup>, e enfatiza a bola em primeiro plano e no centro da bandeira da Espanha. Há uma coroa ao contrário e a bola de futebol brilhando sob essa coroa. Por que a coroa invertida? Na imagem metafórica, a bola está sendo coroada, ou seja, o futebol é nobre e ganhou a coroa que consagra sua vitória e poder.

A seguir, bandeira oficial da Espanha que tem no canto esquerdo o Escudo Nacional da Espanha.



(Figura 14. Bandeira oficial da Espanha)

A cor vermelha, predominante na bandeira da Espanha, representa a conquista, a valentia e a alegria. Já a cor amarela simboliza o ouro, a riqueza do país. No topo, a coroa real fechada de Aragão, que é um círculo de ouro, adornado com pedras preciosas e forrado em vermelho.

Nota-se, então, que o diálogo que se estabelece entre a imagem oficial da bandeira da Espanha e a do ilustrador Cammarota é que agora não é mais o vermelho que predomina, mas o amarelo ou uma mescla das duas cores, uma vez que a vitória foi instaurada com a primeira conquista espanhola em uma Copa do Mundo. O escudo oficial ao lado esquerdo da bandeira cedeu lugar ao centro para a bola, símbolo de riqueza e preciosidade.

---

<sup>61</sup> Ricardo Cammarota, ilustrador, paulistano, trabalhando como colaborador para o jornal *Folha de S. Paulo*, agências de publicidade e editorial. Estúdio em São Paulo, capital, propõe-se a várias técnicas de ilustração, manual e digital. Disponível em: <http://brasil.yapoga.com/top/s/300085,ricardo-cammarota>. Acesso em: 05/08/2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, analisamos o interdiscurso como espaço de trocas e o plano da intertextualidade como parte de um sistema de restrições semânticas globais e verificamos como os processos dialógicos atuam na produção e na leitura de crônicas jornalísticas para a produção de sentido.

Nosso *corpus* também perpassou o campo intersemiótico e observou-se o que Maingueneau já havia apontado em seu estudo, que não é possível privilegiar um plano em detrimento de outro, mas enlaçá-los em um mesmo movimento, o que implica afirmar que o significado ou os sentidos não se encontram em uma parte específica do texto, mas nos sentidos que emanam do conjunto e organizados de acordo com um mesmo conjunto de regra, a semântica global.

O estudo realizado permitiu-nos observar que a crônica jornalística é constituída de outros discursos e não objetiva ao mero entretenimento, mas as reflexões que mobilizam a adesão dos leitores, com base em determinados posicionamentos e estabelecendo uma relação dialógica que permite cumplicidade entre ambos. A análise das crônicas pesquisadas possibilitou-nos perceber resultados parciais de um estudo que acreditamos gerar outras leituras e novas abordagens. Assim, seguindo ordem cronológica de publicação, faremos considerações acerca da análise realizada em cada crônica.

Na crônica “A Copa e o tempo”, de Carlos Heitor Cony, o autor afirma que o futebol é um pretexto para reflexões a respeito da vida e compara a passagem dos vários torneios da Copa do Mundo com os anos de sua vida, o que acontece de quatro em quatro anos e o que também ocorre em sua vida pessoal. O marco de tempo indica a maneira como o cronista vê o tempo passar. É possível perceber semelhança entre a crônica de Cony e a de Varella, uma vez que ambas recorrem à narrativa de memória despertada por um fato ocorrido no presente, no caso, referente ao futebol.

Na crônica “Pior é melhor”, de Marcelo Coelho, o autor discute acerca de uma questão filosófica, assim como Pondé também tem como pretexto o tema do futebol para refletir a respeito de assuntos referentes ao comportamento do homem em sociedade. A ética e a moral, por exemplo, ganham espaço para reflexões. Então o futebol, modalidade esportiva, inspira questões filosóficas? Qual é, afinal, a verdadeira intenção dos cronistas, discutir a Copa do Mundo ou apenas usar como

pretexto para debater questões existenciais? As duas intenções, uma vez que o futebol é também uma representação do comportamento do homem em sociedade. O autor discute uma questão filosófica por meio da temática futebolística.

Na crônica “Torcer ou pensar, eis a questão”, de Contardo Calligaris, há reflexão filosófica desde o título do texto, uma vez que a alusão à famosa frase “To be or not to be, that’s the question”, de Shakespeare, questiona o comportamento do homem em sociedade. O autor, dentre vários questionamentos, reflete acerca do chamado “efeito de grupo” que estabelece a relação comportamental das pessoas em sociedade, do que é capaz o indivíduo quando se encontra sozinho e em grupo.

Na crônica “Copa do mundo”, de Drauzio Varella, o autor, por meio de uma narrativa de memória inserida na crônica jornalística, resgata discursivamente momentos que aconteceram na sua infância e estabelece relações com a Copa do Mundo. Há reflexão a respeito do comportamento das torcidas e a maneira como as pessoas reagem diante de uma partida de futebol. O autor analisa o comportamento do homem junto ao coletivo e a comoção inesperada que é fazer parte de uma torcida.

Na crônica “O futebol não é um jogo”, de João Pereira Coutinho, podemos observar a construção de simulacros, enquanto traduções/interpretações do discurso do Outro nas categorias do Mesmo, uma polêmica criada pela oposição do cronista em relação ao discurso do médico Dalrymple acerca do tema futebol. Vimos que os simulacros são produzidos no sentido de traduzir o discurso do médico como negativo e sem fundamentos, o que confirma a hipótese de Maingueneau segundo o qual a tradução se dá, na maioria das vezes, nos registros negativos do Mesmo.

Na crônica “Rio, campo minado”, de Ferreira Gullar, o autor faz denúncias sociais, ou seja, informa acerca de um bueiro que explodiu em plena Copacabana e um buraco na rua onde mora sua empregada. Gullar se vê como porta-voz do cidadão comum que não é ouvido pelas autoridades, e o gênero crônica, que prima muitas vezes pelo descompromisso com a informação, nesse caso, passa a ser o elo entre leitor-cidadão e autoridade governamental. Isso significa que todo o processo comunicativo passa necessariamente por uma relação interdependente e interindividual: o discurso está necessariamente ligado a outros discursos. Por isso, Bakhtin (2006) concebe a linguagem como um sistema coletivo determinado por um diálogo cumulativo entre os diversos “eus” e os diversos “outros”. Quanto à temática

do futebol, o autor reserva três parágrafos para tecer comentários irônicos acerca do evento esportivo.

Na última crônica analisada “Beleza espanhola”, de Luis Felipe Pondé, a intertextualidade externa é bastante presente no texto uma vez que o discurso do autor dialoga com o discurso de colegas como Juca Kfourri e Tostão. Um texto de sua própria autoria é mencionado para reforçar seus argumentos e comprovar sua tese, ou seja, a intratextualidade como recurso argumentativo para fazer o leitor aderir ao seu ponto de vista. Nelson Rodrigues também é citado e o intertexto está presente nas expressões e nos vocabulários entre aspas empregadas pelo autor. É curioso notar que, Tostão, citado por Pondé, é médico, assim como Drauzio Varella, e, na crônica de Coutinho, outro médico é mencionado, Dalrymple. Todos escrevendo acerca do tema futebol.

As crônicas analisadas, visando a envolver o seu leitor por meio de comentários irônicos, desabafos ou reflexões, refletem também acerca do papel da imprensa e dos meios de comunicação de modo geral. Já o leitor, nessa relação de comunicação construída na interação e na dialogicidade, procura interpretar o que lhe é proposto e decide se aceita ou não o que lê.

As análises revelaram que as crônicas jornalísticas, muitas vezes despretensiosas, carregam alto teor argumentativo persuasivo com a intenção de conseguir a adesão de seu interlocutor, assim, percebemos que o plano da interdiscursividade sob a perspectiva da semântica global constitui-se fundamental na construção do discurso materializado nas crônicas, uma vez que confere não só aspecto de legitimação, mas de mobilização da memória discursiva para a produção de sentido. Quanto ao tema futebol nas crônicas do caderno *Ilustrada*, notamos que em tempo de Copa do Mundo não é apenas o especialista que trata do assunto e, por isso, a temática “deixa” o caderno de esportes para ocupar outros espaços no jornal.

Concordamos com Maingueneau (2008) ao afirmar que não há como privilegiar “planos”, regras para o funcionamento semântico, e que é o olhar do analista que seleciona o campo de seu interesse para comprovar sua análise e, assim, ampliar as possibilidades de abordagem de um mesmo *corpus*.

O objetivo desta pesquisa foi analisar a relação interdiscursiva e intertextual que constitui as crônicas jornalísticas. Verificamos que a intertextualidade, seja interna ou externa, materializada discursivamente, remeteu a uma memória

discursiva e produziu novos sentidos. Dessa maneira, na perspectiva teórico-metodológica da AD, os sentidos não são funções imanentes de palavras e/ou expressões, mas são efeitos de sentidos produzidos e delimitados por aquilo que pode e deve ser dito no interior de uma formação discursiva.

Em relação à ilustração que acompanha cada crônica, o objetivo da análise foi de um olhar de ordem não linguística, porém inserido no plano da estrutura semiótica. Segundo Maingueneau:

Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa “intersemiótica”, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes semióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas etc... (2008: 137 e 138)

Quanto a discorrer acerca do tema futebol no país do futebol seria pecar pelo excesso? Muito já se discutiu a respeito do assunto, nas diferentes áreas e ciências, porém, todas as abordagens trazem à luz todos os diferentes sentidos e olhares para o mesmo tema. Sabe-se que o estudo dos mais variados assuntos não se esgota e para estudiosos e pesquisadores da área de Língua Portuguesa faz-se interessante todo tipo de linguagem. Por sua vez, o discurso futebolístico nas crônicas jornalísticas imprimindo envolvimento tom narrativo, desperta-nos interesse pela continuidade da pesquisa nesse campo. Entendemos que o futebol é um importante componente na formação da identidade brasileira, inclusive notamos em nossas análises, a relação que se estabelece entre futebol e religião, confirmando que “futebol é uma religião no Brasil”, pois se constroem mitos, santificam-se heróis e até demonizam-se vilões. A temática do futebol perpassa muitos segmentos, inclusive o artístico, como ilustrado, por exemplo, nas telas do pintor Cândido Portinari que abrem cada um dos capítulos desta tese.

Quanto aos resultados obtidos, esses são parciais e indicam que o futebol tratado nas crônicas é também discutido sob uma ótica sociocultural e que questões até mesmo filosóficas norteiam esse tema representativo da cultura popular brasileira que, aparentemente, é voltado apenas ao entretenimento. A diversidade interlocutiva também aguçou nossa curiosidade para estudar histórias contadas a

respeito do passado que envolve as práticas desse esporte considerado fenômeno social e tão “bretão”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e Comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*. Rio de Janeiro: M. W. Jackson, 1947.

AUTHIER-Revuz, Jacqueline. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. DRLAV, 26. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris, VIII: 1982.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. *Text, discourse and process*. London/New York: Longman, 1980.

BEAUGRANDE, Robert de e DRESSLER, Wolfgang. U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BELLOS, Alex. *Futebol. O Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Texto, gênero do discurso e ensino. In: Brandão, Helena Nagamine (org). *Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. "A vida ao rés-do-chão", prefácio do volume 5 da série *Para gostar de ler – crônicas*. Vários autores. São Paulo: Ática, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Linguagem dos conflitos*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Linguagem dos conflitos*. Coimbra: Minerva Coimbra, 1994.

CHAROLLES, Michel. *Les formes directes et indirectes de l'argumentation. Pratiques*, 1980.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CITELLI, Adilson O. *O Texto Argumentativo*. 1ª Ed. São Paulo: Scipione, 2004.

COELHO, Paulo V. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: a propósito do discurso comunista dirigido aos cristãos*. Revista *Langages* 62. 1981. (Tradução provisória de Sírio Possenti, circulação restrita).

COUTINHO, Afrânio. *Ensaio e Crônica*. In: *A Literatura no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana. Vol. 6, 1997.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FERNÁNDEZ, Maria C. O. *Futebol – fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

FIORIN, José Luiz. *Interdiscursividade e intertextualidade*. In: BRAIT, B. Bakhtin: *outros conceitos-chave*. (Org.) São Paulo: Contexto, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998.

FRASSON, Regina Mafalda Denardin. "A intertextualidade como recurso de argumentação". *Letras*, Santa Maria, n. 4. Jul/Dez, 1992, p. 85- 96.

GERALDI, João Wanderley. Tópico – comentário e orientação argumentativa. In: *Sobre a Estruturação do Discurso*. Campinas: IEL, 1981.

GREGOLIN, Maria do Rosário de Fátima V. *No diagrama da AD Brasileira: heterotopias de Michel Foucault*, 2011.

GREIMAS, Algirdas J. *Sémantique structural*. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, Algirdas. J. e COURTÈS, Joseph. *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette. 1979.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2008.

KONZEN, Paulo C. *Ensaio sobre a arte da palavra*. Cascavel, PR Edunioeste 2002.

KRISTEVA, Júlia. *Semiótica do Romance*. 1. ed. Lisboa: Arcádia, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos Discursos*. São Paulo, Parábola, 2008.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MILAN, Bety. *O país da bola*. São Paulo: Record, 1998.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – prosa*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Trad. Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

OSAKABE, Haqira. *A argumentação e discurso político*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F. ; HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso – introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. *O papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

PEDROSA, Milton. *Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L&PM, 1986.

PERELMAN, C & OLBRECITS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação. A nova retórica*. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

PINHEIRO, Najara F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (org.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2011.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

PRADO, João Rodolfo. *Discursos Gráficos: Constatações*. Caderno de Jornalismo e Comunicação. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1985.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura – Introdução aos estudos literários*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

RESENDE, Fernando Antônio. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume: Fapesb, 2002.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo de. (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2ª Ed. São Paulo: Escritura Editora, 2002.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Mil dias: seis mil dias depois*. 2ª. Ed. São Paulo: Publifolha, 2005.

SILVA, Rafael S. *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Summus, 1985.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. de. Comunicação e Análise do Discurso. In: FIGARO, Roseli. (org.) *Discursividade e espaço discursivo*. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA-E-SILVA, Maria C. P & ROCHA, Décio (2009) *Por que ler Gênese dos Discursos?* Resenha de “Gênese dos discursos”, de Dominique Maingueneau. *ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

TOLEDO, Vera Márcia Soares. “Intertextualidade na poesia brasileira contemporânea. Notas sobre o uso de recursos intertextuais na poesia brasileira atual”. *Revista Contexto- UFES*. Ano V, n. 4, (1996): 155-166.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

## ANEXOS

- Anexo 01 - Resumo da dissertação de mestrado
- Anexo 02- Crônica *Pernas de pau e cabeças de bagre*, de Carlos Heitor Cony
- Anexo 03 - Letra da música *God*, de John Lennon
- Anexo 04 - *Folha de S. Paulo* “Mão de Deus” de Maradona
- Anexo 05 - Foto do gol de Maradona
- Anexo 06 - Crônica *Torturas da Copa*, de João Pereira Coutinho
- Anexo 07 - Artigo *Of snobbery and soccer*, de Theodore Dalrymple
- Anexo 08 - Crônica *Oi tortura!*, de Ferreira Gullar
- Anexo 09 - Crônica *Era Dunga. Foi Sneijder*, de Juca Kfourri
- Anexo 10 - Crônica *Brasil eliminado*, de Tostão
- Anexo 11 - Crônica *100%*, de Luiz Felipe Pondé
- Anexo 12 - Primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*
- Anexo 13 - Crônica *Meu vizinho é pior que Hitler*, de José Roberto Torero
- Anexo 14 - Crônica *Meu vizinho Torero*, de Juca Kfourri
- Anexo 15 - Manchete do Caderno Especial *Copa 2010*
- Anexo 16 - Continuação da manchete do Caderno Especial *Copa 2010*

## RESUMO

PRADO, Losana Hada de Oliveira. (2009). *Intertextualidade na imprensa escrita: uma leitura de crônicas esportivas do jornal Folha de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado (Língua Portuguesa). São Paulo: PUC-SP.

A presente dissertação tem por objetivo estudar as crônicas esportivas do caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo*, examinando as marcas de intertextualidade que ocorrem no texto dos cronistas José Geraldo Couto, Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade), José Roberto Torero Fernandes Júnior, Juca Kfourri (José Carlos Amaral Kfourri) e Xico Sá. A pesquisa visa a contribuir com os estudos do texto, verificando de que forma processos intertextuais determinam a produção de sentidos. Para o embasamento teórico desse estudo, fundamentamos a dissertação na Linguística Textual, na Teoria Literária e na Análise do Discurso. Assim, considerando a materialidade linguística do texto, demonstramos que a identificação do intertexto é importante para o estabelecimento da interação e para a produção de sentidos na leitura das crônicas. A análise procura contemplar procedimentos teórico-analíticos. Nesse sentido, princípios cognitivos, ligados à produção de sentidos, à intertextualidade e à alteridade ocupam um lugar de destaque. Os resultados obtidos demonstraram que as crônicas futebolísticas solicitam do leitor a ativação de conhecimentos prévios para identificar a intertextualidade e produzir sentidos na leitura das mesmas. Todo o procedimento desta pesquisa propicia a comprovação de que, com o desenvolvimento dos estudos sobre a intertextualidade, não se pode mais pensar em textos puros ou em autoria sem influências.

**Palavras-chave:** Intertextualidade, Imprensa, Crônica Esportiva, *Folha de S. Paulo*, Análise do Discurso, Linguística Textual.

Tempos atrás qualifiquei Garrincha e Pelé, principalmente Garrincha, como praticantes de um futebol provinciano, de pelada suburbana. Se tivesse meido o malho nas instituições pátrias ou no Verbo Unigênito teria ofendido a menos gente.

Não me preocuparia com isso, não fosse a opinião de alguns amigos a quem muito quero e que passaram a rosar bons dias cavemosos, de cabeça baixa, sem o calor gostoso e habitual.

Não vou revogar o que disse. Considero Garrincha e Pelé jogadores excessivamente individuais, sem noção de homogeneidade do jogo que é, acima de tudo, associação.

Considero Didi o maior jogador que o futebol brasileiro produziu. Se seu nome não constar na enciclopédia britânica, ela não valerá nada.

Mas além de enciclopédias, há o futebol. E nele, pela observação de alguns anos, quando atravessava a baía para ver Carlyle fazer gol de bicicleta no Canto do Rio ou quando despencava com a arquibancada de Bariri —percebi o que qualquer um perceberia: as duas vertentes do futebol nacional.

Uma, de raízes populares, onde o indivíduo se sobrepõe ao conjunto; outra, onde o indivíduo se sacrifica, e muitas vezes chega à mutilação, em favor do conjunto. Nasci nas proximidades do campo do América, e vi Carola driblar defesas inteiras, voltar ao meio de campo, driblar o time contrário todo.

Vi Tim, Elba de Pádua Lima no cívil, driblar toda a defesa da seleção argentina e dar um passe para Her-

# Pernas de pau e cabeças de bagre

CARLOS HEITOR CONY



Dora Longo Bahia

cules digno de antologia. Tomás Soares da Silva, celebrado e famoso como Zizinho, empolgava essa mesma parcela de torcedores que mais tarde dedicaria a Garrincha seu generoso incenso.

Não se pode qualificar de prejudicial o jogo de Garrincha-Pelé. Seria mais que uma injustiça: uma tolice. Mas pode-se contar pelo número de dedos as vezes em que, em partidas duras, com fatores adversos, esses dois resolveram qualquer coisa. Se o jogo é fácil, o show é inevitável, eles fizeram ou ajudaram a fazer um resultado empolgante.

**Considero Garrincha e Pelé jogadores excessivamente individuais, sem noção de homogeneidade do jogo**

Mas quem nunca viu Pelé inerte no meio do campo diante de um marcador mais rigoroso? Sem o conjunto, Pelé era um pássaro ferido. Em Montevideu, vi uma vez o Peñarol encher o Santos. Os torcedores uruguaios saíram de campo sem entenderem a fama de Pelé.

Garrincha foi, fora de qualquer dúvida, o maior driblador que o fute-

bol já gerou. Mas futebol e drible são coisas diferentes. Principalmente quando o drible busca as laterais ou procura mais um adversário para mais um drible. Isso é província.

Durante anos ele ia driblando até esbarrar na bandeirinha do comer, depois melhorou, tinha noção de área, quando corria, procurava entrar onde realmente interessava entrar, mas ainda se dispersava em jogadas laterais que empolgavam os torcedores, mas prejudicavam "os soberanos interesses do seu quadro" —como diria um cronista esportivo que gostava de falar difícil.

Esse tipo de futebol está em decadência. As recentes Copas do Mundo provaram, entre outras coisas, uma constatação elementar: futebol é associação. Sou daqueles que consideram este tipo de esporte uma ciência onde devem entrar, pela ordem, a cabeça, o coração e o jeito.

Jeito apenas não basta, ainda que aliado ao coração. Somente com estes três elementos se obtém o verdadeiro jogador, aquele que alia o artesanato específico (o jeito) ao amor e, sobretudo, à cabeça. Quando um jogador é muito ruim, não se diz que se trata de um entreadado ou de um apático. Diz-se que é um "cabeça" de bagre.

Sob certos aspectos, futebol é tão racional quanto o xadrez. Assim o Brasil pode se dar ao luxo de produzir Garrinchas e Pelés. Pois seu futebol já possui uma infraestrutura que coloca um Didi na mesma linha em que há um Garrincha, na mesma linha de um Pelé. (Fala de jogadores antigos para não ferir as preferências atuais.)

E já que estamos com a mão na massa, um lembrete: a coisa na África do Sul não vai ser mole. Todos estão motivados para vencer, joga-se o fino quando se pode e o grosso quando se faz necessário. No fundo, os finalistas serão os mesmos de sempre: Brasil, Itália, Alemanha e Argentina. Haverá sempre um azarão e uma decepção. Que não seja o Brasil.

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Antonio Cicero

MÚSICA

**Jazz Sinfônica toca trilha do 'Circo Místico'**

A orquestra apresenta, hoje e amanhã no Auditório Ibirapuera, repertório criado em 1983 por Edu Lobo e Chico Buarque para o espetáculo "O

Grande Circo Místico", do Balé do Teatro Guaíra (av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, portão 2, tel. 0/xx/11/3629-1075; R\$ 30; às 21h; livre).

MÚSICA 2

**Chitãozinho e Xororó cancelam show**

Após o anúncio da morte da mãe da dupla, os músicos anunciaram a apresentação que fariam hoje com o maestro João Carlos Martins e a Orquestra

Bachiana Filarmônica, em São Paulo. Os ingressos adquiridos serão válidos para um novo show, que será realizado em data ainda a ser definida.

ARTES PLÁSTICAS

**"Mediações" reúne novos e consagrados**

Termina neste domingo a mostra "Mediações", em cartaz no Ateliê Shirley Paes Leme (r. Joaquim Antunes, 1.069; das 14h às 21h). Partici-

pam artistas consagrados, como Nelson Leirner e Paulo Bruscky, e novos nomes, como James Kudo e Estela Sokol. A curadoria é de Mario Gioia.

Assinando a TVA, você vai ter os melhores canais, vai ter Banda Larga rápida e vai ter uma economia de R\$ 500 no primeiro ano.

Assinando a promoção da TVA, você tem mais pagando menos: os melhores canais de esportes, filmes, informação e infantis com som e imagem digitais, além de 20 canais em HD com toda a qualidade da alta definição. E, ainda, Banda Larga de até 16 mega e provedor grátis para você baixar o quanto quiser. Compare, pesquise e comprove. TVA é a melhor opção.

**Economize no mínimo R\$ 500 NO PRIMEIRO ANO.**

Preços promocionais válidos por 12 meses. Ligue e assine já: **(11) 3038-5500**

Instalação fácil e rápida.

Acesse [www.comproveagora.com.br](http://www.comproveagora.com.br) e escolha o seu combo.

Oferta válida para adesões de 21/6/2010 a 21/6/2010, podendo ser prorrogada, a critério das Prestadoras, para clientes novos e/ou da base, em endereços residenciais, prestabilizados pelas Prestadoras, na cidade de São Paulo, na tecnologia HDTV, com pagamento por débito automático em cartão de crédito. Descontos válidos pelo período de 12 meses a contar da adesão. Após esse período, serão praticados valores de tabela dos serviços e reajuste pelo ICPV. Pontos Adicionais com Taxa de Instalação gratuita converte em 50, com aluguéis mensais e limitado a 2. Pontos Principais para clientes da base e Pontos Adicionais da oferta em HD mediante pagamento de taxa de instalação de R\$ 399,00 por ponto. Recurso HD disponível apenas para TV compatível Speedy limitada a velocidade de até 16Mb. Instalação sujeita a viabilidade técnica do local. Adesão à oferta, o cliente não poderá cancelar o serviço por 12 meses, sob pena de pagamento dos seguintes valores: R\$ 485,00, proporcionais ao período restante se for Ajáto ou TVA, e R\$ 150,00, proporcionais ao período restante se for Speedy. Se o cancelamento for dos dois serviços, serão devidos os valores correspondentes a cada serviço. As promoções das Prestadoras não são cumulativas. Serviço TVA sujeito a interrupções. Ajáto e ou Speedy sujeitos a interrupções ou variações de velocidade. A velocidade anunciada de acesso e tráfego na internet é a nominal máxima, podendo sofrer variações decorrentes de fatores externos. Para mais informações sobre a oferta consulte o regulamento disponível em [www.comproveagora.com.br](http://www.comproveagora.com.br) ou ligue para 3038 5500 ou 0800 771 2382 (deficientes auditivos ou de fala). Preço da concorrência cobidos no site [www.netsercicos.com.br](http://www.netsercicos.com.br) em 18/5/2010 e válidos para os pacotes similares da oferta (pacotes com igual ou maior quantidade de canais e velocidades próximas na Banda Larga). Confira em [www.comproveagora.com.br](http://www.comproveagora.com.br) © 2010 HDU One Partners. All rights reserved. Cinemax, HBO and Home Box Office are registered trademarks of Home Box Office, Inc.

## God

God is a concept,  
By which we measure  
Our pain.  
I'll say it again.  
God is a concept,  
By which we measure  
Our pain.  
I don't believe in magic  
I don't believe in I-Ching  
I don't believe in Bible  
I don't believe in Tarot  
I don't believe in Hitler  
I don't believe in Jesus  
I don't believe in Kennedy  
I don't believe in Buddha  
I don't believe in Mantra  
I don't believe in Gita  
I don't believe in Yoga  
I don't believe in Kings  
I don't believe in Elvis  
I don't believe in Zimmerman  
I don't believe in Beatles  
I just believe in me  
Yoko and me  
And that's reality.  
The dream is over,  
What can I say?  
The dream is over  
Yesterday  
I was the dreamweaver,  
But now I'm reborn.  
I was the walrus,  
But now I'm John.  
And so dear friends,  
You just have to carry on  
The dream is over.

## Deus

Deus é um conceito  
Pelo qual medimos  
Nossa dor  
Falarei de novo  
Deus é um conceito  
Pelo qual medimos  
Nossa dor  
Eu não acredito em mágica  
Eu não acredito em I-ching  
Eu não acredito em Bíblia  
Eu não acredito em tarô  
Eu não acredito em Hitler  
Eu não acredito em Jesus  
Eu não acredito em Kennedy  
Eu não acredito em Buda  
Eu não acredito em Mantra  
Eu não acredito em Gita  
Eu não acredito em loga  
Eu não acredito em reis  
Eu não acredito em Elvis  
Eu não acredito em Zimmerman  
Eu não acredito em Beatles  
Apenas acredito em mim  
Yoko e eu  
E essa é a realidade  
O sonho acabou  
O que posso dizer?  
O sonho acabou  
Ontem,  
Eu era o tecedor de sonhos  
Mas agora renasci.  
Eu era a morsa,  
Mas agora sou John.  
Então queridos amigos,  
Vocês precisam continuar  
O sonho acabou.

## Telê diz que responsabilidade da derrota é sua

**Dos Agências**  
 Abatido com a eliminação da seleção brasileira e com a doença do pai, o técnico Telê Santana assumiu ontem a responsabilidade por tudo o que aconteceu com a seleção na Copa do México: "Sou um homem sério, que trabalha com a maior boa vontade e não admite a interferência de nenhum dirigente em minhas decisões. Sou assim e vou morrer assim. Por isso, tudo o que houve, de bom e de ruim, na equipe foi por responsabilidade minha", afirmou. Quanto às substituições de Muller e Júnior no jogo de sábado contra a

França, o treinador se defendeu das críticas: "Chegaram a comentar, aqui na concentração, que o Muller deveria ficar mais algum tempo na equipe e que o Sócrates deveria ter saído. Ora, o Muller ficou em campo muito tempo e não conseguiu fazer o que eu esperava. Castei e mexer na equipe, acreditando que o ataque poderia chegar ao gol. Muller teve chance e não concluiu nada como devia. Ai, não podia mais contar com ele. O Zico precisava entrar. O time devia se movimentar mais e isso só mesmo com uma mexida no meio de campo. Mandei o Sócrates avançar, porque ele poderia trabalhar mais junto

ao Careca e descansar, já que não tinha que ir e voltar como vinha fazendo no início. O Sócrates é um dos raros talentos do nosso futebol, jogador criativo e de quem eu precisava, inclusive para a cobrança de pênaltis, se fosse preciso. O Júnior também estava correndo muito e sentia até mesmo problemas musculares, nesse caso o indicado era entrar o Silas, que vinha dando show de bola junto com o Zico nos treinos. A entrada da dupla foi o que me deu mais confiança numa vitória no tempo normal e depois na prorrogação. Não demos sorte. O Zico entrou e perdeu o pênalti e depois, na prorrogação,

tivemos chance de fazer gols mas falhamos nas cobranças. Como reclamar do time? Como reclamar da escalção e das substituições? Acho que fiz tudo certo. Infelizmente não consegui manter o time na Copa. No início demos sorte e, na hora mais importante, quando o time crescia, fomos eliminados".  
 Telê disse que tem procurado se tranquilizar, mas acha que está difícil. No sábado à noite ficou até tarde conversando com um amigo, Hermenegildo, diretor do Atlético Mineiro: "Após a partida, fui para meu alojamento e tentei dormir, mas não adian-

do nada. "Conseguimos fazer a nossa melhor atuação, mas, no fim, isso não adianta nada. Apenas me deixa satisfeito pelo trabalho, mas o torcedor precisa exigir vitória e a Copa. Eu também queria tudo isso. Mas não foi por falta de trabalho que eu não consegui e não vou mais continuar tentando. Espero que o novo treinador comece desde agora a armar uma equipe, aproveite os jovens de agora, já que os veteranos se despediram e, na Copa da Itália em 1990, arme um time bem forte com os melhores jogadores do país, mas que, além de tudo isso, tenha como companheira a sorte", concluiu.

### Delegação volta hoje sem seis

**Do Reportagem Local**  
 Depois da folga de ontem, a seleção brasileira retorna hoje para o Brasil. O embarque está marcado para as 13h, em Guadalajara (179 km da noroeste da Cidade do México), com destino a São Paulo e Rio de Janeiro, em um voo fretado pela Confederação Brasileira de Futebol. A chegada está prevista para as 5h de amanhã, no Aeroporto Internacional de Curitiba. A delegação, não tem todos os jogadores voltando. Zico, Sócrates, Oscar, Júnior, Edinho e Paulo Vitor deverão permanecer no México, segundo para Estados Unidos ou Europa. Falcão, que anunciou o desejo de abandonar o futebol logo após o término de seu contrato com o São Paulo, em julho, não decidiu ontem se seguirá junto com a delegação, pois pretendia passar em Nova York (EUA). A seleção desembarca com mais uma campanha mal sucedida em mundiais, como vem ocorrendo desde 70. Desta vez, os dirigentes da CBF decidiram anunciar mudanças na estrutura do futebol ainda em Guadalajara. Nahi Abi Chedid, 49, vice-presidente da CBF, disse ontem que promoverá a reformulação "na estrutura do futebol no Brasil, criando um calendário mais racional e uma seleção que seja permanentemente, visando à Copa do Mundo de 90, na Itália". No Rio de Janeiro, Olívio Furtado Guimarães, presidente da entidade, falou na contratação do técnico Jair Pereira para coordenar as divisões amadoras, criando uma equipe de juniores e outra de novatos. O meia Sócrates, 32, ainda não fala sobre as causas da derrota. "É difícil raciocinar. Ainda estou tentando entender. Infelizmente, nesse trabalho é um jogo e derrota faz parte dele", disse. O volante Elzo, 38, falava em "falta de sorte" para justificar a desclassificação. Ontem foi de descanso para o elenco. Alguns atletas passaram em Guadalajara. O preparador físico Roberto Tim, 56, confirmou que se desentendeu com o treinador Telê Santana dois dias antes da partida contra a França. "Foi um problema de posicionamento pessoal, mas o Telê me procurou na véspera do jogo e tudo acabou bem", disse. O volante Elzo confirmou ter sido procurado por representantes do clube italiano Brescia, que quer contratá-lo. "Vou ver como fica minha situação na volta".



Após driblar uma série de ingleses, Maradona (ao centro) passa pelo goleiro Peter Shilton (no chão), evita a marcação de Butcher e chuta para marcar o segundo gol da Argentina

### Belgas ganham nos pênaltis e se classificam

**Do Redação do Felho**  
 Ao derrotar a seleção espanhola na disputa de pênaltis por 5 a 4 (1 a 1 no tempo normal e sem gols na prorrogação), a equipe da Bélgica conseguiu se classificar para as semifinais, enfrentando a Argentina, quarta-feira às 18h de Brasília, no Estádio Azteca, na Cidade do México. A outra semifinal, entre França e Alemanha Ocidental, já definida na rodada de sábado, será às 13h (Brasília), no Estádio Jalisco, em Guadalajara, também na quarta-feira. Apesar de a Espanha apresentar um maior domínio territorial, a Bélgica abriu a contagem ainda na primeira etapa através do atacante Coelderman. O goleiro da noroeste só veio no final do segundo tempo, com um chute de fora de área do meia Sedor. Na disputa em pênaltis, os belgas converteram em cinco cobranças. Na segunda cobrança dos espanhóis, o atacante Olaya chutou sem muita força, no centro do gol, facilitando a defesa do goleiro Effli, um dos destaques da partida.

## Maradona faz gol de mão na vitória argentina

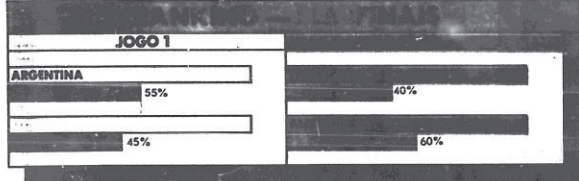
**MATINAS SUZUKI JR.**  
 Envio Especial do Cidade do México

A seleção da Argentina venceu ontem a Inglaterra por 2 a 1, no estádio Azteca da Cidade do México. O astro da partida foi Diego Maradona, que fez os dois gols — um com a mão, que o juiz validou — que definiram a vitória. A Argentina tornou-se a única equipe latino-americana que conseguiu chegar às semifinais da Copa do Mundo, e uma alternativa para o torcedor mexicano, já que sua seleção foi desclassificada no sábado, o mesmo ocorrendo com o Brasil, a segunda preferência da população local. Uma certa tendência para torcer pelo time portenho já se manifestava antes do jogo contra a Inglaterra, mas as "aflições" (como se chama a torcida por aqui) foram ganhas pelo futebol arrasador de Maradona, o melhor jogador da Copa até agora. O estádio Azteca mudou muito de fisionomia ontem. Quem estava acostumado com as cores verde, vermelho e branco da seleção local, teve que acostumar os olhos com as bandeiras e faixas "alvicoletas", predominantes sobre as cores inglesas. Mas o espetáculo, às vésperas das finais, ficou mais

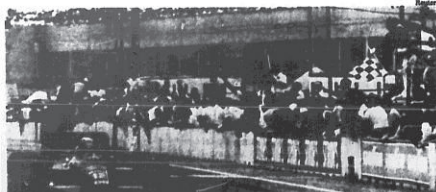
### O craque da Copa do México

**SILVIO LANCELOTTI**  
 Da equipe de articulistas do Felho  
 Diego Armando Maradona não parece um jogador de futebol. Pernas muito grossas, levemente recurvadas para fora, sustentam um quadril largo demais e a bundinha arrebitada de uma velote de cabaré. O tronco também sobe voltado, a partir de uma alenteia cintura, até desembocar num peçoço curto e sempre inflado de veias que os cabelos negros e encaracolados, eternamente grandes, às vezes ajudam a esconder. Diego Maradona, todavia, é um craque que atua por um time inteiro. Filho de um casal de classe média, sete irmãos, cinco mulheres e dois homens, nascido no Polichino Lanus de Buenos Aires, em 30 de outubro de 1960, já era brilhante aos nove anos, quando Gregorio Carrizo, um amigo da família, decidiu mostrá-lo em ação, praticando uma pelada de rua em Villa Fiorito, na

periferia da cidade, a um certo Francisco Cornejo, descobridor de talentos do clube Argentinos Jrs. Seu destino estava selado. Em 20 de outubro de 1976, dez dias antes de completar dezesseis anos, Maradona era titular do Argentinos. Em 27 de fevereiro de 1977, estava na seleção nacional. Por não simpatizar com o seu individualismo magistral, Cesar Luis Menotti não o convocou para o elenco que seria campeão do mundo em 1978. Maradona, porém, não se abateu, virou capitão da seleção de juniores que disputou a Copa da categoria, no Japão, em 1979 — e levantou a taça. Do Argentinos, passou-se ao Boca, em 1980. Ao Barcelona da Espanha, em 1982. Ao Nápoli da Itália, em 1984. Para onde vai, carrega seu séquito de parentes e amigos. Maradona merece os privilégios que desfruta. Quem neste Mundial, afinal, marca um tento com a mão e sai vibrando, maliciosamente artista, na certeza de que o planeta inteiro havia visto uma cabeçada?



O "ranking" da Copa mostra as possibilidades de cada seleção passar para a fase seguinte, de acordo com o índice de produtividade apresentado por elas durante o campeonato e o retrospecto de suas atuações



Senna vence nos EUA e recupera liderança da F-1

O brasileiro Ayrton Senna recebe a bandeira do Grande Prêmio de Detroit: em segundo chegou o francês Jacques Laffite e em terceiro um outro francês, Alain Prost. Pág. 19



Maradona engana árbitro e abre o caminho para a vitória por 2 a 1 sobre a Inglaterra

22/06/2011 - 07h04

## **"Mão de Deus" de Maradona completa 25 anos e inspira Messi e brasileiros**

Do UOL Esporte  
Em São Paulo

Diego Maradona se tornou um dos maiores jogadores de futebol da história pelos dribles e gols. Por outro lado, as polêmicas sempre acompanharam o argentino. E um dos casos mais lembrados da carreira do agora treinador completa 25 anos nesta quarta-feira. O lance, batizado pelo próprio Maradona como “Mão de Deus”, aconteceu no dia 22 de junho de 1986, em um clássico contra a Inglaterra pela Copa do Mundo daquele ano.

A jogada pode ser considerada “inspiração” para outros jogadores que usam a malandragem e, com a mão, aproveitam a distração dos árbitros. [...]

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/06/22/mao-de-deus-de-maradona-completa-25-anos-e-inspira-messi-e-brasileiros.htm>. Acesso em: 04.07.2014

VUVUZELAS. QUE palavra! Dias atrás, desconhecia a existência do "instrumento". Dias depois, a Copa do Mundo na África do Sul resume-se nessas nove letras. Vuvuzelas.

De início, acreditei que o problema era do meu aparelho de TV. Os jogos começavam e havia um zumbido permanente a pairar sobre os jogadores, como se uma manada de elefantes invisíveis tivesse invadido o campo.

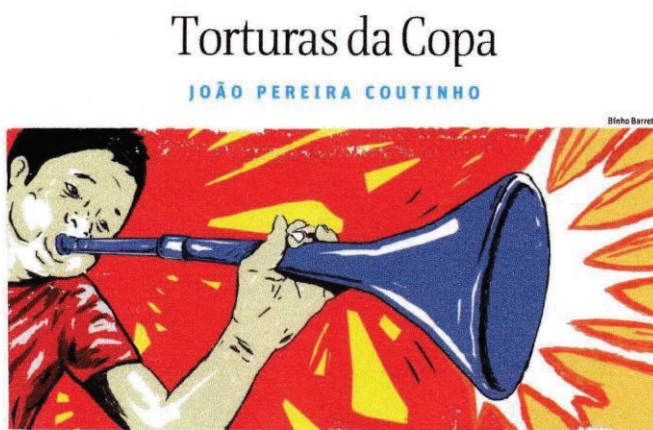
Tentei tudo. Esmurrei o televisor, telefonei para a loja onde o comprei, pedi ajuda técnica ao pessoal da TV a cabo. Cansado de lidar com o bicho, passei a lidar comigo. Estaria a enlouquecer? Estaria a escutar manadas de elefantes que só existiam na minha cabeça?

O problema não era meu. O problema estava nas vuvuzelas. As vuvuzelas dentro dos estádios. E as vuvuzelas fora dos estádios.

No meu bairro lisboeta, todas as casas têm uma vuvuzela, oferta simpática de um posto de gasolina nacional à torcida lusitana. No meu prédio, todos os apartamentos têm uma vuvuzela. Os meus vizinhos mais próximos tocam vuvuzela.

E, quando um começa, os outros respondem. Parece que é um código informal, como acontece em certos presídios: quando alguém decide destruir o sossego da rua, os outros acompanham em alegre eco. Como se dissessem: "Estou aqui! Vamos torturar o João Pereira Coutinho?".

Essa comunicação primitiva, importada da selva africana, dura horas e horas e horas. Centenas ou milhares de vuvuzelas, cada uma a expelir 120 decibéis (segundo dizem os



## Torturas da Copa

JOÃO PEREIRA COUTINHO

especialistas).

Tradução: durante horas e horas e horas, Lisboa está invadida por um som ainda mais estridente do que uma serra elétrica ou um helicóptero (dizem os especialistas outra vez). Agora, é só multiplicar pelas centenas ou milhares que dominam a capital portuguesa e imaginar a trilha sonora.

Por isso assisti, com proteção auditiva própria de trabalhadores de aeroporto, ao Portugal x Coreia do Norte. Escrevo depois do jogo. E temo suas consequências. Sete a zero? Um exagero. Uma humilhação. E, quando o assunto é a Coreia do Norte, é importante ter cuidado com os

**Sete a zero? Um exagero. E, quando o assunto é a Coreia do Norte, é importante ter cuidado**

exageros e as humilhações. Um pouco de história é importante.

Sou português. Nasci depois de 1966. Mas sei o que aconteceu em 1966.

Portugal jogou na Copa da Inglaterra. Eliminou o Brasil de Pelé na primeira fase. E, nas quartas de final, encontrou a Coreia do Norte. Sofreu três gols. Marcou cinco. Avançou para a semifinal, onde a

anfitriã (e o juiz) fez o resto.

Mas na história desse jogo, a verdadeira tragédia aconteceu depois do jogo. Aconteceu quando os norte-coreanos regressaram à casa.

A revista americana "The New Republic" relatou recentemente o sucedido: recebidos como heróis pela população, a verdade é que as autoridades oficiais de Pyongyang não gostaram do 3x5 com Portugal. E agiram em conformidade.

A equipe foi desmantelada. Os jogadores foram criticados violentamente pela imprensa oficial do Partido, acusados de "espionagem" e outras atividades "subversivas".

E, depois de criticados, seguiu-se

a tortura e o envio para os campos de concentração do regime.

Meio século depois, a situação não se alterou. A Coreia do Norte continua a ser um estado comunista e paranoico (uma redundância, eu sei), especialista no assassinato dos seus cidadãos (por crimes "antissociais"). Um regime que precisa de ajuda externa para se alimentar e que por isso chantageia o mundo com o seu arsenal nuclear.

Sem falar do esporte favorito do país: não falo do futebol, nem sequer do feminino, onde as norte-coreanas são craques; falo do sequestro contínuo de cidadãos sul-coreanos junto à fronteira. Talvez uns 500 continuem a apodrecer nos calabouços da Coreia do Norte. Como patriota e português, aplaudo a vitória de Portugal.

Mas será decente que a felicidade do meu povo se faça às custas de duas dezenas de jogadores, que provavelmente terão igual recepção em Pyongyang quando a Copa terminar?

Não admira que alguns deles já tenham dado sinais de deserção, mendigando asilo político. Como não admira que a minha alma de torcedor esteja dividida.

Um empate talvez tivesse sido mais caridoso para evitar a previsível tortura. Até porque, em matéria de tortura, os jogadores da Copa já tiveram a sua dose. Baste ouvir as manadas de elefantes que habitam os estádios. E que já chegaram ao meu bairro e ao meu televisor.

jpcoelho@folha.com.br

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Marcelo Coelho

### LANÇAMENTO

#### Radiohead deve lançar novo CD em 2010

Em entrevista à BBC, o guitarrista Ed O'Brien afirmou que o processo de gravação do novo álbum de estúdio da banda de Oxford está no estágio fi-

nal, e que este será seu melhor trabalho. Segundo o site NME, a produção do disco dos ingleses pode ficar novamente a cargo de Nigel Godrich.

### MÚSICA

#### Beach Boys anuncia retorno de fundador

O vocalista do Beach Boys, Mike Love, afirmou ao jornal "Las Vegas Sun" que o músico Brian Wilson deve retornar ao grupo. Segundo ele, todas as

divergências entre os dois integrantes estão sendo superadas para as comemorações dos 50 anos da banda. Wilson ainda não confirmou a volta.

### CINEMA

#### Festival de Paulínia divulga concorrentes

O Festival de Cinema de Paulínia anunciou ontem cinco de seus concorrentes ao prêmio de R\$ 150 mil. São eles "Malu de Bicicleta", "Desenrola", "5

X Favela", "Bröder" e "Dores e amores". A competição terá mais um longa ainda não divulgado. O evento ocorre entre 16 e 21 de julho.

Foto: BLOFF - Imaginética - Cole, São Paulo - Reprodução: Olliver & Moore - Música: Imagem - Ludovico Zilli - Livro: Editora - Tudele on line - JAGGI na mão
Luis Briceno

**Vale a pena ouvir de novo:  
Tupi FM,  
1º lugar no Ibope.**





Quando se fala em sucesso no rádio, não tem como não falar da Tupi FM, que acaba de completar 2 anos na mais absoluta liderança de audiência em São Paulo. A Tupi, a rádio mais tradicional e inovadora do dial brasileiro, mistura o sertanejo clássico com o romântico na dose certa, cria as melhores promoções, tem a equipe mais querida e carismática do rádio e ainda proporciona o maior contato do ouvinte com seu ídolo preferido. Não é à toa que está todo mundo sempre ligado na Tupi. **Tupi FM. Você em primeiro lugar.**

[www.radiotupifm.com.br](http://www.radiotupifm.com.br)

## Of snobbery and soccer

By Theodore Dalrymple - July 5, 2010

An acquaintance of mine, whose opinions I generally respect, once said that snobbery is a vice, but a very minor one. I am not so sure.

Like many phenomena, snobbery is easier to recognise than to define. The definition of a snob in *The Shorter Oxford English Dictionary* is inadequate. The *Penguin English Dictionary* does much better. It defines a snob as ‘Someone who tends to patronize or avoid those regarded as social inferiors; someone who blatantly attempts to cultivate or imitate those admired as social superiors; someone who has an air of smug superiority in matters of knowledge or taste.’ The same dictionary defines ‘inverted snob’ as one ‘who sneers indiscriminately at people and things associated with wealth and high society.’ One possible derivation of the word snob is from the Latin *sine nobilitate*, without nobility.

[...]

Knowing the dangers of snobbery, however, is not quite the same as eliminating it from one’s own heart and mind. I admit that, in the inner recesses of my being, I am a fearful snob. For example, I feel nothing but contempt for people for whom sport is important. This is particularly pertinent at the moment, because the greatest sporting event in the world by far, the football (soccer) World Cup, is taking place in South Africa as I write this. There could be no greater snobbery than to feel contempt for the hundreds of millions of people world-wide for whom this event is of consuming interest. When bread is assured, circuses fill men’s minds.

Nowhere has this been more so than in France, where a veritable crisis has been caused by the utter failure of the national team. That team played lamentably badly, failed to win a single match, lost against the most mediocre opponents, was eliminated from the competition at the first hurdle, and worse still behaved abominably.

In 1998, the French team won the World Cup and there was a burst of national euphoria as a result. The team of 1998 was composed of blancs, beurs, noirs – that is to say, whites, Arabs, blacks – and this was taken, briefly, as evidence of the success of France as a multicultural and multiethnic society. Huge crowds greeted the successful team as it paraded in the modern equivalent of a Roman triumph. Preposterous triviality could go no further. [...]

MARIA, MINHA empregada, mora em Anchieta, zona oeste do Rio, numa rua que, até há bem pouco, era um buraco só. Era um buraco havia 20 anos. Denunciei isso aqui e o prefeito Eduardo Paes me ligou e prometeu consertá-la. E cumpriu, está quase toda pavimentada.

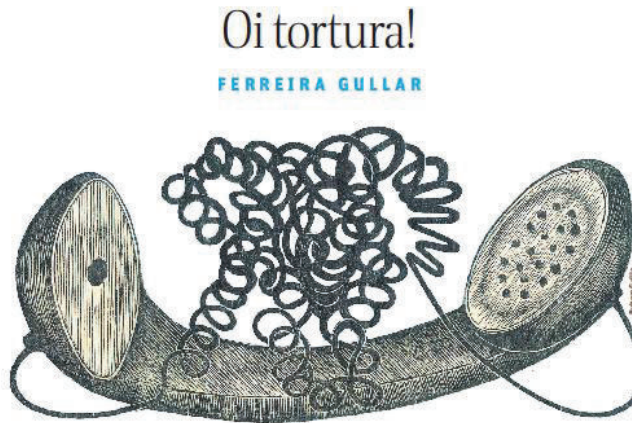
Mas, naquela região, telefone funciona precariamente. Por todas as razões, inclusive porque a conta não chega antes da data de vencimento e a Oi, que atrasa no envio, bloqueia o telefone do inadimplente! Pode?

Pois bem, este mês, mais uma vez, o boleto não chegou e a Oi bloqueou o telefone da Maria. Liguei para lá, expliquei o caso e recebi a seguinte resposta: ela pode pagar a conta numa casa lotérica, mas com multa, e dentro de quatro horas o telefone estará desbloqueado.

"Quer dizer que vocês atrasam na entrega do boleto, cortam o telefone e a pessoa ainda será multada? Quem devia ser multada era a Oi, que é culpada do atraso, o senhor não acha?"

Bem, falei por falar. Maria foi à casa lotérica, pagou a conta e ficou esperando o desbloqueio do telefone, que não ocorreu. Nem no prazo de quatro horas nem nos dias subsequentes. Maria veio pedir minha ajuda. Liguei para a Oi, atendeu uma gravação que prometeu passar-me um atendente.

Entrou a música, esperei, esperei, uma voz prometeu que eu logo seria atendido, a música continuou, a voz alguns minutos depois prometeu que eu seria atendido... Finalmente, muito tempo depois, fui atendido.



## Oi tortura!

FERREIRA GULLAR

Fiz um resumo da ópera e a atendente afirmou que o telefone seria desbloqueado em 24 ou 48 horas. "Por que tanto tempo?", indaguei. "É o prazo da companhia", respondeu a moça, e eu me caí.

Isso foi na quinta-feira. Na segunda-feira, Maria, de volta ao trabalho, disse-me que o telefone continuava desligado.

"Pois vai ficar desligado, porque não tenho mais saco para ligar para a Oi. É uma tortura."

Ela se resignou e voltou para a cozinha. Terminei o texto que estava escrevendo e, arrependido, decidi li-

Pois bem, este mês, mais uma vez, o boleto não chegou e a Oi bloqueou o telefone da Maria

gar para a maldita Oi! Atendeu aquela mesma gravação, que logo prometeu encaminhar a um atendente. A musiquinha insuportável começou a tocar, repetidamente, interrompida, de vez em quando, por aquela mesma voz dizendo que eu logo seria atendido. Armei-me de paciência e fiquei esperando... "o senhor logo será atendido..." E tome

música... "o senhor logo será atendido"... E tome música! E tome música! E tome música!!

Pensei, já furo da vida: mas não existe uma lei que limite o tempo de espera dos telefonemas comerciais? E por que a Oi continua a abusar da gente sem que nada lhe aconteça? Foi então que a música parou e ficou só o silêncio. Acho que vão me atender, pensei. Mas o silêncio continuou indefinidamente... Entendi que a ligação havia caído!

"Não acredito", disse a mim mesmo, revoltado. "Depois de esperar tanto, cai a ligação! Vou ter que fa-

zer tudo de novo?"

Desliguei o telefone, mas fiquei com ele na mão. Se eu não voltar a telefonar, o telefone da Maria continuará desligado, talvez para sempre! É, não tem jeito, vou ter que ligar de novo. E liguei.

Atendeu a mesma gravação e me pediu o número do telefone para o qual pedir providências. Ditei algarismo por algarismo: 30378596. Veja se entendi, falou a voz: 30278596... Não, não: 3037... Ele afinal entendeu. Qual o problema? "Telefone mudo", falei.

"Entendi, telefone mudo. O senhor terá que tirar o telefone da tomada, desligar a secretária eletrônica, a extensão que houver, depois ligar o telefone de novo. Se continuar o problema, telefone para nós. Se já tiver feito isto, aguarde para ser atendido".

Fiquei aguardando. A música chata voltou a tocar... e de vez em quando a promessa: "logo será atendido"... Espichei-me no sofá, disposto a ficar ali até o final dos tempos... "logo será atendido..." "... logo será atendido..." Afinal, o silêncio. Gele! Vai cair a ligação de novo! Mas uma vez atendeu.

Narrei-lhe todo o drama por que estava passando.

"Um momento", disse o atendente. Fiquei tenso, esperando.

"Dentro de 24 a 48 horas um técnico irá ao local fazer o reparo."

Irá?

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Luiz Felipe Pondé

### MÚSICA 1

#### Coro da Osesp começa 2011 com Arvo Pärt

O coro da Osesp elegeu três obras do estoniano Arvo Pärt para a temporada 2011. Hoje, o concerto acontece às 17h na Sala São Paulo (pça. Júlio Pres-

tes, 16; tel. 0/xx/11/3223-3966; de R\$ 49 a R\$ 56; 7 anos). Eleito o compositor "universal" do coral, ele será revisitado dez vezes em 2011.

### MÚSICA 2

#### Raíces de América comemora 30 anos

Acontece hoje show em comemoração aos 30 anos de carreira do grupo de Raíces de América. A apresentação, no teatro do clube Hebraica (r. Hungria,

1.000; tel.: 0/xx/11/3818-8888; às 12h; entrada franca; livre) terá canções latinas tradicionais, música brasileira e obras de autoria da banda.

### ARTE

#### Curso de Fajardo revê arte contemporânea

Estão abertas as inscrições para os seminários do artista Carlos Fajardo, que discutem os novos suportes das artes visuais a partir dos anos 60. As

aulas acontecem de segunda a quinta, das 10h30 às 12h30 (r. Heitor Penteado, 220, estúdio 17; tel.: 0/xx/11/3081-8603 e 9941 4708; R\$ 350 mensais).

AN ORIGINAL SERIES by STARZ

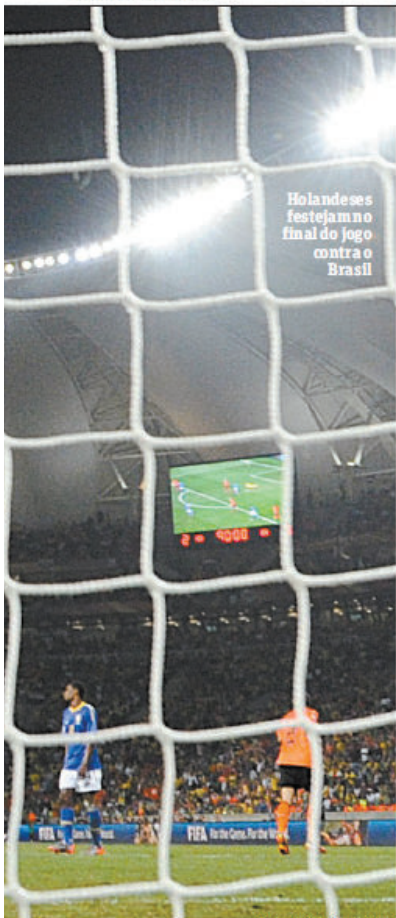
# SPARTACUS

## GODS OF THE ARENA

NOVA TEMPORADA  
ESTREIA 16 DE ABRIL ÀS 22H30.

HD  
GLOBOSAT

CONSULTE SUA OPERADORA DE TV POR ASSINATURA



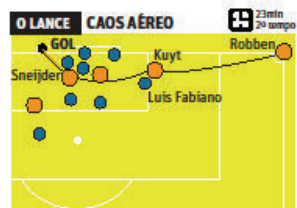
Holandeses festejam o final do jogo contra o Brasil

**ONTEM**



A última virada sofrida pelo Brasil em Copas fora em 1998, diante da Noruega, também por 2 a 1

 <b>2</b> <b>HOLANDA</b> Stekelenburg; Van der Wiel; Heitinga, Doijer e Van Bronckhorst; Van Bommel e De Jong; Robben, Sneijder e Kuyt; Van Persie (Huntelaar) T.: Bert Van Marwijk	 <b>1</b> <b>BRASIL</b> Júlio César; Maicon, Lúcio, Juan e Michel Bastos (Gilberto); Gilberto Silva e Felipe Melo; Daniel Alves, Kaká e Robinho; Luis Fabiano (Nilmar) T.: Dunga
---	--

Local: Port Elizabeth Juiz: Yuichi Nishimura (JAP)



No instante em que Sneijder cabeceia, ele só tinha a companhia de mais dois holandeses na pequena área, contra sete brasileiros

OS NÚMEROS	
	
Finalizações	10 vs 15
Cruzamentos	12 vs 13
Desarmes	110 vs 103
Lançamentos	7 vs 9
Faltas cometidas	20 vs 20

**QUARTAS DE FINAL**



**Era Dunga. Foi Sneijder**

JUCA KFOURI

*O BRASILESTÁ fora da Copa do Mundo. Volta para casa mais cedo do que se previa e era razoável imaginar. E num 2 a 1 injusto, pelo primeiro tempo, com pênalti não dado em Kaká e bela atuação.*

*Derrotado por uma boa seleção, diga-se com todas as letras, embora menos que outras karanjas.*

*Que fique claro que não há desonra alguma em ser eliminado como foi a seleção de Dunga. E que os brasileiros não têm a obrigação de ganhar todas as Copas que disputam. Se ganharem uma a cada três, estará de bom tamanho. E a próxima, a 20ª, no Brasil, tem a cara do hexacampeonato, o que permitirá quase atingir tal média.*

*E que fique claro, também, que Dunga deixa registrada sua passagem pela seleção com um saldo muito mais positivo do que negativo, coisa com a qual ele mesmo não concordará, porque falhou ao faltarem apenas três passos para a consagração.*

*E diante da primeira equipe, digamos, se não do tamanho da brasileira, em vias de chegar lá.*

*Ruim, para quem gosta de futebol bem jogado, é perder jogando como jogou a seleção nesta Copa africana, com pouca coisa a ver com o estilo brasileiro de jogar.*

**Perder faz parte, mas para quem sabe ganhar. Quem não sabe perder é igual a morrer**

*E aí, para quem só vê resultados, é inescapável: Dunga fracassou, apesar de todos os ótimos resultados que obteve exatamente até ontem, quando, para ser coerente com ele mesmo, que não vê nem passado nem futuro no futebol, o presente*

*morreu. Acabou.*

*O pior, ou o melhor, é que o futebol agradece a derrota de um estilo que não é o nosso. E que ninguém venha com história de saudosismo. O que me fez gostar de futebol tem muito mais a ver com a Holanda de Robben e Sneijder do que com este Brasil. Mas, quando eu era criança, também gostava mais de chocolate do que gosto hoje, embora continue a gostar e constata, sem pesar, que o chocolate de hoje é melhor do que o da infância.*

*Já este futebol brasileiro não é. E eu quero aquele. Um romântico talvez nos desse. O pragmático não deu. Que Dunga seja feliz, do alto de sua aprovação popular, provavelmente na Europa, como Sebastião Lazaroni, talvez mais delicado em italiano, principalmente se tiver a humildade de fazer uma terapia para finalmente cicatrizar a injusta ferida da era Dunga.*

*Porque foi Robben. E Sneijder.*

Blogjuca@gmail.com.br

**Teixeira fica na África para promover 2014**

DOS ENVIADOS A PORT ELIZABETH

A CBF deixou claro que os jogadores comandados por Dunga, independentemente do resultado final na Copa do Mundo de 2010, deveriam voltar juntos para o Brasil.

Mas a ordem não serve para Ricardo Teixeira, o presidente da confederação.

Agora pressionado para definir quem será o técnico da seleção —Dunga já deu seu ciclo por encerrado—, o

cartola continua na África para eventos promocionais da Copa de 2014, como o lançamento do logotipo, na quinta, em Johannesburg.

A prioridade de Teixeira nos últimos tempos é o próximo Mundial, enão o atual.

Mas terá que dividir seu tempo para reestruturar o time nacional, responsável único pela CBF arrecadar mais de R\$ 200 milhões em patrocínios por ano.

Durante o Mundial, Teixei-

ra não quis tratar de questões polêmicas envolvendo o treinador. Episódio claro para ilustrar isso foi o entrevista de Dunga com a TV Globo.

O técnico cortou privilégios de décadas da emissora e se desentendeu com o jornalista Alex Escobar.

Apesar de não ter gostado da conduta de Dunga, Teixeira evitou se envolver no assunto. Temia ser responsabilizado por um eventual fracasso. (EAR, MF, PC E SR)



Ricardo Nogueira/Folhapress

## Sem fazer última substituição, Dunga reconhece banco frágil

DOS ENVIADOS A PORTELIZABETH

Dunga apostou no grupo em que confiava ao convocar a seleção brasileira para a Copa do Mundo de 2010.

Mas a partida de ontem, contra a Holanda, mostrou o quanto era frágil o elenco do Brasil no Mundial sul-africano. A ponto de o treinador não ter nem queimado sua última substituição, mesmo com o time perdendo.

As outras trocas feitas pelo técnico no duelo em Port Elizabeth evidenciaram o quanto ele e seus atletas estavam despreparados para uma situação como a que se deu no estádio Nelson Mandela Bay.

A seleção perdia por 2 a 1, estava prestes a ser eliminada da Copa, e Dunga mexeu duas vezes: trocou um lateral esquerdo por outro e, depois, sacou o centroavante que terminou o torneio como o artilheiro do Brasil no Mundial.

Michel Bastos já tinha cartão amarelo e, sem dar conta de Robben, estava prestes a ser expulso. Teve que ser substituído por Gilberto, 34.

Ambos atuam como meias em seus clubes, situação que não preocupava o auxiliar Jorginho. "Ninguém esquece como andar de bicicleta", dizia o escudeiro de Dunga ao justificar a convocação de seus laterais esquerdo.

Luis Fabiano, trocado por Nilmar, evitou entrar em polêmica. "Decisão do treinador eu respeito. De fora, ele sabe melhor o que fazer", afirmou o camisa 9, autor de três gols no Mundial.

Dunga pouco utilizou seu banco de reservas durante a Copa. Kleberson, por exemplo, só jogou nove minutos no torneio. Antes, não entrou em campo nem nos amistosos preparatórios contra as mambembes seleções do Zimbábue e da Tanzânia.

Grafito, que chegou à Copa com apenas um jogo sob o comando de Dunga na seleção, entrou em campo durante só cinco minutos.

Já Júlio Baptista só jogou contra Portugal porque Kaká estava suspenso. Não venceu e nunca mais entrou em campo. (EAR, MF, PCE SR)



## Brasil eliminado

TOSTÃO

*O BRASIL fez o melhor primeiro tempo e o pior segundo tempo da Copa. No primeiro, poderia ter feito mais de um gol. No segundo, quando perdia por 2 a 1, foi todo para a frente, e a Holanda teve mais chances de fazer o terceiro que o Brasil de empatar.*

*O Brasil, que, durante os quatro anos sob o comando de Dunga, fez um grande número de gols em jogadas aéreas, levou dois gols nesse tipo de lance.*

*O Brasil, que, durante quatro anos, procurou um lateral esquerdo, levou dois gols em jogadas que se iniciaram por esse setor.*

*O Brasil, que sempre teve um amador pela direita para ajudar Maicon (Elano ou Daniel Alves), nunca teve um amador pela esquerda para ajudar Michel Bastos. Desse lado, começaram as duas jogadas dos gols holandeses.*

*O Brasil, que tinha uma grande preocupação com as faltas violentas e com as expulsões de Felipe Melo, teve o jogador expulso quando o time perdia e precisava reagir. O atleta de Cristo Felipe Melo, que deu um excelente passe para o gol do Brasil, escreveu em seu Twitter, na véspera da partida: "O melhor de Deus ainda está por vir. Creia". Deus não gosta de jogador violento.*

**Desta vez não havia Zidane, mas Sneijder e Robben. Não é só o Brasil que tem craques**

*Foi uma repetição da Copa do Mundo de 2006, quando o Brasil foi eliminado nas quartas de final pela França. Lembro que, na época, assisti à partida ao lado de Clóvis Rossi, perplexo com a atuação de Zidane.*

*Desta vez não havia Zidane, mas havia Sneijder e Robben. Não é só o Brasil que tem craques.*

*Dunga disse, após o jogo, que trocou Luis Fabiano por Nilmar para aproveitar sua velocidade. No momento em que o Brasil perdia e tinha de pressionar e usar as jogadas aéreas, seria muito melhor um ótimo cabeceador do que um velocista.*

*As virtudes do Brasil, bastante conhecidas antes da partida, como o excelente contra-ataque, as jogadas aéreas e a qualidade de seu goleiro (que falou no gol) e de seus defensores, não acabaram por causa de uma derrota. As deficiências do Brasil, como a falta de mais talento na lateral esquerda e no meio-campo e o despreparo emocional de Felipe Melo para disputar uma Copa, ficaram ainda mais evidentes.*

*Como em 2006, o Brasil foi eliminado por um time de mesmo nível técnico. Não houve surpresa. Temos de valorizar o adversário. Precisamos terminar com a nossa prepotência de achar que o Brasil é sempre melhor.*

O Brasil se descontrolou. Começou a bater muito. Terminou o jogo com 20 faltas cometidas, outro recorde negativo do time de Dunga no Mundial sul-africano.

"Demos uma desestabilizada. Jogamos o segundo tempo sem fazer as coisas que a gente sabe", disse Júlio César. Dunga fez raciocínio parecido com o do goleiro.

"Não mantivemos a concentração e a mesma forma de jogar do primeiro tempo. São 90 minutos, e a partida é decidida em detalhes", disse.

As estatísticas mostraram uma Holanda mais equilibrada, com mais desarmes (110 a 103), mais portaria (33%) e menos desperdício de bolas dominadas (31 a 52). (EDUARDO ARRUDA, MARTÍN FERNÁNDEZ, PAULO COBOS E ÉRGIO RANGEL)



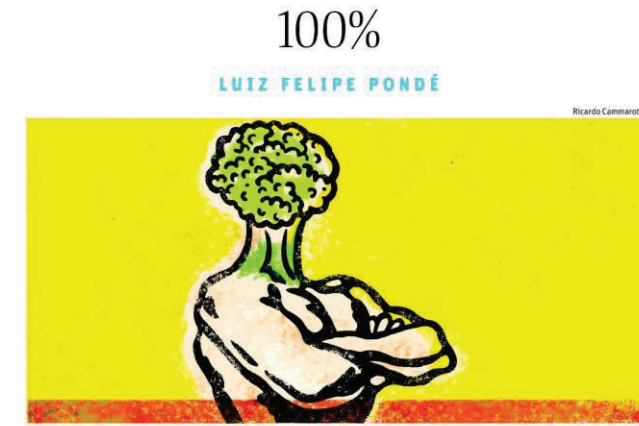
Atenção, pecadores e viciados em sexo, comida, bebida, dinheiro e poder: vocês estão ultrapassados. Há uma nova ganância no ar: a mania de qualidade de vida e saúde total. Esta ganância é o que o jornal "Le Monde Diplomatique" já chamava de "la grande santé" ("a grande saúde") nos anos 90. A mania de ter a saúde como fim último da vida.

Acho isso antes de tudo brega, mas há consequências mais sérias que um simples juízo estético para esta nova forma de ganância. Consequências morais, políticas e jurídicas: o controle científico da vida.

Agora esses fanáticos estão a ponto de demonizar o açúcar, a gordura e o sódio. Querem fotos de gente morrendo de diabetes no sacu de açúcar ou de ataque cardíaco nas churrasqueiras. O clero fascista da saúde não para de botar para fora sua alma azeda.

Mas, como assim, ganância? Sim, esta ganância significa o seguinte: quero tirar do meu corpo o máximo que ele pode me dar. Inevitavelmente fico com cara de monstro narcisista quando dedico minha vida à saúde total. Sempre sinto um certo ar de ridículo nesses pais que obrigam seus filhos a comer apenas rúcula com pepinos e cenoura desde a infância.

Suspeito que os "purinhos", no fundo, se deliciam quando veem fumantes morrerem de câncer ou carnívoros morrerem do coração. Sentem-se protegidos da morte porque vivem como "pombinhos da saúde". São medrosos. A vida é desperdício, e ganancioso não gosta disso.



No caso da morte, probabilidade é como gravidade: 100% de certeza. Logo, a luta contra a morte é uma batalha perdida, nunca uma vitória definitiva.

Se você não morrer de acidentes (carro, avião, atropelamentos, assaltos, homicídios) ou de epidemias (tipo pestes) ou por endemias (tipo doença de chagas), ou de doença metabólica (tipo diabetes) ou de doenças cardiovasculares (tipo AVC ou acidente cardiovascular e ataque cardíaco), você sempre morrerá de câncer.

Claro, ainda temos contra (ou a

O clero fascista da saúde não para de botar para fora sua alma azeda; vida é desperdício, e ganancioso não gosta disso

favor) a tal herança genética. Você passa a vida comendo rúcula e morre de AVC porque suas "veias" não valem nada. Que pena, passou uma vida comendo comida sem graça e morreu na praia. E vai gastar dinheiro com hospital do mesmo jeito, ou, talvez, mais ainda. Sorry.

Logo, caro vegetariano, escapando de doenças cardiovasculares

porque você evitou (religiosamente) gorduras supostamente desnecessárias, você pode simplesmente morrer de câncer porque deu azar com o pai que teve ou porque, no fim, tudo vira câncer, não sabia?

Um dia, esses mamiacos da saúde total desejariam processar os pais por terem deixado que eles comessem coxinhas e brigadeiros quando eram crianças ou porque simplesmente tinham mais genes em seus gametas.

Sinceramente, não estou convencido de que viver anos demais seja muito vantajoso. Sem "abusar" da

comida, da bebida, do tabaco, do sexo, das horas mal dormidas, não vale a pena viver muitos anos.

A menos que eu queira ser uma "freira feia sem Deus", o que nada tem a ver com freiras de verdade, uso aqui apenas a imagem estereotipada que temos das freiras como seres chatos, opressores e feios, ou seja, uma pessoa limpinha, azeda e repressora.

Como diz meu filho médico de 27 anos, "nunca houve uma geração tão sem graça como esta, obcecada por viver muito". Eu, pessoalmente, comparo esta geração de pessoas obcecadas pela saúde àquelas personagens de propaganda de pasta de dentes: com dentes branquinhos, cabelos bem penteados e com cara de bolha (ou "coxinha", como se diz por aí).

Dei muita risada quando soube que alguns cientistas estavam relacionando câncer de boca à prática frequente de sexo oral. Será que sexo oral dá câncer também? Terá a vida sentido sem sexo oral? Fazer ou não fazer, eis a questão!

Essa ciência horrorosa da saúde total deverá logo descobrir que sexo oral faz mal, e aí, meu caro "pombinho da saúde", como você vai fazer para viver sendo perseguido pela saúde pública? Talvez, ao final, não seja muito problema para você, porque quem é muito limpinho não deve gostar mesmo dessa sujeira que é trocar fluidos e gostos por aí.

ponde.folha@uol.com.br

AMANHÃ NA ILUSTRADA: João Pereira Coutinho

CINEMA

Mel Gibson é dispensado por agência

A agência de talentos WME não representa mais o ator Mel Gibson. O anúncio foi feito horas depois de vazarem na internet uma gravação em que uma voz

muito semelhante à do ator xinga a cantora russa Oksana Grigorieva, ex-namorada dele, de prostituta por usar roupas que seriam provocantes.

EXPOSIÇÃO

Paço compila produção brasileira atual

A mostra "Ateliê Fidalga no Paço das Artes", que reúne trabalhos de 60 artistas sob a coordenação de Albano Afonso e Sandra Cinto, com acom-

panhamento crítico de Mario Gioia, é aberta hoje, às 19h, com entrada franca. O Paço fica na av. da Universidade, 1, tel. 0/xx/11/3814-4832.

TELEVISÃO

Audiência do ator Charlie Sheen é adiada

O ator Charlie Sheen, acusado de agredir sua mulher no fim de 2009, só será ouvido no tribunal em 2 de agosto. A audiência estava marcada para

hoje. A defesa do astro da série "Two and a Half Men" pediu tempo para negociar um termo que anularia outras acusações contra ele.

**Rolling Stone**

**LADY GAGA CONTA TUDO**

- OS TRAUMAS
- AS DROGAS
- OS AMORES

**PETRÓLEO NO MAR**

A VERDADE SOBRE O MAIOR DESASTRE AMBIENTAL DOS EUA

**ACABOU CHORARE**

A SAGA DO MELHOR DISCO BRASILEIRO

SEM JOYSTICKS, EM 3D

**O FUTURO DOS GAMES**

**OZZY OSBOURNE**

**GLEE**

**PATO FU**

**NAS BANCAS**

www.rollingstone.com.br

www.rollingstone.com.br @ROLLINGSTONEBR

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 90 • DOMINGO, 4 DE JULHO DE 2010 • Nº 29.677

EDIÇÃO SÃO PAULO • CONCLUÍDA ÀS 22H10 • R\$ 4,00

## Empresa de petistas faz representação para chineses

Fundada por Wladimir Pomar, amigo de Lula, e Marco Polo Moreira Leite, e Asian Trade Link representa estatais chinesas no Brasil, relata Ricardo Balthazar.

Há um secretário do Ministério do Meio Ambiente e um deputado estadual de Santa Catarina filiados ao PT entre os sócios da ATL. Para eles, não existe conflito de interesses. Pág. B4

## FERREIRA GULLAR

Tudo o que se faz na China não dura; difícil é escapar

Pág. E8

## pagos para brincar

Não é Natal, mas o quarto de Pedro Barbério, 9, está cheio de presentes. Ele é testador de brinquedos — um a das crianças que as fabricantes chamam para detectar problemas antes do encaminhamento às lojas. Em troca, Pedro ganha os produtos testados. Pág. C4

## COLEÇÃO FOLHA RAÍZES DA MPB

Livro-CD de hoje aborda a vida e a obra de Silvio Caldas

## CLASSIFICADOS

72 4.383 páginas anúncios

## EDITORIAIS

Leia "Melhorar o transporte", que avalia problemas de mobilidade urbana em SP e propõe metas para ampliar o metrô e reformar os corredores de ônibus.

## ATMOSFERA

Fredomino de sol na capital

Mínima 19°C Máxima 24°C

## FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço de assinatura, as editorias e a circulação. fale.folha.com.br

262 páginas - 355.549 exemplares

Estadísticas e páginas de classificação: 72 de Classificação e 100 de Circulação São Paulo

ISSN 0103-2174

9 771614 372018

# Investimentos federais batem recorde com Lula

Perto da eleição, total atinge 1,25% do PIB, mas é insuficiente para sustentar crescimento, dizem analistas



Mannella Gonçalves, 10

Confira roteiro com 100 dicas de passeios para crianças de até 12 anos

Pág. 24

## VEÍCULOS

Veja teste com quatro carros e escolha o melhor para viajar com a família

Pág. 1

## ILUSTRADA

Em liquidação de grife, cliente compra casaco de R\$ 28 mil e acha barato

Pág. E2

Reality show nos EUA transmite morte e reaviva debate em torno de limites

Pág. E1



Klose, artilheiro da Copa, festeja o 4º gol alemão, seu segundo na partida

Em jogo com pênaltis perdidos, Espanha vence Paraguai por 1 a 0

Pág. D12

## SEMIFINAIS

Terça, 15h30

Uruguai

Holanda

Quarta, 15h30

Alemanha

Espanha

FINAL

11 jul

15h30

## NA TV

Símbolo (TV aberta), ESPN Brasil, ESPN HD, SportTV, SportTV HD e RedeSports (TV paga)

Scolari e Mano Menezes são cotados para suceder Dunga na seleção

Pág. D4



## "BUENA NOTICIA"

Maradona não terá que cumprir promessa de desfilhar nu em torno do obelisco de Buenos Aires

Pág. D27

## ILUSTRISIMA

Seis cosmonautas tentam reviver sucesso da corrida espacial na Rússia

Págs. 4 e 6

Os investimentos do governo Lula fecharam o primeiro semestre no maior nível desde a redemocratização do Brasil, relatam Gustavo Patu e Valdo Cruz.

Nos últimos 12 meses, eles somaram R\$42 bilhões, ou 1,25% do Produto Interno Bruto (tudo o que o país consumiu e investiu no período). Desde 1989, quase todas as eleições presidenciais foram disputadas com taxas abaixo de 1% do PIB.

Lula espera que o ritmo acelerado dos investimentos — que incluem obras e inaugurações em habitação, saneamento, rodovias, hospitais e escolas — na reta final do mandato ajude a eleger sua candidata ao Planalto, Dilma Rousseff (PT).

Para analistas, porém, a taxa de investimento público é insuficiente para sustentar o crescimento. Com isso, a produção não acompanhará o consumo, provocando aumento da inflação e das importações. Pág. A4

## Em 3 décadas, nível de renda brasileiro cai ante americano

A economia do Brasil cresceu mais que a dos EUA nos últimos seis anos. Mas, ainda assim, em termos relativos, os brasileiros são mais pobres que os norte-americanos hoje do que há 30 anos, relata Erica Praga.

Ao contrário de países como a Coreia do Sul, o Brasil não conseguiu nas últimas décadas sustentar taxas de crescimento elevadas por um período longo. Pág. B1

## BOA NOTICIA

## Olimpíada faz Rio redescobrir zona portuária

Com investimentos de mais de R\$ 1 bilhão, os projetos de reforma da zona portuária do Rio que começam a sair do papel preveem prédios comerciais e residenciais, além de museus e espaços culturais. Pág. B5

**HYUNDAI AZERA.**  
1º LUGAR NO COMPARATIVO  
SEDÃS GRANDES DE LUXO  
SUPERANDO FUSION  
E MALIBU.

HYUNDAI  
Drive your way

2011

VEJA NAS PÁGINAS 1, 4 E 7.

AZERA

2011

EM SUA MAIS INOVACIONAL.  
EM SUA MAIS AMPLIADA.  
EM SUA MAIS EQUIPADA.

JOSÉ ROBERTO TORERO

# Meu vizinho é pior que Hitler

**C**ALMA, SEU Manoel, não é nada contra o senhor. Leia o texto até o final e o senhor vai entender.

Começo lembrando aos mais desatentos que já tivemos os primeiros jogos dos campeonatos estaduais. Em São Paulo, por exemplo, ainda não houve nenhum clássico, mas já há uma certa curiosidade sobre o torneio. Já se pensa que o Palmeiras está melhor que no ano passado, que o Corinthians superou a perda dos argentinos, que o Santos está bem montado e que o São Paulo começa a se recompor. Sem falar que o Noroeste parece ser a surpresa da vez. Ou melhor, da vez, não. De novo. Muitos comentaristas respeitáveis são contra os campeonatos estaduais. Eu não (não sou contra nem muito respeitável). Acho que esses torneios regionais possuem um charme especial. E acredito que isso ocorra por três razões.

As primeiras partes da própria história do futebol brasileiro. Ele nasceu nessas competições. Seu parto foram os campeonatos estaduais. O primeiro Paulista, por exemplo, aconteceu já em 1902. No entanto, a primeira competição interestadual, o Rio-São Paulo, só foi parida 31 anos depois. E o primeiro inter-regional, a Taça de Prata, veio à luz apenas em 1959 (e essa primeira edição foi vencida pelo Bahia, que tinha em seu ataque os grandes Bombeiro e Biriba e ganhou duas vezes do poderoso Santos de Pelé).

**Deveríamos pensar no todo, na humanidade, mas damos mais valor ao que está perto, por isso defendo os Estaduais**

Uma segunda explicação é que, do mesmo jeito que o Brasil não é um país totalmente integrado culturalmente, com profundas diferenças regionais, seu futebol também é repartido e possui características locais. Assim, o futebol carioca é mais cadencioso do que o paulista, que é menos aguerrido do que o gaúcho etc. E, em geral, temos apreço maior pelo estilo da nossa própria terra.

É a terceira e principal razão para o meu gosto pelos campeonatos estaduais, seu Manoel, é que neles encaramos nossos algozes cara a cara. Sim, porque o verdadeiro rival é aquele que está mais perto.

Pergunte a um vascaíno se ele prefere vencer o Flamengo ou o Cruzeiro. Indague a um cruzeirense se ele gostaria mais de ganhar do Atlético-MG ou do Internacional. Questione se um colorado quer ganhar de um Grêmio ou de um Palmeiras. E, para não ficarmos só no sul-maravilha, é bom dizer que o torcedor do Bahia gosta mesmo é de vencer o Vitória, que o do Remo quer é ganhar do Paysandu e que o do Vila Nova sonha em golpear o Goiás.



L.C. Leite/Folha Imagem

# Palmeiras 100% procura espaço para Edmundo

### Atacante veterano deve ocupar hoje a vaga de William em sua estréia no Estadual

**Poupados em treino, Osmar, que corre risco de perder titularidade, e Valdivia são relacionados por Caio Jr. para encerrar o Santo André**

MÁRVIO DOS ANJOS DA REPORTAGEM LOCAL

Em time que está ganhando, ídolo tem que jogar. É achar um espaço para o atacante Edmundo no Palmeiras de 100% de aproveitamento no Paulista é a tarefa para o treinador Caio Jr. hoje, no Parque Antártica, diante do Santo André.

uma animada cobrança de pênaltis, com vantagem para o goleiro. Dos cinco pênaltis batidos, Marcos defendeu três. O lugar onde o atacante veterano entrará no time ainda é incógnita. Caio Jr. ainda não confirmou, porém as pistas dadas levam a crer que será o meia William, e não o atacante Osmar, quem dará a vaga ao ídolo

**SÃO PAULO, 17h**  
**Palmeiras**  
Marcos; Dininho, Pierre e Edmilson; Paulo Bahia, Wendel, Edmundo, Valdivia e Michael; Osmar (William). Técnico: Caio Júnior

**Santo André**  
Júnior Costa; Perli, Galasso, Luiz Henrique e André Luiz; Bruno, Makaelo, Ramalho e Jefferson; Catatau e Sandro Galvão. Técnico: Sérgio Soares

palmeirense. "Hoje o Edmundo é mais um garçom, que serve como poucos aos companheiros, mas ele bate bem na bola e precisamos entrar o mais próximo da área", afirmou o treinador.

**[+] SANGUE NOVO: CRISTIANO DEVE ESTREAR NO 2º TEMPO**

Um dos três atletas provenientes do Paraná de Caio Jr., o atacante Cristiano foi relacionado e deve entrar durante o jogo. "A ideia é dar chance a ele na segunda etapa. Sempre uso três substituições, mas, obviamente, quem entra, depende da circunstância", diz Caio Jr.

despistar: "Na minha cabeça, eu tenho quem vai sair, mas estou pensando com calma porque é uma situação nova e vou definir somente amanhã (hoje), durante a preleção". Edmundo foi poupado das duas primeiras rodadas para corrigir um desequilíbrio muscular de 27% nas pernas. Também o zagueiro Nen não atuou, por situação semelhante. O atacante está há dois meses e meio sem atuar, devido a uma contusão na retina final do Brasileiro. Anteriormente, ele já havia declarado que deseja se despedir do futebol no time alviverde, de preferência com um título: "O Palmeiras merece". No último coletivo, Osmar e o meia Valdivia, com dores musculares, foram poupados, mas não devem ser problema contra o Santo André, antepenúltimo na tabela do Paulista, sem pontos conquistados.

# Finalistas da Copa SP blindam teens

### Estruturados, São Paulo e Cruzeiro ostentam contratos longos com quase todos os seus novos craques

RODRIGO BUENO DA REPORTAGEM LOCAL

Hoje, a ordem nos clubes é revelar jogadores e protegê-los com contratos longos. Hoje, São Paulo e Cruzeiro, dois dos mais estruturados times do país, levam essa filosofia ao Pa-

caembu, palco da decisão da Copa São Paulo Júnior, às 10h. "Todos os nossos jogadores são profissionais, e alguns já estão no segundo contrato", afirma Marcos Francisco Júnior, que cuida do time Júnior São Paulo. Sérgio Mota, meia que desfalca o São Paulo hoje por estar suspenso, é apontado como um dos grandes destaques do torneio. Seu contrato com o São Paulo vai até agosto de 2008. No Cruzeiro, o principal nome é o atacante Guilherme. Seu vínculo com o time, pela CBF, vai até novembro de 2009. "Os contratos de nossos atletas podem ser até mais longos do que consta no BID da CBF, pois alguns contratos têm opção por mais dois ou três anos", falou Marcone Barbosa, assessor de imprensa do Cruzeiro. Levantamento feito pela Folha com os últimos elencos dos finalistas aponta que só um

atleta do São Paulo e quatro jogadores do Cruzeiro poderiam ser aproveitados por outros clubes neste ano por término de contrato — pelo BID da CBF. "Nós não cuidamos dos contratos, que é com o departamento profissional. Mas nos antecipamos, e, antes da Copa São Paulo, muitos contratos foram estendidos", falou Marcos Tadeu Novaes, diretor das divisões de base do São Paulo. O Flamengo, único grande clube brasileiro que não jogou a edição deste ano da Copa São Paulo Júnior (88 times entraram na disputa), teria ficado com recuo em especial de perder atletas para empresários. No ano passado, Ilsinho, uma das maiores revelações palmeirenses, foi para o São Paulo após o encerramento de seu contrato. Alexandre Fato só foi escalado no time principal do Internacional depois que fez

longo vínculo com seu clube. O Corinthians teme perder agora o lateral-direito Fagner, da seleção sub-20 — seu contrato atual acaba no final do mês.

**[+] TRADIÇÃO: DECISÃO VOLTA A REUNIR 2 GRANDES**

A final da Copa São Paulo Júnior reúne neste ano dois fundadores do Clube dos 13. No ano passado, a decisão não despertou tanta atenção no país por ter sido disputada por pequenos times do interior paulista, América e Comercial. O São Paulo tenta o tricampeonato (venceu em 1993 e 2000). O Cruzeiro busca um título inédito.

Edmundo, que estreia no Paulista hoje, treina no Palmeiras

**NA TV - São Paulo x Cruzeiro**  
Copa São Paulo Júnior (Esp. Fechado), Rede Vide e Sportv, às 10h

**FISIOTERAPIA**  
4 ANOS na Unig  
75% OFF  
R\$ 675,00  
0800 15 88 22  
www.unig.br

Participando com Alegria  
Prescrita Seleção Unig  
Com Autorização - São Carlos

**SÃO PAULO É COMO A BRAHMA: TODO MUNDO AMA. PARABÉNS, SÃO PAULO.**

**BRAHMA**  
TODO MUNDO AMA  
APRECIAR COM MODERAÇÃO

JUCA KFOURI

Meu vizinho Torero

**T**RANSTORNADO COM a reforma do apartamento de seu Manoel, o vizinho do apartamento de cima, que durou quatro meses, 12 dias, sete horas e 20 minutos, meu vizinho de coluna José Roberto Torero fez uma deliciosa, para variar, defesa dos campeonatos estaduais, neste espaço, na última quinta-feira.

Muitos comentaristas respeitáveis são a favor dos campeonatos estaduais. Eu não (não sou a favor nem muito respeitável). Mas adoro uma provocação e uma polêmica com gente decente e inteligente, garantia de um debate intelectualmente honesto e sem mentiras.

Certamente o barulho da reforma de seu Manoel embaralhou um pouco, somente um pouco, a cabeça de Torero.

Ele escreveu, com toda a razão, que o vascoino prefere ganhar do Flamengo do que do Cruzeiro. Que o cruzeirense gosta mais de vencer o Galo do que o Internacional. Que o

colorado quer muito mais derrotar o Grêmio do que o Palmeiras. E que ele fica mais feliz quando o Santos ganha do Corinthians, e não do campeão mundial Inter.

Eu também, quer dizer, eu não, ou melhor, eu concordo com o raciocínio integralmente, mas repto que o enlouquecido pequinês do apartamento 204 do prédio do Torero impediu que ele dormisse e refletisse um pouco mais, para ampliar seu leque de exemplos.

Pois pergunte se um vascoino prefere ganhar do Madureira ou do Cruzeiro. Se um são, paulino prefere derrotar o Barueri ou o Atlético-PR. Se um cruzeirense fica mais feliz com uma vitória sobre o Grêmio ou sobre o Ipatinga. E estas são, para quem não tem vizinhos que atrapal-

**Não há nada mais gostoso do que brincar com quem está perto. Mas os Estaduais estão cada vez mais longe**

hem o pensamento, as perguntas a serem feitas.

Porque os clássicos estaduais que fazem a alegria maior do torcedor e seus vizinhos estão garantidos duas vezes por ano nos campeonatos nacionais.

Sim, finda a reforma do seu Manoel com a família do 204 em férias com o barulhento pequinês, Torero, rápido no galinho como é, dirá: "Não teve Gre-Nal no Campeonato Brasileiro de 2005 nem Atlético x Cruzeiro no do ano passado". É verdade,

mas, espera-se, foram exceções.

E muito melhor que os torneios estaduais são as competições regionais, tipo Sul-Minas, Rio-São Paulo, Copa do Nordeste (que andava enchendo os cofres dos times mais populares da região), porque não só garantem os clássicos como ainda promovem outros embates entre cachorros grandes — enquanto o pequinês fica latindo.

Além do mais, lembremos, faz tempo que o Torero não pode brincar com seu Manoel.

E não apenas porque a relação ficou abalada pela reforma, pelo vazamento e pela queda dos azulejos mas também porque a Lusa não jogou contra o Santos no Brasilirão passado nem jogará neste Paulista, repleto de bichos que nada acres-

centam à qualidade técnica do campeonato ou à rivalidade entre os torcedores.

Volto a concordar com Torero, no entanto, quando ele diz que damos mais valor ao que está mais perto.

O escritor russo Leon Tolstói já ensinava que "Se queres ser universal, fala da tua aldeia", e Fernando Pessoa, como Alberto Caetano, versava que "O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia".

Pois é, queridíssimo vizinho. O Flamengo está mais perto do Corinthians (a 429 km) que o América de São José do Rio Preto (a 440 km) ou o Marília (a 444 km), sem se dizer que tem avião à toda hora.

Ei, se fosse você, mandava o seu Manoel e o pequinês do 204 para Rio Preto e mudava de opinião.

blodgojuka@uol.com.br

Corinthians abusa dos erros e perde

Pela 1ª vez em dois meses sem atletas improvisados, time de Leão vê, diante do Ituano, fim de invencibilidade de 12 jogos

**Corinthians** 1  
**Ituano** 2

LUÍS FERRARI  
DA REPORTAGEM LOCAL

Pela primeira vez em dois meses, o Corinthians entrou em campo sem atletas improvisados. A presença do lateral-esquerdo Wellington fez Leão celebrar. "É o certo. Deixar de improvisar é o certo", disse o treinador, que viu seu time sucumbir pelo excesso de erros.

A derrota de ontem, a primeira de um time grande neste Estadual, encerrou uma sequência de 12 jogos de invencibilidade corinthiana. A última derrota havia sido em 15 de outubro, contra o Flamengo.

Antes da partida, os jogadores do Corinthians comentavam que rival deveria se posar na defesa, na expectativa de explorar os erros do alvinegro.

E foram vários os erros exploráveis. O primeiro deles, já aos 7 min, quando o Corinthians errou passe na saída de bola, deixando o zagueiro Gustavo contra dois rivais do Ituano. Ele tentou o carrinho, mas a bola sobrou para Sorato, que acertou o ângulo de Marcelo.

Dois minutos mais tarde, um novo erro de passe, agora do estreante Wellington, foi aproveitado por Flávio, que encheu o pé e acertou a trav alvinegra. A equipe de Leão não conseguia tirar proveito do recuo do time do interior em razão da dificuldade em acertar passes no campo de ataque. Magrão, Rosinei e Edson erravam muito.

A melhor chance de empatar



O zagueiro Gustavo disputa jogada aérea com adversários do Ituano na partida em que o Corinthians sofreu sua primeira derrota no Estadual, ontem, no Pacaembu

ocorreu só aos 27 min, quando, enfim, Wellington fez seu primeiro cruzamento certeiro, na cabeça de Christian. O atacante testou de cima para baixo, exigindo boa defesa de Márcio.

Mas o raro acerto ofensivo não trouxe tranquilidade para a zaga, que dava espaço para as movimentações de Sorato, Everaldo e Reginaldo, que exigiu arrojada saída de Marcelo ao receber livre na área.

Nem este susto serviu para que a retaguarda corinthiana se entendesse. Já nos acréscimos, na tentativa de afastar o perigo, a defesa se confundiu, e a bola sobrou para Sorato na área. O

veterano encheu o pé e sacramentou a via sob a qual o Corinthians desceu ao vestiário.

No segundo tempo, Leão alterou a equipe, que melhorou com as entradas de Elton e Arce. Mas isso deixou o time mais vulnerável aos contragolpes.

A pressão corinthiana surtiu efeito aos 22 min, quando Christian recebeu de Elton e bateu de virada para fazer seu quarto gol no Paulista-2007.

A partir dali, o Corinthians virou só ataque, ainda mais com a entrada de Wilson na vaga de Roger. Porém só não levou o terceiro gol, desta vez, Sorato acertou o travessão.

Faltou falar, abrir a boca. As duas bolas eram nossas. E acabamos dando o gol. Entrar do jeito que o time entrou hoje não pode

MARINHO zagueiro do Corinthians

O time não se encontrou

ROGER meia do Corinthians

Corinthians	Ituano
Marcelo	Márcio
Elton	Flávio
Marinho	(Abel)
Gustavo	Paulo César
Wellington	José Paulo
Marcelo Mattos	Márcio Galvão
Magrão	Daniel
Rosinei	Flávio
Roger	Adelino
(Wilson)	Reginaldo
Christian	(Jafarson)
Julkson	Sorato
(Arce)	Severino
T. E. Leão	(Blomar)
	T. Z. Ademi-Fonseca

Estádio: Pacaembu, em São Paulo  
Jogo: 1.º turno, Torcida Paulista do Pacaembu  
Renda: R\$ 305,680  
Público: 23.735 pagantes  
Gols: Sorato, aos 7 min e aos 27 min do primeiro tempo; Christian, aos 22 min do segundo tempo

MEU CULPA: LEÃO PEDE DESCULPA À TORCIDA

"Não estávamos bem hoje [ontem]. Reconhecemos e pedimos desculpas. O Ituano teve boa performance e mereceu elogios. Não tivemos desempenho fraco e merecemos críticas", afirmou o técnico Emerson Leão. Segundo ele, o Corinthians "foi muito dispersivo" no primeiro tempo, quando tomou dois gols em falhas da zaga. Agora, o time buscará a reabilitação na quarta, diante do São Caetano, no Pacaembu.

Serena arrasa a n° 1 e fatura seu 8° Grand Slam

Americana bate Sharapova em 1h03min na Austrália

DA REPORTAGEM LOCAL

Serena Williams costuma fazer anotações antes dos jogos. Geralmente escreve "preste atenção na bola" ou instruções do gênero. Ontem, no entanto, rabiscou somente "Yetunde".

Era para a irmã, assassinada em 2003, que a norte-americana queria dedicar sua vitória.

A homenagem já dá a dimensão da gana de Serena, 25, ao entrar na quadra para a decisão do Aberto da Austrália, primeiro Grand Slam da temporada.

Some-se a isso que a tenista, ex-líder do ranking, estava só em 81º lugar na classificação — passou a última temporada se recuperando de lesões e não vencia havia dois anos. A última conquista fora em Melbourne.

O resultado foi um arrasador 2 sets a 0 (6/1 e 6/2), em apenas uma hora e três minutos, sobre Maria Sharapova, que agora é a número um do mundo. Foi a terceira pior derrota da carreira da russa no circuito mundial.

O maior trunfo da americana: um saque que atingiu 199

km/h, com aproveitamento de 67%. "Todos sabem que eu não sou realmente a número 81", disse Serena, após, emocionada, ter dedicado o feito à irmã.

"Foi uma vitória incrível, sofri muitas críticas, ouvi que não estava em forma. E disso que eu gosto, me diga um não, e eu irei provar a você que sou capaz."

Em 2006, com problema no joelho, ela jogou só quatro torneios e chegou às semifinais em Cincinnati e Los Angeles.

Com o terceiro título na Austrália (venceu em 2003 e 2005), Serena atinge 27 troféus, oito deles obtidos em Grand Slams.

A americana se tornou a segunda tenista com o ranqueamento mais baixo a conquistar o torneio australiano. Chris O'Neil era a 111ª do mundo quando venceu em 1978.

Com o título, Serena atingirá a 14ª posição no ranking. E, se depender da motivação de ontem, deve subir ainda mais.

"Meus melhores anos ainda estão por vir", sentenciou.



Serena Williams segura o troféu do Aberto da Austrália após bater a líder do ranking mundial

BASQUETE OURINHOS É FINALISTA DE NACIONAL FEMININO

O atual bicampeão bateu ontem o Sport, por 84 a 71 na prorrogação (68 a 68 no tempo regulamentar), e fechou a série em 3 a 0. Seu rival sai de São Caetano a Católica — o time ABC lidera a série por 2 a 1.

FUTEBOL POLÍTICO RACISTA É EXPULSO DE PARTIDO

O Partido Socialista da França expulsou de suas hostes Georges Freche. O político criticara o "excesso de negros" na seleção nacional. "Para os brancos, isso não é o time. É vergonhoso para este país."

ALEMÃO SCHALKE 04 VENCE E SE ISOLA NA LIDERANÇA

A equipe bateu o Eintracht Frankfurt por 3 a 1 e chegou a 39 pontos. Os gols do Schalke 04 foram de Varela e Kevin Kuranyi (2). Se vencer hoje, o Werder Bremen, que pega o Hannover, dividirá a ponta.

**Espanha,**  
time do jogo  
bonito, derrota  
a pragmática  
Holanda e, pela  
**1ª vez,** ganha a  
Copa do Mundo

Holanda	0
Espanha	1
Iniesta, aos 11min do 2º tempo da prorrogação	

**FÁBIO ZANINI**  
DE JOHANNESBURGO  
**EDUARDO ARRUDA**  
**MARTÍN FERNÁNDEZ**  
**PAULO COBOS**  
**RODRIGO BUENO**  
**RODRIGO MATTOS**  
**SÉRGIO RANGEL**  
ENVIADOS ESPECIAIS A JOHANNESBURGO

A Espanha ganhou ontem sua primeira Copa do Mundo. O futebol agradece.

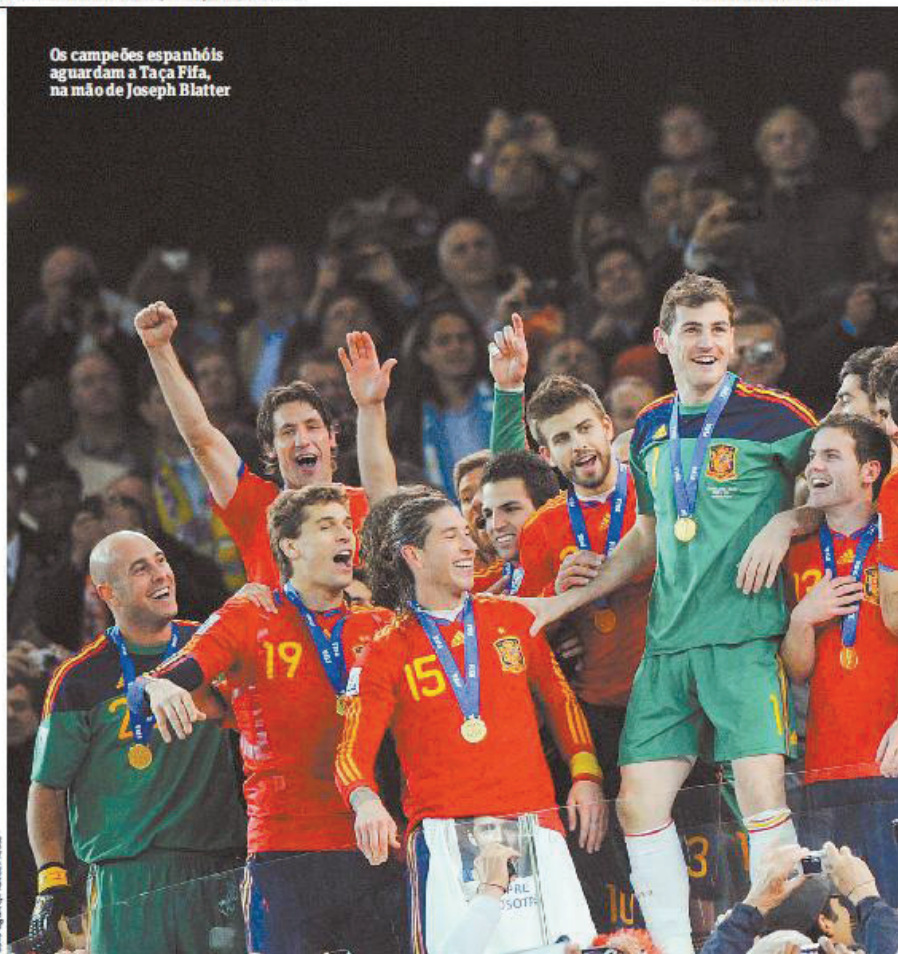
O oitavo país a entrar para o seleto grupo dos campeões mundiais trata bem a bola numa época de retrancas e contra-ataques. Tem craques baixinhos e habilidosos num tempo em que reinam grandalhões desajeitados.

Marca bem sem abusar dos pontapés desleais, ao contrário da Holanda, seu último obstáculo antes da conquista da taça na África.

O gol do triunfo por 1 a 0, de Iniesta, 1,70 m, foi suado, aos 11min do segundo tempo da prorrogação, evitando que pela segunda vez seguida, e a terceira vez nas últimas cinco edições, o Mundial fosse decidido nos pênaltis.

Tento que confirmou a ascensão do país que era famoso por fraquejar nos momentos mais importantes, mas que, depois do título da Eurocopa, em 2008, virou favorito para faturar a taça na África do Sul, resultado que tam-

Os campeões espanhóis aguardam a Taça Fifa, na mão de Joseph Blatter



Pedro Ugarte/AF/Anadolu Press

**O FUTEBOL**  
*agradece*



## Festa inclui grito, baldes na cabeça e a rainha Sofia

DE JOHANNESBURGO  
DOS ENVIADOS A JOHANNESBURGO

A festa espanhola no vestiário do Soccer City incluiu cerveja, baldes na cabeça, gritos e até a rainha Sofia.

Quase todos os jogadores gritavam e realizavam brincadeiras com os repórteres.

O lateral esquerdo Capdevila apareceu com um balde de cerveja na cabeça, segurando a Taça Fifa nas mãos. "Querem tocá-la? Podemos tocar", declarou aos jornalistas espanhóis, antes de desaparecer de volta ao vestiário da seleção espanhola.

Logo depois da partida, a rainha Sofia, seu filho Felipe, o tenista Rafael Nadal e o cantor Plácido Domingo foram ao vestiário para cumprimentar os jogadores.

Foi um raro momento de formalidade em uma festa marcada pelos gritos.

"Desde que o árbitro apitou o final da partida, foi só cerveja, cerveja e cerveja", contou Sergio Ramos.

"Esse é um momento de alegria para toda a Espanha. Liguei para o meu pai e para o meu irmão no vestiário para falar com eles sobre esse sentimento", disse Casillas.

No meio de toda a gritaria, o treinador Vicente del Bosque se destacava. Ele continuava com sua gravata impecável, apesar de ter sido jogado para o alto e ainda atendia a todos com muita simpatia.

Quando passou pelos repórteres, Xavi cantava "Somos campeones". Puyol apenas gritou uma palavra incompreensível no microfone e correu para longe.

Até a assessora de imprensa espanhola, Paloma, sisuda durante toda a Copa sul-africana, caiu em prantos após a inédita conquista. (FZ, EAR, MF, PC, RBU, RME SR)

bém lhe devolve a liderança no ranking da Fifa, posto que até ontem era do Brasil.

Também serviu como resposta para quem dizia que o Barcelona, base e modelo da seleção espanhola, não era um exemplo a ser seguido depois da derrota nas semifinais da Copa dos Campeões diante da Inter de Milão.

"Essa final prestigiou o futebol ofensivo, de qualidade. Presenteou o futebol", disse o técnico espanhol, Vicente del Bosque, que vê seu país

viver seu melhor momento no esporte profissional.

A Espanha é a atual campeã mundial de basquete. Tem o líder do ranking mundial do tênis (Rafael Nadal), um bicampeão de F-1 (Fernando Alonso) e é força no motociclismo e no ciclismo.

Ironia do destino que a Espanha, enfim, triunfasse numa Copa jogando bonito justamente contra quem já foi famoso por prezar a bola. A Holanda apostou na defesa e em esporádicas idas ao ata-

que e acabou vice pela terceira vez — fora em 1974 e 1978.

Com o fim da Copa da África do Sul, a Europa toma a dianteira no número de taças, com dez, uma a mais do que os sul-americanos.

Abrir uma vantagem de dois títulos em 2014 significaria uma tragédia para o Brasil, que com Dunga virou uma espécie de antítese da nova campeã mundial.

A Espanha vai defender seu título daqui a quatro anos em solo brasileiro.

# ce